

Luís Manuel Gonçalves

**GASTRONOMIA, TRADIÇÕES,
POLÍTICA E
OUTRAS MEMÓRIAS
DO
CONCELHO DE SARDOAL**

1999

APRESENTAÇÃO

Letreiro

Tudo o que eu sou, o sou por obra e graça
da comoção rural que está comigo.
Foi a virtude lírica da Raça
a herança que eu herdei do sangue antigo

Foi esta voz que em minhas veias passa
e atrás da qual, maravilhado, eu sigo.
Como um licor de encanto numa taça,
assim se quer esse condão comigo.

Olhai-me: - Eu vim de honrados lavradores.
De avós a netos, sempre os meus Maiores
fitaram o horizonte que hoje eu fito.

“O que estaria além da curva estreita?”
-E da pergunta, a cada instante feita,
nasceu em mim a ânsia p’ra o Infinito.

António Sardinha

Este soneto de António Sardinha, traduz de forma genial o espírito com que há muitos anos me dedico ao estudo da história do Sardoal, nos dois sentidos principais que são o respeito e homenagem aos nossos Antepassados e ao mesmo tempo a ânsia pelo conhecimento, que me permita recordar o passado com orgulho e ao mesmo tempo colher dele as lições que possibilitem ter os olhos postos no futuro, com esperança e serenidade. Mas antes de continuar quero deixar um protesto e declaração:

“Eu não sou cronista das grandezas do Sardoal, nem historiador das suas glórias passadas, mas um mero restaurador das suas memórias:”

Tomo a liberdade de fazer minhas estas palavras escritas há mais de 250 anos, pelo ilustre Sardoalense Jacinto Serrão da Mota nas suas **“Memórias Restauradas do Antigo Lugar e Vila de Sardoal”**, cujo manuscrito se conserva no Arquivo Municipal de Sardoal, porque também eu, não sou, nem quero ser cronista ou historiador, mas apenas um mero restaurador das memórias do Sardoal, “por ser a minha pátria e desejar honrá-lo, por mais ter que honrar-me dele”.

Foi já com este espírito que escrevi, há alguns anos, o livro **“Sardoal - Do Passado ao Presente - Alguns subsídios para a sua monografia”**, editado pela Câmara Municipal de Sardoal em 1992, como foi com o mesmo espírito que escrevi outros livros e muitos textos avulsos sobre temas da história do Sardoal, entretanto publicados e não publicados, porque é minha profunda convicção que só se pode amar, verdadeiramente,

alguém ou alguma coisa, quando se conhece bem o objecto do nosso amor ou da nossa paixão, seja nas suas virtudes ou nos seus defeitos.

Este trabalho de pesquisa e recolha a que me dedico há mais de 20 anos, tem-me proporcionado muitas alegrias que compensam, plenamente, o esforço desenvolvido, principalmente quando sou, com muita frequência, abordado por jovens estudantes em busca de elementos documentais para elaborarem trabalhos escolares sobre diversos temas da história do Sardeal. Foi também a pensar neles que coligi este conjunto de apontamentos, muitos deles escritos por outras pessoas de reconhecido mérito intelectual, que vão, sempre que possível, devidamente identificados. É o meu sincero desejo de que sejam entendidos os objectivos que me movem e que são, somente, a divulgação de trabalhos de qualidade, alguns pouco conhecidos, facultando aos Leitores novos elementos sobre diversos aspectos da vida passada da nossa Terra.

Estão neste caso o já referido **Jacinto Serrão da Mota** e as suas “**Memórias Restauradas do Antigo Lugar e Vila de Sardeal**”, escritas entre 1753 e 1775, um notável repositório de factos da história do Sardeal antigo, nunca publicado, que se conserva na forma de manuscrito no Arquivo Municipal; **Gregório Cascalheira**, um escritor sardealense muito divulgado no seu tempo (anos 20 e 30 do século XX), com vasta obra publicada, de quem transcrevo uma parte do livro “**Na Terra dos Gregórios**”, em que relata de forma muito divertida e pitoresca cenas de um casamento que julgo ter-se realizado em Entrevinhas, por volta de 1925; o **General Carlos Ribeiro** que, tanto quanto sei, não era Sardealense, de quem se transcreve uma curiosa memória sobre a Mina de Chumbo do Castelo das Caldeiras (Cabeça das Mós), publicada em 1857; o **Rev.º Cónego Anacleto Pires Martins**, natural da Presa, freguesia de Alcaravela, de quem volto a divulgar uma interessante memória sobre as ceifas no Alentejo e sobre os “**ratinhos**” do nosso Concelho; o **Dr. Augusto Serras**, de cuja obra “**Alcaravela - Memórias de Um Povo**”, publicada em 1993 pela Câmara Municipal de Sardeal, de quem, com a devida vénia e merecida homenagem, transcrevo algumas curiosas referências sobre os hábitos alimentares da população rural do nosso Concelho, particularmente da freguesia de Alcaravela e finalmente o **Dr. Manuel José de Oliveira Baptista**, que me merece uma referência e um agradecimento especial, pelo incentivo e colaboração que sempre deu generosamente ao meu trabalho, e a quem devo a recolha e cedência de muitas das referências documentais que me têm servido de suporte e a quem o Sardeal está a dever uma homenagem pública e solene, de reconhecimento pelo trabalho, sempre discreto, mas de grande qualidade, que tem desenvolvido ao longo de muitos anos, em prol do estudo e divulgação da história da nossa Terra, que se deve honrar de tão ilustres e dedicados Filhos.

Cabe-me, ainda, agradecer de forma muito especial, a colaboração que me foi prestada pelo Sardealense **Sr. António Moleirinho Marçal**, que me cedeu um vasto conjunto de recolhas da Imprensa Regional, que cobrem de forma exaustiva, um período que vem desde o final do século XIX até à actualidade, laboriosamente colhidas em inúmeras horas de paciente trabalho, principalmente na Biblioteca Nacional. Trata-se de um inestimável contributo para o estudo da história local, a que só o tempo concederá a devida importância, de que quero deixar público reconhecimento neste trabalho.

Merecem-me, também, uma chamada de atenção especial, algumas pessoas de que desconheço a identidade, que no princípio do século XX foram correspondentes no Sardeal de diversos Jornais Regionais, pela qualidade literária e informativa dos seus

trabalhos, que nos permitem, mais 100 anos depois, perceber muito da vida quotidiana daqueles tempos conturbados.

Porque dentro de menos de um ano se comemorará o I Centenário da República dedico uma atenção especial ao período que vai de 1900 a 1920, que corresponde aos últimos dez anos da Monarquia e aos primeiros dez anos da República.

Sardoal, 12 de Outubro de 2009

Luís Manuel Gonçalves

DEDICATÓRIA

*Para a Fátima,
para o Luís Filipe,
para o Pedro Miguel,
para o Tiago Miguel.*

*Minha Mulher e meus Filhos,
pela apoio e incentivo ao meu trabalho
e pela paciência com que sempre aceitaram
as minhas faltas no convívio familiar
motivadas pela sua elaboração.*

*Para a minha Mãe
e para o meu Pai
(já falecido, mas sempre presente na minha vida),
pelo trabalho e sacrifício que lhes motivou a minha
formação académica.*

Índice

APRESENTAÇÃO	2
GASTRONOMIA E TRADIÇÕES.....	6
INTRODUÇÃO.....	6
CASAMENTOS	10
MATANÇA DO PORCO.....	19
A CRIAÇÃO	19
A MATANÇA.....	21
A DESMANCHA	25
VIDA POLÍTICA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX.....	37
INTRODUÇÃO.....	37
ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS EM 1904	41
PENDÊNCIA DE HONRA.....	50
UM EPISÓDIO ILUSTRATIVO DO CLIMA POLÍTICO QUE SE VIVIA NO SARDOAL NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX.....	50
MEMÓRIAS DA(S) FILARMÓNICA(S)	83
VIDA RELIGIOSA - ALGUMAS NOTÍCIAS E CURIOSIDADES.....	115
FESTAS DO ESPÍRITO SANTO OU FESTAS DO BODO	134
FESTAS DE SANTA MARIA DA CARIDADE.....	144
INTRODUÇÃO.....	144
AS MEMÓRIAS	144
DA SEMANA CULTURAL ÀS FESTAS DO CONCELHO	157
NOSSA SENHORA DA LAPA	160
D. GASPAR BARATA DE MENDONÇA – 1.º ARCEBISPO DA BAÍA E PRIMAZ DO BRASIL	162
BOSQUEJO HISTÓRICO.....	162
RESENHA BIOGRÁFICA.....	163
1336 - UMA ALBERGARIA NO SARDOAL.....	168
VISITA AO SARDOAL DE SUA Magestade o Rei D. Carlos - 22 de Junho de 1907	175
GALERIA DOS PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE SARDOAL	183
MEMÓRIA SOBRE A MINA DE CHUMBO DO CASTELO DA RIBEIRA DAS CALDEIRAS DO CONCELHO DO SARDOAL.....	186

GASTRONOMIA E TRADIÇÕES

INTRODUÇÃO

A gastronomia tradicional, como depositária de uma herança cultural, é um importante elemento caracterizador da etnografia de cada região e quando a estudamos entramos no mundo das carências ou das abundâncias de cada época ou estrato social.

Ao provarmos, seja num prato de porcelana, de esmalte, alumínio, barro ou vidro, a iguaria preparada, muito nos contarão os seus condimentos, decorações ou cozeduras da vida dos seus autores.

Não é minha pretensão elaborar um tratado sobre Gastronomia, mas apenas fazer um pequeno percurso pela nossa História, com o cheiro e os gostos que chegam até nós e falar, necessariamente, do Concelho de Sardoal.

Ao pesquisar as referências mais antigas, chego à conclusão que a carne teria uma maior utilização na alimentação geral, não só nos banquetes, mas também nas refeições mais simples e que a introdução do peixe só se realiza à sexta-feira e ao sábado, por imposições religiosas, panorama que encontramos no século XIII.

O manuscrito do Livro de Cozinha da Infanta D. Maria, apresenta-se como um dos primeiros registos escritos da Gastronomia Portuguesa, que começou a ser escrito no século XV e muitas das suas receitas reflectem uma grande antiguidade.

Apresenta-se repartido em quatro secções ou cadernos:

“Caderno dos Manjares de Carne”; *“Caderno dos Manjares de Ovos”*; *“Caderno dos Manjares de Leite”*; *“Caderno das Cousas de Conservas”* (onde se inclui toda a doçaria) - que, muito provavelmente, seriam de início independentes e só mais tarde reunidos e encadernados num só volume.

Por outros documentos da época sabe-se que se comia carne e peixe (frescos ou salgados), ovos, legumes e frutos; que a pimenta e a mostarda, a salsa, os alhos, eram usados; que uma pessoa educada levava à boca um naco de cervo servindo-se apenas dos dedos - dos três primeiros dedos... Que o vinho entrava na confecção dos alimentos e regava, abundantemente, e em todas as mesas, os repastos, complementados por doces em que entravam o mel e (já!) o açúcar.

Os Descobrimentos Portugueses vieram trazer uma autêntica revolução à gastronomia, com todo um conjunto de especiarias - o cravinho, a noz moscada, a pimenta, o gengibre, etc. e ainda com a introdução de diversos géneros alimentícios, hoje tão vulgares que a maioria das pessoas é levada a pensar que fizeram sempre parte da nossa alimentação, como sejam, a batata, o milho, o tomate, o cacau, a batata-doce, o ananás, o amendoim, a banana, etc.

O tradicional *cozido à portuguesa* é, no século XVI, o chamado *prato de resistência*, o prato forte e fundamental da refeição.

Também, por esta altura, torna-se notória a preferência pelo bacalhau e pela sardinha. O bacalhau era importado, sobretudo dos ingleses; quanto à sardinha, o seu apreço era de tal monta que, inclusivamente, em 1456, é autorizada a sua pesca aos domingos e dias santos, exceptuando as festas de Jesus Cristo e da Virgem.

Predilecção de seiscentos eram, também, as alfaces - que aos lisboetas valeu a designação que ainda hoje os distingue, de *“alfacinhas”*.

Quanto à doçaria, em 1496, o Rei D. Manuel I, que algumas vezes permaneceu no Sardoal, decreta que este *“mister”* seja apenas desempenhado por mulheres, facto que permaneceu durante todo o século XVI. D. João IV autoriza, então aos homens o fabrico de *“obreias”* (*pasta delgada de massa para colar papéis e fazer hóstias*) e *“alféloas”* (*massa de açúcar em ponto com que se fazem vários doces*), mas impedindo a sua venda nas ruas, sob pena de prisão e açoites com pregão e baraço.

O Alvará de 19 de Novembro de 1757 é esclarecedor quanto a estas questões, proibindo os homens de assar castanhas às portas, vender alféloa, obreias, gergelim, melação e azeitonas *“por ser essa venda exclusivamente destinada ao serviço doméstico e precisa sustentação de muitas mulheres pobres, naturais desses reinos”*.

Mas *“coisa de açúcar”* têm com D. Manuel e a Madeira as grandes receitas de que os cronistas muito falaram.

A opulência do reinado de D. João V também se traduziu na mesa. Assim o confirma a obra *“Arte da Cozinha”*, de Domingos Rodrigues, que nos traça ementas com mais de 40 pratos.

Mas a verdadeira arte da confeitaria estava, sem dúvida, localizada nos Conventos. Por exemplo, as Albertas faziam arroz doce com decorações originais atravessadas por setas e cupidos; os bolos secos vinham das zonas do Beato e do Rato, das Trinitárias. De Chelas vinha o manjar branco, depois as Bernardas de Odivelas com o seu esplendoroso fabrico de marmelada, mas também, dos tabefes, penhascos, esquecidos e suspiros.

Com a extinção dos Conventos (1834) muita desta doce fabricação se perdeu, ficando-se apenas com a memória dispersa em freira que abandonaram os Conventos ou das suas criadas.

Julgo estarem neste caso as *“TIGELADAS”*, um dos doces mais típicos desta região, de que muitas terras se arrogam de terem sido elas as criadoras. Quanto a mim, a sua divulgação, depois de sair do segredo dos Conventos, teve origem em Alcaravela, sendo tradição da família Serras, uma das mais antigas daquela freguesia, que a receita foi para ali levada por uma sobrinha do Padre Canastra, que foi, durante muitos, Prior da freguesia de Santa Clara de Alcaravela, há cerca de 150 anos.

As “*Tigeladas*” são cozidas, tradicionalmente, em tigelas próprias de barro não vidrado, de que uma das receitas para uma dúzia de *tigeladas* é a que passo a apresentar:

INGREDIENTES

1,5 litros de leite
1 kg de açúcar
6 colheres de sopa de farinha
12 ovos
raspa de limão q.b.

Batem-se os ovos com açúcar, a farinha e a raspa de limão.
Adiciona-se depois o leite pouco a pouco, continuando sempre a mexer até à altura de levar ao forno, previamente bem aquecido.
As tigelas próprias para fazer estes doces já devem estar no forno e bem aquecidas antes de se lhes deitar o preparado, usando para o efeito um púcaro colocado na ponta de uma vara.
Fecha-se o forno e só decorridos 10 minutos se passa a vigiá-lo amiudadas vezes, picando as *tigeladas* com um palito, até este sair enxuto.
Servem-se frias, enfeitadas com folhas de laranjeira.

Outros doces tradicionais do Concelho de Sardoal são os “*bolos amassados à boca do forno*” ou de massa “*lêveda*” ou levedada, o pão-de-ló, o arroz-doce e, menos vulgares, as farólias, os bolos de côco, os suspiros, etc.

Pela altura dos Santos fazem-se as broas que têm a mesma receita dos bolos amassados à boca do forno ou de massa levedada, sendo-lhes acrescentada a erva-doce e os frutos secos (nozes, amêndoas, avelãs ou pinhões) e as broas fervidas com mel e café. Pelo Natal, os fritos de massa levedada (*coscorões*) e os “*beilhós*”, com massa de farinha enriquecida com “*abóbora menina*”.

Com a mudança dos hábitos de vida, em resultado do abandono da agricultura, após a deslocação de grande parte da população para os grandes centros urbanos e para o estrangeiro e com a vulgarização dos electrodomésticos, na sequência da electrificação do Concelho de Sardoal, verificou-se uma profunda alteração nos hábitos alimentares dos seus habitantes.

Talvez, por isso, se justifique a descrição de algumas ementas diárias mais comuns dos tempos mais antigos que transcrevo, com a devida vénia, do livro “*ALCARAVELA-MEMÓRIAS DE UM POVO*”, do Dr. Augusto Serras:

DEJEJUM - em casa, antes de seguir para o trabalho - pão de milho ou centeio ou parte de uma sardinha, das que eram compradas e salgadas ao domingo, para toda a semana; outras vezes toucinho ou couratos assados.

ALMOÇO - no campo, às 10 horas solares - compunha-se de couve ratinha temperada com um fio de azeite, acompanhada de parte de uma sardinha ou azeitonas ou cebola

crua; menos vezes com toucinho ou farinheira, em pedaços reduzidos e pão de milho ou centeio.

JANTAR - no campo, às 14 horas solares - era quase sempre igual ao almoço, quando não era o resto do almoço.

CEIA - em casa, às 8/9 horas da noite - era a refeição mais variada, talvez a mais substancial. Couve ratinha com bagos de feijão e duas batatas desfeitas para engrossar o caldo, com azeite ou um naco de toucinho e pão;

-ou Migalhana, também conhecida por cozinha fervida, que era feita dos restos das couves das refeições anteriores, cozidas com pão de milho esboroadado, farinha de milho para engrossar, alho e azeite no prato. Às vezes juntava-se refogado de cebola com uma folha de louro. Comia-se com farinheira ou toucinho assado.

Nos dias de trabalho mais pesado, juntava-se o bucho ou morcela de cozer.

-ou ainda MOLHO FANDANGO, cujos ingredientes são, uma pontinha de bacalhau, cebola e salsa picada, folha de louro, azeite e vinagre. Refogava-se, juntava-se água e farinha e mexia-se até engrossar a gosto.

A couve era o elemento base das três refeições do dia. Dizia-se até que, depois de comer couves dezoito vezes seguidas, sabia-se que era domingo, em que entrava a batata, o grão ou o feijão. Estes eram caros, o azeite pouco, o porco da matança pequeno e tudo tinha de ser dividido e subdividido pela família, para o ano inteiro.

Quando a família estava junta, comiam todos do prato grande, de bordos amarelos, com colheres de lata e garfos de ferro, com cabos de pau, às vezes de corno.

No Inverno comiam à lareira, com o prato grande sobre um banco, ao centro, alumidados pela candeia de azeite, mas quantas vezes pela chama da lareira ou de pinhas a arder.

Para as crianças as mães faziam a mexuda, feita de farinha milha fervida e mexida, enquanto cozia, com umas gotas de azeite e uns pós de açúcar por cima.

O pão de milho ou de centeio não era farto. O de trigo era para algum dia festivo, casamento, Festa Grande, quando se abatia a badana, ovelha ou cabra velha ou maninha. As galinhas eram para os doentes, os ovos para vender e fazer algum dinheiro; havendo cabras ou ovelhas, também os queijos eram muitos para vender. Arroz ou macarrão, só para os ricos. Bacalhau, mesmo a pataco, era caro para as bolsas de muita gente.

Julgo poder afirmar que a castanha terá tido um lugar importante na alimentação dos povos desta região. Se nos recordarmos que o castanheiro era uma das espécies vegetais dominantes do Concelho de Sardoal até há cerca de 100 anos e que a batata, o milho, o feijão, o tomate e outras espécies, só foram introduzidas em Portugal nos séculos XVI e XVII, penso que o fruto do castanheiro, teria tido um lugar importante na alimentação humana, em tempos recuados, já que se podia conservar fresco até Abril/Maio e muito mais tempo se a castanha fosse pilada.

CASAMENTOS

Os casamentos eram momentos importantes da vida das famílias, das quais reflectiam o estatuto social, também traduzido na quantidade e qualidade dos pitéus que se apresentavam. Daí que eu não resista à tentação de transcrever neste trabalho, a versão romanceada e talvez um pouco exagerada de um casamento, descrito no livro “*NA TERRA DOS GREGÓRIOS*”, escrito por volta de 1928, pelo Sardoalense Gregório Cascalheira e que julgo passar-se em Entrevinhas, que o autor designa por “Entre-Faias”:

“...Para a boda da Rita, que assim se chamava a futura esposa do Luís, tinham vindo convidados de todas as aldeias em redor, e enquanto eles lá dentro galhofavam em franca alegria, cá fora, sob um alpendre, os gericos onde tinham vindo pendiam as orelhas tristes para o chão, muito cismáticos, filosofando talvez consigo àcerca da vaidade das burras da época, tão diferentes das burras antigas, que usavam de outros modos, incapazes de levantar os olhos para um cavalo! Outros tempos, outros costumes! E indiferentes, os pobres asnos, iam deixando correr a vida de canseiras sem um meneio de orelhas de revolta, quando deselegantemente espetado na esquelética burra apareceu o jovem Teodoriquinho. Verem-no e fazerem-lhe logo ali uma manifestação de agrado que faria inveja a muitos políticos da nossa terra, foi questão dum mexer de orelhas!

Cheirando-lhes a burra, arreganharam os focinhos, reviraram as trombetas para o Azul, descreveram círculos cabalísticos e desfecharam um coro de zurros o mais desafinado possível.

A jumenta agradeceu com um enigmático mover de orelhas, com uns incompreendidos meneios de rabo, fingindo não ligar importância, fazendo, manhosamente, valer as asininas graças, como fêmea matreira, sem temor de concorrentes e Teodorico saltando em terra, olhou a casa da noiva: prédio baixo, abarracado, erguido sem preocupações de estilo, onde portas e janelas se foram abrindo segundo crescentes necessidades, ganhou ânimo e entrou.

Um fresco e agradável e certo perfume a maçãs camoesas dispuseram-no bem e, sorridente, mas muito digno cumprimentou:

-Meus senhores!

Sentados em arcas de pinho que rodeavam a casa lajeada, os convidados corresponderam respeitosos:

-Salve-o Deus, colega!

*Um dos mais velhos, vendo Teodorico de **smoking** e sapato de polimento, conheceu-o logo por palpite e vindo muito risonho, muito cumprimentadeiro, saudou:*

-Ora venha de lá essa mãozada d’amigo! E Deus o traga em bem à casa do velho Pitorra!...

-Muito prazer em conhecê-lo, meu caro senhor!...balbuciou Teodorico deixando-se mirar da cabeça aos pés.

*Fora do seu meio sentia o embaraço de qualquer saloio em sala de gente fidalga e perto duma janela, onde um porco por vezes vinha assoprar, ficou-se muito embaraçado, olhando as caras dos outros convivas, a quem, baixinho e a cada um de **per si**, o sorridente Pitorra informava:*

-É o padrinho do meu genro que há-de ser!...

Nisto andava quando, tendo uma ideia súbita, perguntou amável, dando pancadinhas no ombro de Teodorico:

-Vossemecê perdoará o atrevimento, mas há-de vir com a sua ponta de fome, hein? - e sem dar tempo a qualquer resposta, pôs-se a berrar à porta da cozinha:

-Oh! Maria, traz lá um prato de macarrão aqui p'ra um amigo que chegou agora e está a suar!

-Para mim não peça nada, que não como! - informou Teodorico, e o bom Pitorra sorridente, fazendo-se desentendido oferecia:

-Vá uma talhadinha de melancia, que é da boa!

Teodorico estava com sede, a melancia agradou-lhe e não se fez rogar, porém mal tinha engulido a primeira talhada e já a Maria, uma rapariguinha de olhos inflamados e quasi sem pestanas, poisava um enorme prato cheio de canudos de gorduroso macarrão, em cima duma mesita posta a meio da casa e onde todos os outros tinham comido.

-Agora quero que prove o nosso macarrão! - ordenava Pitorra empurrando Teodorico para a frente da mesita.

-Eu já almocei, Sr, Pitorra... dizia Teodorico olhando receoso a enorme malga fumegante.

-Barriga que não leva dois almoços não é barriga! Macarrão cabe sempre!... Ora não se acanhe! Olhe que é de amigo!...

*À volta a conversa retomara pouco a pouco a algazarra do princípio, tinham perdido o respeito ao **smoking** e aos sapatos de polimento do futuro padrinho, o qual, sem saber como esquivar-se ao macarrão, tornava:*

-Oiça, meu amigo, eu almocei já, para lhe agradecer comi a melancia... Estou satisfeito, bem vê... estou satisfeito!

Porém o dono da casa querendo ser amável, não atendia a rogos semelhantes e insistia:

-Lá o macarrão tem de comer!... Quero que prove o vinho aqui do homem da tí'Ana do Mulherengo!...

O homem da tí'Ana do Mulherengo, inchou o peito, e olhando de esquelha para Teodorico, exclamou com orgulho:

-Não é por ser meu, mas... vinho assim poucas vezes lhe há-de bater nos beiços!

Ao lado, na cozinha, altercavam duas mulheres e dizia uma:

-Lava-te com sabão que descasca melhor!

-Oh! Mãe - dizia a outra - mas hoje sempre julguei que tivesse cá sabonete...

-Lava-te com sabão e não me azoines o toutiço, fidalga!

-É só um cigalhinho!...

-Com menos me lavei eu no domingo, p'ra deixar esse p'ra ti...

-Oh! Mãe!

-Cala-te, Rita! Olha que te regeito com um tanganho!... Olha, olha, olha!...

E Teodorico, em frente da mesita, olhava o macarrão, pensando aterrorizado que havia uma mulher que se não lavava com sabão há seis dias! E podia viver! E tinha, talvez, cozinhado aquele macarrão!

-Matou-se a melhor borrêga! matraqueava Pitorra - Está um macarrão de se lhe tirar o barrete!

-Não ateime, senhor Pitorra, tenha paciência! Até me podia fazer mal!...

-Essa agora! exclamou Pitorra dando um passo atrás - Macarrão fazer mal? Uma comida que atira com os doentes para fóra da cama!...

-Macarrão fazer mal! - repetia Mulherengo, abanando a cabeça de maneira pouco lisonjeira para o jovem padrinho - Essa agora cá me fica!...

Os outros convidados olhavam para Teodorico com certo desdém, desaprovando a ofensa feita aos gordurentos canudos, murmurando:

-A gente sempre ouve cada uma! Macarrão fazer mal!... - e, consigo, pasavam-lhe gratuitamente um atestado de parvo.

(...) Ao saber da chegada do fidalgo das Ambrósias, Fael, compadre e convidado do Luís Pucariço, largara da Azenha e viera ao encontro do seu amigo, com uns planos, lá no seu íntimo os quais, se não falhassem, dariam brado!

Vindo de seu vagar, caminho acima, ruminando coisas, armando castelos, chegou precisamente na altura em que Teodorico, pegando no garfo de ferro, se decidira ao sacrifício.

-Ora viva o sôr Pindorico! - gritou Fael para que todos ouvissem bem.

Teodorico pousou o garfo, correu sorridente para Fael, orgulhoso de tamanha intimidade e cumprimentou-o co o júbilo com que se saúda um salvador.

-Inda bem que o achei, homem! Lá em baixo já o julgam perdido! - Exclamou Fael.

-Então vamos! Vamos lá! -disse Teodorico agarrando-se àquela tábua de salvação, tentando escapulir-se.

-Ainda é muito cedo! - afirmou Pitorra -Ainda tem tempo para provar o macarrão!

O noivo à espera...- acrescentava Teodorico cada vez mais perto da porta, suspirando por ver-se na rua.

Fael chegara-se junto do prato onde os canudos de macarrão arrefeciam, melindrados talvez com o desprezo de Teodorico e para acabar com a teimosia dos dois, pôs-se a comer o macarrão, engulindo satisfeito a sopa por entre a galhofa dos presentes.

Teodorico suspirou agradecendo do fundo da alma ao salvador Fael, porém Pitorra não estava contente e continuava:

-Visto não lhe apetecer o macarrão tem de comer uma fatia de pão alvo com queijo! Se não aceitar, tomo por desfeita!...

Teodorico não teve remédio senão fazer a vontade ao velhote e constrangido, mastigou aquele pão que se lhe esfarelava na boca seca, enquanto Pitorra muito pesaroso, repetia:

-Pois olhe que não sabe o que perde! Um macarrão daqueles!...Cada vez que m'alembro sôr Pindorico! Um macarrãozão!...

E Teodorico conseguiu escapulir-se. Dentro em pouco, de burra atrás, sombrinha aberta e Fael ao lado, suspirava de alívio. Ia em demanda da Azenha onde tinha posto a esperança de melhor acolhimento. Dum lado, aqui e além, aos magotes, casebres abarracados formando o lugarejo de Entrefaias, do outro, a encosta com as suas hortas no sopé, juntas ao ribeiro meio seco, que as varas das picotas pareciam espreitar.

Isto passava-se antes do “casório”. O pior estava para vir, depois do casamento, na Vila, onde os noivos ficariam a morar. Convém antes referir que Teodorico era um “alfacinha” de gema, que se deslocava pela primeira vez à província, para curar um desgosto de amor.

(...) Julgara Teodorico que ali findassem os martírios daquele dia bem passado, em breve notou o engano.

Tratava-se apenas de dar aos noivos posse da casa onde veriam os dias deslizando pelas suas vidas, monorítmicos como gotas de água caindo de torneira mal fechada.

A posse celebrou-se com o inevitável pão e queijo e, por requinte de abundância, com tremoços e bolos.

A noiva mostrou a moradia aos convidados que, para não perderem tempo, iam vendo, comendo, lisonjeando o bom arranjo do casal feliz e sujando tudo por onde passavam, deixando o chão coberto de migalhas, nódoas de vinho e cascas de tremoços que atiravam para os cantos.

Fartos de pão e queijo, a Rita chamando os seus convidados, abalou para casa do pai e o Luís, com as da sua comitiva, desandou para a Azenha a acabar de encher os estomâgos insaciáveis a todos quantos convidara.

Teodorico, mais uma vez no mato dos caminhos, lá fora metido no meio daquela gente que pelo dia fora, de instante a instante, se punha a comer, ora aqui, ora além, sempre com um apetite admirável, mais parecendo que tudo quanto mastigavam lhes não seguia para o estômago, mas sim para mais largo reservatório.

Nunca acreditara na teoria de certo filósofo antigo que afirmara ter o homem três almas, uma na cabeça, outra no peito, na barriga a última. Estava, porém, disposto a acreditar que cada um dos que o rodeavam, não teria certamente as três almas como o outro queria, mas três estomâgos tinha com certeza e três estomâgos dos grandes!

*E Teodorico sentado em cima da arca, ao som da **flauta** do gaiteiro lembrava em dois segundos o jantar da festança.*

À porta da Azenha, sob a latada onde os cachos de uvas ainda verdes se dependuravam das vides esparralhadas num encançado miúdinho, atado com laços de rafia, os convidados do Luís abancaram satisfeitos.

Perto, na pocilga, um porco grunhia nostálgico, lembrando, talvez saudoso, a liberdade dos montados.

Os homens não interessaram, meteram-lhe nojo. Olhou-os desconfiado, assoprou pelas tábuas e foi refocilar-se no canto mais encharcado, esparrinhando água suja, refastelando-se, gozando a frescura imunda, num prazer talvez igual ao sentido por qualquer dama, na voluptuosidade suave do banho perfumado.

O jantar principiou silencioso, apenas o ruído de colheres que raspam no fundo dos pratos e o resfolgar de quem sorve, sôfregamente, a sopa quente.

Aí pela terceira repetição dos gordurosos canudos que Teodorico desprezara ao almoço e agora, mercê de um apetite novo, comia sossegado, alguns convidados levantaram-se da mesa para, formando grupos a seu bel-prazer, comerem mais à vontade.

Uma velhota trouxe da Azenha uma tigela de barro, negra do fumo dos graviços, cheia de nacos de carneiro guisado.

-Vá! É chegar a malta! - dizia contente.- Deste não no apanham vossemecês todos os dias!...Pois não, ti Jacinto?

-É que nem todos os dias são de boda!...- respondeu o interpelado, enquanto Fael aconselhava sôfrego:

-Não chame ninguém! Todos virão em lhes cheirando... e para o camarada mais próximo: Oh! Papoila, dá cá essa ferramenta daí.

Quando o Papoila lhe rejeitou o garfo de ferro, escolheu cuidadosamente um bom pedaço, pô-lo em cima do pão e indo sentar-se no fundo de um cesto virado, exclamou:

-Cá me vou arranjanado! P'ra carne refogada sou um alho! É o meu pitéu.

-E não vais mal amanhã! - comentou Papoila, servindo-se - Mas olha, Fael, quant'és a mim eu gosto...sim, eu gosto... mas estou quasi a pensar que isto de carnes não fazem senão mal!...

-Essa agora! - respondeu em coro, meia dúzia de convidados.

-Já lhes disse!...afirmava Papoila tentando pescar o maior pedaço. - Podem crer. Estas comidas não se dão bem com o interior de uma pessoa...

O porco grunhia mais desasossegado. Teodiro, atirou-lhe um pedaço de pão e sorriu ao noivo, informando:

-É p'ra contentar o maestro da orquestra!

O Luís não percebeu, mas sorrindo parvamente, acenou com a cabeça a dizer que sim, para não contrariar o padrinho.

Os convidados, com o seu pedaço de borrêgo em cima do pão, discutiam assuntos vários. No entanto, no grupo de Teodorico, Papoila continuava: - Podem crer! Esta gordurama...

-Boa! - contrariava Fael, escolhendo segundo naco de carneiro

*Então os **alifantes** não comem só carne, Papoila, e eles padecem?*

*-Os **alifantes** não comem carne. - afirmou Papoila, sem saber o que semelhantes bichos comeriam.*

Então que comem? Querem ver que é macarrão?! - achincalhou Fael.

*Os **alifantes**...os **alifantes**... - iterava Papoila embaraçado.*

*-Tá calado, meu bolas! Tu nunca viste nenhum! - e diringindo-se a outro grupo, no intervalo de duas formidáveis dentadas, Fael gritou: - Oh! Zé da Canha, não foi o teu **Silvério** que viu um **alifante** lá na ceifa?*

*- Foi sim! E parece que um grande **alifante**! - respondeu Zé da Canha, orgulhoso por ter um filho que tinha visto um elefante.*

*- Pois diz-lhe que explique à sociedade se um **alifante** come ou não carne de gente humana...*

Silvério, o ditoso Canha que vira um elefante, afirmava muito entusiasmado aos do seu grupelho, apesar das censuras duma velha muito temente a coisas da alma:

- Que um homem, bem comparado não passava, com licença do santo altar da mesa, dum bácoro!

- Tirante a alma, criatura de Deus! Tirante a alma!... - berrava a velhota, enquanto Zé da Canha gritava ao filho:

*- Oh! **Silvério** então não ouves? Conta lá como era o **alifante** que tu viste em Espanha!*

*Oh! Sôr pai, pois que vi eu? Um **alifante**?! Boa! Vi mas foi pintado numas vistas!*

- Mas quant'á configuração... era assim... era assim como um percevejo muito grande, mas era assim como um percevejo muito grande, mas muito grande, com dois rabos, um à frente, encaracolado, e outro atrás assim... assim como uma cana de milho mouro!

*-Olha lá **ó pá**, inquiriu Fael - e tu viste se ele estava a comer carne de gente humana?*

- Lá isso não sei. Ele estava a modos de estender a trombeira para uma árvore lá das Áfricas, agora se lá estava algum macaco escondido não no enxerguei...

*- Pois coma o **alifante** macacos ou não coma, eu fico-me na minha! - Tornou Papoila - Desculpe se ofendo a sua palavra honrada, mestre Fael, mas... isto de carnes só fazem mal!*

Amanhã me dirá se não anda enjoado. Eu já sei: em indo a uma boda ao outro dia ando a chá da Índia!

Teodorico olhava o porco e dividia com ele o manjar discutido, que o vegetariano Papoila, apesar de tudo, via desaparecer com mágoa.

Quando a velhota trouxe outra tigelada do mesmo petisco, Papoila, não perdeu tempo em mais discussões e atirou-se à carne como náufrago a bóia de salvação.

- Então Papoila - gracejou um velhote, que pela primeira vez abria a boca para falar - a carne faz-te mal mas atiras-te a ela como bichoalho às galinhas!

- Ora, rosnou outro, tomara ele lá mais no beiço de cima, que no debaixo estava ela!...

Por este tempo o jantar que principiara silencioso estava transformado em algazarra e vinha caindo a noite, sobre as coisas e sobre os homens feitos por Deus para reis da criação, quando Fael se levantou do bico da pedra onde se assentara, confessando:

- Estou mesmo até à maçã! Se me dessem um soco rebentava!...

Estalejaram ao longe as bombas pataqueiras dum foguete barato.

-Lá acabou a Rita de jantar! - bradaram os que ainda podiam falar.

O pai do Luís foi à Azenha e trazendo um enorme foguetão, raspou com a unha o buscapé, a desfazer a pólvora seca e chegou-lhe um tição aceso; o foguete esparrinhou um facho de fagulhas e soltou-se da mão experiente do moleiro que, de morrão pendente, pernas curvadas, arqueado, de cabeça revirada para cima, se ficou a olhar o céu, onde um clarão relampejou, seguido por um estoiro que atroou no Azul como ribombo de trovão valente e que assustaria as próprias estrelas, se não estivessem tão longe das coisas que vão passando nesta bola neurasténica que Deus fez, que Deus guarda, sabe-o Ele, só Ele o sabe para quê!

E Teodorico, olhando os pares rodopiando, p'rali estava agora, marasmado, lamentando o triste desejo que o trouxera para o meio de tal gente, onde havia homens tão maçadores que jamais se calavam.

(...) Teodorico abriu a janela, agoniado com o cheiro das ervas pisadas e com o bafo daquela gente tresandando a curral a três léguas de distância.

Em baixo, na pocilga, um suíno resfolgava sonolento. A casa despejava-se com alarido. Teodorico, olhando o céu estrelado, lembrou o sorriso zombeteiro do doutor Labrusca e sentiu pena. Vieram tocar-lhe mansamente no ombro, olhou: era o velhote Pitorra que lamentava:

- Cada vez que m'alembro, sôr Pindorico!... desprezar um macarrão daqueles!...Marcha um pratinho?

-Teodorico recusou de mau humor.

- Veja lá, não se acanhe, se tem fome, a Rita dá uma aquecedela à macarrãozada, veja lá!

A noiva, muito boa dona de casa, varria com os pés as ervas pisadas, aquela porcaria toda. Os padrinhos naquela noite ficaram todos em casa da noiva e o Teodorico, à falta de melhor, deram-lhe por quarto a sala de baile, por cama o tampo abaulado duma arca, onde a Rita estendeu uns sacos de palha fofa.

E Teodorico achou-se livre e só naquela casa iluminada por uma luz de azeite, que principiava a apagar-se e tão mortificado se sentia que adormeceu meio vestido em cima do tampo da arca nova. A luz bruxuleou por uns momentos, espirrou e apagou-se. Durante minutos ficou brilhando um ponto vermelho no escuro: era o morrão da torcida da candeia a desfazer-se em fumo e cinza, depois, mais nada.

Quanto tempo dormiu nunca o soube o Teodorico, quando acordou era noite velha e uma escuridão imensa envolvia a sala de telha vã.

A aldeia era em paz e Teodorico, meio vestido, meio despido, estava estava em cima da arca muito pouco satisfeito.

*O pepino da tarde, armado em D. Juan, começara a roçar-se pela febra de carneiro aconchegada entre duas batatas. A carne, desdenhosa, repeliu o **flirt** do pepino atrevido e fugiu. Este, furioso, correu atrás dela, mas logo um pedacinho de queijo se meteu de permeio a conciliar, a pedir calma e sossego. Tudo serenou por momentos.*

Teodorico lembrou-se da mudança de ares, de águas e sobretudo, das porcarias que durante o dia fora obrigado a ingerir e sentindo a fronte a humedecer, pôs-se muito quietinho.

De nada lhe valeu.

Uma sopa de pão, ciumenta, julgando o queijo, seu velho amante, embeijado pela carne, teceu a intriga e tanto insinuou no ânimo fraco do sugestionável pepino, que este, inchando de zelos, pediu auxílio a alguns canudos de macarrão e saiu correndo endiabradamente.

Parecia o galopar dum regimento de artilharia!

O pepino, sempre seguido pelos canudos amigos, esmagou duas batatinhas entaladas num refego e apossou-se, à força, da carne, vítima imbele duma paixão mal contida.

O rapto foi trabalhoso, mas a força mais uma vez premiu direito e o pepino correndo, seguido pela malta dos macarrões levou a destitosa carne para o seu gabinete de trabalho, à quarta volta do intestino grosso.

Aí a luta foi terrível!

A carne defendendo a honra que tentavam manchar-lhe, dava pulos de pantera, enquanto o pepino, cioso, tentava infâmemente prendê-la entre dois canudos bárbaramente crus, dois macarrões que riam cínicamente das lástimas da carne.

Cada salto da carne, cada correria do pepino traduzia-se para Teodorico em agudíssima picada que o fazia estorcer em cima da arca.

- Isto precisa dum remédio! - pensou - E tem de ser muito rápido!

Entre dores horríveis correu à porta: estava fechada! Impossível encontrar a chave, o escuro era enorme.

A carne muito martirizada, arrepelava-se, todas as suas fibras se desprendiam dolorosamente e o pepino ia vencer, fazer mais uma vítima, quando Teodorico, às apalpadelas, na escuridão da casa, esbarrou com a janela.

Abriu-a devagarinho. A noite estava escuríssima, em baixo distiguiu um vulto, não teve tempo para certificar-se bem, era o porco com certeza.

Sentou-se no peitoril e o ar da noite aliviou-o.

Apesar do tom irónico, bem-humorado e algo romanceado desta descrição de Gregório Cascalheira, ela poderá (?) traduzir as “*cenar de um casamento*” dos anos vinte, principalmente na sua componente gastronómica, de natureza popular em que o centro das atenções estava no macarrão e na “*Carne fresca*”, o tal guisado de borrego que fazia as honras da festa.

Comparativamente, vale a pena transcrever parte de uma notícia publicada no “JORNAL DE ABRANTES”, de 26 de Fevereiro de 1908, respeitante ao jantar da festa da sagração de D. António Alves Ferreira, natural de Valhacos, como Bispo de Martinópolis (Viseu), que ocorreu no dia 26 de Janeiro de 1908:

O JANTAR

O jantar começou às 9,5 horas da noite e terminou cerca das 3 horas da madrugada, correndo sempre no meio de um indescritível entusiasmo.

O salão onde foi servido achava-se ricamente ornamentado com vistosas colchas de seda e damasco, verdura e grande profusão de flores e lindamente iluminado com 7 lustres de cristal, a velas, sendo um ao centro e os demais dispostos sobre a mesa.

À entrada dos convidados no salão, a velha Filarmónica Sardoalense executava num vistoso coreto que se erguia em frente ao salão do palácio dos antigos fidalgos Moura e Mendonça, o Hino da Carta, tocando também várias peças de música, até à meia-noite, hora a que foi dispensada.

A mesa percorria toda a volta do salão e comportava 61 convidados.

À cabeceira estava o novo Bispo, D. António Alves Ferreira e ao seu lado direito os Senhores Ministro da Justiça, D. Francisco José, Bispo de Lamego, Dr. Serras e Silva e a família do novo Bispo e ao lado esquerdo D. António Barroso e D. Mateus Xavier.

Numa sala contígua achava-se outra mesa, igualmente bem-disposta para 20 pessoas.

O jantar foi variadíssimo, sendo o menu o seguinte:

“Consomé à la tête de veau; petits patês à la Reine; Poisson à l’homlandaise; sauce de huitres aus câpres; Génisse à la Financière; Perdoux aux champignons; gelatine de pouples tuffées, à l’aspic; saumon à l’Itallienne; Dindon tuffées au cresson; Asperges sauce à l’Anglaise; Gelée de fruits; Charlottes Rouusse; Pudings à la Brésillienne; Oeufs à la Portugaise; Pudings à la Diplomate; Vin du Porto; Madeira, Colares, etc.”

Discursaram no fim do jantar D. António Alves Ferreira, Bispo de Viseu (novo), D. António Barroso, Bispo do Porto, D. Francisco José, Bispo de Lamego, Dr. Teixeira de Abreu, Dr. Serras e Silva, Cónego Mora, Dr. Manuel Pinto Montenegro, Padre António Basso, Padre Francisco Correia Ventura, Germano Silva, jornalista, José Alexandre, Júlio Bivar Salgado, Dr. Avelino Figueiredo, Dr. Anacleto da Fonseca Matos Silva, Dr. Miguel Ferreira de Almeida, Dr. José Frutuoso da Costa e António Dias Conde. Salientaram-se nos seus discursos os Bispos, Ministro da Justiça e Dr. Serras e Silva.

Ao terminar D. António Alves Ferreira, agradeceu a todos por o terem acompanhado neste dia tão solene e as provas de consideração e estima que lhe acabam de tributar.

Não surpreende que com aquele menu e com tantos discurso o jantar tenha durado seis horas...

Como já referi, este trabalho não pretende ser um tratado de gastronomia, mas apenas um repositório de algumas memórias e tradições.

Muitas vezes os grandes prazeres da culinária são feitos de pequenas coisas e resultado de circunstâncias especiais.

Lembro-me sempre do provérbio chinês que refere: “A fome é o melhor molho do mundo... Por isso, os pobres comem sempre com vontade!” e também uma expressão do meu Amigo Sr. José Alves dos Reis, que costuma dizer que um petisco só é

verdadeiramente bom quando se come tudo e se pode afirmar: *"Estava bom! Ainda comia mais um bocadito... Mas acabou-se!..."*

Para mim, um lauto banquete não é aquele em que sobra muita comida, mesmo que os comensais comam que nem alarves!...

Por isso me lembro com saudade de muitas iguarias da minha infância e juventude. Sem nunca ter sofrido o flagelo da fome, também não vivi nesses tempos um mundo de abundância e variedade alimentar. As ementas rurais desse assentavam no que a família tinha capacidade para produzir. Os produtos hortícolas, a matança do porco, complementado com as sardinhas, o bacalhau, o pão de milho, eram a base da alimentação. Mesmo assim não posso esquecer as *"sardinhas fritas albardadas"*, os *"figos secos (passas) fritos albardados"* (e para quem não saiba "albardar" significa envolver a fritura com massa de ovos e farinha), as *"petingas assadas no forno"*, as batatas, também assadas no forno, espetadas num arame zincado, tipo colar, depois de bem lavadas e esfregadas com sal, os *"peixinhos da horta"* - feijão verde, previamente cozido em água e sal ou na boca da panela, atado num molho e depois frito albardado em massa de farinha e ovos. O molho de tomate, delicioso refogado de tomate, cebola, alho, com rodela de chouriço e pedaços de presunto, com ovos mexidos. Os ovos estrelados, que quando era miúdo eram temperados com açúcar. As *"coalhadas"* de Maio, feitas de massa para o queijo com açúcar. Os pastéis feitos com o resto da massa das farinheiras. E nas matanças do porco, o grão com arroz, a cebolada de fígado, o osso do peito guisado com batatas, os *"carriços"* e quando se enchiam os chouriços, os pequenos pedaços de carne temperada, assados na brasa...

E tantos outros petiscos saborosos que ainda me fazem crescer água na boca, só de os recordar!...

MATANÇA DO PORCO

No meu livro “SARDOAL - DO PASSADO AO PRESENTE -Alguns subsídios para a sua Monografia”, publicado pela Câmara Municipal de Sardeal, em 1992, fiz uma descrição, tão rigorosa quanto o possível, das minhas memórias sobre a matança do porco, que não resisto à tentação de transcrever, podendo, aqui, ou além, complementar o que então escrevi, com novas recordações desses tempos antigos.

MEMÓRIAS SOBRE A MATANÇA DO PORCO E A SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL E ECONÓMICA

“Por alturas do Natal, começa a matança. Ao romper da manhã, a paz de cada povoado é súbitamente alarmada. Um grito esfaqueado irrompe do silêncio. Dias depois desmancha--se a bizarma e um pálio de fumeiro cobre a lareira”
Miguel Torga - in “PORTUGAL”, Coimbra 1950

A criação e matança do porco, não tem hoje a importância que assumia até aos princípios dos anos 70, em resultado, principalmente, da mudança de hábitos alimentares que a electrificação rural permitiu. Hoje em dia, raras são as casas que não disponham de um frigorífico ou de uma arca congeladora o que possibilita uma variedade alimentar que antes não podia acontecer.

Também o fluxo migratório para os grandes centros urbanos que se verificou no princípio da década de 60, para além de provocar o despovoamento quase total de muitas aldeias, onde só ficaram velhos, mulheres e crianças, trouxe, também, o contacto com hábitos alimentares e culturais diferentes que se repercutiram no sistema alimentar vigente. Durante séculos a carne de porco assumiu uma importância fundamental na economia familiar e funcionou como bitola na definição de um certo estatuto de abastança, de tal forma que se realizava uma espécie de competição, alimentada por uma surda rivalidade, tentando, cada um, matar o porco mais pesado de cada aldeia, utilizando as reservas de milho para fazer a farinha que iria “temperar” a “lavadura”, cultivando na horta as abóbora, couves, beterrabas, etc. e aproveitando o bagaço da azeitona que era guardada por muitos meses nas “tulhas”, que eram, nos meses quentes, focos geradores de melgas e mosquitos.

A CRIAÇÃO

O Mercado de Janeiro, que há séculos se realiza na Vila do Sardeal, no segundo domingo de Janeiro, tinha uma importância fundamental neste processo, porque era a oportunidade para se venderem os porcos gordos que não eram(?) necessários à subsistência familiar, o que permitia realizar algum dinheiro, quer para comprar os leitões para a criação no ano seguinte, quer para comprar roupas e calçado para a família e ainda para adquirir algumas árvores de fruto que iriam valorizar a horta ou o quintal.

Ainda nos anos 40 e 50 deste século, todo o espaço que é, hoje, o Largo do Mercado(Av. Heróis do Ultramar), ainda não alargado(o que aconteceu nos anos 60, quando era

Presidente da Câmara o Dr. Júlio Rodrigues Garcia), era pequeno para instalar os animais adultos: porcos, cabras, ovelhas, com ou sem crias ao pé, como para instalar as cercas de madeira onde os “porqueiros”(assim eram designados os vendedores de leitões para criação) colocavam os “bacoritos” para venda.

E à tarde, as estradas e caminhos que saíam da Vila, pejavam-se de pessoas que transportavam os animais adquiridos ou os que não tinham conseguido vender.

Adquirido o leitão, mais frequentemente designado por bácoro ou bacorito, este era colocado na furda ou pocilga, previamente preparada para o efeito e tornava-se o centro de atenção da vida familiar, por algumas horas ou dias. Era preciso fazer-lhe a “cama”, colocando no compartimento da furda, especialmente construído para esse fim, “o ninho”, molhos de palha de centeio, trigo ou aveia ou, na falta destes, um monte de “camisos” de milho, onde o bácoro se enroscava, protegendo-se do frio da noite, que em Janeiro, ainda era muito intenso.

Procedia-se, então, durante alguns dias à adaptação alimentar do animal, utilizando alguns “mimos”, como, por exemplo, o almece que sobrava da feitura dos queijos, os restos da sopa, acrescentados de água e farinha de milho, intervalados com algumas folhas de couve (das mais mimosas) ou de alface ou almeirão que então abundavam pelos quintais.

Antes da “era do plástico” era comum a utilização de um utensílio de barro de boca muito larga e duas asas, chamado “tigelão”, para guardar os restos dos alimentos que sobravam das refeições da família, as cascas das batatas e da fruta, as sobras do azeite das frituras e preparar as refeições do bácoro, que pelas crianças era carinhosamente designado de “tô-tô”.

Na furda ou pocilga existia o “maseirão”, normalmente feito de madeira, mas também em pedra ou argamassa de cimento, onde se colocava a alimentação do porco, que tinha dois compartimentos, porque quase sempre se criavam dois porcos e era preciso evitar brigas entre eles, já que havia sempre um que era mais glutão e invejoso...

Passadas algumas semanas vinha o “capador” que castrava os animais, para evitar, nos machos, que a carne viesse a ganhar o gosto a “barrascum” e nas fêmeas porque se pensava que a menstruação trazia graves inconvenientes para a conservação da carne, pelo que havia a preocupação, quando não lhe eram extraídos os ovários, de não matar uma porca “aluada”. Castrados os animais e cozidos os cortes, para evitar infecções, eram frequentemente lavados com uma infusão de folhas de eucalipto e se acontecia os bácoros terem diarreia, popularmente designada por “soltura”, a mézinha consistia em atar numa das patas traseiras uma correia de travisco, planta que dá umas bagas vermelhas e cuja casca se desprende totalmente, como a do eucalipto, exalando um cheiro característico, muito desagradável.

Com a chegada do calor os porcos começavam a ser atacados pelas moscas, que lhes causavam grandes feridas, em especial nas orelhas, que eram tratadas com uma espécie de unguento feito com uma mistura de enxofre e azeite.

Também com o calor aumentavam as preocupações dos criadores, com o receio da peste suína africana, que sempre vitimou muitos animais e obrigava a mudar os porcos para uma pocilga instalada num palheiro que se mantinha tão fechado, quanto possível e era frequentemente desinfectado com creolina, substância anti-séptica extraída do alcatrão de hulha, com um cheiro activo, na tentativa de manter afastadas as moscas, consideradas os agentes transmissores de tão funesta doença

Como já referi a farinha de milho, os produtos da horta, os restos das refeições e das lavagens da louça(não se utilizavam, então, detergentes), constituíam a base da alimentação dos suínos que a partir do Verão, eram brindados com uma modificação alimentar, já que, pelo menos, uma vez por dia lhes era dado “comer cozido”, confeccionado em grandes caldeiros, tendo por base os ingredientes antes referidos, acrescidos das sobras das batatas e às vezes temperado com toucinho rançoso, na tentativa de os fazer engordar e de os tornar mais lustrosos, que os porcos não se queriam com muito cabelo...

Na época dos figos, também estes eram utilizados por forma a tornar mais atractiva a refeição, esborrachando-os, mas em pequenas quantidades, porque se acreditava que, em excesso, os figos, “escaldavam” a boca dos animais, impedindo-os de comer.

Numa época em que poucos adubos existiam, o porco era também importante como agente produtor de estrume, colocando nas pocilgas mato cortado ou caruma, que pisados e repisados pelos animais e fermentado em conjunto com os excrementos e urinas era depois colocado em moreias, para ser utilizado na Primavera seguinte, nas primeiras cavas e sementeiras das hortas e quintais. Este ciclo assumia tal importância que junto às furdas era cavado um pequeno poço, onde se recolhiam as fezes líquidas, que eram depois metidas em cântaros velhos para fertilizar algumas culturas mais delicadas e exigentes.

Quando o porco revolia o mato colocado na furda, em busca da terra e de alguns vermes, “fossando”, como costumava dizer-se, era-lhe colocado um “gancho” ou “arganel” no focinho, feito com um arame ou com um gancho do cabelo, aguçado nas duas extremidades e que depois, enrolado, pela dor que provocava no bicho, evitava que ele fossasse.

A MATANÇA

Executado, minuciosamente, este conjunto de tarefas, dia-a-dia e vencido o perigo da peste suína africana, que às vezes, já com o animal com 7 ou 8 arrobas e depois de dez ou onze meses de trabalho, ainda aparecia, causando elevados prejuízos e destruindo as ilusões de muitos lares, já quase na certeza de terem conseguido o “conduto” para o ano seguinte, por alturas do Natal ou do Ano Novo, chegava a altura da matança, que começava a ser preparada com alguns dias de antecedência, porque era preciso procurar e cortar as carquejas, que iriam ser utilizadas para chamuscar os porcos.

Faziam-se os convites, normalmente aos familiares e alguns amigos (em regime de reciprocidade), limpava-se a casa, lavava-se a salgadeira, preparavam-se as varas ou canas para o fumeiro, trazia-se a banca, procurava-se a “picadeira” ou “matadeira” e os alguidares para recolher o sangue e para temperar e guardar a carne para os enchidos, compravam-se os géneros alimentícios necessários e os temperos: vinho branco, cominhos, pimentão-de-côr, o sal, as tripas de vaca, etc..

Na véspera, cozia-se o pão e faziam-se os fritos, ultimando-se os preparativos para um dia especial, que era de festa, porque era de convívio, mas também porque estava garantida grande parte da alimentação da família para o ano seguinte e era visível uma certa excitação, em especial nas crianças, com um alvoroço que no “dia D” as fazia levantar da cama ainda antes do nascer do sol, acompanhando todos os preparativos para o grande dia.

Ainda antes do “sol-nado” começavam a chegar os convidados, que eram instados a beber café com fritos e queijo fresco e os homens completando com um “mata-bicho”, feito de aguardente misturada com café.

Iniciava-se então o ritual, acendendo uma fogueira que iria servir para aquecer as pessoas e atear as carquejas. Os homens dirigiam-se, então, para a furda ou cortelho para trazer a vítima, que no dia anterior já não tinha comido e que oferecia, quase sempre, grande resistência, como que adivinhando a sorte que a esperava. Mas como contra a força não há resistência e após diversas peripécias, sempre acompanhadas de gritos de excitação e risos, observadas a alguma distância pelos mais novos, sempre receosos dos grunhidos do porco e de uma eventual fuga do mesmo, o bicho lá acabava sobre a banca, amarradas as patas traseiras à mesma e seguro em todos os pontos disponíveis para o agarrar, num combate desleal, só legitimado com os objectivos e em que o reco mais não podia fazer que rebelar-se através de estridentes grunhidos que se ouviam em toda a aldeia. Parodiava-se, então, o aparecimento da “morcela da banca”: a satisfação da última necessidade fisiológica e brincava-se com o eventual destinatário de tal “presente” e depois de uma lavagem da papada e da cabeça, chegava-se o momento culminante. - O dono, sempre um pouco nervoso, preparava-se para espetar a “picadeira” ou “matadeira”, uma faca especial, com dois gumes, que em muitos casos se transmitia de geração em geração, com posse colectiva da família, pelo que não entrava em partilhas.

Era um espectáculo pouco próprio para pessoas sensíveis, quer o espetar da faca, quer a recolha do sangue, num alguidar de barro, em que, previamente, se tinha colocado uma mão-cheia de sal, continuamente mexido com uma colher de pau para evitar a coagulação.

A pouco e pouco e à medida que diminuían os grunhidos, aumentavam os estertores do animal que culminavam numa última “sapatada”, que era o sinal da morte eminente. Entretanto, algumas das mulheres traziam água da fonte distante, para as lavagens necessárias e as crianças aproximavam-se, curiosas, mas ainda receosas de que o porco não estivesse bem morto e retirava-se o alguidar do sangue, sempre mexido pela colher de pau. O porco era retirado para o chão e iniciavam-se as operações de “chamusco”, primeiro com uma pequena quantidade de carqueja, na zona onde o porco tinha sido picado, fechando-se a ferida com um carôlo de milho ou com um trapo que aí era enfiado com o auxílio da matadeira que assim terminava as suas funções.

Por essa altura já tinha começado a circular um prato com fritos e figos secos e uma garrafa de aguardente, bebida em pequenos golos, os chamados “beijinhos”, repetidos a espaços regulares, sempre por insistência do dono da casa, que nesse dia não queria falhas ou faltas.

O trabalho de chamuscar era sempre feito com muito cuidado para evitar lume em excesso na zona das tripas e que o porco se queimasse demais, provocando, assim o estalar do courato. Entre a substituição da carqueja e com recurso a raspadores de telha ou metal, iam-se raspando os cabelos, o que terminava com uma cuidadosa operação de “entesamento”, procurando a consistência certa, verificada com a ponta dos dedos e retiravam-se as “castanholas”, o que exigia um pouco mais de calor e era motivo de brincadeiras, tentando metê-las no bolso do vizinho e que acabavam por ser o primeiro “petisco” dos cães que rondavam sempre, adivinhando um dia ou dois de “rancho

melhorado". Para evitar que a outra pata se queimasse era colocada uma telha para protecção

Terminada a operação de chamuscagem, o porco voltava à banca para ser lavado e raspado com facas bem afiadas, numa pedra ou esmeril, que estava sempre ali à mão, retirando as últimas cerdas, lavando-se o ânus do porco, sempre motivo de galhofa, rasgando as orelhas para permitir uma limpeza mais eficaz e descobrindo o nervo nas patas traseiras para colocar o chamberil para pendurar o porco.

Seguia-se a operação de abertura para retirar as vísceras e as tripas para um tabuleiro de madeira, operação feita pelos "especialistas", para que as tripas não sofressem algum corte accidental, retirando-se o "osso do peito" e a "queixada", procurando-se no coração o sítio onde tinha sido picado e procurando no fígado sinais que garantissem a sanidade do animal, após o que se lhe retirava o "fel", sendo também feita uma lavagem das zonas ensanguentadas, com vinho, que após a lavagem era aproveitado para juntar ao sangue recolhido, em pequena quantidade, para evitar que as morcelas rebentassem, quando da sua cozedura.

Depois retiravam-se as tripas, após o que as mulheres faziam a sua separação, retirando as gorduras e as teagens, enquanto se organizava uma solene operação de pesagem, sempre acompanhada com grande expectativa pelo dono, porque ali estava o resultado de um ano de trabalho e o orgulho ou desilusão, em face do peso, que era antecedida de uma série de palpites "atirados" pelos mais experientes, para ver quem se aproximava mais do peso do bicho.

Depois o dono da casa preparava o chamberil, artefacto de madeira em forma de "V" invertido e aberto, normalmente feito de madeira de oliveira, para pendurar o porco, que para o efeito se transportava para a adega ou para a cozinha, sendo pendurado através de uma corda atada ao chamberil e à trave ou a um barrote forte, que o bicho tinha, às vezes, mais de 10 arrobas(150 quilos)...

Pendurado o porco eram "feitos os toucinhos", o que consistia num corte ao longo de todo o dorso e separando-se as banhas que se colocavam para melhor secagem sobre canas, especialmente cortadas, que ajudavam a abrir o porco, o qual, realizadas estas operações era envolvido num pano branco, sendo colocado um prato no chão para recolher o sangue que ainda viesse a escorrer.

Com a cerimónia de pendurar o porco terminava a participação dos homens no primeiro dia da matança. Aquecia-se água e lavavam-se as navalhas e as mãos, retirando-lhes a gordura.

Refira-se, como curiosidade, que as mulheres em fase de menstruação, não podiam mexer nas carnes, nem tão pouco estar presentes ou olhar para o porco, porque se acreditava que o ciclo menstrual criava uma emanção especial que estragava as carnes. As funções que se seguiam eram um exclusivo feminino. Um grupo dirigia-se à ribeira, procurando uma gola de água, para lavar as tripas, que após uma cuidadosa lavagem prévia eram viradas do avesso e esfregadas com rodela de laranja.

Na cozinha trabalhava-se com grande azáfama na preparação do almoço, enquanto se punha a mesa e colocavam os assentos, normalmente com tábuas que se guardavam de ano para ano, quase só para esse fim, porque em casa não havia cadeiras suficientes para tanta gente.

Em casa dos meus avós paternos, a ementa do almoço era sempre a mesma: arroz com grão, acompanhado de azeitonas retalhadas, temperado com azeite novo, sempre

finíssimo, seguindo-se uma sopa de couves com feijão a que era transmitido um gosto especial, com a utilização de uma pequena quantidade de cominhos (especialmente adquiridos para temperar as morcelas), também generosamente temperadas com azeite. Depois era o fígado de cebolada “cebineta”, à qual, quem gostava acrescentava vinagre. Às vezes a refeição era enriquecida com um guisado de galinha ou galo, com batatas, manjar raro, que só acontecia em festas ou ocasiões especiais. Para terminar a refeição, bem regada com o melhor vinho da adega, eram servidos queijos frescos, laranjas e maçãs de inverno e os homens bebiam uma “sossega”(aguardente) e continuavam à mesa pela tarde fora, jogando às cartas, conversando e bebendo uns “copitos” pelo caminho.

As mulheres, para além de lavarem a louça, começavam então a preparar as morcelas, operação orientada e acompanhada pela dona da casa. Do porco retiravam-se as gorduras ensanguentadas e as orelhas(que só eram utilizadas nas morcelas de cozer e no bucho, de que falaremos mais adiante), juntando-as ao sangue, depois de cortadas. Temperava-se com cominhos, sal e raspa de limão. Preparavam-se os atilhos e as enchedeiras de lata, uma espécie de pequeno funil com a saída mais larga e, depois de colhidas diversas opiniões sobre o tempero, começava-se a encher as tripas, atando-as a espaços regulares e pondo-as a cozer num grande tacho de cobre, em lume brando, para evitar que rebentassem. Quando se considerava terminada a operação de cozedura, as morcelas eram postas sobre um monte de carquejas para escorrer e colocadas em varas no fumeiro, separando para um lado as morcelas de assar e para outro as de cozer e o bucho tinha um lugar de destaque. Tratava-se do estômago do reco, cheio com a massa das morcelas, enriquecida com pedaços de carne ensanguentada e com as orelhas, também cortadas em pedaços, que depois de seco no fumeiro, era guardado em azeite, sendo usado para o tempero das favas ou para as refeições do dia das malhas dos cereais, por alturas do S.João.

Penduradas as morcelas e lavados os alguidares de barro e as enchedeiras, enquanto a dona da casa preparava o jantar, as mulheres que não tinham a sua própria lida, especialmente os animais para tratar, sentavam-se à lareira, em amena cavaqueira, enquanto se assavam algumas morcelas para as provas que também chegavam à “mesa das cartas”, por onde já tinham passado as “passarinhas (pâncreas do porco), assadas na brasa, temperadas com azeite e vinagre, salsa e cebola picada.

O jantar era já feito com base no porco morto no dia. A sopa era uma espécie de “canja de porco”, massa com pedaços de carne que se retiravam da queixada cozida e de bofe (pulmões) e seguia-se um único prato, um guisado do osso do peito com batatas, confeccionado numa grande caçarola de barro e os inevitáveis queijos frescos e a fruta.

Enquanto isso, a criança divertia-se como podia. Primeiro jogando à bola, com uma bola muito especial: tratava-se da bexiga do porco, que depois de lavada em conjunto com as tripas, era cheia de ar com auxílio de um canudo de cana e atada com um fio de trama e servia para um renhido jogo de bola, de pé descalço, que só terminava com o rebentamento da “bola”, mesmo que a deformação da mesma fosse de tal forma que a trajectória se tornava imprevisível. Entre jogos de escondidas, brincadeiras às “casinhas”, simulacros de matanças, em que o porco era figurado por uma das crianças, imitando em gritos estridentes os grunhidos do animal. Com a aproximação da noite, “roubava-se” uma cavaca acesa no lume da casa e fazia-se uma fogueira grande, à roda

da qual se inatalavam, sentados em pedras, todos os jovens da família, cantando canções populares, ou ouvindo histórias tradicionais contadas pelos mais velhos.

A DESMANCHA

O dia da desmancha começava um pouco mais tarde que o dia anterior e os convidados desenjuavam-se na sua casa. Se o tempo o permitia o porco era transportado para a rua, onde era colocado sobre panos da azeitona. Primeiro retiravam-se as banhas, os rins e os lombinhos. Depois separavam-se os presuntos e cortava-se a cabeça. A seguir separavam-se as costeletas da espinha que era retirada inteira e separavam-se os lombos e as costeletas. Seguia-se uma minuciosa operação em que eram cortadas “as mãos” (procurando com todo o cuidado os “lagartinhos”, que assim eram designados os bíceps atrofiados do porco), separando-se as gorduras para um lado, as carnes ensanguentadas para outro e as restantes carnes para outro e as mulheres iniciavam a morosa tarefa de “migar” as carnes, em geral para três alguidares de barro: um para as farinheiras, outro para as “mouras” (feitas com carne ensanguentada e pedaços das vísceras) e um terceiro para chouriços. Enquanto se procedia às operações referidas, também os ossos eram descarnados, porque toda a carne era pouca para chouriços

Entretanto tinha-se feito um braseiro e tratava-se das “assaduras”: carne, couratos e toucinho enfebrado, que depois de assados eram cortados em pedaços, temperados com dentes de alho picados, sumo de limão ou vinagre, distribuídos depois por pratos que circulavam, acompanhados por pedaços de pão, por entre os presentes, distribuindo-se, também, copos de vinho em profusão, chegando-se a consumir nesta fase mais de 15 litros de vinho.

Também as crianças participavam de forma entusiasmada, quase mendigando a sua própria “assadura”, que era um manjar dos deuses, porque nesse tempo, febras assadas só se comiam pelas matanças.

Iniciava-se, então, outra fase importante da matança: “A salga”, tarefa normalmente desempenhada pelo dono da casa.

Os presuntos, (quando não eram trocados por toucinho, que “condutava mais), mereciam uma atenção especial, sendo previamente aparelhados, prensados para perderem algum sangue que ainda tivessem, colocando-se depois um pouco de salitre no osso e esfregando-os, vigorosamente, com sal, numa operação meticulosa e cansativa. Feito este trabalho, colocava-se uma camada de sal no fundo da salgadeira e sobre esta os presuntos que se cobriam de sal e aí ficavam cerca de 40 dias, de onde saiam para o fumeiro. Colocavam-se depois as mantas de toucinho, os ossos, os couratos e a cabeça, depois de aberta para se retirarem os miolos.

Seguia-se o almoço em que serviam como abertura, algumas morcelas assadas e depois a sopa, idêntica à do jantar do dia anterior e um prato característico, fígado de cebolada, popularmente designado por “cebeneta”, que conforme o gosto de cada um era temperado com mais ou menos vinagre.

A seguir ao almoço realizava-se outra operação importante, esta dirigida pela dona da casa. Tratava-se do tempero das carnes para os enchidos.

A carne “migada” era colocada em grandes alguidares de barro, juntando-se-lhe alguns litros de vinho branco, uma pasta formada com alhos (pisados num almofariz) e calda de pimentão, que o acerto final do sal só era feito no dia da “enchedura”, sendo depois bem

mexidas e acalcadas , fazendo para terminar uma cruz e cinco pequenos buracos que significavam as cinco Chagas de Cristo e tapado o alguidar com um pano branco. O tempero referido servia para “mouras” e para os chouriços, ficando em repouso entre 48 e 72 horas. No meio da carne dos chouriços colocavam-se os lombos(que iriam servir para fazer os paios), o esófago(a goela) e a língua e o rabo, que iriam servir para o jantar do dia do enchimento das carnes e as costeletas. A banha e a gordura para as farinheira era apenas salgada e ficava a aguardar, cerca de uma semana, pela operação de enchimento, em que depois de temperada com massa de pimentão e colorau, massa de alho e sal q.b., a gordura era desfeita em água quente, acrescentando-se-lhe farinha até se conseguir a consistência desejada, para depois serem cheias as farinheiras, em tripa de vaca. Dos restos desta massa faziam-se uns pastéis deliciosos, comidos quentes.

Pela tarde fora, no dia da desmancha, continuava o cerimonial das assaduras, sempre regadas com muito vinho e para o fim da tarde eram frequentes alguns “calores” só minorados com renhidos jogos de “bêlho”, na Taberna do Ti Diogo.

A festa terminava à noite com o jantar, a refeição mais substancial de toda a matança, tendo por pratos base, o cozido à portuguesa, em que só o toucinho, as morcelas de cozer e alguns ossos, eram da actual matança, sendo os chouriços, paios, presunto e farinheiras, ciosamente guardados do ano anterior e um prato delicioso chamado em Entrevinhas de “carriços”, um guisado feito com o coração, os rins, os lombinhos e os lagartinhos e as costeletas ensanguentadas de onde se cortava o osso do peito, tudo cortado em pequenos pedaços, juntando-se-lhe os miolos desfeitos, vinho branco, alhos e calda de pimentão, cozinhados numa caçarola de barro. Este prato era acompanhado por salada de alface ou almeirão, conforme o que houvesse, cortada miúdinha.

Para finalizar bebia-se café com aguardente ou com vinho tinto (mistura a que chamavam “champorrion” ou “champorriana”) e os convidados retiravam-se, agradecendo o convite.

Havia, ainda, o costume de oferecer um presente aos convidados(um por cada casa) que consistia num pedaço de toucinho, um pedaço de entrecosto, um pedaço de febra ou lombo e uma morcela de assar. Mais tarde, quando os enchidos estavam curados, era tradição oferecer a alguns familiares e amigos, um “jantar de carne”, que consistia num chouriço, uma moura, uma morcela de cozer, um bocado de toucinho salgado e alguns ossos salgados.

Dois ou três dias depois enchiam-se os chouriços e as “mouras”, fazendo-se, previamente, um teste à quantidade de sal, para o que eram assados alguns pedaços, demoradamente saboreados pelos presentes, que davam a sua opinião sobre o tempero e sobre o sal. Utilizavam-se as tripas do porco que tivessem sobrado das morcelas e tripa de vaca seca, que se comprava aos maços. Estas eram escaldadas e viradas do avesso e atadas numa das extremidades com um fio, normalmente de trama. Depois de enchidos os chouriços e as “mouras” eram pendurados em varas ou canas e colocados no fumeiro, fazendo-se uma boa fogueira com estevas verdes, que faziam muito fumo e utilizando-se depois, de preferência, lenha de oliveira.

Os enchidos ficavam pendurados durante cerca de duas semanas, sendo depois atados em “molhadas” ou “cambalhotas”, que ficavam na chaminé, mais algum tempo, sendo depois guardados na salgadeira ou em azeite, especialmente os paios.

Os diversos produtos que resultavam da matança do porco, (normalmente de dois), iriam ao longo do ano, ser uma importante componente da alimentação da família, excepto nos dias de jejum e abstinência e na Quaresma, que eram rigorosamente guardados pela maioria das famílias, existindo algumas facilidades para os que pagavam a “Bula”, à Igreja Católica.

TABERNAS E OUTROS LOCAIS DE “CULTO COPOFÓNICO E GASTRONÓMICO”

Falarei, agora, das tabernas, locais de copos e petiscos, hoje quase extintas, na Vila e no Concelho de Sardoal, podendo contar-se pelos dedos as que sobrevivem na actualidade.

Para o efeito socorro-me de um trabalho elaborado por mim e pelo Mário Jorge de Sousa, publicado no Boletim Cultural “ATRIUM” n.º 15, em Outubro de 1989, do GETAS - Centro Cultural de Sardoal, com o título:

memórias recentes

AS TASCAS

JÁ SE

FECHARAM

(e outras anotações curiosas)

É verdade. Lá diz o fado que “as tascas já se fecharam”. Na letra do fadista, queria isto significar a fronteira da noite, com a boémia do espírito e do corpo.

Na realidade social, a expressão ganhou inesperadamente o sentido profético dum destino que se cumpre. Das milhentas tascas existentes no Sardoal, em princípio e meados deste século, quase todas ficaram pelo caminho, esmagadas pela evolução da vida.

Hoje, apenas uma ou duas parecem ser o baluarte dum passado não muito distante e, mesmo assim, algo descaracterizadas. Depois vieram os “Cafés” e, recentemente, até abriu um “pub”, ou seja, um pequeno bar, de funcionamento moderno, com referências importadas do estrangeiro.

Disto tudo se faz História. Nós aqui no “ATRIUM” procurámos compilar algumas anotações curiosas, onde se fala destas coisas.

Por definição “TABERNA” é uma loja ou lugar onde se vende vinho a retalho. Tem como sinónimos, entre outros, bodega, tasca, baiuca, etc. Pode significar, também, casa de pasto reles e ordinária ou casa imunda e desordenada.

As tabernas de que vamos tratar neste trabalho são aquelas que têm a ver com a venda de vinho a retalho e em especial as que existiram no Sardoal.

Chegaram a ser duas dezenas ou perto disso e da recolha que fizemos (tão exaustiva quanto possível), devem ter co-existido nos anos 40-50 deste século as seguintes: Joaquim Grácio (perto do Ensaio), Felismina Mendonça (Choupa), Luísa Aguda e Joaquim Chambel (estas na Rua Simões Baião, actual Rua Gil Vicente), Joaquim Grácio (Pailó), na Rua Vasco Homem, Francisco Ramos e David (Pão Grande), junto ao Mercado Diário, Miguel do Honório (junto ao Espírito Santo), Miguel Martins, João

Lourenço Bandeira, Aparício e Francisco Dias, na Rua Bivar Salgado, “Vila”, António Rei, Francisco Grácio (Chico da Rabaneta) e Avelina, na Rua Dr. David Serras Pereira e a Fádina (Taberna Seca) junto ao antigo colégio. Houve ainda a Camareira, numa casa já demolida, pegada com a casa “Pires Coelho”, na Rua Cónego Silva Martins.

Deve referir-se, ainda, que para além das tabernas, em quase todos os estabelecimentos que tinham mercearia havia um cantinho com um lavatório em pedra e uma prateleira com meia dúzia de copos, onde esporadicamente se vendiam alguns copos de vinho, em especial para celebrar negócios ou pagamentos vultuosos do “rol”. Estavam neste caso a loja do Sr. Antunes, do Sr. António Miguel e do Sr. Francisco Santos, pelo menos.

As tabernas, como o comércio em geral, tinham na época que referimos, ao domingo e pelos mercados e feiras ou quando estava a chover durante vários dias.

Ao domingo, porque a população das aldeias vinha à Vila para assistir à Missa (fosse da Almas, ou do Meio-Dia) e aproveitava para fazer compras, arranjar “patrão” para a semana seguinte e receber a “féria” ou “jorna” da semana anterior. Compravam também sardinhas, que se vendiam em grande quantidade na Rua Dr. David Serras Pereira, no local onde hoje é a Praça Nova e mesmo com esta já construída, dizendo-se, até, que uma das tílias secou nessa altura, por efeito do sal que sobrava dos caixotes, que era despejado junto dessa tília.

Há anos atrás, a Rua Simões Baião, recentemente rebaptizada de Rua Gil Vicente, quando já foi Rua Direita e Rua do Comércio, era o principal núcleo comercial da Vila. Ainda na Praça tinha a alfaiataria do Sr. António Alves da Silva (Pardal), depois, do mesmo lado a Loja do Antunes, do outro lado um sapateiro (o Santinho), a Taberna do Chambel, a Luísa Aguda, a Choupa e uma latoaria. Havia ainda outra alfaiataria e já próximo da Igreja a Casa Paulino, com fábrica de malas, serração de madeiras, bicicletas e acessórios.

Regista-se, ainda, que por essa época co-existiram no Sardeal pelo menos quatro latoeiros, três alfaiates, três barbeiros, três casas de solas e cabedais, dez estabelecimentos de comércio diversificado que vendiam mercearias, louça, tecidos, etc., cinco ou seis sapateiros, uma casa de mobílias (chegaram a ser três ou quatro) que era de Manuel dos Santos Pinto e se situava onde era a “Casa Casado”, dois ou três salsicheiros, para além de sete ou oito malarias (Carlos Grácio, Luís Paulino, Fábrica Reis & Simples, Manuel Falcão, José Marques, Francisco Santos, Manuel dos Santos Pinto e Abílio Gomes) com a curiosidade de as ferragens serem fabricadas no Sardeal, com cunhos e cortantes feitos pelos Srs. Henrique Ribeiro (Cangalhadas) e Guilherme António (Vila).

O transporte dessas malas significava, quase só por si, a ocupação de três ou quatro carroceiros, que transportavam as malas para despacho na estação dos caminhos-de-ferro, em Alferrarede, trazendo de volta outras encomendas, quer da estação, quer do comércio de Alferrarede. Eram eles o Sr. Gilberto Ribeiro (Mula Branca), Joaquim Alpalhão, Manuel Grácio e às vezes o Nobre.

Julgamos que o primeiro táxi que houve no Sardeal, terá sido o do Sr. Manuel Pombo ou o do Sr. Joaquim Salgueiro (*Bruxeiro, ou Santa Paz do Senhor*), seguindo-se o dos Paulinos e o Sabino Raposo.

Por volta de 1940 existiam no Sardeal três farmácias: a de Pedro Barneto Nogueira, junto à Matriz, a de Francisco Dionísio (criador da famosa pomada "*Dionisina*", no local onde depois foi a Relojoaria do Parente e a de Rafael Alves Passarinho, na Rua 5 de Outubro. No princípio do século existia, pelo menos, mais uma que era a do Dr. Henrique Aires Mora.

No entanto a principal ocupação de mão-de-obra era ainda na agricultura, existindo algumas boas casas agrícolas, como era o caso do Sr. Lúcio Serras Pereira, António Lopes Inês, Dr. Anacleto de Matos Silva, Joaquim Grácio, António Filipe de Andrade (António Largo), Casa Salgado, Pedro Barneto Nogueira, António Lopes Rei, Dr. Fernandes Agudo, a Família Tramela, João Pereira dos Santos (João d'Alvega), a Viscondessa, D. Carlota, para citar só alguns casos, devendo referir-se ainda as Quintas do Constâncio, do Coro, das Madalenas, das Gaias, o Telheiro, etc., que no seu conjunto empregavam dezenas, senão, centenas de pessoas nas suas propriedades.

Salienta-se, ainda, a existência de dois ou três ferreiros e/ou serralheiros e dois ferradores, para além de quatro ou cinco padarias e de um número considerável de pedreiros e carpinteiros.

Os dias de chuva eram, em resultado do elevado índice de ocupação de mão-de-obra na agricultura, dias de grande movimento para as tabernas, já que os homens, por não terem que fazer, passavam ali os dias, sendo frequente chegarem ao fim do dia com um "*grãozinho na asa*" ou completamente embriagados, já que o elevado consumo de vinho lhes retirava o apetite, o que conjugado com a já deficiente alimentação, à base de hortaliças, batatas, feijão, grão, carne de porco (pouca) e sardinhas (chegando uma sardinha a ser repartida por três pessoas), provocava um elevado índice de doenças do foro gastrointestinal e pulmonar.

As tabernas abriam antes do nascer do sol, já que os trabalhadores rurais trabalhavam, então, de sol a sol e antes de irem para o campo alguns passavam pela tasca a "*a matar o bicho*" havendo patrões que forneciam bebida para esse fim.

"*Matar o bicho*", era quase uma cerimónia e consistia em beber um bom trago de aguardente ou abafado, ainda em jejum ou quase.

Era, aliás, curiosa a linguagem utilizada para definir o volume dos copos utilizados para o vinho, desde o "*copo de três*", definido pelo preço de três tostões, "*a metade*" ou "*copo de duzentas*", que era um copo que levava um quarto de litro.

A bebida mais consumida era o vinho, seguido pela aguardente que tanto era utilizada como "*mata - bicho*", pela manhã cedo ou como "*sossega*", para fechar o dia ou, com mais propriedade, a noite.

Havia um taberneiro, o Sr. Joaquim Chambel, que defendia os copos de pequena capacidade, com uma frase que ficou famosa:

“Pequeninos, mas... bastinhos!”

Para além do vinho e da aguardente, eram também consumidas bebidas como *“a ginja”*, *“o eduardinho”*, *“o anis”* e para os mais novos existiam à venda refrescos feitos com água, xarope de limão, groselha ou capilé. Nas tabernas vendia-se tabaco em onça e os livros de papel, *“mata - ratos”* (cigarros avulso) e em maços, os *“Definitivos”*, *“Provisórios”* e *“Português Suave”* e depois *“Lusos”*, *“Paris”*, *“20-20-20-Três vintes”* e *“Hi-Life”* e só muito depois os cigarros com filtro de que uma das primeiras marcas deve ter sido o *“Porto”*.

Todas as tascas vendiam fósforos e pedra de isqueiro e algumas vendiam, também, petróleo e carvão.

Já nos anos cinquenta começam a aparecer os cafés.

Primeiro o *“CAFÉ PROGRESSO”*, do Sr. António Jorge (Jorginho do Café) e o *“CAFÉ SARDOALENSE”*, do Sr. Pina, depois o *“CAFÉ DO SÁ”*, hoje *“CAFÉ DIAS”* e o *“CAFÉ S.J OSÉ”* ou do *“PERNÍCULA”*, os dois últimos já nos anos sessenta e um outro que funcionou pouco tempo, na Rua Dr. David Serras Pereira, do Sr. Júlio Nunes Grácio (Júlio da Farmácia).

Com o aparecimento dos Cafés e com o envelhecimento dos taberneiros, as tascas começaram a fechar. Hoje existe um único sobrevivente, o Sr. Gilberto Ribeiro (Mula Branca), junto à Praça Nova, sendo que a sua idade leva-me a pensar que dentro de pouco tempo estarão extintas no Sardoal. Só na Rua Dr. David Serras Pereira co-existiam a Loja do Bento, de Bento Lopes Rei, o Sr. António Baptista, alfaiataria e mercearia, a Loja do Garcia, de José Rodrigues Garcia, a Taberna do Vila, a Loja do Joaquim da Sola, de Joaquim Dias Serras, a Taberna do Rei, também com mercearia e padaria, a Taberna do Chico da Rabaneta, a Taberna da Avelina, a oficina do sapateiro António Moleirinho e o Adriano das Máquinas de Costura, o Sr. Adriano de Matos, residente em Entrevinhas.

Por tudo isto, este trabalho é uma homenagem aos taberneiros, em particular, e aos comerciantes, em geral, na pessoa do Sr. Gilberto Ribeiro (Mula Branca) que tornamos extensiva, sem embargo de a Taberna do Rei ter perdido as suas características de taberna, à *“Ti Eugénia”*, que há quase 50 anos ali exerce a sua actividade e que, apesar da modernização, manteve alguma da sua clientela tradicional de taberna, que de forma quase afectiva ainda ali vão beber um *“copo de três”* ou de *“duzentas”*, lado a lado com os mais jovens que preferem a bica ou a cerveja.

Luís Manuel Gonçalves

BREVE TENTATIVA

DE ENQUADRAMENTO SOCIOLÓGICO

DAS TASCAS NO SARDOAL

EXPLICAÇÃO

Estas memórias não são muito antigas. Têm, quanto muito, cerca de trinta/quarenta anos, como já atrás se disse, o que na mancha do tempo é um grão de trigo numa imensa seara.

Pretende-se, com a sua divulgação, registar sumariamente alguns factos curiosos que ajudem as diferentes gerações a entender melhor a vida colectiva do Sardeal, num período determinado.

Porque a História de uma localidade não é propriedade exclusiva de mitológicos personagens reais, de decisões político/administrativas, cleros e fidalguias, mas sim - também - da vivência anónima das pessoas, no seu quotidiano de comportamentos, a que se poderá chamar, talvez, *“arqueologia social”*.

E VAMOS AO QUE INTERESSA...

Tentando fazer um enquadramento sociocultural das tabernas, convém lembrar que em tempos idos não havia televisão. Quando ela foi introduzida em Portugal, apenas alguns (poucos) aparelhos chegaram ao Sardeal, pertença de famílias abastadas e de um ou dois “cafés”. O primeiro televisor “público” da Vila foi adquirido pelo “CAFÉ PROGRESSO”, de António Jorge, por volta de 1957.

Posteriormente, o “CAFÉ SARDOALENSE”, na altura conhecido por “CAFÉ DO PINA”, propriedade de Lúcio Grácio (Lúcio Carteiro), viria igualmente a ser dotado de uma dessas máquinas revolucionárias. Anos depois, então Centro de Recreio Popular, colocou um receptor à disposição dos sócios, na sua sede da Rua Simões Baião (hoje Gil Vicente), e ainda na década de 60, o “SÁ DOS FRANGOS” ou “CAFÉ DO SÁ”, de José Jorge Pereira de Sá, abriu as suas portas, equipado com uma dessas “caixinhas de imagens”.

Os “Cafés” funcionavam, então, como autênticas salas de espectáculo, mercê dessa inovação tecnológica.

Aos sábados à noite e aos domingos à tarde era a romaria generalizada de famílias e vizinhanças para assistirem aos programas recreativos, a troco de “uma despesa” em bicas e pastéis de nata. A “gentalha miúda” aparecia em tão grande número, que alguns proprietários desses estabelecimentos eram obrigados a severa selecção, deixando permanecer no local apenas aqueles que mostravam as respectivas moedas para adquirirem um refrigerante, amendoins ou os tradicionais “cinco tostões” de rebuçados.

Os outros eram “postos na rua”, ficando à porta, de semblante triste ou revoltado, olhando com inveja os eleitos da sorte.

Festivais da Canção, transmissões de Fátima, discursos políticos importantes e, sobretudo, jogos de futebol em directo, enchiam esses locais “pelas costuras”. Ainda

hoje muitos se recordam das pequenas multidões que se juntavam à porta do “CAFÉ PROGRESSO”. Sem lugar no seu interior, as pessoas iam-se amontoando da entrada até ao meio da rua, espreitando em bicos de pés, para o canto onde o receptor estava instalado.

A TELEVISÃO

Aliás, o aparecimento da televisão no nosso País, introduziu novos hábitos, comportamentos e posturas sociais, fez esbater características regionalistas e foi o grande responsável pela “standartização” (uniformização) de diversos valores culturais importantes, designadamente o linguarejar, o vestuário tradicional e o artesanato. Como é óbvio, o Sardoal não escapou a essa mudança, mas isso já é conversa para outra altura.

A RÁDIO

Antes da TV, havia a Rádio, como grande mediador comucacional. Mesmo assim as telefonias existentes no Sardoal não eram tantas como isso. Para suprir essa lacuna, a própria Câmara Municipal, instalou um sistema de amplificação sonora, com dois gigantescos altifalantes colocados em prédios, um na Praça da República, onde hoje funciona a “Loja da Isilda”, na altura a “Loja do António Miguel” e outro na Fonte da Preta, no prédio onde funcionava a “Taberna do Bandeira”. Daí, eram retransmitidos os relatos de futebol, da então Emissora Nacional e se divulgavam diversas informações úteis, entre as quais, por exemplo, os títulos a exhibir no Cine-Teatro Gil Vicente.

“É O VINHO!”

Por outro lado, a repressão fascista era um facto, não havia divertimentos, o livre associativismo era desmobilizado, a instrução registava índices muito baixos, as redes viárias eram péssimas. A desigualdade era uma pedra basilar do sistema político.

Neste contexto, culturalmente isolado, as tascas eram a única quebra à rotina do então grande número de trabalhadores rurais e empregados de serrações e malarias para quem os “Cafés”, quando do seu aparecimento, já pertenciam à realidade de uma nova ordem social.

Mas as tabernas uma instituição popular que já existia muitos anos antes. A tasca era um refúgio, por excelência. Ali se comiam frugais petiscos, se bebia vinho, se jogava às cartas e ao dominó, se descansava as costas e os braços e se faziam contas à vida, deixando no álcool o preço da nostalgia e frustrações. Tudo isto iluminado por velas ou candeias (depois “petromax’s”) em tanoeiros cenários com mobílias de madeira encardida.

De quando em quando, uma zaragata e, refere o senso comum que a taberna era, muitas vezes, o prelúdio ou o fim, para arrear uma sova na mulher ou nos filhos. Mas tudo estava preparado para desculpar o infractor: “Não é ele, é o vinho!...”

Os frequentadores das tascas, eram, em geral, homens rudes, mesmo quando jovens, precocemente envelhecidos pela dureza do trabalho, debilitados pelas más condições de alimentação e salubridade habitacional, a que se juntavam os factores sociais atrás enunciados. Daí, ser abusivo dizer que as tascas eram fontes geradoras de conflitos emocionais. Quando muito, as tascas eram, tão só, o palco plausível para manifestações de recalcamientos adquiridos ao longo de uma vida servilista e sem esperanças de futuro melhor. Às vezes formavam-se pequenos grupos para jogar ao “belho” ou ao “burro” e, alguns anos mais tarde, com o benefício da electrificação, para ouvirem os relatos de futebol, em arcaicos aparelhos de válvulas.

Embora quase todas as tascas abrissem de madrugada, para servir o “mata-bicho” aos homens que iniciavam a laboração, era à noite (cerca das 22 horas) que elas registavam mais frequência e animação.

Um sardoalense, Fernando Val do Rio Grácio, chegou a escrever, nos anos 60/70, uma letra que foi popularizada como o “*Fado do Sardoal*”. Começava assim: “*As tascas já se fecharam*”. E prosseguia: “*As luzes já se apagaram/ e há reunião da malta/ há viola e há guitarra/ adegas prontas para a farra/gente castiça não falta*”.

Esta visão, algo romântica da noite sardoalense, deverá apenas circunscrever-se a uma certa (embora, por vezes, numerosa) tertúlia de “boémios” locais, grande parte, proprietários agrícolas, estudantes e jovens quadros. No entanto, esta alusão às tascas, reflecte um pouco a ideia de que o encerramento desses locais determinava o fim de um ciclo diário da vida activa da localidade.

As tascas eram, igualmente, responsáveis pela criação de um certo código de linguagem. As “*duzentas*”, significavam um copo de 2 decilitros e as “*trezentas*”, um decilitro acima.

Não era prática corrente das tabernas terem uma designação comercial. Elas eram, vulgarmente, conhecidas pelos nomes ou alcunhas dos seus proprietários.

Mário Jorge de Sousa

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DO CONCELHO DE SARDOAL (1930/1940)

Extracto da Acta da Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Sardoal, de 19 de Fevereiro de 1931.

ALVARÁS SANITÁRIOS: Foram lidos os seguintes requerimentos, pedindo alvará sanitário nos termos da Portaria nº 6065, de 3 de Março de 1929:

De António Martins de Oliveira, para exploração da sua taberna na Rua Simões Baião, nesta Vila. De Carlota de Jesus, idem, idem. De David de Oliveira, idem, idem. De André dos Santos, para exploração da sua taberna na Rua dos Quinchosos, desta Vila. De Miguel da Silva, para sua taberna sita na Praça da República. De Maria do Carmo, para sua taberna na Rua de Santa Catarina. De António Luís Novo, idem, idem. De Francisco Lopes Rei, para sua taberna na Rua do Chafariz da Murteira. De Francisco António, idem, idem. De Luísa Agudo, idem, idem. De José Mendes, idem, na Praça Máximo

Serrão. De Miguel Martins Reis, idem, na Rua do Chafariz da Murteira. De Joaquina da Conceição, idem, na mesma rua. De Francisco António dos Santos, para uma taberna na Rua Máximo Serrão. De Guilhermina Rosa, idem, na Rua do Chafariz da Murteira. De Joaquim Grácio para exploração de uma taberna e hospedaria, na Rua Vasco Homem. De António Delgado, para explorar uma salsicharia no Chão da Garcia. De António Lobato, para montar e explorar uma taberna na povoação de Panascos, freguesia de Alcaravela. De Manuel Lopes, idem, em Panascos, na mesma freguesia. De João Lopes Hespanhol para uma taberna no Monte Cimeiro, freguesia de Alcaravela. De Daniel Lopes, idem, sita na Presa. De Manuel Dias, idem, na mesma aldeia. De José Catarino, para uma taberna em Mivaqueiro, freguesia de Santiago de Montalegre. De José Pereira, idem, idem, De José Gaspar, para sua taberna, sita em S. Domingos, freguesia de Santiago de Montalegre. De Francisco Serras, para sua taberna na mesma povoação. De Manuel Dias, para sua taberna em Entrevinhas, freguesia de Sardeal. De Manuel Lopes Rei, idem, na mesma povoação. De Genoveva Carlota, para sua taberna na aldeia de Valhascos. De Manuel Antunes Júnior, idem, na mesma povoação. De António da Cunha, idem, na mesma povoação. De José de Oliveira Esperto, idem, na mesma povoação. De Nicolau Lourenço, idem, na mesma povoação. De António da Cunha Júnior, para sua taberna na povoação de Cabeça das Mós. De Bento Pimenta, idem, idem. De Manuel Pimenta, idem, idem. De Joaquim Mestre, para sua taberna, sita na povoação de Andreus. De Joaquim Luís Salgueiro, idem, na mesma povoação. De Miguel Lobato Correia, idem, idem. De Rodrigo Alves Milho, idem, idem.

Ao todo 41 requerimentos.

Na mesma sessão foi presente um requerimento assinado por 11 comerciantes desta Vila – alegando que os seus estabelecimentos só vendiam fazendas e mercearias, exclusivamente, e pedem para que o critério a seguir no cumprimento da Portaria 6065, de 30 de Março de 1929 referente a alvarás, seja idêntico ao seguido no vizinho concelho de Abrantes, onde só hotéis e talhos são obrigados a possuírem o dito alvará. Foi deferido até novas instruções.

MERCEARIAS EXISTENTES EM 1935

Joaquim Dias Serras (Joaquim da Sola), Bento Lopes Rei, Francisco Lopes Rei, David de Oliveira, Manuel Antunes Júnior, Olímpia da Conceição, António Miguel, Joaquim Grácio (Pailó), Francisco Ramos, Miguel da Silva, João Dias Milheiriço, António Carvalho Tramela (Herdeiros), José Maria de Sousa, João Marques Ferreira, Manuel Lourenço, Miguel Lopes Rei (Herdeiros), Joaquim Baptista, Joaquina da Conceição e António Salgueiro

DROGARIAS (1941)

António Carvalho Tramela (Herdeiros), Francisco Augusto da Silva e Manuel dos Santos Pinto.

MATADOUROS (1934)

Câmara Municipal, Júlio Grácio, David Grácio e Francisco António.

PANIFICADORAS / PADARIAS (1935)

Máximo Pombo, Francisco Lopes Rei, Hermenegildo Bernardo, André Marques.

MODISTAS – Proprietárias de atelier's (1935)

Eugénia Marçal Simples, Dalila da Silva Moleirinho Marçal, Maria Rosa Alves Reis e Inocência Alves Reis.

LAGARES: Ainda que não me tenha sido possível localizar uma listagem completa dos lagares de azeite existentes no concelho de Sardoal, nesta altura, através de correspondida pela Câmara Municipal de Sardoal, em Maio de 1935, conclui-se que o concelho tinha cerca de 50 lagares de azeite.

VIDA POLÍTICA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX

INTRODUÇÃO

Para compreender melhor a situação política que se viveu no Sardoal, nos últimos anos da Monarquia e nos primeiros anos da República, é necessário conhecer um pouco da realidade portuguesa dessa época.

A revolta militar de 31 de Janeiro de 1891, apesar de malograda, constitui uma referência importante para compreender a evolução política que se seguiu, porque acicidou a consciência cívica, trazendo ao de cima, a situação de desgaste e crise das instituições vigentes.

Essa revolta militar tem muitos pontos comuns com a de 25 de Abril de 1974, pesem os 83 anos que as separam.

Em primeiro lugar porque não existia a possibilidade de derrubar o regime por via pacífica, dado que a representação parlamentar dos republicanos era diminuta, pelo que a via do golpe militar começou a ganhar corpo. No entanto, o número de oficiais simpatizantes com a República era muito pequeno e era muito difícil que o movimento surgisse a partir da capital.

Nessa altura, no Porto, reuniram-se um conjunto de condições que permitiram pôr de pé um movimento militar, que teve por principal aliciador um jornalista marginal, Santos Cardoso, que dirigindo-se a numerosos oficiais e sargentos, apenas entre a classe destes últimos encontrou audiência. Muitos eram republicanos por formação. Por outro lado, razões internas da carreira militar tiveram uma influência importante, porque os sargentos consideravam direito da sua classe o preenchimento de um terço das vagas do quadro geral de sargentos e protestavam porque esses lugares estavam a ser preenchidos por cadetes com o curso da Escola do Exército. Por isso, houve no Porto uma grande reunião de sargentos para protestar contra tal situação que causava descontentamento geral, chegando a defender-se a organização de um movimento revolucionário liderado por subalternos, ideia que contava com a oposição dos próprios oficiais republicanos.

A ordem de transferência de alguns sargentos precipitou a organização da revolta. Na noite de 31 de Janeiro de 1891, alguns sargentos amotinaram tropas nos quartéis e reuniram-se no Campo de Santo Ovídio, dirigindo-se à Praça Nova. Repetiam-se os passos da Revolução de 1820.

Com cerca de 800 soldados sublevados, entre os quais o sardoalense Victor Mora, havia apenas três oficiais: o Capitão Leitão, o Tenente Coelho e o Alferes Malheiro.

Das janelas da Câmara do Porto, o Dr. Alves da Veiga proclamou a República, nomeando-se um governo provisório, do qual não fazia parte qualquer membro do Directório Republicano, o que demonstra a espontaneidade do movimento e de certa forma o seu carácter local, já que do anunciado governo provisório apenas faziam parte republicanos do Porto.

O movimento que inicialmente parecia triunfante, depressa se viu dominado, com a fuga de muitos revoltosos. Apenas o Alferes Malheiro, com os seus sargentos, que se haviam refugiado na Câmara do Porto, ofereceu resistência durante cerca de hora e meia.

Apesar de não ter tido reflexos a nível nacional, a revolta do Porto foi o sinal visível de um profundo mal-estar e da aspiração da regeneração da vida pública que dava força ao ideal republicano, o que não evitava que tomasse consistência uma aspiração de reforço do poder e até de crença na utilidade do governo pessoal do Rei.

D. Luís, falecido em 1889, tinha granjeado um grande prestígio, em resultado de um espírito liberal, transigente, modernizado, acessível às inovações.

D. Carlos, considerado um príncipe moderno, brilhante, cultivado, começa o seu reinado, numa situação caracterizada pela desorganização dos partidos e pela inércia das classes, em que ele emerge como a única força que no País ainda vive e opera.

O antigo díptico partidário regenerador-progressista, perdera os seus créditos e por isso a primeira tentativa de formar um ministério, foi entregue a João Crisóstomo de Abreu e Sousa, o que significava uma tomada de posição do Rei contra as camarilhas partidárias que o rotativismo desacreditara. Este governo durou cerca de dois anos. Do segundo ministério de D. Carlos, foi encarregado o Professor José Dias Ferreira, defensor do que se chamava então *“monarquia de esquerda”*. O Ministério Dias Ferreira, constituído por personalidades cujo prestígio não dependia dos grupos políticos a que pertenciam, mas do valor pessoal dos seus membros, durou apenas treze meses, desfazendo-se, em resultado de profundas divergências entre Dias Ferreira e Oliveira Martins.

A Dias Ferreira seguiu-se Hintze Ribeiro, um talentoso açoriano do Partido Regenerador que se revelou um estadista eficiente e seguro e D. Carlos fez o que lhe foi possível para lhe criar condições de governo, impedindo a guerrilha parlamentar.

O Parlamento não funcionou em 1894-1895 e o Partido Progressista, como protesto contra a política de Hintze Ribeiro, não apresentou candidatos às eleições de Novembro de 1895. O novo Parlamento não tinha, assim, representantes da oposição: todos os deputados representavam o Partido Regenerador, o que conduziu a uma ditadura de facto, centralizada na radicalização agressiva do Partido Progressista.

A questão mais urgente era a das finanças públicas, em resultado dos empréstimos externos que tinham financiado a construção dos caminhos-de-ferro, chegando o governo alemão a projectar uma demonstração naval no Tejo, para forçar o pagamento. Em 1898, a Inglaterra e a Alemanha assinaram uma convenção que previa a partilha dos territórios de Angola, Moçambique e Timor, que deveriam constituir a garantia de um vultuoso empréstimo que se previa que Portugal não pudesse pagar. No entanto, o Governo Português recusou a proposta de empréstimo que chegou a ser formalizada e intensificou os esforços militares em África, para neutralizar a penetração militar que as grandes potências ali estavam a fazer, fomentando a revolta das populações nativas.

A governação estava cada vez mais sujeita à força da opinião (e.g. caso do Comandante Augusto Castilho), reforçado em resultado do aumento das classes médias, fruto do crescimento económico. O aparecimento de alguns jornais na segunda metade do século XIX: - *“DIÁRIO DE NOTÍCIAS”*, *“O SÉCULO”* e de muitos outros periódicos (523, em 1900) deu ressonância aos episódios da vida política, transformando em questões apaixonantes factos que, sem a intervenção dos jornais, não teriam qualquer ressonância.

Essa politização da opinião e o recurso a grandes manifestações de rua para dificultar a acção do governo, faz com que os sectores conservadores se alarmem com a situação e exijam do poder constituído a manutenção da ordem, desencadeando-se acções repressivas, que motivaram os protestos da oposição e atraíram a adesão de largas camadas da população. É por essa altura que as forças da ordem começam a utilizar armas de fogo.

Como em todos os tempos a repressão aumentou a intensidade das manifestações e, a partir de 1895, a questão da *“ordem pública”* passa a constituir problema político de primeiro plano.

Em 1896, organizou-se a Carbonária, associação secreta destinada a combater, por todos os meios, especialmente a luta armada, as instituições vigentes, que se estabeleceu sob a direcção de Luz Almeida, sendo essencialmente popular, anticlerical e revolucionária.

Foi neste quadro, em que por um lado se verificou estarem esgotadas as possibilidades do rotativismo partidário, o que leva a que o projecto republicano encontre aceitação nas camadas mais jovens e nos sectores recém chegados à classe média e em que por outro lado se colocava o melindroso problema da ordem pública, espada de dois gumes que acabaria por levar ao triunfo republicano, que se afirmou o Ministro João Franco Pinto Castelo Branco (Conselheiro João Franco), talvez o último grande vulto da Monarquia, em que se confiava como homem-providência. Pertencia ao Partido Regenerador, mas tinha um pensamento social liberal, próximo, até, dos programas socialistas, mas enérgico defensor da autoridade do Estado.

Em 13 de Fevereiro de 1896, ainda no governo Hintze, fez-se publicar uma lei que estabelecia as regras do julgamento sumário e se criava a pena de deportação dos autores de delitos contra a ordem. Esta lei odiosa ficaria a constituir um dos principais cavalos de batalha dos republicanos, que durante muitos anos reivindicaram a sua abolição.

Caído o Ministério Hintze, em 1897, foi formado um governo presidido por José Luciano de Castro, constituído por progressistas, que se manteve até 1900, ano em que os regeneradores voltaram ao poder, formando um governo que não incluía o homem forte do partido: João Franco.

Em 1901, dá-se então a cisão interna dos regeneradores, com a saída de João Franco e de cerca de 30 deputados, os quais em 1903 formaram o Centro Regenerador Liberal, novo partido liderado por João Franco. Também no Partido Progressista aconteceu em 1905, uma dissidência liderada por José Alpoim, Ministro da Justiça no Governo presidido por José Luciano.

Em Maio de 1906, deu-se a demissão do último Ministério regenerador, presidido por Hintze Ribeiro, *“O Ministério dos 58 dias”*, tantos quantos durou.

João Franco foi incumbido de formar governo, com um projecto anunciado como *“tolerante e liberal”* e em que se prometia a revogação da Lei de 13 de Fevereiro.

Acreditando que podia ultrapassar pela esquerda o movimento republicano, procede a uma profunda transformação do Estado e realizando reformas sociais de interesse operário que lhe atraíam o voto das camadas trabalhadoras. Anunciando que queria *“caçar no mesmo terreno”* dos republicanos, levou a que estes percebessem que o Franquismo representava um perigo para o seu partido, mobilizando todos os esforços para derrubar o Ministério, com a acção enérgica e notável dos deputados republicanos

António José de Almeida e Afonso Costa e grandes manifestações de rua, como o funeral de Heliodoro Salgado e uma greve académica que começou em Coimbra e rapidamente se estendeu a todo o País, incluindo os alunos das escolas secundárias. O governo mandou encerrar as Câmaras, dissolvendo o Parlamento. Iniciava-se a ditadura de João Franco, que provocou um enérgico movimento de repúdio e contestação, com violentas manifestações de rua, em que a Carbonária teve um papel relevante, severamente reprimido pelas forças policiais. A revolução republicana tomava corpo e os seus dirigentes foram presos (Afonso Costa, Egas Moniz, António José de Almeida, João Chagas, França Borges, etc.) e o governo preparou um decreto que autorizava a sua expulsão do País ou o degredo para as Colónias, que D. Carlos assinou, em Vila Viçosa, em 31 de Janeiro de 1908.

No dia seguinte, ao desembarcar em Lisboa com a Família Real, no momento em que ia a entrar na Rua do Arsenal, um popular aproximou-se e desfechou dois tiros que o mataram instantaneamente. Outro atirador alvejou o Príncipe D. Luís Filipe, atingindo-o também mortalmente. O Infante D. Manuel recebeu ferimento ligeiro. Consumava-se o Regicídio, que ocorreu num momento estratégico importante. Com o fracasso da tentativa de 28 de Janeiro, a fuga de José Alpoim e a prisão de todos os chefes republicanos, parecia que aquilo que se chamou “*o franquismo*” e que traduzia o pensamento político de D. Carlos, iria triunfar. No entanto, morto D. Carlos, João Franco desapareceu da cena política. Formou-se então um governo de coligação entre o Partido Regenerador e o Partido Progressista, presidido por uma personalidade independente. Para presidir a este Ministério foi escolhido o Almirante Ferreira do Amaral, com grande folha de serviços, que tinha abertas as portas do Paço, mas que dispunha de amigos entre os republicanos.

Entre o sector republicano, também se fizeram sentir e muito as consequências do regicídio. O acto partira da Carbonária, sociedade secreta republicana, não aceite pelo Directório do Partido, que no entanto, ficou claro, prestou um serviço à causa republicana, ao decidir a morte do Rei. Logo após o Regicídio, a Carbonária deixa de ser um pequeno movimento clandestino e terrorista e torna-se o grande motor popular da revolução e segundo o seu chefe, Luz de Almeida, no Outono de 1909, atingia 3 400 membros, disseminados por todo o País, tendo conseguido a adesão de figuras importantes como o Engenheiro António Maria da Silva e o Comissário Naval Machado dos Santos, contando com o apoio do Contra-Almirante Cândido dos Reis.

Em Abril de 1908, realizaram-se eleições de que resultou a quase completa desagregação do bloco franquista. Os antigos partidos recuperavam, no conjunto a posição maioritária, mas nenhum deles tinha a maioria absoluta. Ainda em 1908 os Regeneradores retiram a confiança política ao gabinete de Ferreira do Amaral, provocando a queda desse Ministério. Sucedem-se vários Ministérios: Campos Henriques (25 de Dezembro de 1908), Sousa Teles (11 de Abril de 1909), Venceslau Lima (14 de Maio de 1909), Veiga Beirão (22 de Dezembro de 1909) e Teixeira de Sousa (26 de Junho de 1910), indicando as datas referidas o início das suas funções.

A linha geral destes governos foi a prática de uma política liberal, anticlerical, condescendente perante as oposições.

A 5 de Outubro de 1910, caía a Monarquia e nascia a República.

Tornar-se-ia muito extenso e maçador para o leitor esmiuçar, num trabalho deste tipo, todas as querelas políticas relacionadas com a gestão autárquica e não só, que se desenvolveram no Sardoal, ao longo dos últimos 10 anos da Monarquia. Por isso, irei apenas desenvolver algumas situações que julgo poderem ilustrar, que neste, como em muitos outros campos, o Sardoal desde então pouco mudou. Se há 90 anos os interventores políticos tinham origens sociais bem definidas, hoje a situação não é muito diferente, ainda que os polos geradores se tenham deslocado em termos sociológicos, como adiante se verá. Em 1904, a luta político-partidária ainda se centrava muito intensamente no binário Regeneradores/Progressistas.

ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS EM 1904

Em Março ou Abril de 1904, deixou a presidência da Câmara Municipal Júlio Bivar Salgado, cuja obra não terá feito grande história, a fazer fé nos registos da época. Foi substituído pelo Sr. António Carvalho Tramela, importante comerciante no Sardoal. Bivar Salgado estava ligado ao Partido Regenerador e a Avelar Machado, enquanto Carvalho Tramela aparecia apoiado pelo Dr. Victor Mora, ligado ao Partido Progressista. Em termos de Imprensa Regional, principal fonte deste estudo, é evidente que o “JORNAL DE ABRANTES”, apoiava o Partido Regenerador e que o “ECHO DO TEJO”, apoiava o Partido Progressista.

No “JORNAL DE ABRANTES”, de 11/09/1904, a propósito de uma polémica em torno da Irmandade dos Passos, escrevia-se o seguinte:

“...Mas se o chico vai ficar, por algum tempo, em paz, às moscas, etc. e tal, o mesmo não acontecerá a uns parvajolas que tanto lustre estão dando a esta terra, desde que o Sr. Salgado deixou a presidência da Câmara. Aquilo por lá tem sido um gasto de dinheiro que se continua pelo escandaloso. Mudou-se, disparatadamente, sem manifesto proveito o Chafariz da Rua Bivar Salgado; não se fez o lavadouro, apesar de haver verba especial para ele, verba que já nem bem se sabe onde pára. Levantam-se estátuas ali para os lados da Baía, parece que mandadas erigir pelas leis da Física, como papagueava o Vereador Tramela. Limpou-se a canalização que conduz a água que abastece a Vila e para ficar alguma coisa mais limpa, a Câmara Tramela que, à saída do Sr. Salgado ficava sem dívidas e ainda com alguns contos de mil réis, tirou-se-lhe de tal modo as teias de aranha que chegou até a estar já sem dinheiro para pagar aos seus empregados - sem que os munícipes que cuidam de olhar a sério para estas bagatelas lhes fosse dado lobrigarem obras que justificassem tanto dinheiro desaparecido do cofre municipal! E, é para uma administração de Tramela e quejandos que todo o concelho faz o sacrifício de pagar mais 15%...

Fala-se que brevemente vai haver eleição camarária algo disputada e também se diz que um médico do partido pensa em arranjar Câmara à sua imagem e semelhança... Se outros motivos, que a seu tempo desfilarão, nos não levassem a crer que ele sairá bem tosquiado do cometimento, não seria o da ilegalidade de se constituir patrão de si mesmo que nos daria possibilidades de nunca o vermos e aos seus, sentados naquelas cadeiras celebradas pela honrosa passagem dos vereadores Serras e grupo Tramela, Chico da Silva, porquanto o vereador que actualmente faz de presidente, considerando que a caridade bem ordenada deve começar por nós, já se fez senhorio

de si mesmo, arrendando uma sua casa para habitação do mestre escola, por mais uns mil réis do que a antiga que o referido mestre habitava há uma dúzia de anos. Mas não há que ver; o mesmo resolveu agora sair da casca, sem recurso de Herodes e, por isso, pode o Tramela & Cia., ir fazendo das suas, que o Endireita-Espinhelas não tarda em fazer entrar nos eixos a safada troupe de que faz parte o homem da bota de cortiça. E deixa andar, corra o marfim!...

No “ECHO DO TEJO” de 2/10/1904, anunciam-se as movimentações para a apresentação de listas regeneradoras, num tom pejorativo. No mesmo jornal, em 16/10/1904, dá-se como certa a possibilidade de expulsar da Câmara a vereação regeneradora, nos seguintes termos:

“No Sardoal encaminham-se, também, as coisas para expulsar a Câmara e Vereação Regeneradora, que ali é cordialmente odiada pela péssima conduta administrativa. Não queremos hoje adiantar mais por serem prematuras outras considerações. O Sr. Avelar Machado escreve a toda a gente que lhe acuda. Mas encontra em cada um daqueles a quem se dirige um penedo mudo e quedo dos seus caprichos e em harmonia com os seus interesses! Já se vê que se enganou.”

Ainda no mesmo número daquele jornal, vem uma correspondência sobre as manobras eleitorais dos regeneradores, criticando uma local do “JORNAL DE ABRANTES” por fazer insinuações contra uma comissão composta pelos Srs. Dr. Victor Mora, António Tramela e Jacinto Milheiriço, por terem andado a pedir aos eleitores para não votarem em crianças, malucos maus e pescadores de empregos, à conta dos votos dos eleitores, referindo a dado passo:

“...E até o mandante que reina para dirigir a campanha vendo frustrados os seus intentos para fazer uma cilada igual à que fizeram há três anos, se retirou já, desanimado, alquebrado, além disso pelo efeito de uma citação - segundo é voz geral. A loucura destes sujeitos manifestava-se por todas as formas e vai até ao ponto de ameaçarem com o Sr. Avelar Machado¹, como se este senhor tivesse alguma coisa com a livre vontade dos eleitores para escolherem no seu concelho os indivíduos honrados e honestos mais competentes para bem administrar os seus dinheiros.”

Estes remoques vêm, aliás, na sequência de uma correspondência assinada com o pseudónimo ZIG ZAG, publicada no “JORNAL DE ABRANTES” de 9/10/1904. Para melhor os compreender, transcrevem-se algumas notas:

“...O Senhor Tramela que o ano passado dava em Câmara carradas de razão ao Sr. Victor Mora, quando ele censurava a Câmara, também não se lembra agora que ele

¹ AVELAR MACHADO (José Alves Pimenta de), militar ilustre e político, nasceu em Abrantes em 8 de Novembro de 1847 e morreu em Lisboa em 23 de Abril de 1909, com o posto de general de brigada.

Filiado no Partido Regenerador, foi eleito deputado pela primeira vez em 1881 e reeleito em 1884, 1898, 1899, etc.

Em 1901, foi elevado ao pariato.

está em semelhantes condições às do Dr. Felicíssimo, no ano passado e não contente com isso desce a acompanhá-los pelas aldeias, porque também lhe muito convém que seja eleita uma Câmara toda sua, para ele a fornecer do seu estabelecimento, esquecendo-se, como actualmente faz, que se os outros seus colegas no comércio, também pagam as suas contribuições. O outro indivíduo (N.R.-Jacinto Milheiriço) que acompanhou os Srs. Victor Mora e Tramela, é o boticário e como, por trocas e baldrocas, quasi todas as receitas que avia são feitas pelo Sr. Victor Mora, aí está a razão porque também se empenhou em aqui conservar este senhor, por muitos anos e bons. É tudo barriga e nada mais!...

Não queremos na Câmara nossa cá para o Sr. Victor poder belamente ganhar a dois carrinhos, o Sr. Boticário ter receitas para aviar e o Sr. Tramela poder sozinho fornecer a Câmara e gastar, fisicamente, o que a vocês custa a ganhar.”

Em 23/10/1904, uma correspondência com o título: *“O Sardoal navega às cegas”*, definia um conjunto de regras que ao seu autor pareciam definir as condições para a escolha dos homens públicos:

“A mais nobre regalia de um homem de bem-sustento dos povos e das nações, é a fidelidade ao dever. E quando se está revestido de autoridade, corromper ou sofismar os nossos deveres é uma profanação, é um sacrilégio. Há momentos em que o dever parece confundir-se com o interesse. Mas essa ideia é sobremaneira grosseira e não pode basear-se em actos dignos. Daqui resulta:

1.º - Devem estar à testa dos negócios públicos cidadãos de reconhecida dignidade e moralidade;

2.º - Os lugares de eleição não são hereditários, nem se conquistam por assalto;

3.º - Devem expulsar-se dos lugares públicos os enfatuados, que à força de se engrandecerem, caem no ridículo;

4.º - Aceitar a camaradagem de pedantes ou imbecis, cooperar com eles, é pertencer ao seu número;

5.º - Os favores recebidos não podem abafar a voz do dever, o grito da consciência, base do bem-estar social;

6.º - O bem de um povo, não pode depender de caprichos e inconstâncias daqueles que o dirigem.

Um Sardoalense”

As eleições devem ter-se realizado no primeiro domingo de Novembro de 1904 e os reflexos do acto eleitoral aparecem no “JORNAL DE ABRANTES” de 13 do mesmo mês, que se refere às Eleições no Sardoal, nos termos seguintes:

“Não foi só em Abrantes que a eleição tomou um carácter pessoal, tornando-se uma luta violenta entre os contendores. Em Sardoal aconteceu outro tanto. Aqui, porém, sem programa próprio, sem promessas de escola secundária, de luz eléctrica, de reformas de calçada que bem precisas seriam e até sem reforma do talho, que, afinal, está a pedir asseio, etc., etc. Portanto as baterias assentaram contra este cavalheiro. Isto de dizer que venceram os progressistas, é história. Eles sabem lá o que sejam progressistas ou regeneradores. O que querem é pagar menos. Isto a maioria. A minoria, o que pretende é ver-se livre do grupo Salgado. Conjugados e aproveitadinhos estes desejos, não foi difícil a vitória, conquanto exigisse muita propaganda.

Vamos, portanto, contar o que se passou:

O Digno Juiz da Comarca, nomeou em substituição do presidente da assembleia que foi eleito e a que se escusou, o Sr. Saldanha - nomeação que não agradou aos progressistas, berrata, o caso levado ao Governo e do Governador Civil e daí o aparecimento do Padre Mora, como delegado especial para presidir à assembleia.

Às oito e meia de domingo passado, notava-se já um movimento desusado de galopins dos dois grupos. Uns que vinham, outros que iam, um perfeito giro de alcatruzes na nora eleitoral. - Um pouco depois, aí vemos seguir sorrateiro, rua acima, o vice-presidente, sorteado, da assembleia, progressista de gema, fanático por José Luciano, até à medula do osso. Referimo-nos ao Sr. Francisco da Silva, um excelente cavalheiro e nosso amigo.

Uma vez na Igreja e logo que as 9 badaladas, repercutem pelos vales, ei-lo que toma a presidência, achando-se já presente a autoridade administrativa.

Propõe escrutinadores, secretários e suplentes e começou com os trabalhos. Eis senão quando chega o Sr. Saldanha, nomeado em substituição do Sr. Miguel Serrão e tenta presidir à assembleia, apresentando o competente ofício de nomeação. A autoridade não lhe

reconhece legitimidade, Saldanha insiste em ocupar a presidência e quer expulsar o vice-presidente.

Zaragata, altercação, uma vozearia dos demónios no templo de Deus. Vai então surge o Padre Mora, delegado especial do governo. - Justifica a sua qualidade, afasta os polemistas, toma o seu lugar e assume a presidência. Oh! Céus, que trovoadas!! A polícia prepara-se e a força militar, posta de prevenção, dispõe-se à primeira voz. - Não foi necessário.

A tempestade desencadeara-se num copo de água. Saldanha entrega-lhe a papelada. Em seguida o Dr. Mora convida Silva a tomar a presidência o que se cumpre. Constitui-se depois, regulamentarmente e legalmente a mesa com os Srs. Padre Silva Martins, Padre Alves Ferreira, Francisco Simões, Serafim Freitas e Blandino.

Prosseguem os trabalhos serenamente. De vez em quando lá vem um protesto. A seguir um contra-protesto. Lá fazem entrar o Salgado na ordem e ainda um cabo de polícia que se recusava a fazer serviço. Às três e meia, contavam-se as listas que, pelo adiantado da hora ficam guardadas e seladas, com sentinela à vista.

Na segunda-feira continuam os trabalhos, que ainda não acabam nesse dia, concluídos, afinal, na terça-feira, com uma maioria de 159 votos em favor dos oposicionistas. SAFA! - que íamos vendo jeitos de não acabar o escrutínio. À noite houve música, foguetes, vivório, vinho - o demónio!!

Saudou-se o Partido Progressista, deram-se vivas ao José Luciano, que quase ninguém conhece e poucos sabem que existe e foi uma vez o Partido Regenerador, no dizer das pessoas ilustres...

Esperem agora pelo baque, que há-de ser de arromba.

Rira bien qui rira le dernier. 10-11-1904”

No mesmo dia e no “ECHO DO TEJO” as eleições municipais no antigo círculo 89, eram também notícia:

“No Sardoal a derrota dos regeneradores foi completa. A lista governamental ganhou por 159 votos. Bastou só uma investida para deitar o colosso por terra. O escrutínio, neste concelho, só se completou na terça-feira e ganhou a lista governamental, por 159 votos.

Não se esperava, num baluarte regenerador de tantos anos, uma vitória tão assombrosa. Esta vitória estava assegurada mesmo com o Partido Regenerador no poder. Quando se começou a trabalhar na eleição ainda não se contava com a subida ao poder do Partido Progressista.

São de rasgados elogios os nossos amigos do Sardoal: Dr. Victor Mora, Padre Silva Martins, Pedro Nogueira, Padre Dias, Jacinto Milheiriço, Tramela e todos aqueles que tão entusiasticamente auxiliaram a eleição, para vencer o colosso regenerador, há muito desacreditado e agora derrubado de vez.

Depois da eleição a Música percorreu as ruas, soltando vivas aos influentes locais e direcção do nosso partido, etc. À noite realizou-se um jantar em casa do Sr. Victor Mora, assistindo todos os novos vereadores e muitos amigos pessoais e políticos daquele distinto médico. A Sociedade Fraternidade Sardoalense tocou durante o jantar, várias peças do seu magnífico reportório. Ao ‘toast’ foram levantados, além de outros, os seguintes brindes: Do delegado especial do governo, o Sr. Cónego João Henrique de Sequeira Mora, aos Srs. Conselheiros José Luciano da Costa e Barata Teixoso, ilustre governador civil do distrito, do Sr. Victor Mora ao Partido Progressista, do Sr. Francisco Augusto Simões, à extremosa mãe do Sr. Cónego Mora, do mesmo Sr., do Dr. Manuel Martins e do Senhor H. Dias Ferreira, à nova Câmara.

Durante o jantar foram recebidos pelo Sr. Cónego Mora e Administrador do Concelho, dois telegramas do Sr. Barata Teixoso.

Os Avelaristas não saem de casa envergonhados com a formidável derrota. Viva o Partido Progressista!”

Ainda no mesmo jornal e no mesmo dia, sob o título: “Ainda a eleição do Sardoal”:

“Num artigo sob a epígrafe ‘As eleições municipais’, diz “A TARDE” de quinta-feira última o seguinte: - Mas para o Sardoal, mandaram um Cónego de Lisboa, com poderes discricionários, o qual Cónego prendeu o Presidente da Mesa, que era tão bom sujeito e que havia sido nomeado pelo Juiz da Comarca! Mais adiante diz que a eleição do Sardoal foi roubada. ‘A TARDE’ falta à verdade ou então está mal-informada por algum Avelar Machado, Saldanha ou José Alexandre. Só assim se explica a inexactidão com que ‘A TARDE’ vem dizer o que não se passou.

É falso que o presidente da mesa fosse preso, como é falso que a eleição fosse roubada. O que 'A TARDE' deveria averiguar é da legalidade com que foi nomeado o tal presidente que se diz ter sido preso.

No sorteio a que se procedeu na penúltima quinta-feira, no Tribunal desta Comarca, foram sorteados para presidir à assembleia os seguintes cavalheiros: Miguel Serrão, efectivo e Francisco da Silva, suplente.

Ora o Sr. Miguel Serrão pediu escusa por motivo de doença, mas sabem o que o digno Juiz da Comarca deliberou a este respeito?... Nomeou o Sr. Francisco Saldanha para aquele lugar!...

Aqui é que está a ilegalidade da nomeação que o próprio Juiz Sr. Dr. Alcântara, reconheceu depois. O indivíduo nomeado nunca podia, nem devia ir para o lugar de presidente, como, expressamente, está exarado na Lei Eleitoral.

Para que o Sr. Saldanha pudesse assumir a presidência era necessário que o efectivo e o suplente tivessem pedido e obtido a escusa - Lei Eleitoral, art.º 45.º - parágrafo 8.º. E se assim não é, então o suplente da mesa de S. Vicente assumiu indevidamente a presidência da mesa que cabia ao Sr. José Alves Ferreira de Moura.

O que o delegado especial fez na assembleia de Sardeal foi convidar o Sr. Saldanha a retirar-se da presidência da mesa, ao que ele acedeu prontamente. (...)

A propósito de 'A TARDE' dizer que a eleição foi roubada apelamos para o proposto Sr. Saldanha e para a sua gente! Tiveram eles toda a liberdade, o que certamente não aconteceria se estivesse no poder o Partido Regenerador. Não se exerceu a mais pequena violência. O que os homens não podem tolerar é que a urna falasse tão claro, escorraçando para fora da Administração Municipal aqueles que só têm abusado do povo, esbanjando o que ele paga à custa do seu suor. Esta é a verdade que os informadores de 'A TARDE' não podem contestar. Mas a lágrima é livre..."

'ECHO DO TEJO' - 20/11/1904 - Professor ajudante do Sardeal.

"Terminou no dia 10 o prazo para o provimento deste lugar. São vários os concorrentes e um deles apregoa aos quatro ventos que há-de ser nomeado.

Pensa, pelos modos, que isto de ser nomeado um professor primário é assoprar a trompa na música regeneradora. Já passaram esses tempos. Salgados, Avelares e Saldanhas, são chão que já deram vinha. E se o tempo não é mestre!...

Correspondência

Venho hoje à imprensa, não movido por paixões políticas, mas sim por amor à terra que me foi berço.

Há três anos que este concelho tem à frente do município, um menino chamado Salgado que todo o concelho odeia pelas criancices que dia a dia vai praticando. Um dia, o menino andando a brincar com o arco junto ao Café Chimpanzé, lembrou-se que havia de ir para presidente da Câmara e acto contínuo foi dizer ao papá qual era o seus desejo. O papá que se esforçou por satisfazer a vontade ao menino acedeu ao pedido. Nas próximas eleições, propôs-se a elegê-lo mas vendo que o povo não estava pelos ajustes, tratou de o impingir como vereador, com farda de presidente envolta num véu. E sabem como?

Elegeu uma Câmara em que o Sr. Saldanha era o presidente e o menino o vice-presidente. O papá que a esse tempo era administrador pediu licença e o Sr. Saldanha passou a ocupar aquele lugar. Foi então que o menino rasgou o véu e ei-lo com a farda de presidente. Querem maior insulto ao Concelho, que havia pouco tempo, se tinha oposto a que ele fosse presidente? Sentado na presidência, lugar para que ele não tinha competência, pois ali não se tratava de ensinar cavalos, nem realizar conquistas amorosas, mas sim de zelar pelo interesse do povo. Julgou o menino que deveria fazer o que lhe aprouvesse, não se elabrando, que o povo lhe pedia contas do que tinha feito.

Ainda não se tinha passado a eleição, quando o menino procurou o Sr. Saldanha para formar uma nova Câmara, dizendo-lhe que não deviam entrar na lista os Srs. Tramela, Silva e Serras... E sabem porquê?

Por eles não quererem ser cúmplices nos seus erros, visto terem sido eleitos para zelar os interesses do povo e não para satisfazer os caprichos do menino. Foi então que o Sr. Victor Mora, Ver.^o Silva Martins, Milheiro, Nogueira, Tramela e outros, se propuseram escorraçar da Câmara esse menino que tão grande insulto queria lançar aos vereadores honestos. Era tal a indignação contra ele, que logo receberam adesões de todos os pontos do Concelho. Ao mesmo tempo, o Sr. Saldanha procurava várias pessoas para irem para a Câmara, junto com a criançinha, mas todos lhe responderam que não estavam para aturar as suas birras.

Foi então que o Sr. Avelar Machado escreveu a vários amigos para ver se o salvavam. Apareceram logo em seu auxílio, os Srs. Ferraz, José Alexandre e Dr. Felicíssimo, mas a causa que eles defendiam era tão injusta, que não conseguiram levantar o criançola do nível em que jaz e nunca conseguirá sair.

O que estes senhores deveriam ter feito era aplicar-lhe meia dúzia de palmatoadas e mandá-lo brincar com o arco, por bem saber que só alguns especialistas é que o poderiam salvar daquele ataque.

Enquanto isto não passava, a indignação aumentava, até que chegou o dia das eleições e o povo para mostrar que não estava pronto a aturá-lo, escorraçou-o da Câmara, dando-lhe uma derrota formidável. E era uma vez um menino Júlio que brincava com arcos, etc. - Sabem qual foi o resultado do Sr. Avelar Machado vir em auxílio da criançola? Foi a Comissão que até aqui se tinha conservado independente, declarar-se progressista e a este movimento aderiu também o Rev.^o Cónego Mora, cavalheiro que goza de gerais simpatias neste concelho e em Santarém, onde tem a sua residência. Perguntamos nós: - O que diz a isto o menino Júlio? Aqui tem o resultado de o seu pai o querer impôr neste concelho para presidente da câmara!... Por causa da criança, a política do Sr. Avelar Machado fica reduzida a dois homens que nunca serão capazes de vencer uma eleição. “

A nova Câmara tomou posse no dia 2 de Janeiro de 1905 e o acto de posse é assim descrito pelo correspondente do “DIÁRIO DE NOTÍCIAS”:

“Pelos 10 horas da manhã de hoje, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, foi dada a posse da nova Câmara, pelo digno Administrador do Concelho Sr. Dr. Manuel Teles Feio, Câmara que há-de funcionar no triénio 1905-1907, ficando eleitos, para Presidente Padre Silva Martins, Vice-Presidente António Carvalho Tramela, Vereadores Padre Francisco Alves Ferreira, Francisco Silva e Jacinto Dias Milheiro.

O acto foi extraordinariamente concorrido, subindo nessa ocasião ao ar muitos foguetes, executando a velha Filarmónica Sardoalense (a do Carapau), o hino da Carta Constitucional.

Em seguida ao acto de posse dirigiram-se em cortejo, a Câmara e todos os assistentes para a Igreja Matriz, onde se realizou um solene Te-Deum que foi abrilhantado pelos Srs. Padres Sabino Paulino Pereira e José Maria dos Santos, cantores do Seminário de Santarém e Faustino Lopes e Cândido Leinger, também cantores, desta Vila.

Terminado o Te-Deum, dirigiu-se o cortejo para casa dos Srs. Mora, onde pelo Presidente da Câmara foi oferecido um opulento Copo de Água, em que tomaram parte os mais nobres filhos do Sardoal: Dr. João Serras e Silva, digno Lente da Faculdade de Medicina de Coimbra; Dr. João Henrique de Sequeira Mora, Cónego da Sé de Lisboa e ilustrado professor do Seminário de Santarém, João Serras da Conceição, Major do Exército e que consta será proposto nas próximas eleições ou por este círculo ou pelo de Leiria, Dr. Victor Mora, digno Lente de Farmácia e Médico Municipal deste Concelho, por quem muito tem trabalhado, em especial para o bom êxito do resultado da nova Câmara, Padre José Dinis, Silvério Carvalho Trameia, Fernandes Agudo, Pedro Barneto Nogueira, Padre João dos Santos, José Dias Conde, Anacleto Martins Bexiga, Faustino Lopes, Inácio Maria Xavier de Oliveira, António Henriques da Silva, Américo Lopes de Andrade e de muitos influentes do Partido Progressista das aldeias circunvizinhas.

Houve vários discursos e entre eles merece especializar os do Sr. Dr. Serras e Silva, Victor Mora, Manuel Teles Feio, Major Serras e Conceição e Padre Silva Martins, que foram muito aplaudidos, pelas suas eloquentes frases imbuídas de amor pela sua Terra Natal, por quem estão prontos a trabalhar de alma e coração. Bem-haja que ainda o Sardoal possua filhos que desejam enobrecê-lo. Levantaram-se vários vivas ao Concelho de Sardoal, nova Câmara, Família Mora, Família Serras e Silva. Não há memória que no Sardoal, pela posse de uma nova Câmara se realizassem manifestações tão patrióticas.

A velha Filarmónica Sardoalense que abrilhantou toda esta íntima e deveras simpática festa, foi à noite cumprimentar os novos vereadores.

Esperamos que o Partido Progressista saiba cumprir a missão que lhe acaba de ser confiada, levantando o Concelho do letargo em que há muitos anos se encontra, pois tem a seu lado homens de valor, filhos desta terra e temos as nossas fundadas esperanças de que há-de trabalhar nesse sentido."

A esta festa pública, dizia o "ECHO DO TEJO":

"Há mais de 20 anos que a política do Sardoal estava decadente e nas mãos de quem não sabia dirigir em harmonia com as necessidades dos munícipes: Há mais de 20 anos que as coisas corriam de mal a pior e tão mal, que o concelho vendo já perto a sua ruína, o seu desfalecimento, levantou o grito de alarme protestando energicamente contra a política perniciosa que o dirigia e o protesto foi tão eficaz que fez vingar uma Câmara nova que nós admiramos pelas qualidades que a recomendam e que saberá muito bem levantar o Município do caos em que há muitos anos jazia.

Depois da posse, o Presidente, fez a apresentação da nova Câmara aos seus muitos amigos e agradeceu a sua eleição, como a dos seus colegas, prometendo envidar todos

os esforços, tanto quanto é capaz, para governar bem o concelho, sendo no fim, muito cumprimentado.

Na Igreja Matriz houve Te-Deum com grande assistência de todos os políticos da terra e em casa dos Srs. Moras houve um abundante copo de água, havendo muitos discursos políticos e brindes políticos e pessoais.

À noite Suas Ex.^{as}, ofereceram um lauto jantar a que assistiram muitos amigos de Sua Ex.^a, havendo no fim um sarau musical a que assistiram todos os políticos progressistas que se encontram nesta Vila.

Tocaram piano a Exm.^a S.r^a D. Prudência Serras e Silva e o Padre Sabino Paulino Pereira, que foram muito aclamados.

A filarmónica progressista (a do Carapau) acompanhou todos estes actos e subiram ao ar muitas girândolas de foguetes.

O que dirão os outros agora!???"

PENDÊNCIA DE HONRA

UM EPISÓDIO ILUSTRATIVO DO CLIMA POLÍTICO QUE SE VIVIA NO SARDOAL NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX

SITUAÇÃO RELATADA PELA IMPRENSA REGIONAL

Em 24 de Agosto de 1902, o “ECHO DO TEJO”, em correspondência do Sardeal, dá conta da geral satisfação de todo o Concelho, pela nomeação, na última sessão da Câmara, do Dr. Victor Mora, como facultativo municipal.

Sobre o mesmo assunto, também o “JORNAL DE ABRANTES”, publicava em 7 de Setembro de 1902, uma notícia, que transcrevo na íntegra:

“DR. VICTOR MORA

Acaba de ser provido no partido médico do Sardeal, o Sr. Dr. Victor Ayres de Sequeira Mora, natural daquela Vila e único concorrente ao aludido partido. A Câmara andou acertadamente sancionando aquela nomeação, não só por o nomeado ser filho daquela terra, mas também por ser um médico distinto. Dirigindo ao Sr. Dr. Mora as nossas felicitações, felicitamos, também, a Câmara e todo o povo Sardealense.”

Ainda em 31 de Agosto de 1902, torna-se claro, por uma notícia publicada no “ECHO DO TEJO”, que as coisas não iam bem entre os dois facultativos municipais, Dr. João Felicíssimo e Dr. Victor Mora:

“Sucedeu o que prevíamos.

Apesar das ameaças do Dr. Felicíssimo à Câmara e ao próprio médico que últimamente concorreu ao partido médico do Sardeal, a simpatia, o saber do Dr. Victor Mora, impuseram-se e venceram.

Não queria ele, o Dr. Felicíssimo, um médico tão distinto que o incomodasse, que trouxesse ao povo a regalia de lhe repelir os serviços clínicos, como em breve há-de suceder. Enganou-se! As qualidades que exornam o Sr. Dr. Mora, a estima que a este médico tão distinto e bondoso, tem radicado em todos os sardealenses, são de tal modo intensas, que ficaram vencedoras, apesar da vontade íntima da Câmara, em contrário.

À Câmara, subjugada pelos factos, curvou-se a cerviz sem remédio.

Bem sabia ela que a preterição do Dr. Mora, seria a sua morte irremediável, porque o concelho do Sardeal se levantaria em peso, se ela se praticasse.

De nada valeram, pois, as ameaças quixotescas e ridículas do Dr. Felicíssimo que teve também de curvar o pescoço ao cutelo que ele a si próprio armou. A este cutelo que agora começou por dar apenas um golpe na filância há-de repartir-se, certamente a ponto de inutilizar-se-lhe, por completo, os pruridos da supremacia que o animaram.

Basta conhecer a bondade, a gentileza, o carinho, a ciência, já hoje proverbiais do Sr. Dr. Mora e contrapô-las ao azedume, ao orgulho, ao desdém, à fatuidade grotesca do Sr. Dr. Felicíssimo, para imediatamente se tirar a conclusão clara do que, aquele se queria impôr e aspirava ao mando supremo do Concelho, é um beco sem saída, é um homem lançado às ondas. Não há hoje no concelho de Sardoal, duas opiniões que neste ponto divirjam. O Sr. Dr. Felicíssimo apoiou-se demasiado nas suas asas, pegadas com cêra e qual Ícaro, quis voar ao sol, com pressa demasiada, não se lembrando que lhe se podia derreter a goma e cair estatelado em terra.

Pois aí tem o resultado. E a paga do orgulho e vaidade que exornam aqueles que nada têm que possa explicar semelhantes vícios.

E não pensem os leitores que nos move, nestas considerações ligeiras o mais leve intuito. Se lhe dissermos que não conhecemos o Sr. Dr. Victor Mora, não conhecemos nem nunca tivemos a honra de o ver.

Em compensação, porém, conhecemos as suas acções e a nobreza de sentimentos que nos encantam e que contrastam, sobremaneira, com as do Dr. Felicíssimo, que tão bem conhecemos, como todos conhecem. Eis, pois, o que nos leva a fazer esta desinteressada e independente apreciação.

Estamos empenhados em dar a cada um o que merece e a guiar o povo desta região no caminho que ainda se pode abrir.

Felicitemos, por isto, o Sr. Dr. Victor Mora e mais do que ele o povo do Sardoal, que vai ver preenchida uma lacuna que, dia para dia, se tornava mais manifesta e incómoda.”

E em 14 de Setembro, como título “BOATOS E NOTÍCIAS”, voltava à carga o “ECHO DO TEJO”:

“Pobre Dr. Felicíssimo! Quando o cão é danado, todos lhe atiram. Nada mais certo. E no caso presente, até os da casa.

A propósito da nomeação do Sr. Dr. Victor Mora diz o órgão versicolor (Jornal de Abrantes): - “Dirigindo ao Dr. Mora as nossas felicitações, felicitamos também a Câmara e todo o povo do Sardoal.” - o que trocado em miúdos quer dizer nem menos do que há dias escrevemos a propósito da referida nomeação, isto é, que a carência naquele concelho de um médico afável, pronto e desinteressado se fazia, ali, muito sentida. - Pois lavre duas à preta o órgão cor de jumento quando foge. - Nem a força do cachimbo teve força, desta vez, para torcer. Nem sempre se há-ser João Fernandes!...”

Voltando ao assunto em 28 de Setembro...

“AFLIÇÕES DE UM MÉDICO”

O Sr. João Felicíssimo, médico municipal do concelho do Sardoal, médico da freguesia do Souto, pago pelos cofres da Câmara Municipal de Abrantes, sub-delegado de saúde do concelho de Sardoal, facultativo de um lugar próximo do Sardoal, de que recebe um partido pecuniário e clínico do hospital da Misericórdia da mesma Vila, escreve-nos a pedir a publicação de três cartas, com vista a libertar-se do que afirmámos em o nº 82 do ECHO DO TEJO, em uma local intitulada “Dr. Mora”. Eis as suas cartas:

Sardoal, 18 de Setembro de 1902

Senhor.

Tendo enviado cartas ao Exm^o colega Victor Mora e cavalheiros que compõem a Câmara Municipal deste Concelho sobre umas afirmações feitas numa local inserta no ECHO DO TEJO, de 31 de Agosto, pedia a V.Ex^a, em homenagem à verdade e usando de uma faculdade que a Lei de Imprensa me concede, publicasse as respectivas respostas que lhe envio. De V.Ex^a. - João Felicíssimo

1^a CARTA:

Acuso recebida a carta de V.Ex^a, em referência a uma local publicada no ECHO DO TEJO de 31, p.p. .

Quanto às minhas ameaças, de que fala a sobredita local sobre V.Ex^a., pede o meu testemunho. Deverá distinguir as pessoais das indirectas. Com relação às primeiras, só quem me não conhece poderá acreditar na existência dela e pelo que respeita à segundas, propalou-se muita coisa atribuída a V.Ex^a a que não dei importância por carecer de autenticidade.

C. de V.Ex^a. -16 de Setembro de 1902

Victor Henriques Ayres Mora (segue reconhecimento)

2^a CARTA:

Sardoal, 8-9-902

Em resposta à carta de V.Ex^a, temos a declarar que nem mesmo indirectamente nos consta que V.Ex^a tenha censurado o nosso procedimento referente ao provimento do Sr. Dr. Victor Mora para médico deste partdo. Pode V.Ex^a dar publicidade a esta carta para assim se desafrontar.

Assinamos com toda a consideração de V.Ex^a.

Júlio Bivar Salgado, António Carvalho Tramela, Serafim Jorge, Joaquim Serras.

(Segue reconhecimento)

Seguem as considerações do redactor do ECHO DO TEJO:

“A segunda carta, a do Sr. Dr. Mora, que nem sequer conhecemos, senão por tradição, revela bem pelas entrelinhas o que sente pelo Senhor João Felicíssimo. Delicado e atencioso o Sr. Victor Mora, apesar de tudo, quis ainda salvar o seu colega, sabendo e sentindo bem que ele o não merecia.

Aquela frase do Sr. Victor Mora: “Propalou-se muito como atribuída a V.Ex^a, a que não dei importância”, contorna na perfeição um espírito generoso que se coloca superior à mesquinhez dos processos usados pelo seu adversário e traduz, mais expressivamente do que se for vazado noutros moldes, a verdade dos factos que aqui narrámos.

Quanto à segunda carta, firmada pelo Presidente da Câmara e restante vereação da Câmara do Sardoal, é mais uma meninice da criança que está à testa daquele concelho..

- O Sr. Bivar Salgado podia arranjar para seu filho uma ama que o desmamasse com mais perícia e menos encargos para os povos que lhe aturam as birras “d’enfant gaté”.

Esta de uma Câmara vir a público dar contas do que sente e do que consta por meio de carta familiar é uma rapaziada como tantas outras que o adolescente siso do Sr. Salgado costuma operar sem dar por isso.

Mas demos de barato que a carta provém de um cérebro com as suas circunvalações já feitas: Ainda assim não podia opôr, ao que corre como certo que levasse a vera efigie do Sr. Felicíssimo.

Não dissemos que a Câmara não tinha vontade de nomear o Sr. Mora e que nesse mesmo sentido tinha o Felicíssimo exercido pressão. Fomos no que então escrevemos com a opinião corrente, ainda hoje, no Sardeal.

*Nenhuma das cartas desmente a nossa asserção, como é, pois a Câmara quer demonstrar a importância das nossas palavras, afirmando que **“nem mesmo indirectamente lhe consta que o Sr. Felicíssimo tenha censurado o seu procedimento referente ao provimento do Dr. Mora”***

Não nos custa muito a crer que este jogo de disparates, seja mais uma manifestação da criança mal amadurecida do Presidente da Câmara. De resto, há formas humanas de roupas de uso, que só ouvem quando lhe puxam um cordel e curam os ouvidos, quando lhe manejam do lado oposto.

Isto sem ofensa, bem entendidos! Nós não queremos ofender o menino Júlio Salgado, nem ele o merece. O mais que ele precisava era que lhe tirassem por três dias o arco com que se costuma divertir no quintal da titi ou, então, mandá-lo de castigo olhar para um canto da casa, uma hora seguida, com umas orelhas de papel postadas nos pavilhões auriculares.

Agora, se repetir a maldade, então o papá que lhe arrume três bolos em cada mão, ou que lhe ponha pimenta na língua para se lembrar, de futuro, o respeito que deve à Corporação que infelizmente tem nas unhas.

E desta arte satisfazem os desejos de todos; de bebês salé e seus acólitos e os do Dr. felicíssimo, por ver passageiramente terminadas as suas aflições de criatura ofuscada pela penumbra que sobre eles projecta o seu Exm^o Colega (como ele o trata), o Sr. Dr. Victor Mora.

Por que é que o Sr. Dr. Felicíssimo não nos mandou a carta escrita pelo punho do Presidente da Câmara e nos enviou uma carta escrita por uma terceira pessoa? Desejamos possuir essa bela relíquia - o melhor diploma que um Presidente da Câmara podia gerar.”

Depois de passado quase um ano sem que aparecessem notícias desta rivalidade clínico-partidária, eis que surge uma nova notícia no ECHO DO TEJO, em 2 de Agosto de 1903, intitulada: **“NOVO ESCÂNDALO NO SARDOAL”**:

“Oçam! O Físico das bandas do Sardeal, Sr. Felicíssimo, foi nomeado por influência da família para Ponte de Sôr. Pediu por isso a exoneração do Sardeal, o que era de lei. O que não é, porém, de lei é que nessa petição solicitasse à Câmara a que preside um bebé, que esta deixasse ficar como interino o demissionário facultativo, até Outubro. Pois o menino presidente e demais vereadores deixaram que se fizesse a vontade ao físico pedinchão. E aí têm os povos desta região para que serve o Código Administrativo em mãos donzéis a quem o Sr. Avelar Machado puxa os cordéis. O pior - e com este barbacacho não contavam eles - é que o Sr. Dr. Victor Mora, facultativo municipal do mesmo concelho, levantou o seu protesto, reclamando justiça, no que andou

correctamente, porquanto é a ele que compete ficar em substituição do Dr. Felicíssimo que, pelos modos, quer curar doentes à distância na Ponte de Sôr e tratar de galinhas ao pé da porta no Sardoal, recebendo por estes dois importantes serviços da sua lavra a espórtulas das duas Câmaras. Bem bom, não acham? A inteligente criança que preside aos negócios municipais do concelho do Sardoal continua dando bom burro ao dízimo, ao mesmo tempo que está dando uma óptima lição aos seus eleitores! Quem dorme, dorme-lhe a fazenda - quem se alheia na época própria dos negócios públicos, que por serem públicos interessam a todos, alheia-se igualmente dos seus interesses que andam em bolandas pelas mãos dos **“les petit’s enfant’s”** desmamados ontem. A administração por estas regiões é isto que se vê. Nem pode ser outra coisa nas mãos dos **“mignons”** do Bayard abrantino, benemérito célebre da sabedoria e mais partes a que o correspondente de Rio de Moinhos, lhe encontra. Quando é que o povo terá os olhos abertos para não deixar levar o milho pelos pardais? Queremos crer que algum tanto temos concorrido para lh’os abrir. Agora se eles teimarem em os fechar, isso é com eles e mais as suas algibeiras...”

Em 9 de Agosto de 1903, volta à carga o ECHO DO TEJO:

“O ESCÂNDALO DO SARDOAL”

“Demos aqui no último número uma ideia pálida do que se está passando na Câmara do Sardoal, a quem preside um menino de fatinho curto. Foi já muito o que dissemos e as irregularidades que apontámos eram mais que bastantes para dissolver aquela Câmara de cabeça infantil. Pois há ainda mais e melhor como se vai ver. Procurou-nos um nosso estimado amigo daquela vila para nos esclarecer o modo por que as coisas estão passando. Facultou-nos a reclamação escrita do Sr. Victor Mora, conceituadíssimo médico municipal, contra a decisão ilegal da Câmara e ela só por si, fala bem alto, para que os Srs. vereadores a oiçam, se o menino presidente teimar em ser surdo por dentro e por fora.

É deste teor a reclamação apresentada pelo Sr. Dr. Mora:

‘Victor Henriques Ayres Mora, facultativo municipal deste concelho, sabendo que sua Ex^a Sr. Dr. João Felicíssimo pediu a sua demissão de facultativo municipal que a Câmara deliberou deferir nos termos requeridos, ficou contudo o requerente sujeito aos serviços clínicos deste município, com os respectivos vencimentos, até que se ache legalmente substituído!!! Vem por este meio protestar contra a última parte da deliberação que se pretende dar-lhe a interpretação do parágrafo 3º do nº 6 do artº 125º do Código Administrativo e o parágrafo 3º do Regulamento de Saúde, hajam decorrido vinte dias e tal sem que nada me tenha sido participado para fazer a substituição.

Devo ainda ponderar que tendo o Exmº Sr. Felicíssimo pedido simplesmente a demissão, nem nomeá-lo substituto de si mesmo (o que seria irrisório) ou interino, pois se ele quisesse estar ao serviço não pedia a demissão; além de que o pouco serviço actual do concelho não reclama clínico extraordinário, nem imposições injustificáveis e sua Ex^a, a Câmara, que deve ser administrada escrupulosa e economicamente dos réditos municipais, perde uma boa ocasião de ficar em cofre com os respectivos vencimentos, visto a substituição do facultativo demissionário pelo outro facultativo do partido, até que a vaga sejaa, legalmente, preenchida, ser gratuito, como se

depreende do parágrafo 1º do nº 6 do artº 125º do Código Administrativo e parágrafo 1º do artº 70º do Regulamento de Saúde e Portaria de 6 de Novembro de 1866, que permite às Câmaras a votação de uma gratificação extraordinária e provisória ao médico cirurgião do partido, em compensação do maior serviço, quando havendo dois partidos e um deles se ache vago.

Em vista do exposto e da legislação citada, reclama o suplicante contra a deliberação aludida, de V.Exª., por ser ofensiva da Lei e dos seus direitos e requer a V.Exª., se digne anulá-la.

30 de Julho de 1903 E.R.Me

Victor Henriques Ayres Mora

Daqui saltam três conclusões graves, para que pedimos atenções do povo do Sardeal.

PRIMEIRA: A desconsideração manifesta que, pelo seu posto, pelo seu saber e pelos seus serviços, é altamente digno de consideração de todos os munícipes e não pode, por isso, deixar de o ser da Câmara que os representa!

SEGUNDA: Sendo ilegal e arbitrária a nomeação interina do Sr. Felicíssimo para o lugar de que ele pediu escusa e sendo irrisório a crance de nomear substituto de si mesmo, o Sr. Felicíssimo está a perceber um ordenado que não lhe compete e que o Código Administrativo bem claramente repõe aos culpados que a isso deram causa.

TERCEIRA: A Câmara Municipal do Sardeal está esbanjando os dinheiros públicos em favor do seu apadrinhado, o que lhe não nem pelas leis da moral, nem pelas leis civis.

A gravidade destes pontos é tão manifesta que bastava um lampejo de bom senso para os resolver em harmonia com as alegações justas do Sr. Dr. Victor Mora.

Mas para isso era necessário que o senso fosse de um homem feito e não de um homem “per jocum”. E a prova de que neste negócio anda meninice e inconsciência de mão cheia, está em que na penúltima sessão o galante presidente propôs que ficasse para 2ª leitura o requerimento.

Na última sessão, da quinta-feira passada, porém, discutiram-se os direitos do Sr. Dr. Victor Mora, havendo dois vereadores favoráveis à justiça que assiste a este facultativo e dois contrários, entrando no número destes o infante menino. Nada se resolveu, portanto. Ora é necessário aclarar o mistério que também anda pela adolescência de um rapazelho. -Oçam:

O Sr. Felicíssimo, rancoroso médico de que os sardealenses se viram quites, jurou aos deuses que nunca o seu colega Sr. Dr. Victor Mora, seria nomeado Subdelegado de Saúde do Concelho do Sardeal, como de direito lhe pertence.

Em harmonia com os seus febris e, portanto, doentios desejos, agarra-se aos amigos, como ostra à rocha, para que seja selada a sua saída do Sardeal, com esta vingança que sobejamente classifica. E daí indromina que se tece de harmonia com o pai do donzel.

Ora fica esclarecido de que a questão para os Srs. Vereadores, homens de idade amadurecida, procedem de ânimo recto e justo neste pleito. Vai nisso o brilho dos seus

nomes, o sossego das suas pessoas e até a integridade futura das suas algibeiras pessoais. As birras da criança interessante que os domina, pode levá-los ao abismo; e ao menino e nobre presidente, a continuar no caminho das esperanças que vai dando, poder-se-lhe-ão aplicar as célebres palavras de Anchises: **“Tu, marcellus, eres”**.

Em 16 de Agosto de 1903, publicava o “JORNAL DE ABRANTES”, com o título “PENDÊNCIA DE HONRA”, a seguinte nota:

“Dum nosso amigo do Sardeal, recebemos a seguinte carta explicativa duma outra que também segue, na qual se trata de uma pendência de honra.

Meu prezado Amigo.

Se eu hoje pretendesse relatar-lhe tudo quanto de há uns dias a esta parte aqui se tem passado de pouco edificante, fazia-se mister encher muitos linguados de papel. A Câmara deste concelho está dando assunto como nunca, digno de ir correr mundo em letra redonda.

Muito especialmente, vou contar-lhe o já se me antolha indispensável para esclarecimento da carta inclusa, que rogo publique no seu muito lido jornal. Tendo, ultimamente, o Sr. Dr. João Felicíssimo pedido a exoneração de médico deste concelho, concedeu-lha com mágoa a Câmara, sob condição do distinto médico ficar ao serviço, até a vaga ser preenchida.

Viu nesta resolução da Câmara, porém, o Dr. Victor Mora uma desconsideração à sua pessoa, como podia ser outra coisa qualquer, e, por isso, não só apresentou à Câmara o seu protesto, como se permitiu insultar num estabelecimento desta Vila, o digno Presidente da Câmara Sr. Júlio Bivar Xavier Salgado.

Este julgando-se, injustamente, ofendido na sua dignidade, encarregou os Srs. José Alexandre David Pinto Serrão e Dr. Eusébio Tamagnini de procurar o Sr. Dr. Victor Mora, a fim de lhe proporem por parte daquele senhor, uma reparação pelas armas. O Dr. Victor Mora aceitou, mas depois decorrem 48 hora - mais tempo do que a praxe marca para estes casos tais - sem que testemunhas algumas, por parte do Dr. Victor Mora procurassem as do Sr. Salgado. Concluíram estas que o Sr. Mora faltava sem cerimónia ao que prometera e viram-se por isto na colisão de enviarem ao seu constituinte a carta que lhe remeto, desobrigando-se, assim, do seu mandato e dando a honrosa satisfação ao Sr. Salgado.

Permita-me, meu Amigo, que eu hoje fique por aqui, prometendo já, contudo, brevemente vir gastar mais duas penadas, com este e outros assuntos, se isto não for desagradável, como creio.

Segue a carta:

Ilustríssimo e Excelentíssimo

Júlio Bivar Xavier Salgado e nosso prezadíssimo amigo.

Cumprindo o mandato que V.Ex^a nos cometeu por carta de 8 do corrente, procurámos em sua casa, no dia 9, pela uma hora da tarde, o Sr. Victor Henriques Ayres Mora, de quem V.Ex^a se acha agravado, a quem solicitámos a intervenção de duas pessoas da sua confiança para conjuntamente connosco, discutirem as condições em que deveria ter lugar a pendência de honra, por nós proposta ao referido senhor em nome de V.Ex^a.

- Ficou assente que seríamos procurados por dois cavalheiros para se liquidar, briosa e dignamente, esta pendência.

Como, porém, já há muito tenha terminado o prazo que a etiqueta concede para se aguardarem resoluções desta ordem e ainda não fomos procurados por pessoa alguma comissionada pelo Sr. Victor Henriques Ayres Mora, damos por terminado como nos cumpre o nosso mandato, autorizando V.Ex^a. a fazer desta carta o uso que julgar mais próprio e digno do seu desagravo.

Somos com toda a consideração e apreço de V.Ex^a.

Att. Vn. a V.

Sardoal, 11 de Agosto de 1903 a) José Alexandre David Pinto Serrão

b) Eusébio Tamagnini

Em 23 de Agosto de 1903, ainda sob o título “ESCÂNDALO NO SARDOAL”, publicava o “ECHO DO TEJO”, a seguinte local:

“As bolas que aqui arrumámos ao menino presidente da Câmara do Sardoal, já surtiram efeitos. O físico Felicíssimo pediu a demissão do cargo de subdelegado de saúde do concelho, o que, aliás, não era necessário, visto que exonerado que fora de médico do partido, ficava - ipso facto - exonerado daquele lugar que lhe é inerente. Mas, enfim, quis deixar uma deixa ao menino birrento e este pegou-lhe sem demora, sendo em seguida oferecido ao Sr. Dr. Victor Mora para que tomasse conta do lugar, como lhe pertencia por lei. Em que lençóis fica a Câmara do Sardoal!

Cometeu-se uma irregularidade que deve ser devidamente apreciada pelas estaaações superiores. E há-de sê-lo!...

O tempo da impunidade, à sombra da qual tem medrado a desordem, nesta região, há-de acabar, para bem e garante dos direitos dos povos. Mas o Sr. felicíssimo combinado com a comântula política que o cerca, domina e protege, ainda não perdeu a esperança de levar a sua àvante. Este físico andou pelas freguesias do Sardoal e Souto a apresentar um médico chamado Sampaio, como sendo ele o futuro facultativo do burgo da cabeça infantil,

Ora, nós perguntamos: Quem é no concelho de Sardoal, a Câmara Municipal? Então o Dr. Felicíssimo, que nem médico já é do concelho, é que nomeia o facultativo que o há-se substituir?! Isto é um cúmulo com o senso do cachopelho que puseram à frente dos negócios públicos desta terra. E consentirá o resto da vereação em tal escândalo? Não terá ela força para reagir contra tanta ilegalidade e felicíssimas filândias?

O tempo poderá e então avaliaremos o critério dos vereadores sardoalenses. As criancices do presidente, essas passaram em julgado. Hã-de fazer dele um fabricício. Vejamos como os seus colegas da Câmara se portaram entre as inconsciências do menino e em frente dos metrafícios do físico mais célebre que estas paragens têm contemplado no âmago do seu coração.

Esperamos que o epílogo da festa não venha longe.C.

No mesmo dia(23 de Agosto de 1903) publicava o “JORNAL DE ABRANTES”, a seguinte correspondência:

“Num pseudo jornal que se publica na fresca vem há muito perseguindo dois cavalheiros desta Vila, numa campanha agarotada, dirigida por gente pouco escrupolosa em

conspurcar o bom nome dos outros, por gente, enfim, que evidentemente de sobejo conhece aquele infamismo preceito que os volterianos assacam aos jesuítas e estes aos volterianos:

“Caluniai, caluniai, que da calúnia sempre fica alguma coisa!”

Os acavalheiros a quem nos referimos são o ex-facultativo deste concelho Dr. João Felicíssimo e o Vice-Presidente da Câmara Sr. Júlio Bivar Xavier Salgado.

O que é, porém, mais engraçado, para não lhe darmos mais amargos qualificativos, é, ao passo que o aludido jornal vem dizendo do Dr. Felicíssimo e do Sr. Salgado o que do toucinho não disse o profeta do Alcorão, procurando por todos os meios, endeusar sobre ruínas de boa reputação que o ECHO julga ter demolido, destes senhores, em benefício do Sr. Dr. Mora - que muito bem sabe fazer o seu jogo, vamos lá com Deus...

No entender do ECHO que se diz órgão do Partido Progressista, como se podia apregoar órgão do comércio... e indústria, este Mora devia ser um ídolo cá do sítio, para esta boa gente do Sardeal, um herói escrito com H grande. Por enquanto, sabia-o todo o mundo, inclusivamente o mesmo ECHO - não nos consta que seja mais que um simples Hipócrates que cá na Vila, a gente bem cotada na bolsa do bom senso, espera ver um dia apeada desse imaginativo pedestal, por certos motivos que é possível que venham a correr mundo em letra redonda; mas não será o caso para nos deixar estarecidos de admiração que venha a ser tudo que o ECHO, pelos modos quer, pois lá como diz o Padre José Agostinho de Macedo ao prefaciar “OS BURROS” - assim como há heróis na virtude, também os há na asneira.

Entretanto, como o papel do Tejo de há muito se vem empenhando a pregoar aos quatro ventos as belas qualidades que exornam o Sr. Mora, vai registando também lá nas suas colunas as seguintes virtudes e mais partes, não para a edificação do ex-republicano, mas também a t’ulo de subsídio para a história que, por certo, mais tarde se há-de ocupar deste piramidal vulto.

Reproduziu, há dias, o ECHO DO TEJO a cataplasma, que se convencionou chamar protesto manipulado pelo Sr. Dr. Mora, no laboratório da sua conveniência e à Câmara na qual manifestaria o seu descontentamento por se ter permitido que o Sr. Dr. Felicíssimo ficasse ao serviço, até a sua vaga ser preenchida, como era natural, o ECHO com entusiasmo hipócrita, aplaudiu esse protesto e só ele sabe o motivo porque o fez.

É crença geral nesta vila que quem não faz um D.Quixote de letras ou um hermeneuta da força de qualquer hermano, só há-de achar no tal protesto para inglês ver, que o seu autor mostra conhecer bem aquele espirituoso dito de Augusto Lacerda, na Praça, quando o famoso escritor do Rall-bi da Galileia diz que há uma coisa que nós amamos mais que a honra, a nossa dignidade, a nossa família: é a nossa barriga!...

Mais se diz por cá que o ex-republicano do Porto é o autor de tudo quanto o referido papel tem publicado referente a esta Vila - o que é mais um t’ulo de glória para o fagueiro Esculápio...

E note-se que tudo isto não se diz por aqui à puridade; afirma-se com todo o desassombro, sem receio de investidas pedantes do ECHO no qual, ainda ao que temos conhecimento e ouvido, o ex-republicano desempenha o papel daquele outro barbeiro grotesco de Palito Métrico, servindo-se da figa contra o quebranto dos invejosos.

Mas há mais e melhores:

Tem na Câmara o Sr. Victor Mora, dois vereadores amigos, Srs. Tramela e Silva, que se deixam adormecer, com o canto da sereia, servindo-se assim os seus arranjinhos. Meteu

há dias o Sr. Dr. Mora, para sua conveniência, nas mãos do Sr. Tramela, um papel para este vereador botar figura na Câmara, no qual se liam uns artigos que se dizia terem sido copiados fielmente do Código Administrativo, mas que afinal se reconhecem serem fantásticos, porque alguém, com o referido Código à vista, provou ao Sr. Tramela que não existiam tais artigos no Código e que nem mesmo a existirem podiam ter a pretendida aplicação!

*Este senhor, porém, que sempre que abre a boca põe logo a gramática com hilariedade, não se deu por convencido e daí o continuar a fazer alarde da sua sabedoria, afirmando que no Código que tinha em casa estava escrito, **ipsis verbis**, o que lera na Câmara. Tudo desatou a rir, sem exceptuar o vereador Serras!...*

Registem, senhores do ECHO lá no seu infame papel estes factos enquanto quem escreve estas linhas lhe não fornece outras melhores.

Roma e Pavia...

21-08-903 - Um Sardoalense

*Diz o Dr. Mora, em carta que nos acaba de dirigir, que está coleccionando documentos para responder à local publicada no nosso número de domingo, como epígrafe - **Pendência de honra** - o que consta poder fazer no próximo número 171.*

No mesmo dia (30 de Agosto de 1903), no ECHO DO TEJO, com o título "**Literatura no Sardoal**":

"Um sardoalense, ilustre por certo, firma uma correspondência daquela vila que, sem ofensa para as prosápias de ninguém o eleva, afirma e consagra no conceito público. A literatura e o nível social foram sempre companheiros inseparáveis de modo que as fulgurações da primeira seguiram de perto e em todos os tempos, a elevação do segundo.

Por isso, quando há dias um amigo nos disse que no Sardoal tudo aquilo estava putrefacto, nós acreditámos que a arte literária daquelas paragens lhe viesse dar razão. Vemos, porém, com surpresa que aquele nosso amigo é um pessimista de alto calibre e teremos o cuidado de dar, de ora em diante, um certo desconto às suas afirmações que, não sendo de todo o ponto inexactas, são todavia vistas por um prisma de tons carregados, que os acontecimentos não justificam. Passando em revista o cuidado, o talento e sabedoria que transuda da peça literária que ele engestou no 'carnet' dum jornal monárquico-republicano de Abrantes, nos chegamos à conclusão claríssima de que há no Sardoal energias intelectuais de graxa luzidia, que ali não falta quem possa e quem queira tratar, com saber e entendimento, da grave questão social que na actualidade asoberba os grandes espíritos do velho mundo.

O literato de polpa, é sem dúvida daqueles diante dos quais é forçado tirar-se o chapéu. Isso fizemos e do alinhamento do nosso elogio, creio que é genuflectido, pena na mão direita e indicador da esquerda dirigido para o Sardoal, que prestamos o preito, como nos cumpre, ao fecundo e erudito sardoalense que só agora, tão tarde, deu sinal da sua existência. Voltaire e Agostinho de Macedo, Hipócrates, Augusto de Lacerda, Palito Métrico, João Felicíssimo e Bivar Salgado - eis a lista dos grandes pensadores antigos e modernos que o distinto cultor das letras do Sardoal invoca numa suite e encadeamento de ideias que nos encanta e arrouba durante a leitura. Um jogador de bridge não lida com mais conhecimento os seus trunfos do que este respeitável cidadão português de

quem temos pena de não saber o nome para apontar com recolhimento à consideração dos nossos contrerrâneos. Mas é sempre assim. Alberga-se por via de regra a modéstia na casa da sabedoria e não nos é, por isso, permitido ir mais longe do que dizemos que no Sardoal há um sardoalense que pode e deve alhear-se, por alguns instantes da sua vida privada para dedicar as locubrações do seu intelecto polido e facetado aos altos interesses dos povos desta região.

Com uma entidade desta natureza, não há município que tropece, nem terra que não se levante. Nada, portanto, de egoísmos. Os grandes homens deixam de pertencer a si mesmo, quando a falta de humanidade reclama a sua presença e o seu concurso. Que nas próximas semanas continue a ilustrar a sua terra, tornar mais conhecida a sua ciência e a fazer brilhar o periódico que escolheu para os seus primeiros ensaios, que, por serem ensaios têm já perfil de água - real.

P.S. - No nosso profundo respeito tomamos a liberdade de lembrar ao nosso desconhecido mas abalizado sardoalense um tema contra o qual se pronunciou o falecido Leão XIII e outros intelectuais do século presente -

Queremo-nos referir ao duelo. Bom era que se protestasse enérgicamente contra o desaforo que tenta alastrar pela região e que castigasse severamente com a sua pena os atrevidos que ainda hoje têm os lábios entreabertos no riso alvar com que receberam o desafio de uma menina de meia pelo meio da perna.

*Ou o duelo tem razão de ser ou não tem. Se tem, tanto pode desafiar um homem sisudo, como uma criança de colo. E neste sentido é que achamos conveniente uma razão dos seus preceitos. Porque se é certo que dantes, só os homens de barba rija, brandiam uma espada, não é menos certo que **“le monde marche”** e que uma modificação nas leis do duelo se torna, por isso, urgente.*

Também, dantes, só aos 14-15 anos se sabia ler e escrever e contar e hoje qualquer petiz, ao sair do ventre materno se atira à mestra redonda, como se fora homem feito! Porque hão-de, pois, rir os atrevidos e ignorantes?

Aberrações de sentir que é preciso amputar e é aos escritores que incumbe tratar a questão.

A questão tinha o seguinte desenvolvimento, no mesmo dia, no “Jornal de Abrantes” (30/08/1903):

“Sardoal -Correspondente”

Em último número do ECHO, diz-se com certo enfãse que o Sr. Victor Mora é um dos filhos que mais o honram.

Isto de honra é como cada um a entende. Ainda não há muito que à nossa vista uma pobre tolerada se pôs entre bicos de pés, batendo com a mão no peito, ao mesmo tempo que redarguia a quem lhe tinha chamado... o seu verdadeiro nome: tenho muita honra nisso!... Vê o ECHO de Hipócrates, que por infelicidade nossa, temos de suportar durante algum tempo um filho desta terra, cuja passagem à história cá do burgo deve registar nos seus anais e vê isto tudo, sem dúvida pelo mesmo motivo porque o D.Quixote de Cervantes, via nos moinhos inimigos que combater.

Nós que não fazemos uso do prisma pelo qual o ECHO vê as coisas, também alguma coisa lobrigamos no tal honroso esculápio e disso vamos dar conta aos que nos derem a honra de nos ler.

Clinica, Sua Excelência, com frequência, por Alcaravela e agora mais que nunca. A tabela Camarária pela qual o Hipócrates devia pautar a sua ganância prescreve que o médico municipal exija 720 réis, quando chamado a esta freguesia. Pois querem saber o que faz o esculápio espertalhão?... Exige efectivamente 720 réis ao doente que o mandou chamar, mas continua a receber igual quantia por cada receita que na mesma ocasião seja convidado a fazer a outro doente da mesma casa do primeiro. Como podemos citar nomes, se quiserem.

Quer dizer, continua a pagar-se de um caminho que não andou o que, como vêm é um processo muito limpo de arranjar cobres para combater o mildium das suas vinhas...

Dizem que o povo de Alcaravela censura acremente este procedimento e até já pensou em vir apresentar à Câmara o seu justo protesto.

Também, não há muito, o Hipócrates, que no dizer do ECHO, muito honra a sua terra, exigiu, por uma receita feita nesta vila a uma pessoa do Tramagal, 500 réis, quando a tabela camarária manda levar 120 réis!

Na Quinta da Madalena, próximo desta vila, o tal faz a honra, etc..., praticou uma proeza no mesmo gosto de Alcaravela.

Note-se, porém, que o sapientíssimo esculápio, faz tudo isto em virtude de uma interpretação que ao seu belo prazer dá à tabela camarária, sendo muito para notar que os médicos que precederam o Sr. Mora na clínica sardoalense -NUNCA - procederam como sua Ex^ª. está fazendo.

E é um esculápio destes, tão desinteressado, que o papel do Tejo, no seu último número acha capaz de levar a opinião pública a impôr à Câmara agarrada a caducas tradições, etc....!

Aqui, hay que distiguir.

Se o ECHO entende por opinião pública o que São Hermeneuta quer, falta indignamente à verdade, porque nesta vila, não se dá o que o papel afirma; se porém o ECHO julga que a opinião pública é aqui representada pelo Hipócrates com os seus poucos e desvalorizados satélites, tem então razão, passando, neste caso, a opinião pública a ser, como Pascal a define: - uma esfinge com cabeça de BURRO - uma alusão mioleira dos hermanos.

Prometeu, há pouco, em carta enviada a este jornal, o Dr. Victor Mora responder à local aqui inserta com a epígrafe "PENDÊNCIA DE HONRA". Procede Sua Ex^ª., como deve e desde já lhe prometo vir em seu auxílio fazendo a história do bengalão, assim como desfiar meticulosamente aquela históriazinha dos três que o ex-republicano se gabou de levar na caixinha. O truanesco esculápio pode ir já afiando os dentes para um bom acepipe - de que há-de gostar, tenho a certeza."

No mesmo número do "JORNAL DE ABRANTES" e sobre o mesmo assunto, vêm outras três notícias:

PRIMEIRA: "Retirou daqui para Ponte de Sôr, onde foi fixar residência e onde foi provido no partido médico municipal daquele concelho, o Sr. Dr. João Felicíssimo que durante o tempo que nos deu a honra da sua apreciável convivência, não posso deixar de confessar,

que muitas vezes demonstrou lhanza do seu trato e os elevados dotes de um coração bem formado e de uma inteligência rara.

Como homem e como médico, Sua Excelência conquistou gerais simpatias em todo o concelho.

E por isso e porque a saudade não pode eximir-se por quem, tão distintamente e como nenhum outro, soube conquistá-la, digne-se pois V.Ex^a., aceitar semelhantes manifestações do nosso prazer, singelo como é, despida de lisonjas que a ataviem, mas encimada pelo sentimento de despedida e pelo esplendor da sinceridade.

Sardoal - 27-08-903 Um Sardoalense

SEGUNDA: CONCURSO: A Câmara Municipal devidamente autorizada, faz público que se acha aberto o concurso por espaço de 30 dias, a contar da 2^a publicação deste, no Diário do Governo, para o provimento do lugar de facultativo do partido deste concelho, com sede nesta vila, com o ordenado anual de 270\$000 réis e pulso sujeito à tabela camarária, com as obrigações impostas no art^o 125^o do Código Administrativo e Regulamento de Saúde.

Que da mesma forma se anuncia que a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia proverá o lugar vago no seu Hospital pelo facultativo que for provido no partido municipal com o ordenado de 45\$000 réis, sujeitando-se ao regulamento dietético e ao desempenho de serviços profissionais.

Os concorrentes deverão apresentar nesta Secretaria no referido prazo, os seus requerimentos acompanhados dos documentos que por lei são exigidos. Sardoal e Paços do Concelho, 20 de Agosto de 1903.

O Vice-Presidente : Júlio Bivar Xavier de Azevedo Salgado

TERCEIRA: Correspondência do Sardoal - Publicação de documentos.

Pelo Sr. Dr. Victor Mora, do Sardoal, nos é pedida a publicação da seguinte carta e mais documentos:

Sr. Redactor do "Jornal de Abrantes"

*Como prometi, peço a V.Ex^a, a publicação seguinte e documentos comprovativos, referente à local "**Pendência de honra**", em que indivíduos sem escrúpulos faltam à verdade, para fugirem ao ridículo em que se meteram, sendo a primeira vez que me vejo na necessidade de escrever para jornal, não desejo abusar da permissão de V.Ex^a a quem é Att. e Vn.*

Sardoal, 27 de Agosto de 1903: Victor Henriques Ayres Mora

O Sr. Felicíssimo pediu a demissão de médico municipal, em 25 de Julho e nesse mesmo dia a Câmara deliberou dar-lha, com os vencimentos até que se ache legalmente substituído.

Não é, pois, como diz manhosamente a local, até a vaga ser preenchida. Isto foi o que lhes ensinei no meu documento que deveria ter escrito. Para ser o substituto legal e gratuito, segundo o Código Administrativo, protestei, decorridos 35 dias, sem me oficiarem em tal sentido.

Nessa sessão (30 de Julho) cuja acta se puder brevemente publicarei para melhor justificação minha - o vice-presidente, servindo de Presidente, disse tudo o que tinham insinuado e sem fundamento, em meu desabono, sendo necessário que o Exm^o Administrador (que não é capz de vir a público desmentir o que digo) lhe advertisse que **“não se acusava um homem na ausência e onde não podia defender-se”** e também em verdade lhe exigiu provas, ou testemunhas que não apresentou, por só existirem na imaginação do Sr. Vice-Presidente e seu instigador.

Informado superficialmente dias depois do ocorrido, foi isto que deu lugar a umas palavras acres, no estabelecimento do Sr. Tramela.

Por isto vê o Sr. Redactor como a falta de senso anima os detractores da honra alheia a virem a público deturpar os factos, sem pejo de serem desmentidos como caluniadores, dizendo que insultei o Vice-Presidente pela resolução da Câmara ao pedido do Sr. Felicíssimo.

É desta espécie a gente que provoca e à resposta se diz agravada:

-João dos Santos Pereira, notário público neste concelho de Sardeal, certifico e dou fé que por Victor Henriques Ayres Mora me foi apresentado um requerimento e certidão de parte de duas actas da Câmara Municipal deste concelho, requerendo-me que lhe passasse, por certidão apenas parte da certidão da segunda: Inácio Maria Xavier de Oliveira, secretário proprietário da Câmara Municipal do Concelho de Sardeal - Certifico que revendo o livro das sessões da Câmara Municipal, deste mesmo concelho, dele me consta achar-se lançada a acta da sessão de 25 de Junho de 1903 em a qual, na parte respeitante a deliberações provisórias, consta o seguinte:

Ao requerimento do facultativo deste município Dr. João Felicíssimo, com a data de 25 do corente em qual pede demissão do seu cargo, deliberou a Câmara deferir-lhe nos termos requeridos, ficando, contudo o requerente sujeito ao serviço clínico deste município, com os respectivos vencimentos até que se ache legalmente substituído. Deliberando, outrossim, pedir a necessária autorização para ser posto a concurso o partido vago pela demissão do facultativo.

- E por ser verdade, do referido, passo a presente certidão que assino e ao próprio livro de actas me reporto, a qual vai sem borrão, entrelinha, emenda, rasura ou coisa que dúvida faça e vai por mim rubricada.

Sardeal e Paços do Concelho, 5 de Agosto de 1903 e eu, Ignácio Xavier de Oliveira, Secretário da Câmara que subscrevi e assino.

O Secretário da Câmara Municipal Ignácio Xavier de Oliveira, sobre dois selos de 100 réis, legalmente inutilizados. Foi paga a Contribuição Industrial no valor de 45 réis, lugar em branco do selo do concelho do Sardeal. Está conforme o original na parte requerida - Sardeal, 25 de Agosto de 1903. E eu, João dos Santos Pereira, substituto do Notário que a subscrevi, numerei, rubriquei e assino. (segue reconhecimento)

Exm^o Senhor Amigo Sr. Dr. Victor Henriques Ayres Mora

Em resposta à carta de V.Ex^a de 25 do corrente, sou a dizer-lhe que foi verdade em sessão de 30 de Julho último o Exm^o Sr. Vice-Presidente da Câmara proferir algumas palavras em desabono de V.Ex^a, ao que respondi que apresentasse provas, dizendo Sua Ex^a, que falava por informações particulares, do que tornei a responder que por informações particulares, não se deviam fazer acusações, não se deviam fazer acusações e mais objecções como deve constar na acta.

De V.Ex^a Att. Vnre mt^o obrigado
26-8-903 - António Carvalho Tramela

Sr. Redactor

Surpreendido pelo que vi no vosso muito lido "JORNAL DE ABRANTES", de 16 do corrente mês, de que o Exm^o Sr. Dr. Victor Henriques Ayres Mora, nada respondeu ao repto que lhe haviam lançado, apresso-me a fazer esta pública declaração, para com ela desvendar tudo o que se possa relacionar com a quebra de dignidade, de receio que lhe querem imputar.

Eis a verdade:

Tendo sido procurado em minha casa pelo Exm^o Dr. Mora, no dia 11 do corrente pelas 9 horas da manhã, a fim de em companhia do Sr. Jacinto Dias Milheiriço e na qualidade de seu comissionado, resolvermos uma pendência proposta pelos Exm^{os} Srs. José Alexandre David Pinto Serrão e Dr. Eusébio Tamagnini, como comissionados do Exm^o Senhor Júlio Bivar Xavier Salgado, que se dizia ofendido por uma questiúncula de palavras trocadas entre eles constituintes, fui procurar, no mesmo dia 11 do corrente pelas 12 horas da manhã o Senhor José Alexandre P.Serrão, expondo-lhe que estando ausente naquele dia o comissionado meu colega lhe fazia ciente que o meu constituinte nos tinha nomeado seus comissionados para tal fim e portanto depois de consultar o seu colega, indicassem o local e quando deveríamos reunir para resolvermos.

Em resposta o mesmo Sr. José Alexandre D.P.Serrão, obtive que eles comissionados, já tinham declinado o seu mandato, por ter expirado o prazo de 24 horas que é da praxe para estes casos; observei-lhe se na conferência que tiveram com o meu constituinte se lhe tinham marcado tal prazo, respondeu-me que não.

Em seguida adverti mais: em terras como esta onde todos são amigos e não tem havido pendências desta ordem, o prazo como não tinham fixado, não havia razão para existir e, portanto, que fizesse ciente ao Exm^o Colega comissionado e ao seu Exm^o Constituinte, o para o que o tinha procurado e pela declinação que dizia haverem feito, muito me parecia isto uma simples comédia.

Acto contínuo procurei o meu constituinte a quem transmiti o que se havia passado, aguardando-se qualquer resolução.

Creia Sr. Redactor ser esta a expressão da verdade que claramente evidencia o meu constituinte não ter ficado silencioso e pelas publicações destas poucas linhas que vão um pouco retardadas, por ter estado ausente, muito grato lhe fica, quem é, com toda a estima e respeito.

Sardoal, 24-8-903 Francisco Augusto Simões.

Jornal "ECHO DO TEJO" - 6 de Setembro de 1903:

"COISAS DO SARDOAL"

Depois das cenas últimamente passadas no Sardoal, em que por vezes o romantismo se reúne ao cómico, julgávamos nós que os senhores da Câmara e seus sequazes, se metiam em copas, pedindo a Deus que ninguém lhes bulisse.

Não sucedeu assim e não sucedeu devido talvez a carências de bons conselheiros que tanta falta fazem a cérebros não amadurecidos que ali predominam. Os homens botam prosa em letras redondas. Claro que o jornal escolhido foi, não podia deixar de ser o

HYBRIDO. É um vivente de estômago superior a qualquer ruminante; podem, portanto, os seus tratadores deitar para lá alimentos de qualquer ordem, que tudo digere. Há glândulas para tudo segregar. Dêem-lhe como alimento a pena do Avelar, de mistura com os bigodes do Azevedo Gneco, que nem por isso deixarão de se executar rápidas funções digestivas, nem a corpulência de tal gigante, de operar simulações. O que ele quer é encher-se. Para isso convém agradar a gregos e a troianos. Se algum dia se visse em colisões (que ninguém o meta em tais apertos) ver-se-ia, então, para que lado a tripa puxava. Agora mereceu uma difusa correspondência do Sardoal a ajudá-lo no seu trajecto doloroso. Compete-nos responder? Não, que ele não exige resposta. Fala em calúnias e não as aponta. É um regalo pegado contra os que não fazem festas ao menino Júlio e os que não concordam com o Sr. Felicíssimo de saudosa memória, sendo médico demitido e continuasse a ser em efectividade. Depois de falar de máximas de Voltaire com o qual está de acordo - e se não estivesse o que seria da escola racionalista? E o dizer que nós estamos para o Sr. Felicíssimo e Salgado, como o Alcorão está para o toucinho, para receber ao cosmos que o Sr. Dr. Mora há-de ser apeado do seu pedestal e deixa ver nas entrelinhas para poder realizar acção tão nobre, vai transformar o Sardoal em principado, no que ele correspondente, será o chefe supremo.

Então sim! Então é que se há-de empunhar corajosamente a vara da justiça. Mas venha cá esse correspondente! Diga-nos de sua justiça, deixe-se de devaneios. Mais factos e menos citações avulsas que nem sejam a revelar erudição. Ou compraz-se em citar José Agostinho?

Ao jornal onde botou figura também lhe deve agradar isso. Não se assemelha em talento, mas fazem lembrar em carácter e em constituição estomacal. O autor dos "BURROS" também foi biforme. Mas sucessivamente - Deixava de ser miguelista, para logo ser liberal.

Depunha o hábito para tomar o calor alto e vice-versa, mas não conseguia ser nem uma coisa nem outra ao mesmo tempo, por onde se vê que o homem dos burros não dá pelos tacões aos ancestrais republicanos regeneradores. Demais, o carácter de José Agostinho, embora não se desculpe explica-se. Viveu, como decerto o correspondente sabe, num período de transição entre o miguelismo e o liberalismo. Foi, portanto, um reflector da época em que viveu. Julgar-nos-á, também o JORNAL DE ABRANTES e seus colaboradores num período de transição entre a regeneração e a república? Diz também o furibundo inimigo do ECHO, que este jornal é órgão do partido progressista, como podia ser do comércio. E sê-lo-ia sem desdouro, por mais que o correspondente pareça oprimido. Olhe que é um bom elemento do progresso que muito respeitamos e defendemos sempre que necessário for. Simpatizamos com os que trabalham ao mesmo nível que antipatizamos com os parasitas. E até o correspondente de O SÉCULO, quando pensa a sério é da nossa opinião.

Mas compreendemos: Sua Senhoria quando escreveu estava de maus humores com o Sr. Tramela que pertenceu à classe e tem sido a alma danada a fazer fogo ao Dr. Victor Mora. Admira o mesmo correspondente que o Sr. Dr. Mora tenha sido republicano em estudante e combata agora alguns regeneradores. Não pode ser! Isso é uma vergonha. Os novos republicanos têm obrigações, do dizer dos escreventes do híbrido, de ser regeneradores, senão com o correspondente se hão-de haver. Para o Sr. Dr. Victor Mora ser um republicano, fica intimado pelo correspondente do Sardoal, a imitar o jornal onde o mesmo correspondente estrabucha: defender, com afinco, o Partido Regenerador!

*Depois lá vem um bocado de erudição alheia e também engasta na sua prosa uma frase de Júlio Correia de Lacerda, que até parece o correspondente fazê-la sua e falar a sério. Não depõe a pena sem dizer que no Sardoal se afirma com desassombro que o Sr. Dr. Victor Mora escreve para o nosso jornal. Não sabíamos que para uma coisa dessas era preciso desassombro. Conclui por ralhar com o Sr. Tramela porque não sabe gramática. Deixe-o lá entregue ao seu comércio e ao seu zelo que há mais devia ter demonstrado pelos interesses municipais. Repare que não é só gramática que o Sardoal precisa, o que eles reconhecem, os padrinhos de sua senhoria que não têm concorrido muito para a sua difusão. Esperamos que voltem! **Au revoir!***

É tal a simpatia que o físico Felicíssimo gozava no Sardoal que, no dia em que retirou para a Ponte de Sôr, foram deitados ao ar alguns foguetes em sinal de regozijo. Entretanto os seus Tamagninis, proclama com um 2º Nuno. E gozava gerais simpatias, com aquelas que tem conquistado o sardoalense adoptivo.

“CENA POUCO EDIFICANTE”

“O Sardoal foi há dias teatro do seguintes espectáculo:

No dia 31 de Agosto último, quando o Sr. Dr. Victor Mora se encaminhava para sua casa, dirigiu-se-lhe o Sr. Eusébio Tamagnini, perguntando-lhe se era a ele que se referia uma local inserta no último número do ECHO DO TEJO, sob a epígrafe -Pendência de honra- Como o Sr. Dr. Mora respondeu afirmativamente tentou agredí-lo. O Sr. Dr. Mora cai então sobre o seu adversário, derruba-o, conserva-o estatelado no chão, completamente subjugado, até que uma alma caridosa o foi tirar debaixo dele. É para louvar o sangue frio e a prudência de que se revestiu o Sr. Dr. Mora, pois bem podia ter feito num feixe o seu contendor.

Lamentamos o facto sobretudo pela sua origem que é o cúmulo da insensatez e do ridículo. Contudo manda a verdade que se diga que não foi o Sr. Dr. Mora que provocou a questão cujo desfecho deixamos relatado.

“JORNAL DE ABRANTES” - no mesmo dia, 6 de Setembro de 1903

“SARDOAL - Pendência de honra”

“Meu Amigo Manuel de Oliveira Neto

Digno Redactor do JORNAL DE ABRANTES

“Permite-me que, pela primeira vez, venha rogar-te a fineza de te dignares a conceder-me a publicação de umas linhas no teu Jornal de Abrantes, necessárias agora com a aclaração a uma carta publicada no teu jornal do dia 30 de Agosto último e também no nº 134 do Echo do Tejo, assinada pelo Exmº Sr. Francisco Augusto Simões.

Sardoal, 2 de Setembro de 1903 a) José Al. D.P.Serrão

Por declaração do Sr. Francisco Augusto Simões e que estão expressas na carta a que me refiro, sei que Sua Exª., me procuraria na minha casa às 12 horas do dia 11 de Agosto último, mas é certo que só me encontrou, acidentalmente no edifício dos Paços do

Concelho, às duas horas da tarde e foi então que me comunicou a razão porque me procurava.

Ouvindo-o, ponderei-lhe que não podia atendê-lo em tal assunto, porque à uma hora da tarde daquele dia, havendo decorrido 48 horas precisas, após a entrevista que o Sr. Dr. Eusébio Tamagnini Barbosa e eu tivemos em casa do Exmº Senhor Victor Mora com este Sr. (à uma da tarde do dia 9 de Agosto) sem que fossemos procurados por sua Exª., para se entenderem connosco acerca do assunto que determinara aquela entrevista, havíamos declinado, como nos cumpria, o mandato que nos fora conferido pelo Sr. Júlio Bivar Xavier Salgado e que nesta resolução déramos conhecimento ao mesmo senhor, à uma hora da tarde.

Perguntou-me, ainda, o Exmº Senhor Francisco Augusto Simões, se havia estabelecido prazo para se reunirem e conferenciarem os comissionados do Exmº Sr. Júlio B.X.Salgado e as pessoas que o Exmº Sr. Dr. Mora nos prometera mandar, ao que respondi que precisamente pelo facto de tal prazo não haver sido determinado, nos competia acatar e respeitar o de uso e costume em casos desta ordem.

Assim terminou o motivo especial da nossa entrevista, seguindo-se-lhe, porém, considerações de carácter particular, que o Exmº Sr. Francisco A. Simões e eu trocámos. Estas, pela sua natureza, não são, nem podem ser assunto de referências noutro campo, como também entendo que conhecida a minha intervenção não assiste o direito de apreciar e comentar o que as ocorrências anormais que originaram resoluções anormais, também. Refiro-me às razões que determinaram a Pendência de Honra.

Como os poderes do mandato especial, de que estava incumbido, para mim cessaram com a desistência do Exmº Sr. Dr. Eusébio T. Barbosa e eu fizemos, desistência que julgo ser devida e honrosa.

Julgue as considerações que deixo escritas, quem tiver competência para o fazer com mais acerto.

Por mim, não voltarei mais a ocupar-me do assunto.

a) José Alexandre David Pinto Serrão

No mesmo jornal e no mesmo dia:

“Ainda a pendência de honra.

Pedem a publicação da seguinte carta.

Sr. Redactor

Embora tenha uma certa repugnância em mexer mais na questão em que me é forçoso envolver, a verdade pede que venha relatar as falsidades em que o número 171 (30 de Agosto de 1903) do seu muito conceituado jornal vem escrito a tal respeito.

Foi o Sr. Victor Mora, procurado em sua casa por mim e pelo Exmº Sr. José Al. D.P.Serrão, no dia 9 de Agosto p.p. pela 1 hora da tarde e aquele senhor não só não negou ter dirigido ao Exmº Senhor Júlio B.X.Salgado, as palavras pelas quais este senhor lhe exigiu uma reparação, como até acrescentou que podia ter dito mais, pois nessa ocasião se achava exaltado. É, pois, evidente que o referido Sr. Victor Mora reconhecia ao Sr. Salgado a qualidade de ofendido nesta pendência.

Por esse motivo os dois primeiros documentos que o Sr. Mora publicou, em nada justificam o seu procedimento pouco correcto para com as testemunhas do Exmº Sr.

Salgado, pois ainda que o Sr. Mora não visse nesse senhor o ofendido, nem por isso deixou de cometer uma falta competente, como lhe cumpria pelas suas.

O terceiro documento (a carta do Sr. Francisco Augusto Simões) vejamos o que vale como defesa do Sr. Mora.

Em primeiro lugar é ela redondamente falsa no que encerra de mais importante, isto é, na parte respeitante à honra em que o Sr. Simões diz ter feito ciente do seu mandato o Sr. José Alx.D.P.Serrão, porquanto já passava das duas da tarde do dia 11, quando tal sucedeu e não ao meio dia, como o Sr. Simões se refere.

Parecia, talvez, que uma pequena diferença de tempo nenhum valor tenha, mas desde que se saiba que à 1 hora da tarde desse mesmo dia 11, quando expiradas 48 horas - o Exmº Senhor Salgado recebia a carta em que o nº 169 deste jornal veio publicada, essa diferença insignificante ganha de tal maneira vulto que as testemunhas do Sr. Mora, perdem, obviamente, de vez, toda a oportunidade de procurar as do Sr. Salgado, cujo mandato já tinham declinado de si.

Por outro lado permite-se o Sr. Simões apreciar na mesma carta a questão de prazo em pontos de honra.

Porquanto não reconheça ao Sr. Simões competência para tal fazer, não era a este senhor, mas sim ao seu constituinte, a quem assistia o direito e o dever de justificar a falta de delicadeza que usou para com as testemunhas do Sr. Salgado.

Se o Sr. Victor Mora, não tem conhecimento dos deveres que a sociedade impõe a cada um, compre um código de bom tom; e, se não quer ouvir frases pouco agradáveis, quando é indelicado e incorrecto, faça uso desse código, como as pessoas de bem que se prezam da sua dignidade.

Eu e o Exmº Sr. José Al.D.P.Serrão, esperámos pela testemunhas do Sr. Mora, 48 horas e mais não esperámos porque éramos criados de Sua Excelência.

Creio ficar, assim, restabelecida a verdade dos factos, não sendo porém motivo para me admirar que o Sr. Mora venha ainda a público tentar desvirtuar o que deixo dito.

As pessoas de bem julgarão, em tal caso, da justiça de cada um.

Pela publicação destas linhas se confessa muito agradecido, que é de V.Exª., etc.

Sardoal, 3 de Setembro de 1903

a) Eusébio Tamagnini”

Ainda no “JORNAL DE ABRANTES”, do mesmo dia 6 de Setembro de 1903:

“SARDOAL - Correspondência

Em último número deste jornal, ejacula, como prometera o Sr. Dr. Victor Mora, numa prosa embandeirada em arco, uma desgraçada defesa, publicando, à guisa de documentos justificativos do seu proceder para com o Sr. Salgado, uns escritos tresandando a pano crú e marisco, cuja importância para o caso vamos ver.

Hoje ocupar-nos-emos da carta do Sr. Tramela, sem levarmos em conta o este senhor não saber escrever duas linhas com jeito...

Este documento, depois das acusações por nós feitas na última correspondência, ao Sr. Dr. Mora, fica reduzido a zero como defesa do espalhafato - nome por que o ex-republicano começa a ser conhecido na Vila - servindo apenas para provar quanto o Sr. Tramela compreende mal a missão que lhe foi confiada.

Assim, se o Sr. Tramela em Câmara pretendeu tratar da conveniência de todos os munícipes de preferência às do Dr. Espalhafato, não carecia de mais provas para ver a justiça que havia nas acusações que o Sr. Vice-Presidente da Câmara fez ao Sr. Mora, visto eu não poder admitir que o Sr. Tramela ignorou os factos por nós relatados no último número deste jornal, que foram os mesmos que o Sr. Salgado ponderou em Câmara - quando todo o concelho os conhece e se levanta indignado contra o Sr. Dr. Mora.

Ora oiça, Sr. Tramela: se o homem deu provas, com que direito é que o Sr. Dr. Mora, no Monte Cimeiro, em casa de Jacinto Lopes exigiu ao pai e ao filho - doentes da mesma casa 1\$440?!!!

Com que direito é que o mesmo senhor exigiu, ainda no p.p. domingo a Francisco António Passarinho, de S. Simão, 200 réis por uma receita no seu consultório? Com que direito recebeu o Sr. Mora de Francisco Lopes Ignez, dos Valhascos, 500 réis pela visita e mais 120 réis pela receita?

O Sr. Dr. Mora que à última hora se mostra tão cioso da sua integridade moral, publicando documentos para inglês ver, que nada depõem a seu favor, antes pelo contrário. Devia também arranjá-los para provar a falsidade do que vimos relatando. Está sempre pronto a sacrificar-se até em defesa do Dr. Espalhafato, uma vez inteirado dos factos referidos, digne-se ler a acta da sessão de 28 de Agosto de 1902 que assinou, da qual consta o seguinte, que vai com vista às algibeiras de todos os munícipes e não munícipes. Perceberá, (o facultativo) 270\$000 do cofre municipal e 120 réis por cada receita que fizer às pessoas que o consultarem na sua residência; 240 réis por cada visita que fizer na Vila, incluindo a receita; 480 réis por cada visita clínica que fizer nas povoações rurais até à distância de 3km; 720 réis por cada visita clínica nas povoações rurais a mais de 3 km; em qualquer dos últimos casos, no preço da tabela é compreendida a receita.

Pelo exposto, veja-se como o Dr. Mora vem cumprindo a tabela, fazendo-lhe a seu talante e em seu proveito todas as alterações que lhe apraz.

Promete sua excelência no último número do ECHO mostrar quem é que protesta pelas algibeiras mais algumas virtudes do ídolo, etc. - como se as faltas dos outros - a existirem - pudessem justificar as suas, que, nem somenos de gravidade.

Ficamos, entretanto, aguardando a prosa do Sr. Mora que, por certo, nos vai dar ensejo para trazermos a público outros muitos factos edificantes que, como os já aqui registados, ficarão constituindo a odisseia de Sua Ex^ª.

Oxalá que a Câmara vá tomando os factos apontados no devido peso, a fim de, com justiça e sem perda de tempo, para demitir o antipático facultativo, com o que muito tem a lucrar a... higiene do concelho.

Em um artigelho do Echo do Tejo, intitulado a “Literatura do Sardoal”, referem-se à nossa humilde pessoa, convidando-nos a fim de nos virmos a ocupar de duelos em geral. Sem nos ser preciso pedir lanterna emprestada a Diógenes -mais um para a lista do Echo, percebemos a intenção do convite e por isso não chucha o articulista aletrado a nossa anuência.

Mas o desapontamento não será de toda a linha, porquanto alguma coisa vai chuchar. Diz no Echo que o Sr. Dr. Mora foi desafiado para um duelo com um menino de meia pelo meio da perna, etc., etc., etc...

O Echo não pensou, por certo, que a sua afirmativa só iria cobrir de ridículo o Dr. Esculápio, que faz honra, etc., e eu digo porquê.

O Sr. Mora de há muito era visto a passear pela Vila acompanhado do seu inseparável chapéu de sol - único amigo leal que aqui conta - sem dúvida para garantir a alvura imaculada da cútis finíssima de Sua Ex^a.

Quer saber, agora, o Echo o que aconteceu ao tal chapéu desde que o seu dono foi procurado pelas testemunhas do Sr. Salgado? Foi atirado para um canto, como um objecto inútil e o Dr. Espalhafato demandou bastante à hilariedade. Apareceu-nos, desde então, na rua, com espanto de todos, com um descomunal bengalão que, evidentemente, já serviu de tranca a alguma porta!

Ora, hão-de concordar que tal aparato bélico para uma criança de colo é 'trop-fort'.

Ou isto é próprio de duelistas que blazonam de valentes?

Também desejamos ouvir a opinião do Echo a este respeito.

Até breve...

Um Sardoalense"

No dia 13 de Setembro de 1903, a questão continua no ECHO DO TEJO, com o título "**O Sabichão do Sardoal**"

"Nos dois últimos números do híbrido tem o correspondente do Sardoal, continuado a revelar às massas quanto é capaz um cérebro bem organizado. Com respeito a citações de literatos seus familiares vai em progressão decrescente. Não queremos, com isto, negar a vasta erudição de tão conspícuo mortal; as memórias privilegiadas têm as suas fronteiras mais amplas, mas que nem por isso deixam de ser limitadas. Demais deixou o ecletismo para atender a originalidade: pôr de parte os outros, para revelar o seu próprio ser.

Quis primeiro dar-nos umas luzes rudimentares do que tem sido o mundo intelectual que se estende desde o Sardoal até Atenas, para depois

falar de si. Porta-se como os grandes génios que de generalidades descem à especialidade. Foi assim que fez Spencer e segundo este pensador, de igual modo se portou o universo na sua evolução. No último número fala-nos de mexilhão com a mesma sabedoria que nos falou de Hipócrates, José Agostinho ou Diógenes. Pelos modos medrou-se nalgum recinto onde o formoso marisco não era desconhecido e onde com a esquerda compulsava os pergaminhos dos classificados, ao mesmo tempo que com a dextra empunhava o canjirão. Trabalho louvável que denota amor à ciência e que só deve apreciar aqueles que depreciam o comércio. A nós nada nos consta acerca das lutas entre o Baco e Minerva e até nos parece que sempre viveram em boa paz. Uma outra manifestação de génio deste Mecenas Sardoalense é a designação com que mimoseou o Sr. Dr. Victor Mora: Espalhafato - Ninguém inventava um nome de 5 sílabas que melhor revelasse o espírito do autor. Por detrás da obra se vê o artista e o próprio meio onde vegeta. O nome aplicado a um médico que não é dos mais fáceis, bem se vê que foi inspirado pela coragem do mexilhão de mistura com os burros de José Agostinho e a lanterna mágica de Diógenes. Todos os factos têm explicação através dos seus autores. O correspondente não quis dar a conhecer à priori, mas continua a fornecer-nos inferências como os dois últimos números, é possível que em breve, servindo-nos do metro de indutivo, o possamos apresentar aos leitores. Em todo o caso ficaremos sempre com pena de não lhe conhecermos as circunvalações cerebrais. A cobertura de tais cérebros devia ser sempre de cristal e não de tecido ósseo e muscular. Mas salvo o devido respeito ao saber de sua senhoria, há um ponto em que não estamos de acordo e que

também diz respeito ao Sr. Dr. Mora, para quem o correspondente não é nada complacente e nós aprovamos - A razão é porque não acreditamos que o Sr. Dr. Mora use bengala com medo do menino de fato curto e tanto que quando o tinha só a ele por inimigo, nunca largou o chapéu de sol, de que com tanta graça fala o correspondente; o inimigo que Sua Ex^a teme e que no dizer espirituoso do Sardoalense ilustre o obrigou a transformar em bengala a tranca da porta, é, provavelmente, a talentosa pessoa que tanto vem ilustrando as colunas do híbrido. Santo Estevão era de temer quando estava ao pé de pedras e o furibundo inimigo do Dr. Mora, não deve ser menos, quando se cerca do canjirão, da sua biblioteca clássica e ainda dos esboroados pratos de mexilhão. Ora esta tão falada bengala - tranca, serviria ao menos de fortaleza contra tantos e tão perigosos projéteis.

Diz ainda o enciclopédico que o Sr. Dr. Victor Mora, cada vez que faz uma receita mete a unha além da tabela camarária e a Senhora Câmara vendo os abusos do seu funcionário, permanece em silêncio. Foi preciso que o correspondente do híbrido num arrojo de hombridade que assombra, trouxesse a público tais feitos. E o Sr. Presidente até agora sem dizer nada. A favorecer com o seu silêncio os abusos dum funcionário municipal. Palmatórias com ela. Sr. Correspondente faça-lhe ouvir também a ele os gritos da sua indignação. Deite-o também a baixo do pedestal e passe-o à história. Ah! Se o meu Mecenas fosse capaz de um tal acto de justiça! Era-lhe necessário mais esta perfeição! Mas incomoda-o, mais a pouca gramática do Sr. Tramela, quenenum mal traz ao mundo, do que o consentimento tácito de um acto que o correspondente julga bem repressivo. Aí há, por força, narração duvidosa ou justa torcida. Agora somos nós que desejamos ver a opinião do correspondente sobre este dilema.

No mesmo dia (13/9/903), no “JORNAL DE ABRANTES”

“SARDOAL - Correspondência:

Já não é a Câmara deste Concelho que o Dr. Espalhafato tenta converter em fundo seu, mercê de alguns vereadores inconscientes. Agora quer açambarcar, o posso, quero e mando em tudo o que respeita ao hospital da Vila. Um cachopelho qualquer, baldo de senso comum, que alguém teve o mau gosto de guindar a irmão da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, lança-se às cegas na esteira do Sr. Tramela e Silva e, no último domingo, em sessão, presta-se a ler um contraproducente arrazoado, evidentemente confeccionado pelo Espalhafato, arrazoado que, embora não surtisse o desejado efeito, não se deve daí inferir que o cachopelho deixasse de evidenciar toda a sua vontade em servir os seus arranjinhos, ‘patrão’, na presença do qual, sem exagero, o engraxador pode recitar os conhecidos versos do mimoso poeta do Campo das Flores:

Não vês como sigo/Seus passos, não vês/ O cão do mendigo/Não é mais amigo/ Do dono, talvez!

Mas deixemos de devaneios como lá aconselha o ECHO precisamente no momento em que deixa de figurar com o argueiro no olho, para ver a tranca no dito. Voltemos à vaca fria, que é bem melhor que carneiro quente.

Ouvem-se por aí uns certos zun zuns com respeito a factos ocorridos no hospital desta vila, que reclamam toda a atenção, não só da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, como das autoridades administrativas e judiciais.

E de tal maneira se vão tornando notícias, que, pelas fontes e soalheiros, o mulherio comenta-os e protesta contra o infame protagonista dos aludidos factos...

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia, que nos consta estar já devidamente inteirada dos acontecimentos, só tem, a nosso ver, dois caminhos a seguir: Ou escorraça do hospital o autor das proezas dos três da caixinha e quejandos ou canfora a valer quem não costuma professorar das filhas de Eva. Quem desejar colher melhores esclarecimentos, dê-se ao trabalho de ouvir uma tal Maria do Silvano...

Hoje, em sessão de Câmara, houve mosquitos por cordas.

O Sr. Vice-Presidente apresentou o último número deste jornal em o qual, na nossa correspondência, fazíamos acusações sérias ao Dr. Mora.

A princípio, os satélites do Dr. Espalhafato ficaram petrificados, mas a custo o Sr. Tramela, que já está há muito, no caso daquele outro frade de quem se dizia que sempre que abre a boca ou entra mosca ou sai asneira, resolve-se a dizer que o Sr. Dr. Mora podia exigir a quantia que quisesse às pessoas de fora do concelho, embora consultasse em sua casa, e que só um médico sem partido é que tem de se sujeitar à tabela camarária(textual).

É, uma boa aquela, esta que só per si dá jus a que todos os Sardoalenses, independentemente de cor política, envidem os seus esforços a fim de erigir a um tal edil uma condigna estátua, ao menos para os séculos vindouros se poderem extasiar, ante Golias de palmo e meio, que com a sua potente dialética fulmina os seus colegas na vereação - no mais obrigando a meter a viola no saco!...

É impagável este Tramelinha, tem descobertas admiráveis!...

Só por si faz a glória da terra que lhe serviu de berço.

Enfim, estamos para ver se na Câmara não há ao menos uma voz que se levante enérgicamente contra quem, tão cerimoniosamente, faz da bolsa do pobre Zé, roupa de franceses...

Não nos faltava mais nada...

Como era natural o 'papel' do Tejo, deu-nos a honra de uma réplica.

Vejamos "à vol d'oiseau", algumas linhas da sua milionária prosa!

É um "vivant" de estômago superior a qualquer ruminante.

Seja tudo o que quiser, mas note o papel que não é novidade para ninguém haver uns certos viventes ainda de muito melhor estômago, pois até chegam a digerir sem arrotos - por cima - aquilo que nem os cães gostam - comida de urso.

Mas sucessivamente...

Este, mas sucessivamente, assenta ali, tão bem como rabanetes em sardinha assada. Estrangule, muito embora, o Echo lá gramática a seu talante, mas pelas cinco chagas de Cristo, não me chame biforme, "ao Padre Eterno", que foi quem fez os burros e - hermanos. Ao menos se faça ingrato.

Conclui por ralhar com o Sr. Tramela, etc....

Este por ralhar, também não deixa de ter piada, deixando-nos até precavidos para qualquer dia nos não admirarmos se virmos o Echo reproduzir em letra redonda a conhecida quadra que começa assim: O pulo que a safo, etc. - O Sr. Tramela à classe e tem sido a alma danada a fazer fogo aéreo ao Sr. Dr. Mora.

Ora sabido que o Sr. Tramela não nada de Nermond, deve-lhe ser muito custoso e penoso dar ao gatilho, mórmente tendo que fazer pontaria ao físico do físico Espalhafato.

Mas afinal o Sr. Tramela faz fogo com a pistola, revólver, espingarda, canhão Krup ou serve-se por aí de qualquer assobio?

*Neste último caso, abiscoita pela arte o tal alma danada as simpatias de Espalhafato, que pelos modos, **in illo tempore**, se contam coisas espantosas.*

Ele sempre há cada aberração...

Si nom es vero.

10-9-903 - Um Sardoalense”

“ECHO DO TEJO” -20 de Setembro de 1903:

“Tem corrido mundo, levando nas asas fama, o nome do nosso ilustríssimo Presidente da Câmara, o Sr. menino Júlio Salgado. O tio Paulo, o velho Kruger, ex-presidente da República do Tranvaal, lá muito longe, onde habita, teve conhecimento do nome e das últimas façanhas do menino Júlio, nosso presidente, segundo dizem. Fez-lhe impressão tal nome, ao que parece; é um jovem que em tão verdes anos tem a glória de presidir a uma câmara e aos destinos de um povo, que deve ter uma aptidão especial. Kruger pensava nessa pátria, tão querida, que lhe fugiu ou arrebataram. Pensando na triste sorte desse povo heróico que ele governou, não lhe fugiu da mente a ideia da liberdade do mesmo povo. A dificuldade toda estava em encontrar um Hércules invencível capaz de destruir os ingleses, actuais senhores da República Sul Africana.

*Diz-se que Kruger ao ler o “Jornal de Abrantes”, o melhor jornal da Europa, a notícia do valor do menino Júlio, nosso presidente, o arrojo com que desafiava o Sr. Dr. Victor Mora para um duelo, que ao mesmo tempo queria dizer uma batalha, exclamou: **Eurecha! Achei o libertador que eu desejava!***

Consta, portanto, que Kruger virá brevemente ao Sardoal, convidar o senhor nosso menino Júlio para ir desafiar os ingleses para um duelo na África do Sul e fundar ali um império.

Consta, também, que em companhia do velho presidente virá uma comissão de Boer’s a oferecer a futura presidência da sua república ao menino Júlio quando este tiver destruído todos os ingleses.

Parece que o que mais animou Kruger a confiar os destinos do seu povo ao menino Júlio, nosso presidente, foi a grande bigodeira do mesmo menino Júlio. Kruger evoca a memória de todos os grandes homens da história que se tornaram notáveis pela sua força e vencedores dos seus inimigos. Parece que o mais notável em força e valor, foi Sansão, porque com a queixada de um burro matou todos os seus inimigos. Lembrando-se que a força daquele homem estava toda nos longos cabelos, lembrou-se que os bigodes do presidente da nossa Câmara, o menino Júlio, também significavam grande força e que esta deve estar nos ditos longos bigodes, logo por consequência, resolveu, segundo consta, vir ao Sardoal convidar o menino Júlio para o duelo referido, propondo-lhe que governasse, em seu nome, a sua pátria. Mas chegando cá a vir o Sr. Kruger, nós lembramos ao menino Júlio que lhe faça, também, uma arma igual àquela de que Sansão se serviu, isto é, as queixadas de um burro porque com aquela arma escusa o Sr. Presidente de ter medo de quantos duelos houver.”

“JORNAL DE ABRANTES” - 20 de Setembro de 1903:

“SARDOAL - Pendência de honra:

Sr. Redactor

Eis-me de novo a importunar V.Ex^a., pedindo-lhe a fineza da publicação seguinte:

No vosso Jornal de Abrantes de 6 do corrente mês vejo uma carta do Exm^o Sr. José Alexandre David Pinto Serrão, que pela delicadeza com que este cavalheiro trata de todos os assuntos, eu não deveria responder, dando por terminado o assunto, como Sua Ex^a. o faz; como a verdade é simplesmente sem má intenção o que na minha carta de 30 de Agosto findo escrevi, reitero todo o seu conteúdo, sem confusão e emprego de retórica, predicados que não possuo. Na parte que diz respeito a ter procurado Sua Ex^a., às 12 horas da manhã não pode haver contestação, sendo de facto que decorreu algum tempo em o encontrar, não podendo precisar a hora por não conferenciar o relógio, o que teria feito, se tinha declinado o seu mandato.

Se Sua Ex^a., quer interpretar como conversa particular o resto do que se passou, pode-o fazer, porque da mesma forma interpretarei o resto da vossa contestação

Quanto à parte que me diz respeito na carta do Exm^o Senhor Dr. Eusébio Tamagnini Barbosa publicada no mesmo dia 6 do corrente no vosso jornal, cumpre-me só dizer a este cavalheiro, que é facto não ter competência para apreciar prazo em ponto de honra desta natureza, pois que a minha vida de artista nunca me deixou tempo para tais elucidações. Sá apenas e a muito custo ma deixou na folga do trabalho, tempo para apreciar os raros talentos e merecimentos, com sua ex^a.

A minha redondamente falsa declaração, como diz sua ex^a., é na verdade sem dotes literários, sem hipocrisia e sem maquiavelismo; é, repito a expressão clara de quem diz a verdade, sem intenção de ofender, sem preâmbulos, nem dotes universitários.

Termino, finalmente e publicamente a sua Ex^a que se entretanto, chamando à tela da discussão quem lhe iguale em talento, porque só de viva voz lhe responderei, quando pessoalmente me queira procurar.

Pela publicação destas linhas, Sr. Redactor, muito grato lhe fica, quem é com todo o respeito e consideração. C.deV.

Sardoal, 12-9-903 Francisco Augusto Simões

No mesmo jornal e no mesmo dia.

“Correspondência - Sardoal

Francamente, não sabemos quem mais admirar. Se o silêncio com que o Espalhafato assiste às acusações pouco edificantes para ele, que lhe vimos fazendo, se a espontaneidade com que o pasquim do Tejo, que só por antonomásia e decoro se chama jornal, defende os seus actos pouco limpos.

Jornal e Espalhafato são dignos um do outro, não nos resta dúvida - como também não resta nenhuma a quem queira e possa compreender o que lê, que o Sr. Mora tem abusado desafortadamente da tabela camarária que lhe cumpre respeitar, como fica provado no nº 172 deste Jornal - Ainda não fomos desmentidos como diz Victor Hugo, parece sempre com a aquiescência ou uma espécie de derrota. Mas antes de prosseguirmos, diremos umas rápidas explicações acerca da moral que impulsiona o Echo a atirar-se às canelas de gente limpa que lhe faz sombra, explicações que são ciosas para muita gente, não serão por certo, para boa parte dos leitores.

Parece que alguém meteu em cabeça ao Sr. Sant'Ana Marques, director e redactor 'in nomine' do papel que os degenerados filhos de Passos, no poleiro poderia ser guindado a deputado cá pelo círculo. Por isso, porém, fazia-se mister desde logo, fundar um pasquim que arrastasse fortes correntes de simpatia, devendo o nome do onerado pai da pátria, figurar no cabeçalho do papel, embora isso, aos olhos de muita gente boa, fosse dar prova do seu pouco escrúpulo moral em botar figura.

O jornal apareceu como estava na lógica do 'credo' político, investiu desde logo com o Sr. Avelar Machado e com alguns dos seus dedicados amigos daqui e de outras localidades, começando ao mesmo tempo a enganar por aqui e acolá uns certos políticos que, a bem dizer, em ocasião de eleições com o voto: o seu, quando têm.

No Sardoal, que é quasi na totalidade dos seus eleitores regenerador, ou, para falar com mais propriedade, só se prestaria a voltar a casaca a talante do Echo, que é para toda a gente a orla.

Lá que ele, como político, como homem, como tudo o que não valha uma de X, não arraste nem fortes, nem fracas 'torrentes de simpatia', isso é de somenos importância - para a gente do pasquim, pois também para aí há um chefe do partido progressista que não passa de um chefe de si mesmo e do seu hermano e, contudo, o papel da trampa vegeta e exhibe-se atiradiço, como um perro alentejano...

Acresce, ainda, a circunstância do Espalhafato só poder vir a ser um político de barriga, muito capaz de, por dá cá aquela palha, mudar de política com a mesma sem-cerimónia com que Cleópatra mudava de amante.

Autoriza-nos a fazer esta afirmativa a sua vida pública passada e presente. Ora como neste concelho dispõem de toda a influência os Srs. Salgado e Dr. Felicíssimo, o Sr. Sant'Ana Marques, no intuito de se utilizar do seu desprestígio, tratou-lhe de açular às pernes o Tartufo Sonhador de Utopias, que é quem faz no pasquim a política de soalheiro e num 'dolce farniente' tem gozado o espectáculo, quiçá, crendo-se já um pai da pátria, com poder para distribuir benesses pelos amigos de Peniche...

E aqui tem o público muito superficialmente explicados os motivos que têm levado o 'papel' a ter constantemente em foco, entre outros, alguns respeitáveis cavalheiros desta vila, conhecidos como amigos do Sr. Avelar Machado, os quais, simplesmente, por este motivo, o Echo tem esmordaçado com dentes de cebola, o que em última análise é caso para se envaidecerem, visto que no 'papel' se não perseguiram nulidades, mas sim só quem faz sombra, quem nunca lhe deixará vingar os planos que lhe endireitariam a vidinha...

O Echo tanto tem mostrado embirrar com o literato sardoalense, atirou-se agora à literatura como gato a bofe.

Já cita de quando em vez o seu escritorzito e até já nos levou as lampas em literatices, visto agora começar a mimosear-nos com versos da sua lavra.

Camões, Junqueiro, Mendes Leal, etc., etc., passam por ser uns borrarotas da poesia, o seu brilho ofusca-se ao assomar de Dante às colunas do zeloso defensor dos interesses e os da sua respeitável pança.

Aquelas cinco quadras de um lirismo que arrebatava, duma cadência que extasia e, sobretudo, de uma mistificação impenetrável à unha da crítica, mais meticolosa, como diria Camilo, valem um soberbo poema, capaz de fazer a fortuna de um editor. Pelo amor de Deus!...

Cromotipiem-me o 'poeta' - se não querem, já, levantar-lhe uma estátua - diga-nos a todos o nome deste novo rei da natureza que promete fazer o que puder no sentido de colocar nos cabides da posteridade, como lá se diz, no Palito Eléctrico.

Agora reconhecemos quanta razão tinha o outro para definir valo - uma contracção de Vate e Camilo, para nos dizer que neste mundo ninguém é poeta, excepto os idiotas.

Mas deixemos o poetrastro escorcear à portas do Parnaso e calamos já de chofre sobre a coisa mais prosaica que nestes últimos tempos temos visto em letra redonda, a salsada que o Echo faz com canjirões, Baco, marisco e...o diabo que o carregue.

O articulista tem, evidentemente, o mau gosto de querer chuchar com a sua própria pessoa, para quem parece foram feitos aqueles pitorescos versos do Campo das Flores: Clarabóia na cabeça

E quando vinho apareça.

O Echo enganou-se, por força do subscrito... O Literato Sardoalense não é vinhateiro, nem coisa parecida, mas tem como certo, que é mil vezes preferível passar briol a cobres, a bebê-lo em demasia...

Cá o correspondente, não pode ser arguido de devoto de S. Baco, porquanto jamais foi visto a marchar em custódia cambaleando como bêbado entre cabos de polícia... isto é próprio de certos jornalheiros, muito sabidos em tartufismo e ingratidões que não lhes dá de publicamente deslustrar a loba de dizer do poeta: um balandrau de dobras espectrais, feito para espantar as almas e os pardais.

E que fique o Echo com mais esta.

16-9-903 Um Sardoalense

P.S. - Na nossa última correspondência, onde se lê abiscoitar pela arte, etc., etc., leia-se abiscoitar pela arte o tal 'alma danada' as simpatias do Espalhafato a quem pelos modos em in illo tempore, sucedem-se coisas engraçadas."

Em 27 de Setembro de 1903, apenas o "JORNAL DE ABRANTES" alimentava a polémica:

"Correspondência - Sardoal

Lá por fora, quem se der ao trabalho de ler o que sobre esta, habitualmente, pacata vila se tem escrito últimamente, concluirá, talvez, que está muito longe de disfrutar a tranquilidade tão indispensável em terras pequenas. Os factos, porém, contados desapaixonadamente, sem intensidade de cores, como não costuma a fazer o correspondente do Diário de Notícias, resumem-se nisto: Um Espalhafato burlão, velhaco e... malcriado, sem amigos leais, nem simpatias, a querer intrometer-se em tudo, a querer debalde dominar a todos e pouco mais - toda a Vila, inclusivé os que o Hipócrates Espalhafato tem por seus adeptos, o conhece de sobra e é disto prova os muito poucos sardoalenses que se querem utilizar dos serviços do antipático Esculápio. E, a maior parte, conhece-o já do tempo em que ele, quando vereador entendeu impôr-se ao ponto do que lhe valeu um belo dia sentir uma cadeira tactear-lhe os coiros - como é do domínio público.

Entretanto, quão desolador é para todos os sardoalenses amantes da sua terra assistir a uma tão inglória luta, por assim dizer de irmãos, quem só deveria ter em vista o engrandecimento da sua terra!...

A união faz a força, diz a sabedoria das nações e a boa vontade de todos, conjugada para o mesmo fim: a prosperidade do concelho.

A actual Câmara, de justiça é dizer-se, tem feito muito, é uma das Câmaras que melhor deixa assinalada a sua passagem pelas cadeiras municipais. Os dois vereadores mesmo que o Hipócrates, desrespeitador da bolsa do Zé, ali se ufana de ter, têm estado sempre ao lado do Sr. Vice-Presidente em tudo o que não seja bulir no truanesco Esculápio.

Mas muito e muitíssimo há ainda a fazer neste concelho e conseguir-se-ia, por certo, muito, se para isso concorresse a boa vontade de todos os que podem.

Sente-se a falta de estradas, de asseio, que por vezes falta nas ruas e para completar o quadro, a ausência de escolas, pois só há três no concelho: duas na Vila e uma em Alcaravela.

E quanto às estradas, uma que desta Vila há-de entroncar com a que de Abrantes vai passar a S. Domingos, está muito longe de estar acabada, apesar de começar há cerca de 10 anos!...

E já que falamos desta estrada, não perdemos a oportunidade de dizer que desde o seu começo se têm conservado nesta Vila, sem ninguém saber porquê, um e por vezes dois apontadores de obras públicas, os quais têm percebido para cima de dois contos de réis, quantia suficiente para concluir a referida estrada.

Mas como conseguir o seu acabamento se os interessados não instam para que se lhes faça justiça, se a Câmara, como o ter muito em que cuidar e uma cooperação que para aí vegeta com o basbático nome de 'ASSOCIAÇÃO COMERCIAL' se estatelam à sombra frondíssima da árvore da indiferença?...

Se todos continuarem a manifestar, como até aqui, uma tão acentuada vontade em conseguir a conclusão de tão importante melhoramento, não há que ver, a estrada deve estar transitável para as calendas gregas.

Oxalá que o nosso agoiro tenha de ir para bem longe, para onde não haja eira, nem beira, nem raminhos de figueira.

Deve ficar, definitivamente, assente no sábado, em sessão extraordinária a nomeação do Sr. Dr. Henriques Miguens para médico deste concelho. Temos as melhores informações a seu respeito, motivo porque felicitamos os povos do concelho e Câmara, pelo acerto da escolha que fez.

O novo médico acaba de chegar a esta vila, onde se hospedou em casa do Sr. Salgado. Seja benvindo!

Diz em último número do Echo que nos vimos metendo na vida privada de alguns indivíduos cá da Vila - isto por dizermos glosas de palmo e meio, não sabe gramática e quejandas ninharias.

Isto faz vontade de mandar o articulista onde o bravo Cambrone mandou os ingleses. Francamente que começamos a convencer-nos que quem, públicamente mostra fazer uso de tão disparatada hermenêutica, ainda por força, ao escrever, pela região de FALSTALF e de Maria Parda, de Gil Vicente...Vá-se deitar, pois um bocadinho...enquanto a ervilha não enche... e apareça quando a coisa lhe tiver passado. Enquanto, porém, cura

a soneca autopsiemos ligeiramente a prosa do correspondente do 'papel' cá da Vila, sem com isso gastarmos muita cera.

Diz ele com pilhas de graça que o Sr. Salgado deve pedir ao Velho Kruger, provavelmente no dia em que a filarmónica sair com um sol e dó, à noite, como ele diz, uma arma igual àquela com que Sansão meteu os tampos dentro aos Filisteus.

Este conselho, por mais que me digam em contrário, leva água no bico. Não é preciso ter uma intuição de Newton para se ver nas entrelinhas daquela milionária prosa que o correspondente, deve ser uma grande alma. Sonha com a imortalidade da sua preexcelso pessoa.

Outro pobre diabo deitando fogo ao Templo de Diana obteve da história a graça de lhe registar o nome iconoclasta. O correspondente, para também passar à dita, pensa, por força no suicídio(!) que efectuará oportunamente, a fim de assim poder mui belamente legar ao Sr. Salgado uma arma igual àquela com que Sansão, escadeirou os inimigos.

Os jornais de grande informação botam fogo logo pela certa, colunas e colunas de prosa adubada com bonecose o espírito heróico sardoalense, que não mais voltará a cintilar nas colunas do Echo, lá tem de ir passar as baixas de Charonte, deixando-nos cá neste mundo sub-lunar mais inconsoláveis do que a linha de Calipso quando Ulisses se lhe esgueirou. Não se esqueça, porém de levar a espórtula para a barqueira, que me parece que contentaria com aquela preciosa quantia que o Espalhafato tem guardada na caixinha...

Boa jornada, pois, e oxalá que os seus nomes venham cáusticamente tão cedo. - Au revoir. Um Sardoalense

Em 4 de Outubro de 1903 - ECHO DO TEJO:

"SARDOAL.

O sardoalense vem hoje mais variado e mais brando. Não admira porque vai entrando o Inverno e, é possível que as primeiras águas lhe amaciem o pêlo ou que lhe dêem o destino dos animais de sangue frio. Mas o que hoje se perde em energias, ganha-o na variedade de assunto, onde mostra a sua erudição, ventila, triunfantemente, as questões. E o homem mete o nariz em toda a parte. Que o digam os fundilhos do híbrido, testemunha experimentada nas fulgorações do seu talento.

*Por muito pacífico que se apresente, quando se trata do Sr. Dr. Mora, atira-lhe logo "**cum totis viribus**".*

Ele anda-lhe com vontade. Se o apanha a dormir, põe em prática as suas farroncas. Mas enquanto esse dia não chega, joga-lhe a seguinte bisca: toda a Vila, inclusivé os que o Hipócrates espertalhão tem por seus adeptos, o conhece. Com que então o amigos do Hipócrates conhecem-no?... Pelos modos, os amigos de sua senhoria, o sardoalense, não conhecem as prendas da pessoa amada!... Ah! Seu manganão, que já o vemos discípulo de Calino. No fim do seu segundo pensamento apresenta-se como qualquer brigão capaz de conjugar o verbo bater na voz passiva. Em seguida apresenta-se lamuriante, exortando os seus amados irmãos ao amor mútuo. Ele é o grande pacificador que tem por bíblia o híbrido, livro que é para todos os homens, para todos os tempos e para todas as ideias.

Cada um pode dizer o que quiser. Lá está o editor responsável que tudo concilia. A união faz a força, diz ele, depois, encarnando em si a sabedoria das nações, tece em palavras repassadas de um patriotismo de antes quebrar que torcer, a sua autorizada apoteose. A administração do seu pupilo que foi boa, até muito boa, mas que segundo o mesmo

panegerista teve o defeito de não pensar em estradas, nem no asseio das ruas, nem na educação, nem noutras coisas que nós sabemos. Mas ele lá vai deitando água benta... Para justificar o desleixo da Câmara vem com um argumento ponderável aos olhos dos prudentes:

- A Câmara não tem feito nada por ter mérito de pensar; apesar de nada fazer, de justiça é dizer-se que é uma das Câmaras que melhor deixa assinalada a sua passagem pelas cadeiras municipais. Depois desta tirada, digam lá os nossos, se o Sardoalense não anda umas tantas horas do dia, pelas regiões do sublime.

Para a Associação Comercial do sítio é que ele não é nada complacente. Tomou o comércio de ponta e não o larga. Afirma, bem categoricamente que o comércio é que devia tratar dos negócios públicos. Ao que parece, na Câmara joga-se à pela e à cebra-cega.

Por fim responde ao nosso correspondente no Sardoal, não sem que nos mande 'deitar um bocadinho, enquanto a ervilha não enche'.

- Compreendemos agora o motivo das branduras. Já não há cevada que lhe morda na barriga e, por isso, enquanto não vier outro S. João, pretende utilizar-se de ervilhas, que conquanto não seja de tanta acção, como a que vem no tempo da verdura, é possível que a mistura, com ele, provoque algumas cócegas. Ou também agora não empregamos a boa hermenêutica?

Vá... Fale, seu grande ratão!

"JORNAL DE ABRANTES" - 4 de Outubro de 1903

"Correspondência - SARDOAL:

O obscuro que vem atirando aos ventos da publicidade estas modestas correspondências, não é a primeira vez que se vê envolvido em pugnas jornalísticas, mas confessa que jamais viu sair-lhe à estacada polemista da polpa dos do Echo.

Na impossibilidade de nos provarem a falsidade dos factos gravíssimos que temos apontado, muito pouco lisonjeiros para o Dr. Espalhafato -Dentista, limitam-se, num contínuo meter os pés pelas mãos, a registar no pasquim, as gralhas tipográficas que vão encontrando nos nossos escritos e assim vão enchendo o 'papel'. Camilo, na questão da sebenta, define este procedimento - a prancha podre de todos os tolos em naufrágio; e noutro livro diz-nos que grande coisa é ter lido os bons clássicos, porque isto não dá alento para atacar velhacos.

Neste humanitário intuito, vamos, pois, manusear um número do Echo que reproduziu a protesto que o Sr. Victor Mora apresentou à Câmara, protesto a que já nos referimos.

Diz lá que o Sr. Mora é um cavalheiro muito digno de aqui ser respeitado pela sua posição, pelo saber, etc...

O respeito devido à posição de cada um, é relativo. Todos dele são dignos, desde que bem comportados; enquanto ao seu apregoado saber, é melhor passarmos adiante...

No último número do 'papel' depois de nos aclamarem (sic) colegas de João de Deus, Camões e Junqueiro, acabou por nos pedir umas glosas.

Não são servidos, porque o público podia ver nos dois 'poetas', dois parvos à compita e assim só vê um competidor. E ainda que não faltasse o engenho e arte de que nos fala o autor de 'Os Lusíadas', seguindo o exemplo do Bocage, não desceríamos, nunca a fazer versos aí a qualquer.

Rente modus in rebus.

Fiquem lá os pedaços do Echo na familiaridade, dou com mel do Himeto, das Musas, que nós cá não sairemos desta prosa amarga.

Que por lá há prosadores hercúleos e poetas de se lhe tirar o chapéu.

*Francamente que se admira tanto no 'papel' o **savoir-faire** em todo adorável misto de prosa e verso, que já por vezes nos têm feito lembrar aqueles pitorescos versos com que um dia Camilo presenteou o barbeiro de Amarante, que lhe pediu loas para as cavalhadas:*

Uns dão coices, outros versos

Cada um dá o que tem...

Ora, como lá na redacção do pasquim há quem receita e avie, que é como quem diz, gente para dar ambas as coisas, a nós só nos resta assentar arraiais nos domínios da prosa chã, constituindo-nos, ao mesmo tempo, admiradores da versalhada do 'papel', a quinta essência dos primores da oitava maravilha do mundo.

Vão continuando e contem com a imortalidade...

Também o Echo nos faz a revelação, para inglês ver, talvez de ter recebido últimamente recebido de 'toda a parte suetos em barda referentes aos acontecimentos desta vila e atrapalhado com o descalçar da bota de publicar tudo, atira com aquela coisa dos correspondentes que nada têm com as calças, dizendo: só publicaremos artigos da redacção e do nosso solícito (sic) apreciado correspondente. Por nós, jamais perdoaremos aos nossos patrícios o terem a petulância de fazer pia da casa d'um 'papel' que, por arrastar fortes torrentes de simpatia, não se segue que haja de sujar mais os prelos com as baboseiras dos quidans que se deixam arrastar, também, pelos cantos da sereia e por via da sua falta de côco.

O Espalhafato-Dentista, o mesmo que é subdelegado de saúde por empréstimo, há que dar um sério cavacão com tamanha falta de respeito pela higiene.

Faz muito mal, entretanto, em não publicar tudo para a sua edificação e regalo da gente. Também já estamos fartos de esperar aquela prosa em que o Sr. Mora, como prometeu, havia de provar quem é que protesta pelas algibeiras, etc.

Que isto venha tudo, quanto mais depressa melhor, são os nossos desejos e aqui os do vizinho do lado.

Ainda no "JORNAL DE ABRANTES", de 11 de Outubro de 1903:

SARDOAL - Correspondência

"Não deixa de ser pitoresca a revelação que o Echo nos faz em último número, de a nossa correspondência lhes ter produzido o efeito purgativo das ameixas dos três ao prato que em sua opinião, empannam, embaçam e soltam a natureza.

Sempre nos quis parecer que as suas infelizes tiradas de há algum tempo a esta parte, eram bem mais filhas da barriga do que do cérebro...

Felicitam-nos, pois, por mesmo sem querer, lhe termos sido prestáveis, congratulando-nos por o saber tido aliviado, sem gastar com o alveitar.

Mas vejamos(salvo seja) o que o patusco articulista fez - aliás no que é seu, pelo que desejamos muito bom proveito...

Todo acho, pegou na nossa correspondência inserta no nº 178 deste Jornal, copiou para o seu 'papel' o que lhe convinha, misturou tudo a seu talante, para alfim, chegar a considerar razões de se lhe tirar o chapéu.

Assim para nó dizermos que a actual Câmara tem prestado bons serviços ao Concelho, mas que muito mais pode prestar, concluem eles que das duas asserções se destroçam ríprocamente!... Sim, Senhor!... lá porque um camarada tenha prestado bastantes serviços a um concelho, deve daí inferir-se que nenhum mais pode prestar?...Bolas em semelhante lógica!

Ora vamos lá, cumprindo uma obra de Misericórdia, por analogias, a ver se o Echo percebe a coisa.

Imagine o articulista do 'papel' que o literato sardoalense vinha dizer que você é parvo chapado, ignóbil tartufo, mas que muito mais coisas pode ser: Você, a não lhe replicar com os pés, redargua-lhe: - E você que se era parvo, não podia ser mais nada. Nós então dir-lhe-íamos que não obstante ser parvo, 'muchas cosas más podia ser'.

Ora é pouco mais ou menos isto, a nossa questãzinha. A Câmara tem prestado muitos bons serviços, mas muitos mais pode prestar. Entendeu agora, homenzinho de Deus? E se não perceber ainda fique-se por aí as hostes dos 80 P.C., que isto não é escola.

Adiante.

Volta o Echo a falar-nos de novo numa cena ocorrida nesta Vila entre o Sr. Dr. Eusébio Tamagnini e Victor Mora, com o já nos faz lembrar o chá do Tolentino fervido pela sétima vez.

Ainda não tocámos no caso, mas lá vou hoje.

Há pouco no número do Echo em que o Sr. Mora prometia provar quem é que protestava pelas algibeiras - fazia referências pouco lisonjeiras ao Dr. Tamagnini. Este que não pertence ao número dos patrões que se deixam esbofetear ficando mudos e quedos quais penedos, sem temer e bengala tranca e o inseparável revólver, procurou, inerte, o Sr. Mora e após breves explicações, entendeu por bem mandar-lhe para os bigodes um tabefe, que foi pena não chegasse à maculatura, linda Verónica, de Sua Ex^a. Os dois agarram-se, então, e os costados do Espalhafato-Dentista não tardam em tactear a calçada, contudo da contenda resultou uma beliscadura, sem deixar para alguém que estava próximo, isso evitar apartando os contendores - com o que só lucrou o Sr. Mora, pois o seu antagonista não tinha nada de poltrão, como o Espalhafato apregoado pelo Echo, assim o quer. No dia seguinte ao da contenda, o Sr. Mora achava-se seriamente atrapalhado ao ter que sair de casa para o hospital.

Lançava, amiúde, os olhos para a farmácia onde costuma permanecer o Sr. Dr. Tamagnini e ao passo que ia espalhafatando, com um 'quidan' vizinho da grei, a pouco de prometer, para inglês ver, espatifara tiro quem ousasse sair-lhe ao encontro, ia-se de tal maneira lívido que uma alma caridosa, condoída do Espalhafato, lembrou-lhe que seria bom ir acompanhado por alguém ao hospital.

Enfim, o dentista-pimpão dava destas provas de valentia! Ele ao que ouvimos, já tinha convidado para testemunha no duelo, o próprio Administrador do Concelho, que o Espalhafato sabia de sobra não poder sequer consentir na realização da pendência. Ele que tinha tido a genial ideia de meter o Sr. Simões a resolver um ponto de honra(?) ele que já raro saía de casa - coroava, alfim, tão alevantado proceder. Como tornar-se lívido como um hermano ou um cataplasma, após saborear comida de urso!

E aqui tem o 'papel' toda a luz dos factos, contados os casos em que, últimamente, em todos os números temos visto montado como um lazarento cavalo, tornado, pela força

das circunstâncias, de batalha. Isto dito, vamos referir um facto ainda fresco que, como vai ver, é muito lisonjeiro para o Espalhafato-Dentista. Quis a coisa, que há dias, ao chegar pela primeira vez a esta Vila, o Sr. Dr. Henrique Minguéns, aqui encontrasse o Sr. Dr. Felicíssimo. Este, em companhia do Sr. Dr. Matos Silva foi mostrar o hospital ao novo médico, com o qual, por sinal, ficou encantado.

O Sr. Mora, evidentemente, para fazer saber, a quem não conhecia ainda, de quanto é capaz a sua alma danada pequena e chata, dirige-se pouco depois ao hospital e, na impossibilidade de cevar a sua cólera no Dr. Felicíssimo, faz do enfermeiro bode expiatório, pespegando-lhe uma tremenda descompostura por ter franqueado entrada aos Srs. Drs. Minguéns, Felicíssimo e Matos Silva.

O Enfermeiro queixou-se ao Sr. Provedor da Misericórdia do arrazoado soez do Esculápio pimpão, que com justiça censurou o baixo procedimento do Espalhafato e foi dizendo ao enfermeiro que nunca ao Dr. Felicíssimo se fechasse a porta do estabelecimento de caridade que tanto lhe devia e que o Sr. Mora, só está no direito de lhe proibir a entrar a quem queira nas enfermarias, não tendo que meter o nariz em casa alheia.

O facto apontado é, duplamente, significativo, daí a ideia da medida do Sr. Mora e deixa bem evidentemente demonstrada o quanto ele respeita e deseja vibrar com os seus colegas.

E é um Esculápio destes que ainda tem defensores que arrastam fortes torrentes de simpatia: "Arcades ambo".

Se nós escrevêssemos em prosa em jornal nosso, onde pudéssemos expandir-nos sempre consoante a nossa vontade, Echo e Espalhafato, haviam de ser condignamente desmascarados, sem ser necessário entrar em vida privada de ninguém - procedimento que o Echo condena, ao mesmo tempo que nos convida a assoalhar a vida íntima de um cavalheiro desta vila! É sempre a mesma desgraçada lógica. Mas como tal não se dá, antes pelo até aos nossos modestos escritos às vezes sofrem amputações que os desvirtuam e nos trazem o ânimo de prosseguir com as correspondências desta Vila, é forçoso sofrer a pena, não a deixando escapelizar como se nos impunha, as sandices dos Rentes que por aí andam desonrando a imprensa, num grunhir apoplético às canelas do Sr. Avelar Machado e dos seus amigos políticos daqui, o que vale é que quase toda a gente que lê o 'papel' lhe admira aquela maneira arte-nova de fazer política e tem por ele a mesma consideração que nesta Vila se dá ao Espalhafato-Dentista.

MEMÓRIAS DA(S) FILARMÓNICA(S)

A Filarmónica ou Banda, como há muitos anos é tratada por todos os Sardealenses, esta secular colectividade, teve, tanto quanto sei, a sua origem em 1862, com a fundação da “Sociedade Filarmónica Sardealense”.

Em 1987, quando das comemorações do seu 125º aniversário, escrevi uma pequena brochura que a Câmara Municipal de Sardeal editou, com o título **“MEMÓRIAS DA FILARMÓNICA UNIÃO SARDOALENSE(I)”**, obra que se encontra esgotada e que era, necessariamente, muito incompleta.

Retirando desse trabalho alguns aspectos mais significativos, vou procurar, agora, trazer a público, o que entretanto pude colher sobre a história da Filarmónica, especialmente, no que respeita ao período que medeia entre a fundação da “Sociedade Filarmónica Sardealense” e a criação, em 1911, da Filarmónica União Sardealense.

No Arquivo da Câmara Municipal existe um livro com a designação:

“REGISTO DE AUTOS REFERENTES À ADMINISTRAÇÃO DA FILARMÓNICA”, que tem o seguinte termo de abertura:

“Há-de servir este livro para nele se escreverem todos os autos e termos que forem necessários para regular o serviço e boa administração da Filarmónica a organizar-se nesta Vila. Teve seu princípio em 3 de Agosto de 1862.

O Presidente da Comissão: Emídio António Mora”

O primeiro documento registado é o seguinte:

“ACTA DA SESSÃO PARA A ELEIÇÃO DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA FILARMÓNICA QUE SE VAI ORGANIZAR NESTA VILA DO SARDOAL:

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e dois, aos três dias do mês de Agosto, nesta Vila de Sardeal e em uma das casas da Administração deste Concelho, sendo para isso convidados foram presentes como sócios da Filarmónica a organizar-se nesta Vila que se subscreveram com a promessa de mil e duzentos réis de jóia e duzentos e quarenta réis de quota mensal, por tempo de dois anos a contar da presente data. os seguintes senhores: Emídio António Mora - Fernando Augusto de Figueiredo - Reverendo Pedro Maria Pereira - António Duarte Pires - José Alexandre David Pinto Serrão - João Saldanha da Fonseca e Serra - Máximo Maria Serrão - Simão Serrão Burguete - Doutor José Maria da Silva Ferreira - Reverendo António da Silva Ramos Ferreira - José Santos e Silva - Francisco de Oliveira Mendonça - Joaquim Batista Rosa - Manuel Gaspar - Pedro de Matos - Joaquim Ribeiro - José Maria da Silva - Miguel Serrão Burguete, todos desta Vila - Joaquim Apolinário Ferreira da Silva e João Vaz Soares, da Vila de Abrantes; não compareceram os senhores - José de Albuquerque do Amaral Cardoso - Reverendo Francisco de Oliveira - Ricardo Frederico Guimarães - Reverendo António da Silva e Moraes - Reverendo Joaquim Manuel da Fonseca Moraes - Reverendo Luís de Oliveira Brigas - Reverendo Francisco Ferreira de Figueiredo - António Batista - João Ribeiro - Inácio Maria Xavier de Oliveira - Reverendo Gregório Pereira Tavares - José da Silva - António Dias Jorge - todos desta Vila; - Reverendo António Rodrigues Falcão, dos Andreus - Manuel Heitor

Deus, da Conheira - José Maria Serrão, de Belver - Silvério Marques, da Recez - Sebastião Tavares, do Rossio - Diogo Alexandrino de Figueiredo, de Castelo Branco - António Carlos da Rocha Vieira e Joaquim José Lima, da Vila de Abrantes, tendo contudo mandado pedir desculpa de não poderem comparecer por afazeres, anuindo a tudo o que os sócios concorrentes fizessem a bem da organização da Filarmónica desta Vila e confirmando a promessa da jóia e quota retro-declarada: pelo que se procedeu à leitura dos estatutos que hão-de regular o serviço e boa administração da dita Filarmónica, os quais foram aprovados plenamente por todos os sócios presentes; em seguida nomearam de entre si para compôr a Mesa Provisória e procederem à eleição da Comissão Administrativa da Filarmónica, o Doutor José Maria da Silva Ferreira, para Presidente e António Duarte Pires para escrutinador e a mim Miguel Serrão Burguete, para Secretário, os quais tomando os seus respectivos lugares, procederam à eleição por escrutínio secreto, da dita Comissão, recebendo o Presidente, de cada um dos sócios presentes, uma lista que deitou dentro de uma urna, depois do que, todas recebidas, procedeu o escrutinador à leitura d'elas e saíram votados: Fernando Augusto de Figueiredo, com vinte votos - Emídio António Mora, com dezanove, Reverendo Pedro Maria Pereira, com dezoito, Miguel Serrão Burguete, com dezoito, Francisco de Oliveira Mendonça, com onze, António Duarte Pires, com seis, Joaquim Batista Rosa, com cinco, Doutor José Maria da Silva Ferreira, com um, Máximo Maria Serrão, com um e Manuel Gaspar, com um. Pelo que o Presidente proclamou membros da Comissão os cinco mais votados: Fernando Augusto de Figueiredo, Emídio António Mora, Reverendo Pedro Maria Pereira, Manuel Serrão Burguete e Francisco de Oliveira Mendonça, que todos aceitaram o cargo para que foram eleitos.

E para constar se lavrou a presente acta que depois de lida foi por todos assinada. E eu, Miguel Serrão Burgurte, Secretário, escrevi.

(Seguem 35 assinaturas)

ACTA DA ELEIÇÃO DO PRESIDENTE, VICE-PRESIDENTE, FISCAL, TESOUREIRO E SECRETÁRIO DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA FILARMÓNICA DESTA VILA:

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e dois, aos seis dias do mês de Agosto, nesta Vila de Sardeal e na Sala da Casa para os ensaios da Filarmónica desta Vila, estando presentes os Membros da Comissão da dita Filarmónica: Emídio António Mora, Reverendo Pedro Maria Pereira, Fernando Augusto Zuchenbuch de Figueiredo, Francisco de Oliveira Mendonça e eu Miguel Serrão Burguete, procederam à eleição, de entre si, por escrutínio secreto do Presidente, Vice-Presidente, Fiscal, Tesoureiro e Secretário e saíram votados para Presidente, Emídio António Mor, com quatro votos, para Vice-Presidente, Reverendo Pedro Maria Pereira, com dois, para Fiscal Fernando Augusto Zuchenbuch de Figueiredo, com três, para Tesoureiro Francisco de Oliveira Mendonça, com três e para Secretário, eu, Miguel Serrão Burguete, com três, no que todos concordaram.

E para constar se lavrou esta acta que depois de lida foi por todos assinada.

E eu, Miguel Serrão Burguete, Secretário, a escrevi.

(Seguem quatro assinaturas)

TERMO DE DECLARAÇÃO

Aos vinte e dois dias do mês de Setembro de mil oitocentos e sessenta e dois, nesta Vila de Sardoal e na sala que se acha designada para os ensaios da Filarmónica, onde estavam presentes o Presidente, Fiscal e Secretário da Comissão da dita Filarmónica e mais alguns sócios, foram igualmente presentes os senhores Francisco Augusto Henriques Achemam e José Gusmão de Almeida, da Vila de Abrantes e por este foi dito que desejando pertencer à sociedade da Filarmónica desta Vila, pelo que se obrigavam a satisfazer a jóia de 1200 réis e a quota de 240 réis mensal, por tempo de dois anos, como se acha estabelecido para os mais sócios, por isso pediam, que sendo nisto conforme a Comissão, se lhe abrisse termo para constar e se subscreverem, o que sendo comunicado aos dois membros que se não achavam presentes, todos de muito bom grado os aceitaram como sócios, ficando por isso gozando das imunidades que ***para os mais se acham estabelecidas.***

E para constar se lavrou este termo que depois de lido foi por todos assinado.

E eu, Miguel Serrão Burguete, Secretário, o escrevi.

Igualmente foi declarado pelos Ilmos Senhor Dr. Giraldo Joaquim da Costa - António Joaquim Pinto Cerqueira - Agostinho Francisco Moreira Cardoso, Reverendo Bazílio Neves da Cunha e António Joaquim Gonçalves Vieira, que desejavam pertencer à Sociedade Filarmónica desta Vila, pelo que se obrigam a pagar 1200 réis de jóia e 240 réis de quota mensal, pelo tempo que se acha estabelecido para os usuais sócios, no que a Comissão foi conforme e por isso assinam a sua declaração.

ESTATUTOS PELOS QUAIS SE DEVE REGER A FILARMÓNICA DESTA VILA DO SARDOAL

TÍTULO 1º DA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

ARTIGO 1º - A sociedade denomina-se “SOCIEDADE FILARMÓNICASARDOALENSE” a qual tem por fim promover a instrução e recreio tanto em instrumental como de canto, de certo número de alunos para dizerem em orquestra peças de música

ARTIGO 2º - São sócios todas aquelas pessoas que voluntariamente se inscreveram para satisfazer a arbitrária jóia de entrada de mil e duzentos réis e a quota mensal de duzentos e quarenta réis e bem assim todas as que de futuro forem admitidas pela Comissão.

ARTIGO 3º - Os sócios actuais e os que de futuro se inscreverem são os indivíduos competentes em quem devem recair os cargos e Direcção da Sociedade, contanto que sejam residentes dentro deste Concelho;

**ARTIGO 4º - No primeiro domingo de Agosto de cada ano se reunirão em Assembleia Geral todos os sócios; no mesmo dia a Comissão apresentará o relatório dos seus trabalhos, para análise dos quais se elegerá uma comissão de três membros dos sócios presentes que dará o seu parecer no mesmo acto, em Assembleia Geral;
PARÁGRAFO ÚNICO: - Quando não seja possível reunir-se o número total de sócios conforme o artigo antecedente, a sociedade se constituirá com qualquer número deles.**

**ARTIGO 5º - Depois de satisfazer ao que recomenda o artº 4º se fará a eleição da Mesa futura a qual será composta de um Presidente, um Vice-Presidente, um Fiscal, um Tesoureiro e um Secretário. Durará por tempo de um ano podendo ser reeleita e servir, aceitando;
PARÁGRAFO ÚNICO: - Estes cinco indivíduos eleitos, escolhem-se de entre si para os diferentes cargos.**

**ARTIGO 6º - Os cinco indivíduos eleitos pelo artigo antecedente compõem a Mesa propriamente dita, cujas atribuições são dirigir os trabalhos da Sociedade e decidir sobre quaisquer objectos da mesma, sendo o Presidente especialmente a manter a polícia em Assembleia e convocar, extraordinariamente, a Sociedade quando para isso tenha motivos ou proposta.
PARÁGRAFO ÚNICO: -Esta proposta poderá ser feita por quaisquer sócios, não sendo nunca o seu número inferior a cinco, que assinando-a a entregarão ao Presidente, declarando nela o motivo que lhe dá lugar.**

**ARTIGO 7º - Dos indivíduos eleitos pelo artº 5º formarão a Direcção o primeiro e terceiro, cujas atribuições são as seguintes:
PARÁGRAFO 1º -Fazer arrecadar as jóias e quotas mensais de cada sócio já inscrito ou que de futuro se inscrever.**

PARÁGRAFO 2º - Convocar os alunos que se julguem necessários para a execução instrumental e de canto, tendo os seguinte requisitos:

1º - Probidade

2º -Aptidão para a música

3º - Naturalidade nesta terra ou nela domiciliado

4º -Com a necessária docilidade para se sujeitar como discípulo às obrigações e regulamento da Escola.

PARÁGRAFO 3º - Apresentar na Sessão Ordinária uma conta corrente de Deve e de Haver que será transcrita num livro da Sociedade e bem assim a conta do custo dos instrumentos já comprados, cujo adiantamento foi generosamente feito pelo actual sócio Fernando Augusto Zuchenbuch de Figueiredo, para a pouco e pouco lhe ser satisfeita pelo remanescente dos fundos da Sociedade e bem assim o custo de quaisquer outros que de futuro se comprem.

PARÁGRAFO 4º - Vigiar pelo bom arranjo e polícia na casa do ensino, podendo delegar este encargo no respectivo Mestre e bem assim pela conservação e asseio dos instrumentos.

PARÁGRAFO 5º - Propôr a exclusão de qualquer discípulo que seja inepto para a música ou incorrigível no seu comportamento, o que será decidido pela Comissão.

PARÁGRAFO 6º - Propôr novos sócios que satisfaçam às indicações destes estatutos e cuja admissão será resolvida pela Comissão.

PARÁGRAFO 7º - Deliberar de acordo com a Comissão qualquer ajuste para a execução da música em arraial ou festa de Igreja e bem assim as tocatas mensais para recreio da Sociedade e povo.

PARÁGRAFO 8º - Dispender as quantias necessárias e indispensáveis para quaisquer despesas.

ARTIGO 8º - As despesas que se fizerem serão satisfeitas pelo Tesoureiro à vista do mandado que lhe for apresentado, indo competentemente assinado por um dos membros da Direcção.

TÍTULO 2º DA INSTRUÇÃO E OBRIGAÇÃO DOS ALUNOS

ARTIGO 9º - Haverá um Conselho Disciplinar que será composto dos dois indivíduos da Direcção, do Mestre ou Contra Mestre, na falta deste.

PARÁGRAFO ÚNICO - O fim deste Conselho é conhecer da falta dos alunos para lhe serem aplicadas as penas destes estatutos.

ARTIGO 10º - A Direcção com o Mestre da Filarmónica combinarão quantas lições os alunos devem ter por semana, bem como a hora e duração das mesmas, contanto que de oito em oito dias, haja uma reunião para dizerem a compasso e harmonia o que na semana tiverem estudado.

ARTIGO 11º - Todo o aluno é obrigado a cumprir o que estes estatutos lhe impõem e bem assim receber com docilidade as admoestações que lhe forem feitas pelas pessoas competentes para isso, que é o Conselho Disciplinar.

ARTIGO 12º - Os alunos depois de matriculados no competente livro para isso destinado, assinarão no mesmo um termo pelo qual se obriguem à satisfação do que impõem estes estatutos que durará por tempo de dois anos, como garantia que dão à Sociedade que desveladamente promove a sua instrução.

PARÁGRAFO ÚNICO - Este contrato só poderá ser alterado com consentimento da Comissão e aluno, para salvar força maior.

ARTIGO 13º - Os alunos são obrigados a concorrer às lições ou tocatas que legitimamente lhe forem ordenadas, bem como à boa conservação e asseio do instrumento que a cada um for confiado, por que fica responsável, não podendo ausentar-se para fora da terra sem ter sido previamente licenciado pelo Conselho.

ARTIGO 14º - Quatro meses depois de leccionados os alunos devem estes fardar-se, com o seguinte uniforme: Calça de pano azul claro, sendo branca no Verão, jaqueta à cavalaria, de pano ou brique cor de pinhão, chapéu de pelo ordinário preto, copa baixa, aba levantada na frente, avivado ou debreado de galão amarelo, pluma branca, tombada na frente do chapéu para o lado esquerdo; o chapéu na frente uma lira galvanizada, tendo no centro em gótico dois SS que denominam Sociedade Sardoalense.

PARÁGRAFO ÚNICO - Além do grande uniforme supra descrito poderá haver outro pequeno e à deliberação da Comissão.

TÍTULO 3º DAS DISPOSIÇÕES PENAS

ARTIGO 15º - Todo o sócio que perturbar a polícia e boa ordem da Assembleia será advertido pelo Presidente para entrar na ordem e reincidir, o mesmo Presidente proporá à Sociedade a sua expulsão.

ARTIGO 16º - Todo o sócio que por espaço de três meses deixar de satisfazer a quota mensal, será expulso.

ARTIGO 17º - Todo o aluno filarmónico obrigado a comparecer com o seu uniforme como fica determinado nos actos públicos em que lhe for ordenado. Deixando de o fazer pagará de multa, por cada vez, 120 réis.

ARTIGO 18º - Todo o aluno que não levar consigo para qualquer festa ou tocata a sua caderneta de música e que por essa causa deixe de tocar alguma peça pagará de multa, por cada vez, 120 réis.

ARTIGO 19º - Todo o aluno que sem causa justificada deixar de comparecer a qualquer festa ou tocata pagará uma multa igual à parte que lhe competir da mesma festa e sendo gratuita será a multa arbitrada pelo Conselho.

ARTIGO 20º - Todo o aluno que faltar a qualquer reunião tendo para isso sido avisado ou deixar de comparecer meia hora depois da hora marcada pagará 80 réis de multa e 120 réis, excedendo uma hora.

ARTIGO 21º - Todo o aluno que em qualquer festa ou reunião não se apresentar prontamente à chamada feita pelo bombo, como é costume, pagará por cada falta 40 réis.

ARTIGO 22º - Todo o aluno que não puder comparecer a qualquer ensaio e o não fizer saber ao Mestre três horas antes da marcada, pagará 80 réis de multa.

ARTIGO 23º - Todo o aluno que nos ensaios ou actos públicos suscitar disputas desagradáveis e depois de admoestado pelo Mestre ou pela Direcção não entrar na ordem será punido com a multa arbitrada pelo Conselho Disciplinar, conforme a gravidade do caso.

ARTIGO 24º - As faltas cometidas por insulto grave, embriaguez com escândalo, serão julgadas pela Direcção, ouvido o delinquente e podem dar lugar à expulsão dele.

TÍTULO 4º DO MESTRE E SUAS OBRIGAÇÕES

ARTIGO 25º - A Filarmónica terá um Mestre para ensino dos alunos que lhe forem apresentados pela Direcção, que será pela sua parte, obrigado a satisfazer o que lhe impõem estes estatutos e bem assim:

1º - A fazer a distribuição dos instrumentos pelos alunos conforme julgue conveniente ao bom desempenho e capacidade de cada um.

2º - A empregar os meios ao seu alcance para obter o bom desempenho de qualquer peça de música;

3º - A escrever para o Arquivo da Sociedade todas as peças de música que a Direcção lhe exigir, prontificando esta o necessário papel quer seja música composta pelo mesmo Mestre, quer outra que lhe seja apresentada para a competente partitura;

4º - Acompanhar e dirigir a Filarmónica a qualquer festa ou tocata para que a mesma seja competentemente chamada;

5º- Distribuir alternadamente a parte obrigada das diferentes peças de música pelos discípulos, segundo a aptidão ou inteligência de cada um e em harmonia com o instrumento.

ARTIGO 26º - As disposições penais applicadas igualmente o são ao respectivo Mestre, na parte que lhe corresponder, sendo em dobro a multa, pois que dele deve partir o exemplo para os discípulos.

ARTIGO 27º - Nas festas ou concertos ajustados em que a Filarmónica tocar, terá de gratificação o Mestre a sexta parte da importância ajustada.

TÍTULO 5º DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

ARTIGO 28º - O produto de qualquer festa ou concerto tocado pela Filarmónica, será arrecadado pelo Tesoureiro da Comissão por uma ordem da Direcção e aplicado às despesas da Sociedade, até que a mesma tenha satisfeito a importância dos instrumentos. Igualmente será arrecadado o produto das multas.

PARÁGRAFO ÚNICO - Os concertos ou tocatas que a Filarmónica fizer, competentemente autorizada, que forem de graça e disso resulte qualquer gratificação, será esta distribuída igualmente por todos os filarmónicos.

ARTIGO 29º - A Filarmónica tocará de graça a música necessária na Festa do Bodo do Espírito Santo e em todas as Festas Nacionais e regozijo público.

ARTIGO 30º - Quando por fatalidade a Sociedade se dissolva e que a Filarmónica se não possa sustentar porque ao menos cinco indivíduos não constituam uma Comissão para dirigir e regular a mesma Filarmónica, os instrumentos serão arquivados na Administração do Concelho ou na Junta de Paróquia se a primeira não existir.

PARÁGRAFO ÚNICO - Os instrumentos assim entregues a qualquer daquelas autoridades voltarão ao uso e recreio logo que se organize na devida forma a sociedade suficiente para deles se utilizar.

ARTIGO ÚLTIMO - Estes estatutos poderão ser alterados as vezes que a Sociedade o entenda, fazendo para isso proposta em Assembleia Geral e passados os dois primeiros anos de existência.

PARÁGRAFO ÚLTIMO - Haverá um contínuo a quem a Comissão arbitrar a gratificação suficiente para paga do seu trabalho.

Sardoal, 6 de Agosto de 1862

O Livro de Registos que tenho vindo a transcrever tem, ainda, algumas actas de eleição de corpos gerentes e as contas de gerência dos anos 1862/63 a 1866/67.

Por questão de espaço não as transcrevo, resumindo apenas o seu conteúdo:

1863-1864: Corpos gerentes

Presidente: António Duarte Pires

Vice-Presidente: Dr. Giraldo Joaquim Maria da Costa

Fiscal: António Joaquim Pinto Cerqueira

Tesoureiro: Joaquim Batista Rosa

Secretário: Padre Luís de Oliveira Brigas

1864-1865: Os mesmos

1865-1866:

Presidente: José de Albuquerque do Amaral Cardoso

Vice-Presidente: Máximo Maria Serrão

Fiscal: Padre António da Silva Morais

Tesoureiro: Francisco de Oliveira Mendonça

Secretário: Miguel Serrão Burguete

1866-1867:

Presidente: José de Albuquerque do Amaral Cardoso

Vice-Presidente: Máximo Maria Serrão

Fiscal: Padre António da Silva Morais

Tesoureiro: Bento Xavier Moreira Cardoso

Secretário: Miguel Serrão Burguete

Das contas de gerência constam algumas curiosidades que pelo seu interesse transcrevo:

Foi o primeiro Mestre Pedro Gregório Correia Branco, com o ordenado mensal de 9\$600 e foi primeiro contínuo da Sociedade João da Silva Casimiro, com a gratificação mensal de \$480.

Existe uma referência à aquisição de um saxtrompa comprado em Abrantes por 9\$000. A primeira receita de uma festa é de 16\$000 e respeita à festa do Souto, de que deduzida a parte do Mestre, resultou darem entrada nos cofres 13\$335. Registaram-se, também, saídas para Vila de Rei, Tramagal, Carvalhal e Abrantes. Como elemento de comparação direi que um alqueire de azeite custava em Junho de 1863, 1\$600, como se vê nas contas, pela aquisição de azeite para iluminar a casa dos ensaios.

Entre 1867 e 1895, não consegui localizar, ainda, outras referências à Sociedade Filarmónica Sardoalense.

A primeira referência encontrei-a, no jornal “O ABRANTES”, publicado em 29 de Dezembro de 1895 (Domingo), sob a epígrafe “NOTÍCIAS DO SARDOAL”:

“Sr. Redactor

Certo que V. Ex^a dispõe um cantinho do seu jornal, tomo a liberdade de lhe enviar umas notícias deste pacato Sardoal.

Éden formoso em que as ninfas são belas e sedutoras e os dandis lindos e garbosos, como os lírios das Hespérides.

Aqui tudo é belo e sublime!... A instrução caminha a passos agigantados.

A literatura é cultivada com dedicado esmero e primor; As artes professadas sob todos os aspectos e a religião católica - romana, com o seu Largo à frente conta com um sem número de prosélitos! Belo e sublime, não acham?

No dia 25 do corrente realizou-se na sede da Sociedade Philarmónica Sardoalense, a eleição da comissão que deverá dirigir a Sociedade durante o ano de 1896.

Os eleitos foram:

Presidente: João D. Pinto Serrão

Secretário: António Henriques da Silva

Tesoureiro: Manuel Alves Milho

Vogais: Pedro Barneto Nogueira e João Saldanha

Esta lista foi muito bem recebida, pois os cavalheiros que a compõem são dignos da estima e consideração de todos os Sardoalenses.

Na tarde do dia da eleição a philarmónica foi dar as boas festas à nova Comissão e em seguida foi tocar para um bazar em benefício dos rapazes pobres, promovido por uma comissão de senhoras desta Vila. Foi uma festa agradável.

O bazar continua no dia 1º de Janeiro.

A referência seguinte que encontrei, vem no “ECHO DO TEJO”, de 21 de Abril de 1901:

“A excelente Philarmónica Sardoalense tocou 3 lindas ‘marchas fúnebres’ nas procissões da Semana Santa.”

No mesmo jornal, em 5 de Maio de 1901:

Motivado pelo mau tempo não se realizou como tínhamos anunciado o arraial que devia ter lugar no dia 21 do passado mês de Abril. Transferido pela Comissão, realizou-se no dia 28, apresentando-se o dia verdadeiramente primaveril. Pelas três horas da tarde deu antrada no arraial a nossa Philarmónica que despertou naquela massa alegre e folgazã uma animação tal que tocou as raias do delírio. Formaram-se vários bailes de guapas moçoilas e rechonchudos Romeus que davam uma nota alegre ao arraial.

As Julietas cantavam ao desafio como que a encantar os seus pares de dança. À noite a iluminação produzia ótimos efeitos dos pontos mais altos da Vila e pela Rua Serpa Pinto de onde se desfrutava melhor iluminação a vista era deslumbrante. A calçada que serve de entrada para o adro do Convento, onde teve lugar o arraial, era ladeada por balões à veneziana, sendo o que produziu melhor e mais bonita vista. Por isto tudo é digna de todo o elogio a Comissão que promoveu o arraial, mas, especialmente, por ter tirado o povo da apatia em que sempre está mergulhado.”

“ECHO DO TEJO” - 9 de Junho de 1901

“Consta que vai ser nomeada uma nova comissão para a direcção da Sociedade Philarmónica desta Vila e que tomam parte os seguintes cavalheiros:

-Francisco Augusto Simões - Presidente

-Luís Conceição - Vice-Presidente

-Artur dos Santos - Tesoureiro

-Manuel Lopes - Secretário

NOTA: Sobre Francisco Augusto Simões, vem no mesmo dia e no mesmo jornal, uma interessante nota que não resisto à tentação de transcrever:

“O nosso amigo Francisco Augusto Simões, que actualmente aqui reside, acaba de comprar mais uma porção de terreno para maior formoseamento do seu grande palácio em construção. Este nosso amigo que tanto tem beneficiado o Sardoal com algumas obras de valor e dignas de admiração de quantos o têm visitado, é digno de

todo o elogio, pelo muito que tem feito em prol do Sardeal. Sentimos bastante que com a coragem do nosso amigo Simões, não haja no Sardeal meia dúzia de cavalheiros, porque com certeza, dia-a-dia, veríamos a nossa querida terra progredir! Segundo informação que colhemos o palácio que este nosso amigo anda construindo vai ser uma maravilha pois que ele não se poupa a trabalhos nem despesas. Bem haja quem tanto tem ajudado os pobres dando-lhes trabalho! Que veja coroados de bom êxito os seus trabalhos é o que lhe desejamos.

“JORNAL DE ABRANTES “, 3 de Novembro de 1901:

“DECLARAÇÃO: -A nova Direcção eleita pelos sócios da Sociedade Philarmónica Sardealense em Assembleia Geral de 24 de Outubro findo, vem agradecer a todos os seus amigos tal fineza e pede desculpa de não aceitar tal encargo visto não poder chegar a acordo com parte dos músicos em reunião para que hoje foram convocados. P’la Direcção: Francisco Augusto Simões

“ECHO DO TEJO” - 24 de Novembro de 1901

“É a desagradável notícia que temos para comunicar aos nossos leitores e conterrâneos ausentes.

Não nos surpreendeu este desenlace, que há muito se esperava desde que a nossa Philarmónica sofreu uma bicada de um pavão que por aí estadeia a sua longa cauda. É deveras para lamentar que esta Vila e o Concelho inteiro estejam submetidos aos caprichos de um homem que vai sacrificando tudo à sua vaidade e ao seu orgulho. E se no Sardeal não cobrar a tempo o jugo que sobre ele pesa verá desaparecer algo que de bom ainda lhe resta, sacrificado à vaidade da nefasta política que aqui impera.

Historiemos os factos...

Em Janeiro de 1900 saiu, em um dia de festa a Philarmónica, por ordem da Comissão Administrativa, a dar as boas-festas aos sócios que contribuíram com as suas quotas para despesas da mesma Philarmónica. Note-se que as boas-festas eram dadas aos sócios contribuintes e não aos nominais.

Houve, porém, um estadista de alto coturno que figurava como sócio de nome, apenas, que quis compartilhar as honras dos contribuintes vendo e ouvindo tocar a música à porta. Como não conseguiu procurou desafrontar a sua vaidade ferida exigindo satisfações aos dirigentes da Música. O desprezo com que por todos foi recebido foi uma nova alfinetada a esvaziar mais e mais aquele saco de orgulho.

Daqui nasceu o ódio votado à Música e o desejo de uma vingança mesquinha. E as tricas empregadas pelo senhor destes sítios contra a Philarmónica e a sua comissão regente foram de tal ordem, julgando impróprio da sua dignidade medir-se com tal potentado, houve por bem atirá-lo às moscas e demitir-se para não o aturar.

Ficou, pois, a Música sem Direcção, que atentas as circunstâncias da sua organização e segundo as quais se administrava, lhe eram indispensáveis para continuar a existir. A sorte que a esperava era, portanto, esta: Dissolver-se, porque não há corpo que possa existir sem cabeça, nem sociedade sem direcção. Está, portanto, vingado o nosso homem que jurou guerra de morte a todos que não se prestam a satisfazer os seus caprichos.

Um golpe vibrado pelo seu orgulho deu morte à Música, senão a única distração que tínhamos nesta Vila e uma nota alegre para as nossas aldeias nos seus dias de festa.

Aqui está para que serve a política que temos ajudado a manter.

É tempo de abirmos os olhos para conhecermos os nossos amigos.

Sardoal, 16 de Novembro de 1901

Ainda no “ECHO DO TEJO”, de 15 de Dezembro de 1901:

“Diz-se que a Música não acabará se o Sr. Simões a proteger. Oxalá assim suceda.

Vai brevemente aparecer esta Philarmónica nesta Vila.

É divertir rapazes, tristezas não pagam dívidas.

“ECHO DO TEJO”, 29 de Dezembro de 1901:

“BOATOS E NOTÍCIAS

Saiu a tocar em público a nova zanguizarra.

Vinha bem amestrada.

Cuidado com algum pavão.

É de supor que nas próximas eleições gerais de deputados que se hão-de realizar quando este governo esticar a canela, há-de haver neste Concelho grande apanha de votos. Para os mesmos já os mais importantes vultos da política local fizeram uma larga encomenda de cestas.

E alforges?!...

“ECHO DO TEJO” - 4 de Maio de 1902

“Realizou-se no último 13 de Abril, na Igreja do Convento desta Vila a Festa do Senhor dos Remédios, que todos os anos é feita a expensas da Santa Casa. Esteve bastante concorrida apesar de estar mau dia, contribuindo para isso a circunstância de ser mercado mensal, que atrai a esta Vila, não só os povos do Concelho, como de muitos outros pontos limítrofes.

Tocou a Filarmónica Nova, o que foi muito estranhado por algumas pessoas da Vila, pois que, estando contratada a outra filarmónica, sem mais quê, nem porquê, foi despedida e chamada a nova. A que se há-de atribuir isto? A quem quiser, que faça o comentário.

No dia 6 (domingo passado) domingo de Pascoela, foi a festa de Cabeça das Mós que este ano excedeu em brilho os limites do costume.

Foi abrihantada pela velha e popular filarmónica desta Vila que ali foi desempenhar muitas e variadas peças do seu repertório. O Sr. Simões, que é quem dirige esta filarmónica, composta de rapazes de boa vontade, muito concorreu, também, para o maior brilho daquela festa, pois forneceu grande quantidade de bandeiras para adornar o adro da Capela. ‘Nunca na Cabeça das Mós se viu uma festa assim’, era o

que todos diziam. Ninguém quis ficar em casa na tarde desse dia. Todos os habitantes daquela aldeia, velhos e novos, saíram de suas casas para virem presenciar o espectáculo que oferecia o adro da Capela. A mocidade folgava por ver o arraial com uma animação desusada e poder dar maior realce à sua expansão juvenil. Os velhos e aqueles a quem os anos, as lutas da vida, já trouxeram reflexões, deixavam transparecer na fisionomia uma tal ou qual admiração.

Todos, enfim, se julgavam agradecidos ao Sr. Simões, que foi, decerto, a alma de tanto entusiasmo.

Nós pela nossa parte aqui deixamos consignados os nossos parabéns ao Sr. Simões pela sua boa vontade em ser útil a esta Vila e pela vida e animação que imprime a qualquer acto em que toma parte.

Bem haja ele pelo muito que está fazendo, a favor desta Vila.

18-4-1902 THOMÉ

“ECHO DO TEJO” - 11 de Maio de 1902

“SARDOAL _ CORRESPONDÊNCIA (Sobre o Bodo do Espírito Santo)

(...) No dia 8 já teve lugar a colocação do grande mastro com a bandeira. A direcção dos trabalhos coube ao nosso amigo Sr. Simões, que sem o mais leve incidente concluiu.

Levantou-se o pau do bodo, assistindo muita gente. Tocou a Velha e popular Filarmónica Sardoalense nas varandas da Câmara Municipal. Há grande entusiasmo com a Festa do Bodo, que promete ser esplêndida, para a qual a Comissão tem muitos donativos.

Logo que o pau foi levantado, certa personagem pertencente à família dos pavões, deu mostras de grande satisfação. Parece que tinha visto no ar alguma nuvem indicadora do desastre para o marco fontenário, situado no meio da praça, com o que não podia estar tranquilo, mas logo sossegou, porque nada ocorreu de maior. Ainda bem.”

“JORNAL DE ABRANTES” - 18 de Maio de 1902

“FESTAS DE S. TIAGO: Em S. Tiago de Montalegre realizaram-se no passado domingo as festas daquela terra, abrilhantadas pela “A Nova Philarmónica” que executou magistralmente várias peças do seu repertório.”

“ECHO DO TEJO” - 1 de Junho de 1902

“SARDOAL - AO CORRESPONDENTE DE “O DIA”

São 10 da manhã. Temos na nossa mão a presença de “O DIA” de 14 do corrente que obsequiosamente nos foi fornecido por um amigo, no qual vem inserida uma correspondência desta Vila, que se refere a umas modestas correspondências daqui, que temos enviado ao ‘ECHO DO TEJO’, apreciando de modo pouco lisonjeiro.

Muito longe estávamos nós de pensar que as nossas correspondências escritas simplesmente no intuito de dar notícias do que se passa na terra podiam desagradar a quem quer que fosse e serem dignas da censura do correspondente de ‘O DIA’.

Enganámo-nos. Mas que culpa temos nós que haja no mundo invejosos?... Não o prolóquio que é infinito o mundo da... seja inveja?

No Sardoal também os há. E foi isso que levou o tal senhor correspondente, por si ou levado por outrém a emberrar com as correspondências do ECHO, por nelas se fazer justiça ao nosso amigo F.A. Simões, residente nesta Vila, dizendo-se que ele tem prestado à Vila bastantes melhoramentos e que é digno das simpatias dos povos do Concelho, etc... Diz o articulista 'que não conhece o Sr. Simões.'. Talvez tenha razão, pois provavelmente traz os pés na terra e a cabeça na lua e por isso não pode prestar atenção a tudo que os restantes homens conhecem e sabem, porque vêem.

'Cônscios do que escrevemos, vamos verberar legitimamente que são desconhecidos os melhoramentos por este Sr. Simões prestados ao Sardoal.'

Cônscios do que escrevemos; já o mel anda por bocas por onde nunca devia ter entrado.

São desconhecidos os melhoramentos, etc. Bateu certo...

Há certos homens para quem não existe a diferença entre o dia risonho de Primavera ou um triste dia de Inverno. O seu espírito não se extasia as maravilhas da natureza na bela das estações, por não saber reflectir ou não apreciar uma terra civilizada com as suas fontes, seus jardins, suas ruas alinhadas, seus prédios de cores esbranquiçadas onde se revela a mão de artistas, do que uma aldeia sertaneja onde medram os sargaços e as casas se cobrem de colmo.

Contudo haja pão. Tudo o mais para ele está bem.

Tirada a prova, o resto está bem, não há dúvida.

'O Simões há tempos fez uma demolição de alguns prédios, de modo que hoje há pobres que querem uma casa para habitarem e não a têm.'

Aqui há uma intenção malévola. Mas o articulista terá de ferrar os dentes na calúnia. O Sr. Simões se demoliu os prédios, eram seus. Comprou-os com o seu dinheiro, pagou-os pelo triplo ou o quádruplo, talvez, do que eles valiam, beneficiou os antigos possuidores dos mesmos prédios.

Honra lhe seja feita, porque assim é um benemérito que emprega o seu dinheiro embelezando a Vila e dá que fazer aos operários.

Não temos procuração do Sr. Simões, nem pretendemos lisonjeá-lo. O que escrevemos é, simplesmente, por respeitar a justiça, se bem que a correspondência a que nos referimos é daquelas que não ofendem ninguém.

Passamos à segunda parte, que diz respeito à Música:

Tem o Sardoal uma Música e uma Filarmónica, diz o correspondente: 'A Música é dirigida pelo Sr. Simões; a Filarmónica é dirigida por alguns rapazes nossos patrícios.'

Sabeis leitores que filarmónica quer dizer harmonia?'

Não sabíamos, não senhor, nem ficamos sabendo, nem podemos saber como é que a palavra filarmónica se compõe de duas palavras e língua diversa que lhe deu tal significação.

Aqui há ignorância...

Mas ainda que a palavra tivesse tal significado era-lhe mal aplicado no caso presente. A filarmónica ou por outra, a nova música, filha da harmonia? Ela que se formou pela desarmonia!!...

Para o que havia de dar ao diabo do correspondente de 'O DIA'...

Aqui andou iludido ao certo, mas não leve a mal. Todos os homens se iludem.

Agora fique sabendo que o Thomé não é pirrónico: o que escreve é o que sabe ser o sentir da parte sã das cabeças pensantes do Sardeal. (...)

Sardeal, 28 de Maio de 1902 THOMÉ

“ECHO DO TEJO” - 6 de Julho de 1902

“SARDOAL

Realizou-se no dia 24 do corrente a festa de Santo António promovida por alguns indivíduos seus devotos a que assistiu muito povo, como não podia deixar de ser. Constatou de festa religiosa, de manhã, na igreja e procissão. À tarde houve cavalhadas na praça e arraial, tocando tanto na igreja, como no arraial a Música Nova. Para esta foi armado um coreto na praça onde se viam dois letreiros com a seguinte inscrição: ‘Água mole em pedra dura, tanto dá até que fura’ e ‘A união faz a força’. Diz-se que os dirigentes da música pensam em reunir esta à música velha. É o sentido do dito ‘A união faz a força’. Mas também se diz que o pessoal da música velha não está disposto a aceitar a companhia. Do que houver darei informações .

“ECHO DO TEJO” - 13 de Julho de 1902

“ANDREUS

No dia 20 do corrente deve realizar-se nos Andreus a costumada festa em honra da Senhora da Saúde, que a Mesa Administrativa da Irmandade, legalmente erecta, deseja promover este ano com o possível brilhantismo e luzimento.

Abrilhanta a festa que consta de peditório, fogaças, missa a grande instrumental, procissão, arraial e fogo de artifício a Filarmónica do Sardeal- F.A.Simões. Este cavalheiro que tanto tem beneficiado as classes pobres deste Concelho, forneceu gratuitamente à Irmandade o seu coreto e bandeiras precisas.

Damos os parabéns porque o Sardeal que se via decair por falta de homens de iniciativa pode conservar-se e até mesmo progredir, se a má fé e sobretudo a inveja de muitos o não fizerem desanimar. Avante, pois Sr. Simões e essa gentalha que por aí vegeta, definhando, empobrecendo, minando as entranhas da terra que lhe foi berço, como o bicho que rói o fruto onde vive escondido, a esses, o desprezo.

E se por infelicidade se encontram, faz-se-lhes como ao réptil asqueroso que por casualidade se encontra debaixo da bota. Esmaga-se! Avante, pois! “

“JORNAL DE ABRANTES” - 3 de Agosto de 1902:

“ABRANTES/SARDOAL

É hoje que a banda do Grémio Instrução Musical, desta Vila (Abrantes) acompanhada pela sua ilustríssima direcção, vai até ao Sardeal, agradecer à Philarmónica Fraternidade Sardealense as deferências havidas para ela durante a quermesse realizada no passado domingo.

Consta-nos que a direcção e a banda do Grémio serão recebidas festivamente.

Apraz-nos registar estes actos de fraternidade e boas relações. Diremos, mais uma vez que Abrantes e Sardeal são dois povos que se prezam, que se estimam e que se auxiliam mutuamente. Por isso mesmo a visita a Sardeal dos representantes de uma

associação abrantina é duplamente significativa e certamente há-de contribuir para aquelas relações mais se estreitarem.”

“JORNAL DE ABRANTES” - 10 de Agosto de 1902

“ABRANTES/SARDOAL

Conforme anunciámos realizou-se no domingo passado a visita de agradecimento da direcção e banda do Grémio Instrução Musical da Vila de Abrantes aos seus colegas e camaradas da Fraternidade Sardealense.

Dissemos então e repetimos mais uma vez que estas visitas tão louváveis, simpáticas, muito contribuem para estreitar relações, sobretudo entre dois povos que hoje, como sempre, se irmanam e se auxiliam.

A Philarmónica do Grémio acompanhada da sua direcção partiu de Abrantes em direcção ao Sardeal, pelas duas horas da tarde, chegando ali às três. Eram aguardados à entrada da Vila por toda a Direcção e centenas de pessoas.

Imediatamente se organizou um cortejo que seguiu até à residência do Sr. Administrador do Concelho, velho amigo Batista Saldanha, onde a direcção apresentou cumprimentos, sendo amavelmente recebidos por aquele magistrado.

Seguiram depois até à sede da Associação, de que o incansável protector Francisco Augusto Simões, um dos poucos que no Sardeal, promove, por meios ao seu alcance, o engrandecimento da terra.

Durante o trajecto queimaram-se imensos foguetes e chegando à sede da Associação ali se achava a excelente Philarmónica Sardealense, tocando com a nossa os devidos cumprimentos. Em seguida o nosso amigo Patronilho, em nome dos sócios executantes do Grémio, apresentou os seus agradecimentos pela deferência havida com eles por ocasião da quermesse.

Respondeu o Sr. Simões que a sua Philarmónica cumprira um dever de boa camaradagem e então como em qualquer outra ocasião estava ao serviço de todas as causas abrantinas, justas e benemerentes, folgando em ter ensejo em afirmar que não faz uma afirmação gratuita, mas sincera.

Depois de um mimoso copo de água oferecido pela direcção dos representantes do Grémio, de novo se formou um cortejo, então com muito maior número de pessoas até à magnífica quinta do nosso velho e respeitável amigo Senhor Miguel Serrão, onde grupos de belas moças, espalhavam flores sobre os nossos filarmónicos e sobre a direcção do Grémio, ouvindo-se frenéticos vivas a Abrantes e Sardeal, aos protestos sinceros das duas povoações, etc, etc...

A nossa filarmónica, fez então ouvir a Guerra de África, primorosamente executada, o que lhe valeu prolongada ovação.

Podemos calcular que se encontravam ali duas mil pessoas, de todas as condições sociais.

Pouco depois serviu-se um opíparo jantar de 70 talheres ao ar livre, oferecido pelo benemérito Sr. F. Augusto Simões.

Ao toast, os brindes sucediam-se com entusiasmo. Um delírio!

Apareceu por esta ocasião o Sr. Miguel Serrão, sendo recebido com brilhante manifestação de júbilo.

Findo o jantar, as duas filarmónicas tocaram alternadamente num largo na mesma quinta, até às nove horas, vendo-se muitos bailes, reinando sempre muita ordem e grande contentamento.

O Sr. Miguel Serrão convidou então as direcções e vários cavalheiros das suas relações a servirem-se de um delicado copo de água, erguendo-se recíprocos brindes de extraordinária alegria.

Às 10 horas as duas filarmónicas reunidas, executando o hino real e centenas de pessoas seguiram para o Sardeal, trocando-se as despedidas.

O povo sardoalense teve todas as atenções possíveis para os nossos patrícios, o que agradecemos em nome desta terra, onde infelizmente abundam críticos e onde predomina o egoísmo, precisamente o contrário que vemos no Sardeal e mesmo nas freguesias rurais. O nosso Grémio não pôde como muito desejava cumprimentar outras entidades do Sardeal, o que aliás não envolve qualquer desconsideração, atendendo ao pouco tempo de que se dispunha e principalmente ao fim especial da sua visita. É a informação que temos e que reputamos de verdadeira.

“JORNAL DE ABRANTES” - 17 de Agosto de 1902

“SARDOAL/ABRANTES

A direcção da Sociedade Fraternidade Sardoalense e os sócios executantes da mesma sociedade, agradecem altamente reconhecidos aos seus colegas do Grémio Instrução Musical, as inequívocas provas de sincera estima que lhes têm dispensado e muito principalmente pela gentileza da visita com que os honraram no dia 3 do corrente.

Acções destas deixam no coração de todos inolvidáveis recordações de afectuosa amizade e leal camaradagem.

Ao Exm^o Sr. Miguel Serrão Burguete, desta Vila, cavalheiro venerando e em extremo, obsequiador, agradecem a forma cativante e bizarra como cedeu a sua agradável e pitoresca Quinta das Gaías, a fim de que ali se reunissem as duas sociedades, em alegre convívio e fratrenal colectividade.

A todas as pessoas que espontâneamente auxiliaram e concorreram para o luzimento da festa, tão íntima e tão sincera, testemunham a sua gratidão.

À redacção deste jornal, cumpre-nos o dever de agradecer tudo quanto o seu número de 10 do corrente se dignou publicar em prol nosso e desta terra, cujas referências exprimem com entusiasmo a forma precisa da ideia que não nos abandona.

Pela Direcção e pelos Sócios da Sociedade Fraternidade Sardoalense.

Sardal, 12 de Agosto de 1902

O Presidente

Francisco Augusto Simões

No mesmo número:

“Esclarecendo

Como esclarecimento à notícia publicada no nosso número de domingo, com respeito ao jantar oferecido à banda do Grémio, na quinta do Senhor Miguel Serrão, pede-nos o nosso amigo Sr. Simões para esclarecer que o aludido jantar não foi oferecido por ele, mas sim, também, por todos os sócios da Philarmónica Fraternidade.

A César...

“ECHO DO TEJO” - 17 de Agosto de 1902

“SARDOAL - Correspondência

Foi ontem, nesta Vila, dia de festa. No dia 27 de Julho a nossa popular filarmónica Sociedade Fraternidade Sardealense, dirigida pelo Sr. F.A. Simões, foi generosamente a Abrantes, tocar na kermesse que nesta Vila se realizou em benefício do Grémio Instrução Musical.

À entrada de Abrantes, a nossa filarmónica que estreava um elegante fardamento oferecido pelo Sr. Simões, era esperada pela direcção do Grémio de Abrantes e foi cavalheirescamente recebida pela filarmónica dessa Vila e muito elogiada por todos, tocando as duas filarmónicas alternadamente.

O Grémio Instrução Musical com a sua direcção à frente, movido de nobres sentimentos que a todos animam, querendo dar um público testemunho do apreço em que tinha a nossa filarmónica, veio ontem ao Sardeal cumprimentar esta e pagar a visita que lhe tinha sido feita na ocasião da festa.

Ao entrar nesta Vila, foram aí, amavelmente, recebidos, como é próprio de pessoas de bem para com os seus hóspedes. Depois seguiram para a Quinta das Gaias, onde houve um lauto jantar a que assistiram as duas filarmónicas e respectivas direcções, sempre muito animadas em presença de muito povo de muitas aldeias que ali se juntaram. Depois do jantar tocaram as duas filarmónicas, alternadamente, as bem escolhidas peças do seu reportório, havendo um arraial, muito animado. Foi um dia alegre para todos, como ainda não houve aqui.

O nosso amigo ilustre Sr. F. A. Simões, é que foi a alma de todo este entusiasmo.

A nossa filarmónica Sociedade Fraternidade Sardealense, à cuja frente está, para animar, já muito tem prosperado como auxílio que S. Ex^a lhe tem dispensado apesar das invejas das abelhas zangãos. O Sr. Simões a nada se poupa para fazer dela uma filarmónica digna da confiança que de toda a parte lhe dispensam. São os povos deste Concelho, mais ainda das freguesias mais distantes. Bem haja, ele!

A outra música (a da garrilha) também foi tocar para a Taberna Seca, o que foi muito notado. Disseram que foi para afastar a concorrência da Quinta das Gaias.

Quando lá passámos estavam a tocar e pouco mais do que pardais a ouvir.

Sardeal: 04-08-1902 THOMÉ

“ECHO DO TEJO” - 24 de Agosto de 1902

“Acabam de nos afirmar que esta Vila vai em breve ser dotada de um teatro, que será feito a expensas do Sr. F. A. Simões. Oxalá que semelhante boato se confirme e que aquele benemérito não desista de tão louvável propósito. THOMÉ

“ECHO DO TEJO” -14 de Setembro de 1902

“Consta que no próximo domingo a música nova aparecerá em público com uma bandeira nova encomendada na Pérsia e que foi com uma cesta de esmolas pedida nos Valhascos. Espera-se que apareça bastante pessoal a presenciar o espectáculo, por isso o festejo é prometedor. O Sr. António Garcia abre nesse dia carreiras a preços especiais para todas as terras vizinhas. É aproveitar! É aproveitar!...

Dizem que haverá cortejo imponente e que a bandeira será conduzida em triunfo pelo 'pai da música'.

A música (a da cesta) foi no último domingo aos festejos dos Valhascos e lá voltou a casaca e a cabeça. Não se sabe a que atribuir a mudança. Coisas e loisas...

12-09-1902 THOMÉ

"JORNAL DE ABRANTES" - Domingo, 21 de Setembro de 1902

"PHILARMÓNICA SARDOALENSE

Esta excelente banda de música, de passagem para uma festividade que amanhã se realiza no Pego, esteve ontem em Abrantes, onde cumprimentou as autoridades e redacções. Apesentou-se com novos e vistosos fardamentos e trazia um rico estandarte bordado a ouro.

Agradecendo a amabilidade da visita, fazemos votos pela sua prosperidade."

"JORNAL DE ABRANTES" - 27 de Setembro de 1902

"CORRESPONDÊNCIA DO SARDOAL

Temos seguido com grande interesse no 'ECHO DO TEJO', uma série de correspondências daquilo que recebem do deus autor, uma subtileza e finura de crítica - tais, que nos tem causado assombro.

Não era nossa intenção tomar a sério o escrevinhador das dúzias, que nos tem querido assaltar as canelas, mas a paciência tem limites e visto querer, ir-lhe-emos aplicando, de vez em quando, uma escovadela para ver se lhe tiramos a poeira dos olhos.

O ilustre parodista e correspondente do 'ECHO DO TEJO' nesta Vila, o Sr. Tomé, como à cautela se assina, caluniador emérito, deve ficar surpreendido, mas tenha paciência, a máscara com que se tem ocultado cairá um dia e, então, saldaremos contas.

Como contava o ilustre Sr. Tomé, a música apareceu em público como seu estandarte, como que muito nos regozijamos, não veio da Pérsia e, quanto a ter sido feito de esmolas, temos nisso muita honra: "A pobreza não é vileza"

É simplesmente triste que tão conspícuo cidadão, não tenha percebido que são mais honrosas as esmolas das pessoas de bem, que as grandezas dos beneméritos, que sua excelência por cá tem encontrado. Voltamos ao assunto.

Espera-se que o Sr. Tomé responda às acusações que lhe fazemos, firmando de hoje em dia os seus escritos com o seu nome e que deixe de usar o processo seguido.

17-09-1902 O Pai da Música : Abílio da Fonseca Mattos Silva"

"ECHO DO TEJO" - 28 de Setembro de 1902

"CORRESPONDÊNCIA - AO PAI DA MÚSICA

Sim Senhor!

Mal supúnhamos nós que o progresso um dia pudesse ir tão longe. Grandes maravilhas se reservam aos nossos olhos e não será de todas a menor, esta de haver no Sardoaal um homem que deu à luz uma música inteira e direita.

O que o progenitor não explica e é pena, é como foi esse parto monstro que roça bem pelas raias da maravilha. Devia ter uma boa hora o parturiente. Ainda assim, quantas vezes sopraria ele na garrafa? Posto isto, vamos lá a ver o que nos diz este privilegiado pai de todos os filarmónicos... Mas agora reparamos. O milagre ainda é maior do que se nos afigura à primeira vista. Pela gramática, parece-nos que se trata antes de um aprendiz de ABC, do que um abençoado pai de tanta gente junta.

Eis uma amostra: O correspondente do ECHO deve ficar surpreendido, mas tenha paciência, a máscara, ora isso é que é um engano. O correspondente não ficou surpreendido com a máscara. O que ele ficou surpreendido foi com a mascarada, com um pai de tantos e tão grandes filhos - pessoa sisuda, certamente, espere que se responda às acusações que o Sr. Abílio faz.

Foi coisa que não vimos no escrito do Sr. Abílio, foi a acusação a que tenhamos de responder. Sua paternidade limitou-se, no meio de 30 linhas que serziu, que tem seguido com interesse as nossas correspondências do Sardeal - obrigado - a explicação que 'a pobreza não é vileza' e a confessar que era o pai da música. Nada mais. E como a acusação que mais nos deu no goto foi esta última, sempre deduzimos a nossa defesa como pudemos e soubemos. Contestamos-lhe que seja o pai da música. Provará primeiro que trouxe ao mundo os músicos com instrumentos e tudo. Sem isso não podemos crer em tal. Que o seu ventre despejasse de uma assentada 20 músicos na orbe terrestre, com trompas, contrabaixos e tambores, já nos parece história. E os pratos e a zambumba? Pode lá ser!... Entretanto nos tempos modernos já não há impossíveis. Mas sem uma demonstraçõzinha, ainda que pequena, é como cova de abóboras semeadas ao rego. Bem faz, pois Sr. Abílio, em prometer que há-de continuar, para nos convencer da sua proliferação multiforme. De resto, é provável que naquele respeitável e prolífero fole, haja tamanho para dar filhos em barda e de toda a casta.

Mas, meu velho, deve ser um tal ventre para se diferenciar em tanto e vário mister, mais velho que a própria eternidade.

Até dá vontade de exclamar, como o poeta:

Quando a velha eternidade

Por este Abílio passou

Disse-lhe respeitosa

Sua benção, meu Avô!

E por último pedimos aos nossos ouvintes um Padre Nosso e uma Avé Maria, para que Deus não se lembre de levar esta raridade tão depressa. Porque se um dia quisermos fazer uma música já sabemos a quem havemos de recorrer e fecundar.

E por hoje, nada mais. Cá ficamos esperando mais dois dedos de graça do Sr. Abílio - O Pai da Música.

THOMÉ - Neto do pai da Música da Cesta."

"ECHO DO TEJO" - 5 de Outubro de 1902

"SARDOAL - CORRESPONDÊNCIA

Há aqui certa individualidade vinda da aldeia e que sempre em tudo tem patenteado o tipo de verdadeiro aldeão. Um dia um dos seus amigos de boa roda que há tempo aqui havia e que começou a frequentar, diz-lhe: Homem! Você usa todos os dias uma

farpela que não é própria cá da Vila. Na sua posição precisa de usar outra coisa. O que lhe fica bem é um fato completo de sobrecasaca, botas em vez de sapatos e um chapéu alto, para ser mais considerado na sua posição. E foi dito e feito. Passados poucos dias o fato apareceu e tão ajustado que nunca mais o largou. O bom do homem tomava a encadernação pela manhã e só a largava à noite. Era para a Vila, era para o termo, era para casa, era para o passeio, etc., etc.

Pois Srs., este homem, já lá vão bons 20 anos, depois disto suceder, foi agora copiado por uma música que existe nesta Vila já há algum tempo. Depois de gerada e dada à luz, a música passou os dias da infância e meninice, envolvida em faixas e paninhos, tratados pelo seu pai e padrinho com todos os cuidados devidos a uma existência tão delicada.

Depois quando já se lembrava de alguns dias decorridos da sua vida, assim como os rapazes quando chegam ali pelos 12 anos, já querem usar modos de homem feito e querem um fato, porque se envergonham do saiote ou calção, lembrou-se o pai da criança de lhe dar um fato de chita, com alamares e mais apêndices. Mas ainda não bastava a alta progénie donde provinha a recém-nascida.

Os filhos do morgado devem ter mais alguma coisa do que os filhos dos burgueses. Pareceu a sua paternidade que uma bandeira à frente da música era coisa que deslumbrava toda a gente e veio a bandeira. Muito bem! Muito bem! Diz toda a gente e a menina que gestou que diga que é bonita, lá vai de bandeira à frente para toda a parte e para o termo e para o Concelho. Assim fazia o indivíduo de outros tempos com o fato novo.

“JORNAL DE ABRANTES” - 12 de Outubro de 1902

CORRESPONDÊNCIA DE SARDOAL

Meu caríssimo neto

É com o maior prazer e satisfação que te vou responder, pois não calculas as saudades que tinha das tuas notícias.

Pelas apreciáveis emanações do teu subtil talento, bem revelas o lusitano sangue que te gira nas veias e se continuares assim, crê, que virás a ser a honra dos teus maiores.

Sinto-me compungir-se-me o coração quando me recordo dos suaves instantes que passei com a tua avó (meu amantíssimo neto) e que alegria doida ela teria em ver que um filho dum fruto de uns amores tão ideais viria a ser um redentor da pátria oprimida, qual Gama ou Albuquerque, que de pena em punho obrará façanhas sem igual!...

Pobre pateta e meu caríssimo neto!...

Quem te poderá levar a sério?...

Então tu tinhas a ousadia de me queres dar lembrete em gramática, meu mariola?!...

Não se falta ao respeito ao avôzinho e nem se ataca com baldas certas, por outa não me deves ser ingrato pois bem sabes quanto te estimo e o prazer que sentiria em te poder puxar as orelhas.

Mas, enfim, bem se vê, que tens presente na mioleira algumas das regras que o mestre escola te ensinou, apesar de te escaparem outras, pelo que mereces palmatoadas.

*Repara bem, que encontrarás no que escreveste vários pontapés na gramática!
Mas ainda agora reparo!... Não te conhecia a bossa poética. Cultiva-a, menino, que virás a ser um génio.
Mas sempre te direi pela prosa vais melhor e termino esta, desejando-te que sonhes bem e ao mesmo tempo peço-te vénia ao autor, para te consagrar o seguinte soneto, imagem perfeita das tuas avariadas prosas.
O original vai um tudo nada modificado, mas não perdes com isso.*

I

*Fanfarronices, farófiás, bagatelas
Galhasdíferas naus, ondas letárgicas
D'Apelética mão, pinturas trágicas
Trambulhões altos, couces, cambadelas*

II

*Polvorias bombásticas, panelas
Cheiros típicos, prados, flores vergiaais
Vozes sexiquepedais, espalhofórgicas
Cutelos, dardos, chuços, esparrelas*

III

*Mimidórmicos povos, Deus Cambraias
Do faético amante, auxílio imploro
Pavilhão azulado, ignoto mais,
Choro, morro, cangueio é desaforo
Aqui firo, ali mato, acolá caio
Eis as tuas prosas Thomé? Era
Um pobre palerma a quem se lembram
Atribuir uma tradução de Horácio,
De Rita Clara Freire de Andrade*

IV

*Adeus, meu patetinha das luminárias
Não tornes a cair noutra e aceita
Muitos beijinhos do teu Avô*

Abílio da Fonseca Matos Silva

“ECHO DO TEJO” - 12 de Outubro de 1902

BOATOS E NOTÍCIAS

Mestre Abílio, o progenitor célebre e magno do Sardoal, não nos explicou como se diferenciaram tão maravilhosamente as aptidões genéricas do seu ventre. É velha demais; por isso não admira que tenha falta de azeite nas molas da palavra que lhe demos. Daí o cansaço prematuro. Admira como não inspirou nas faculdades da cesta. Esperamos por ele. Até ver não é tarde.

CORRESPONDÊNCIA

Um pai tinha uma filha rabugenta que roçava aí por 23 primaveras. Diz-lhe um dia: - Oh! Menina é tempo de passares a outro estado. Isto assim não está bem! Trata de te mostrares para te conhecerem. Oh! Meu pai, que devo eu fazer? Para sair são precisos vestidos da última moda e eu não tenho. Envergonho-me de sair!

Oh! Filha, não me digas tal coisa. Tu, uma morgadinha como és, estares em casa por falta de vestidos, é coisa que eu não consentirei. Tu és filha única, tens a esperar uma boa herança do teu pai; o padrinho estima-te. Há-de casar, há-de ter muitos pretendentes. Vou comprar-te um fato novo, melhor que o das outras moças e veremos...

E era ver os dois de festa em festa. O pai a querer que a filha fosse a mais galante e apreciada. Oferecia-a a todos. A palavra, a sua gentileza. Os leitores sabem quem são estas duas figuras?

A música que chamam a da cesta, também assim fez. Nasceu, criou-se e assim ia vivendo sem ser vista, sem ser conhecida, sem ninguém dar por ela e sua existência. O que o quietismo em que ela se conservava. “Não pode ser isto!”-dizia.

Todas as mulheres vão às festas, todas são procuradas e ninguém se lembra da minha filha?!... Pelas minhas barbas e pelo valor e importância do padrinho, meu compadre, a minha filha ainda há-de figurar. Há-de casar-se com a opinião pública de um modo que as outras ainda não consaquiram.

Vai ter o que as outras ainda não tiveram. Compro-lhe uma bandeira. Com este estandarte fará o pasmo e admiração de todas as pessoas deste Concelho e vizinhos e toca 30 peças em cada dia. Que feliz lembrança a minha!... Veio a bandeira e a menina aí anda toda repenicada, em companhia do pai, em busca do noivo.

Se alguém a vir para aí para Vila de Rei, digam que o padrinho manda para lá dizer. Se souberem que aí há algum noivo festeiro que queira casar com a nossa afilhada, cá está.

Diz mais que o padrinho vai pedir satisfação a quem pedir outra música, que não seja a afilhada.

Querem casar a menina custe o que custar, mas ainda é muito criança...

Lá foi no domingo a caminho das Sentieiras a bela música com a sua bandeira. Não a larga. Não sabemos se ainda vai a cesta. E o original em lembrança: A família, o pai e o padrinho, quiseram mostrar à força do seu génio na criação e formação da donzela e deram-lhe para guiar o seu ideal as seguintes palavras, já por demais conhecidas: ‘A união faz a força!’ Dizem que a menina vai bem ensinada. Fez a vontade ao pai e padrinho. Dizem que para realizar aquele ideal, já dois ou três ou mais, se uniram de braço a braço para avaliar a força. Não sabemos se é verdade, porque não vimos. Boa te vai: União! THOMÉ

“ECHO DO TEJO” - 19 de Outubro de 1902

“CORRESPONDÊNCIA - O PAI DA MÚSICA

Quem espera sempre alcança. E tanto que ele vem trazer novas de longes terras, onde esteve duas semanas de parto.

Boa hora, sem dúvida, foi a que aquele cérebro deu à luz em oratório tão longo. Outrora gemeu - o ventre e o útero deste prometedor Sardoalense. Agora, cansado de gerar tantos ossos e latões, deu a palavra ao miolo, diamantino produtor de pérolas raras que nos deixam embaçados e perplexos.

Ambos respeitáveis, sem discussão, bem é de ver que são filhos da mesma barriga. Quando o primeiro atirar para o níveo lençol de purpúrea camilha, com o contrabaixo ou um clarim, o outro depõe uma folha tibuciana de valor, uns ovos como 'pendant' naquele cerebrino intelecto.

Duas verdadeiras preciosidades. Ora vamos lá a elas e tratem-nas bem no que ainda parecem que façam a sua vista e ocupam o seu lugar num museu arqueológico de coisas pátrias.

Primeiro que tudo, não sentimos que o pai da filarmónica nos não elucide sobre se a sua parturição veio ou não toda do mesmo ventre. É natural que o latão viesse por um caminho e a caixa de arrufo viesse por outro.

São quindins que sua paternidade tem por destrinçar com vagar, em honra da ciência físico-química. Logo a seguir vem a talhe de foice saber se o neto é Albuquerque ou Gama ou se enverga a carapuça de pateta ou mariola e se leva a sério ou a rir... Lembra-nos o tira, rapa, deixa e põe. Nós, também, quanto mais rapamos, menos achamos. Pelos 30 instrumentos e outros tantos músicos (fora a bandeira) ele desovou. Supunhamo-lo já velho e avô da eternidade. Por volta do resto, porém, depois do soneto ao Isidoro, parece-nos antes um émulo do menino venturoso de Montargil! Troque-nos isso por miúdos, como foi isso do parto, que aí é que bate o ponto. Depois se esclarecerá se nos concede as honras de Gama, de Albuquerque ou de mariola. Diga na sua nova epístola, qual a orelha que deseja para ferrar a unha a rir? Não se esqueça de dar saudades à requinta e ao clarinete e chôcho aos pratos. E visto que o velho menino Abílio está todo ancho com o seu soneto, a ponto de lhe pôr em baixo o nome do autor e nos aconselha as musas, aí vai um mote. O menino velho dirá se gosta, para lhe mandar a glosa:

*Valha-nos Deus, este Abilinho
Para ser novo tem cara de velho
Para ser velho, é tão pequenino
Valha-nos Deus, com este Abilinho...*

*Porque é, na verdade, o que nos saiu o Sr. Abilinho - um novo com cara e jeitos de velho. Por outra, um homem com dois e mais um, menos três.
E por agora até à volta. THOMÉ*

"ECHO DO TEJO" - 20 de Outubro de 1902

"O APARECIMENTO DAS COTOVIAS

Durante a última semana andaram alarmadas algumas pessoas do norte desta Vila, por uma coisa que tinha muito de extraordinário. Foi o caso que por ali se viram muitas cotovias espantadas e estonteadas fugirem ali do lado das terras e denotarem nos vôos e no modo de pousar grande medo e terror.

Julgavam algumas pessoas que seria qualquer alteração da natureza, adivinhada por aquelas aves. Veio-se a saber que a verdadeira causa de se espantarem as cotovias foi

a “Música da Cesta” e a bandeira, quando voltava das Sentieiras. Aí por alturas das terras desenrolaram a bandeira e leram o dístico:”A UNIÃO FAZ A FORÇA”. Num momento de inspiração alguns dos músicos conceberam de tocar uma peça de força, obrigada a caixa e zabumba. Foi uma peça original que só a bandeira podia lembrar. Zabumba, caixa de alamares, “bonett”, tudo entrou na dança e foi tal o “charivari” que as cotovias, temendo alguma catástrofe no deserto, vieram fugindo para o povoado. Ali está a explicação do caso que foi engraçado pelo preconceito que nele fizeram as pessoas timoratas.

Quem não gostou foi o velho zabumba que em vez de ficar a descansar alguns sábados a caixa, consta que vai ser remetido a Rilhafoles, por não estar em estado de figurar e os alamares e “bonett”, diz-se que também vão à forja.

E digam que a União não faz a força, que lá está o pai e padrinho e afilhada, a demonstrar o contrário!...

A nossa popular e acreditada filarmónica - Sociedade Fraternidade Sardealense - foi muito bem recebida em Vila Velha de Ródão, onde foi fazer uma festa no dia 5 do corrente mês.

17 - 10 - 1902 THOMÉ

“ECHO DO TEJO” - 26 de Outubro de 1902

“Meu Avôzinho

Cá ‘arrecebi’ a sua carta por mão do “Jornal de Abrantes”. Muito estimei saber novas suas. Já há muito que esperava a sua carta e pela demora julguei que o Avôzinho estava engasgado. A respeito de puxar as orelhas, parece-me que o Avôzinho não era capaz de fazer isso, nunca lhe vi tão mau génio! Ora vá, diga lá! O Avôzinho não disse aquilo, pois não?

Aquilo cheira muito a tanino e o Avôzinho é muito brando para essas coisas. Também nunca conheci no Avôzinho, predilecção pelas letras e por isso entendi que o Avôzinho mande fabricar a Coimbra todos aqueles mistifícios de palavras que para aqui me envia, mas eu bem sei quem fala. Ora o Avôzinho a dizer que não me conhece?!?! Olhe, eu não acreditava nisso. Sempre esperei muito dos seus talentos e mais me fez crer que o Avôzinho não disse tal coisa, a não ser que lhe ensinasse algum filho de Apolo. Seja como for o Avôzinho é um mero criador de engeitados, porque lá dizem todos que dá o seu nome a escritos que não lhe pertencem. Ora diga lá Avôzinho, isso é verdade? Ande, diga - talvez isso viesse com as caixas e latões e se não que deixou por aí tantos metais, bem pode uma testa de ferro para servir de jogo dos que com ela se querem divertir. Hoje fico por aqui Avôzinho. Se me quiser escrever outra vez, cá eu espero, mas mande-me coisa coisa que se veja, porque a primeira carta parecia obra do Manelzinho.

23/10/1902 THOMÉ

“ECHO DO TEJO” - 16 de Novembro de 1902

“CORRESPONDÊNCIA

Têm baixado há duas semanas os fundos da música-menina. Diz-se que as relações exteriores não vão bem. A menina desde aquela festa das Sentieiras, não se mostra.

Quis há dias ir aí para os lados das Sentieiras, mas a menina apareceu coxa nesse dia e não passou da Praça. Está em tratamento ali na Praça, onde recebe uma cataplasma todos os dias. Estimam-se as melhoras dela.

Já alguém viu o Júlio António Lopes? Sabem-nos dizer onde mora?... É magro ou gordo? É baixo ou alto? Escreve bem ou mal? Pelo dedo se conhece o gigante. Aquela célebre carta enviada daqui ao regente que estava contratado para a nossa popular filarmónica Sociedade Fraternidade Sardoalense, está mesmo a dizer que deve ser um homem bizarro. Também podia chamar-se António, Luís ou João Francisco.

Se os irresponsáveis pudessem dizer coisas de crédito...Mas talvez possam, porque ao menos não alteram nem inventam. Querem alguns dos nossos leitores ver aqui uma zurzidela no tal Júlio António Lopes. Mas se nós lhe aplicássemos uma untura bem forte e bem temperada, o pobre não aguentava. Para castigo já basta o fiasco medonho e a triste figura que tem feito. Ferrava os dentes numa cortiça e só merece a troça que tem recebido.

Tem sido muito comentada em vários centros de cavaco, a visita feita à casa do ensaio da música, por certa individualidade estranha, a protestar de lá se encontrar uma velha peça com que nada tinha. Pois sim, são verdes! Não se podem tragar!... Bem te conheço.

“ECHO DO TEJO” - 21 de Dezembro de 1902

“A BODA DA MENINA

A música nova (a da menina) festejou no dia 14 o seu aniversário natalício. Era domingo. À hora oportuna reuniu na praça desta Vila acompanhada da sua inseparável menina. Tocou as 30 peças do costume em cestas - o mestre dirigente solta com um discurso que parecia Demóstenes, ao que dizem. Foi ouvido de pé e barrete na mão por uma ordem superior. Dizem que mandou o pai da menina.

À distância que estávamos nada pudemos perceber do discurso. Dizem outras pessoas que foi o maior elogio que se podia fazer a esta música...Entre outras coisas, dizem que o discurso tinha o seguinte: Que festejavam naquele dia a fundação daquela música, formada há um ano pela boa vontade dos seus músicos (apoiados dos compadres), que o Sr. Abílio era o homem mais prestante do Sardoal (bravo!) por ter criado aquela música que ali estavam vendo! Que aquela era uma música às direitas (isso, isso) que tinha começado pequena como as formigas e que estava naquele estado e que ainda ia crescer (upa!upa!Vai mais).

Isto é o que nos dizem e parece que os homens chegam ao que queriam. Formaram-se para rir e parece que fizeram rir bastante. Muito obrigado pelos alegres momentos que nos trazem. Ainda não vimos coisa mais engraçada. Cada vez que saem com uma das suas é um riso por todos os lados. Ainda bem, nem todos conseguem o mesmo. Acabada a festa da música e informado o público do que se tratava fez-se a boda da menina. Houve banquete, soiré e muitas mais que convinham à princesa. E dizem que a sala da festança não desmerecia nada da menina e suas galas. Em uma das paredes dizem que estava o retrato do pai da música, cercado de louros, oferta dos músicos,

que por baixo lhe puseram o dístico 'Ao nosso querido paizinho'. Bons filhos, bem ensinados, bem empregadas lições que têm recebido! Toda a gente se admira desta criação. Se não é desmandarem, ainda havemos de vê-los conduzir o paizinho em triunfo, pelas ruas, às costas, vestido de louros. Isto fica para outro dia, quando fizer os dois anos do nascimento da música. Então, sim, é que há-de ser bonito e também a menina há-de estar mais gordinha. E hoje fica por aqui.

"6/12/1902 THOMÉ

"ECHO DO TEJO" - 24 de Maio de 1903

SARDOAL - Correspondência

O assunto de todas as conversas nesta Vila é o fiasco da "música da cesta" nas festas das Mouriscas no último domingo. Foram lá buscar lã e ficaram pelados.

Para aquela festa foi convidada a dita música da cesta, com a sua menina (sem esta não vista). E quem sabe isto não foi feito de encomenda. Festeiro e festa para a dita se mostrar?

Mas vamos ao caso: Os geradores da cachopelha, que não comem bem, por verem a popularidade da acreditada filarmónica Sociedade Filarmónica Sardoalense, ofereceram aos festeiros 6 000 réis e uma fogaça para a festa, se ela convidasse esta filarmónica e ela aceitasse. O fim de tal oferecimento está à vista.

Dito e feito! Lá vai a filarmónica sem medo de fumaças de quem quer que seja.

Mas, lá te quero apanhar! Quando a cerimónia da igreja acabou é que foram elas.

A da cesta, com a sua menina à frente, desata a tocar que parecia uma trovoadas, com o fim de cansar e vencer a nossa filarmónica!...

Mas, oh, desgraçada sorte! Em alturas tais, o mestre general entrega a espada e toca a retirar o resto. Dizem que ficou um só a tocar pífaro, em cima de uma parede. O que não sei e tenho pena de lá não estar para apreciar o espectáculo, que devia ter pilhas de graça. A maceta do bombo chegou por mãos estranhas que a vieram trazer à filarmónica da Sociedade Fraternidade Sardoalense que não arredou pé e ficou sempre no seu posto a tocar. E o general, vencido, entrega a espada. Deviam entregar também a menina, visto que nem a presença da cachopelha puderam vencer. A festa das Mouriscas foi um certame musical que devia ficar assente na cabeça da música da cesta, para não se meterem noutra.

Que dirão disto os progenitores dela? E o pai e o tio-avô? Consta que um andava nas Mouriscas murcho que nem uma papoila seca! Queriam tirar lã, mas ficaram sem pelo. Na segunda seguinte a nossa popular filarmónica foi tocar à Quinta das Gaias, onde foi muito bem recebida.

A outra também ali passou com alforges e um couro num burro (consta que os alforges levavam batatas que foram semear e o couro água para regar alfaves.)

Mais queria dizer, mas são horas do correio. Fica para a outra vez.

A nossa filarmónica, habilmente regida pelo Sr. Vicente Monteiro Galamba, tocou hoje na praça, onde foi muito aplaudida pela boa execução das suas peças.

“JORNAL DE ABRANTES” - 7 de Junho de 1903

SARDOAL

Com toda a pompa realiza-se nesta Vila nos dias 13 e 14 do corrente a Festa de Santo António para o que já há preparados grandes divertimentos. Abrilhanta toda a festa a excelente banda de música ‘OS CIGANOS’ - Philarmónica Nova, para o que estão ensaiando um reportório à altura dos créditos que esta banda está gozando. Não publicamos já o programa pelo motivo de os festeiros ainda não o terem elaborado.

“ECHO DO TEJO” - 14 de Junho de 1903

“SARDOAL - Correspondência

As festas do Bodo foram este ano de uma pompa desusada e deixaram a todos que as presenciaram as melhores das impressões. Uma coisa que atraiu para estas festas muitas simpatias foi o bodo dos pobres que se realizou por proposta do Sr. Simões, sendo contemplados 100 pobres de todas as freguesias do Sardoal. O Sr. Simões tem-se mostrado amigo desses pobres, a quem beneficia com as obras que tem construído nesta Vila e tem feito muito bem dando pão a muitas famílias e fazendo muito bem à nossa terra. Bem haja!

A nossa acreditada filarmónica apresentou-se nas festas que vamos referir, com um instrumental novo que o Sr. Francisco A. Simões trouxe de Lisboa, no qual se viam alguns instrumentos modernos, despertando, por isso, muitas atenções de todos. A nossa filarmónica com os melhoramentos que tem introduzido vai correspondendo à geral estima em que é tida. A grande prova do seu merecimento deu-se na festa da Mourisca onde foi no dia 17 de Maio.

A música da cesta que agora adoptou o nome da música dos ciganos, bem lhe assenta, principalmente desde o último domingo, em que um burro, segundo se diz, desafiou-a para a dita festa pensando dar-lhe uma batida, mas a nossa filarmónica mereceu as simpatias gerais, pela maneira como se desempenhou. A prova é o modo como a população das Mouriscas se manifestou para com a nossa filarmónica. A música da cesta ou dos ciganos levou de encomenda uma fogaça para lhe ser entregue depois da festa, querendo significar que tinham ganho a fogaça e a vitória, quando ela lhe saiu do bolso ou de quem lhe dirige todas estas manobras. Mas em vez de merecerem a fogaça, mereceram as antipatias gerais. Como se vai ver. O povo das Mouriscas, representado pelos seus festeiros, conhecendo a história da fogaça, espontaneamente, veio oferecer uma bela fogaça à nossa filarmónica, percorrendo com ela, acompanhada da filarmónica, no último domingo, as ruas desta Vila. Foi um triunfo completo. Parabéns à filarmónica!

Por ocasião das festas do bodo recebeu a filarmónica, de um amigo, mais um belo carneiro enfeitado com fitas. A música da cesta quer imitar a nossa filarmónica, como não recebe carneiros, porque ninguém lhe oferece. Mas, enfim, cada um tem o que merece...

A música da cesta teve presente no domingo. Foram aos Mógãos e lá deram-lhe um burrito de dois dias, que eles trouxeram num caixote. Diz-se que o foram preparar aí algures, não sabemos onde, nem para quê, não que não os deixaram concluir a função. Está na conta, a fazenda dos ciganos são os burros.

Esta música devia ir tocar todos os meses ao mercado de Santa Cita, para chamar freguesia...

“ECHO DO TEJO” - 21 de Junho de 1903

“Foi aqui muito estranhado este ano a música dos ciganos ir tocar à procissão do Corpo de Deus. Não se sabe bem a que atribuir isso e algumas pessoas apresentam motivos vários. O que todos sabem é que a dita música foi por consentimento da Irmandade e tocou alternada com a nossa filarmónica. Já nos disseram e parece que dizem algumas pessoas que a Irmandade falou àquela música para agradar ao Dr. Felicíssimo que é, dizem muitos, o chefe encapotado da mesma música (a dos ciganos) e já não estava contente por ver que a desprezavam. Nós temos pensado bem no caso e não parece que isso seja verdade. Não acreditamos que o Sr. Dr. Felicíssimo esteja metido nesta música dos ciganos.

O Sr. Dr. Felicíssimo é um homem que na sua posição de médico deve colocar-se acima de baixas questões e não deve querer que o seu nome ande misturado nestas questões de ciganos (até este nome repugna), o Sr. Dr. Felicíssimo é um homem que tem um curso superior e que é ilustrado, que deve conhecer bem a posição em que se colocava envolvendo-se nos negócios dos ciganos. Se o fizesse daria prova de falta de senso que ninguém lhe desculparia. Por isso não se pode acreditar que o Dr. Felicíssimo ande envolvido nestas questões, ou seja protector da música dos ciganos, embora seja aparentado com o chefe dessa música.

Mas deixemos isso. Damos de barato que isso fosse verdade, que não é viável. A Irmandade não podia nem devia aceitar imposições de ninguém, fosse quem fosse. E cremos que os indivíduos que compõem a Irmandade têm a independência bastante para repelir qualquer imposição contra a sua liberdade. Não acreditamos, também, que a Irmandade aceitasse essas imposições, se alguém tentasse fazê-las.

Mas deixamos isso mais uma vez. Apreciamos o que aconteceu. É certo que a música dos ciganos foi tocar à procissão, que todos viram. E a opinião de muitas pessoas é de que não devia ir. Temos uma filarmónica decente e honesta, que tem vivido em paz nesta Vila, que vive com muita independência e que nunca provocou desordens e que tem merecido as simpatias gerais, tem satisfeito cabalmente, o que dela se exige em todas as festas. Que necessidade havia de chamar para tocar na procissão uma música que não só tem as antipatias gerais, mas tem sido provocadora dos ódios e ditos que por aí correm e que além disso adoptou um nome que, por si, basta para que não seja chamada para actos sérios - o nome de ciganos.

Responda quem souber. Do que apurarmos diremos mais alguma coisa.

A música dos ciganos também no domingo último fez a sua festa de Santo António. Já que não a chamam para tocar e eles querem mostrar a sua arte fazem eles as festas e chamam-se a eles próprios para mostrar as suas vozes. O fogo preso é que deixou muito a desejar. E dizem que tinham melhor fogo preso que a festa do bodo. Tudo saiu furado a estas pessoas e por mais que queiram agradar não conseguem. Eles bem querem, mas não são capazes: Isto é um dito de um homem do termo; Outra coisa, outra coisa, digo eu e até para a semana.

!7-06-1903 THOMÉ “

“JORNAL DE ABRANTES” -14 de Julho de 1903

“FESTAS DE ABRANTES

Inscreveu-se no certame das Festas de Abrantes, a Philarmónica Sardoalense (a Nova). Aderiu ao certame não com a ideia de colher e cingir os louros da vitória, mas para os philarmónicos que constituem a Philarmónica Sardoalense (a Nova), ocorram a dar brilho a uma festa promovida pela benemérita Sociedade Soares Mendes, cujos fins altruístas lhes calam no ânimo e a que prestam a merecida homenagem.

Que a modéstia dos seus recursos artísticos, não emparelhando com a boa vontade e bons desejos, não consente que o seu concurso aumente o brilho, o esplendor e valor do grandioso festival de Agosto.

Serão uma parcela mínima, mas desculpar-se-á a pequenez por não se negarem à chamada. O que faltar em arte, sobejará em boa vontade.

A Banda da Fraternidade Sardoalense por intermédio do seu zeloso presidente oficiou sentindo que os compromissos para algumas festividades, tomadas antes de conhecidas as condições e realização do certame, a inibem de concorrer, a não ser que o festival se efectuasse no último domingo de Agosto. Testemunha depois os seus muitos e ardentes desejos de cooperar para tudo quanto deve elevar Abrantes e as suas Associações, especialmente o Montepio, pelos muitos benefícios que presta às classes trabalhadoras.

“ECHO DO TEJO” - 20 de Setembro de 1903

-Saiu o Mestre Madeira da música da cesta. Esta agora já tocou uma moda nova, a que se chamava uma ordinaríssima.

Dizem que se vai arranjar outra música nova de que é regente o Sr. Ovo. Já lá estiveram a ensaiar no dia em que a música velha andou a dar um sol e dó à noite.

Dizem que o Sr. Ovo é que faz os instrumentos na oficina dele. Dizem que o pai da música e o cachopelho público estiveram já a tocar, mas o Sr. Ovo acha-os muito desafinados e não aprova. São palavras textuais, como disseram.

Passado este período de intensa polémica entre os dois jornais sobre as duas filarmónicas, cujas direcções eram de quadrantes políticos diferentes, poucas referências se encontram sobre esta rivalidade musical.

Nos programas das diversas festas que então se realizavam na Vila do Sardoal, constam muitas vezes actuações alternadas das duas bandas, que às vezes acabavam em pequenas zaragatas entre os músicos, fruto, talvez, dos vapores do álcool, mais do que das querelas políticas que animavam os dirigentes.

Por curiosidade trazemos também à liça aquilo que escreveu Alberto Pimentel no capítulo sobre o Sardoal, na sua obra A Extremadura Portuguesa, de 1908:

“Tem duas philarmonicas, ali denominadas - do Carapau e dos Ciganos. Falta ainda theatro e club.”

O mesmo livro faz ainda a seguinte descrição da moda sardoalense à época:

"As mulheres do Sardeal usam saia curta, debruada em diversos gostos, casaco justo, com enfeites, e lenço; os homens, jaqueta á campina, calça de bocca de sino, cinta, e sapatos de couro, brochados.

As danças populares são os bailres de roda, a polka e o fandango."

Para terminar esta recolha sobre as duas filarmónicas daremos apenas nota da sua fusão, de que resultou a criação da Filarmónica União Sardealense, que aconteceu em Março de 1911, quando da visita ao Sardeal do Governador Civil do Distrito de Santarém, Dr. Ramiro Guedes, que é assim noticiada pelo "JORNAL DE ABRANTES", de 12 de Março de 1911:

"(...) A visita do Sr. Dr. Ramiro Guedes deu causa a um facto que o Sardeal há muito desejava:

-A fusão das duas filarmónicas, que se fez depois da retirada do Sr. Dr. Ramiro Guedes, devido aos esforços do Sr. Aurélio Neto (Administrador do Concelho) e Matos Silva, levando este a sua generosidade até onde a podia levar, oferecendo à filarmónica mais antiga o instrumental da outra.

Esta fusão representa para o Sardeal a realização de um desejo antigo e com ela acabarão umas pequenas questões que por vezes surgiam e levantavam atritos."

Ainda no "Jornal de Abrantes", de 16 de Abril de 1911:

"Daqui a algumas horas deve apresentar-se pela primeira vez nas ruas desta Vila, a Filarmónica União Sardealense.

É formada por músicos das duas que aqui existiam, que num gesto nobre e sublime, congregaram os seus esforços e uniram as suas vontades para trazer ao Sardeal, alguns trechos de deliciosa música.

Os rivais de ontem, são companheiros de hoje; por isso, se em alguns ainda existe o ressentimento ou paixão oriunda de lutas atrasadas, bom será que tudo se esqueça, para se pensar no futuro com ardor e entusiasmo para que o Sardeal progrida e possa apresentar uma banda digna de ser apreciada pelos mais exigentes amadores da arte de Mozart.

Deve ser este o ideal de todos os executantes, para que o seu gesto tome mais realce e dignificação e para que todos os que têm contribuído com os seus esforços e boa vontade para esta união, continuem a dispensar o seu auxílio e apoio para que prossigamos na estrada do progresso da civilização, até que essa divina arte nos traga a harmonia dos sons e harmonia de todos os Sardealenses. A banda é composta de 34 executantes que se apresentarão com os seus novos fatos de ka-ki.

A Direcção tenciona promover uma quermesse para os dias das festas do Senhor dos Remédios, que se realiza nos dias 29 e 30 do corrente, para atender às despesas com a compra de fardamentos e instrumentos novos."

Com este modesto trabalho não se esgota, como é obvio, a história da tradição musical da Vila de Sardeal. É apenas mais um breve contributo para a sua divulgação. Sem outras pretensões. Outros elementos que consiga reunir, serão divulgados dentro das minhas

possibilidades e capacidades. Para mim seria um grato prazer ver outras pessoas a desenvolver trabalhos deste tipo ou de maior gabarito intelectual. A História do Sardoal merece-o.

VIDA RELIGIOSA - ALGUMAS NOTÍCIAS E CURIOSIDADES

A vida religiosa e política do Sardeal nos primeiros anos do século XX foi profundamente marcada pelo Cónego António Joaquim Silva Martins, que foi Pároco da freguesia de S. Tiago e S. Mateus entre 1901 e 1927 e por diversas vezes Presidente da Câmara Municipal de Sardeal, quer ainda na vigência da Monarquia, quer nos conturbados anos da 1ª República, cargo que desempenhou no total cerca de 19 anos.

António Joaquim da Silva Martins, nasceu em Entrevinhas em 15 de Março de 1868, filho de Joaquim da Silva e de Maria Lourenço Martins. Fez os estudos primários na Escola da Presa, tendo como professor Francisco Martins Pimenta. Fez os estudos teológicos no Seminário de São Bernardo de Portalegre, onde foi admitido em 29/9/1885. Recebeu todas as Ordens das mãos do Arcebispo-Bispo de Portalegre, D. Gaudêncio José Pereira: a Ordem do Diaconado, em 5/4/1890 e o Presbíterado, a 20 de Setembro do mesmo ano. Habilitado com património, por sentença de 22 de Março de 1890, é aprovado e classificado em 1º lugar no concurso por provas públicas para provimento da Igreja Paroquial de Nossa Senhora das Neves, em 15 e 16 de Abril de 1891, de que não tomou posse. Foi apresentado na Igreja Paroquial de São Silvestre do Souto, por decreto de 3/12/1896 e colado em 30/3/1897. Tomou posse em 18 de Abril de 1897 e aí paroquiou até 12 de Dezembro de 1901, acumulando a paroquialidade da Aldeia do Mato, desde 22/9/1897, até 22/12/1897. Apresentou-se na Igreja Paroquial de S. Tiago e S. Mateus do Sardeal por decreto de 27/9/1901 e colado em 22/11/1901. Tomou posse a 2/1/1902 e no Sardeal permaneceu até ser transferido para a Paróquia de S. Vicente de Abrantes, sendo nomeado arcipreste desta cidade, por despacho de 22/02/1927, permanecendo nessa função até ao seu falecimento, que ocorreu na sua casa no Sardeal, em 25/12/1943.

No Sardeal criou no ano de 1919 o “PATRONATO INFANTIL” e a “ASSISTÊNCIA AOS INVÁLIDOS”. Em 1921, promove a reconstrução da Torre da Matriz, demolida no dia 13 de Janeiro de 1921, por uma faísca.

Em Abrantes foi um dos grandes impulsionadores da criação do Colégio de Nossa Senhora de Fátima e promove a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, de Alferrarede.

As circunstâncias dramáticas que envolveram a morte de sua mãe devem tê-lo marcado profundamente e podem perceber-se numa notícia publicada no jornal “ECHO DO TEJO”, de 23 de Outubro de 1904, que a seguir se transcreve:

*UMA GRANDE DESGRAÇA - UM ACTO DE LOUCURA
FILHO QUE MATA A MÃE A GOLPES DE MACHADO*

Pelas 3 horas da tarde na sexta-feira última foi recebido pelo nosso bom amigo Sr. Dr. Manuel Martins um telegrama do Sardeal em que apenas se lhe dizia que prevenisse o seu primo Sr. Padre António Joaquim Silva Martins, vigário daquela vila do Sardeal, que nesta ocasião se encontrava em Abrantes, para ir imediatamente para o Sardeal.

O Sr. Padre Silva Martins pôs-se logo a caminho daquela vila supondo que tivesse sido chamado para administrar os sacramentos a algum enfermo. Pouco depois recebia o Sr. Dr. Martins um novo telegrama dizendo apenas que tinha havido uma grande desgraça em casa de seu primo.

Como era natural este caso comoveu profundamente o Sr. Dr. Martins que imediatamente se dirigiu para o Sardeal em companhia de sua irmã, a Sr^a D. Eugénia Martins e quem estas linhas escreve.

Quando ali chegámos eram 6 horas da tarde. Vários grupos espalhados pela vila comentavam com a maior tristeza e mágoa o acontecimento. À entrada da casa da habitação do Sr. Padre Martins, onde se desenrolou o horroroso drama estacionava bastante povo que era contido por alguns cabos de polícia. Quando entrámos no prédio sentimos uma comoção tão grande que não pudemos deixar de soltar um grito de dor, ao ver tão lúgubre espectáculo.

O Sr. Padre Martins estava sobre um leito soltando gritos de profunda dor sem que os numerosos amigos que o rodeavam conseguissem tranquilizá-lo.

Por todas as salas se via gente com os olhos marejados de lágrimas.

Na cozinha, em frente do quarto do Sr. Padre Martins, é que o espectáculo era verdadeiramente horrível. A mãe do Sr. Padre Martins jazia estendida no chão, em frente da chaminé, que estava coalhada de sangue. Estava deitada de costas, com os braços estendidos ao longo do corpo. A cabeça achava-se quase separada do corpo, vendo-se no pescoço golpes profundos produzidos por um machado de rachar lenha que estava próximo do cadáver, ainda quente. Na frente via-se, também, um profundo golpe.

Um verdadeiro horror!!!...

A vítima chamava-se Maria da Conceição Silva Martins e era casada com o Sr. Joaquim da Silva, de Entrevinhas. Tinha dois filhos, com quem vivia e para quem era extremosíssima: O Sr. Padre António Silva Martins, Vigário do Sardeal e o Dr. José Silva Martins, solteiro, 45 anos de idade, bacharel formado em Direito e Secretário da Câmara Municipal de Portalegre. Além de sua mãe, tem o Sr. Padre Silva Martins sustentado em sua casa uma sobrinha de 16 anos de idade, chamada Maria de Jesus Martins, seu irmão José Silva Martins e dois pequenos, filhos deste e de uma mulher com quem em tempos viveu e teve relações.

O Dr. José Silva Martins era um bacharel muito distinto, tendo enlouquecido vai para 6 anos por causa da mulher com quem viveu algum tempo, com grande desgosto da família. Esteve já internado no Hospício de S. João de Deus, no Telhal, próximo de Lisboa, de onde fugiu para casa do irmão.

Veio do Telhal um pouco melhor do que fora, mas não veio, perfeitamente, curado.

A família tratava-o com o maior desvelo e carinho, mas ele odiava cada vez mais a mãe, o irmão e os primos Dr. Manuel Martins e Padre Raposo, que o acompanhou quando deu entrada no Hospício de S. João de Deus, precisamente os maiores amigos que tinha e era esses que não podia ver.

O triste acontecimento que acaba de enlutar a família dos nossos amigos Sr. Dr. Martins e Padre Silva Martins, passou-se da seguinte forma:

Pelas duas horas da tarde, pouco mais ou menos, o Sr. Padre Raposo entrou em casa do seu primo. O Sr. Dr. José Silva Martins logo que o viu começou a pedir-lhe dinheiro e a alterar com ele, vendo-se o Padre Raposo obrigado a sair para a rua, sem lhe responder. Nesta ocasião a mãe começou a dizer-lhe algumas amabilidades para o tranquilizar. Ele dirigiu-se à mãe e dá-lhe uma bofetada. O Sr. Padre Raposo que ainda presenciou esta

cena, novamente lhe disse que estivesse sossegado, saindo depois para a rua. Momentos depois chegava a sobrinha à janela gritando que lhe acudissem porque o seu tio estava a matar a avó. Alguns indivíduos correram logo a casa, mas quando ali chegaram viram já a pobre mulher estendida no chão e o filho atirando-lhe com o machado ao pescoço. Quando o Dr. Silva Martins viu os indivíduos que ali tinham ido, correu para eles de machado em punho. Como a sobrinha ainda estivesse em casa dirigiu-se a ela e deitou-lhe a mão ao braço direito.

A pequena, porém, fez um esforço tal para se ver livre do tio, que lhe deu um encontrão, rasgando-se, então, o casaco e a camisa no braço, pondo-se em fuga.

Só nesta ocasião em que caiu é que o louco largou o machado, correndo para a rua em perseguição da sobrinha. Ao chegar, porém, ali, parou por um instante, mas vendo na sua frente o Padre Raposo, correu logo para ele, sendo nesta ocasião preso pelos indivíduos que ali se encontravam. Opôs grande resistência no acto da captura, mas depois serenou um pouco, dando entrada na cadeia com relativa facilidade.

As autoridades judiciais de Abrantes compareceram em casa da vítima pelas 6 horas da tarde. Assistiram à autópsia que foi feita pelo Sr. Dr. Oliveira e Sr. Dr. Heitor, o Sr. Dr. Alcântara, Juiz, Dr. Pinto de Abreu, Delegado, o Escrivão Lopes e o Oficial de Justiça.

O funeral da vítima realizou-se ontem de manhã e foi extraordinariamente concorrido.

O preso deu ontem entrada na cadeia desta vila, sendo conduzido num carro do Sardoal para Abrantes. Foi apenas acompanhado por alguns cabos e a condução fez-se sem dificuldades. Fala muito e com muita correcção, mas não liga pensamento algum. Apresenta-se de grande cabeleira e barba crescida. Segundo nos consta vai em breve dar entrada em Rilhafoles.

Sentindo profundamente o doloroso golpe por que acabam de passar os nossos amigos Sr. Dr. Manuel Martins e Padre Silva Martins, endereçamos-lhes as nossas condolências.”

Descrito este episódio funesto regressamos ao princípio do século para transcrever alguns episódios e notas curiosas sobre a vida religiosa desse tempo.

No Jornal “ECHO DO TEJO” de 21 de Abril de 1901:

“Como noticiámos realizaram-se este ano com toda a pompa e imponência as solenidades da Semana Santa, sobressaindo, entre tudo, a Procissão do Enterro, em Sexta-Feira Santa.

O Sermão de Quinta-Feira Santa confiado ao distinto orador sagrado, o nosso amigo Padre António Silva, agradou muitíssimo, mostrando mais uma vez este nosso amigo, quanto são vastos os seus recursos oratórios.

O Sermão do Enterro, confiado ao digno coadjutor desta freguesia, nosso amigo Padre José da Costa Tição e ouvido por mais de 5 000 pessoas, foi um verdadeiro sermão de lágrimas, pelos pensamentos nele expostos.

A excelente Filarmónica Sardoalense tocou três lindas “marchas fúnebres” nas procissões da Semana Santa.

Na Quinta-Feira Santa à noite todos os templos estavam maravilhosamente ornamentados, sobressaindo a Capela de Nossa Senhora do Carmo, que estava um primor.

Todos os estabelecimentos armaram montras de amêndoas que produziram um óptimo efeito.

“JORNAL DE ABRANTES”: 2/6/1901

Na Vila do Sardeal faleceu na passada quarta-feira, o Vigário daquela freguesia Padre João Lopes de Andrade. O finado deixou testamento legando os seus haveres a pessoas de família.

Na sequência da morte do Vigário do Sardeal, surge a seguinte notícia no “ECHO DO TEJO”, em 9 de Junho de 1901:

“Já não faltam pretendentes à Igreja do Sardeal, movendo a alta empenhoca. É a opinião geral que virá recair a escolha no Sr. Padre Silva Martins, Prior do Souto, que goza de geral simpatia naquela Vila. O Rev^o Silva Martins é Pároco de 1^a Classe e professor complementar, não lhe faltando, portanto, habilitações para obter a promoção. Mais consta que vai concorrer um bacharel em Teologia e que um sacerdote que costuma ser o oráculo inspirador do Sr. Avelar Machado, quando se trata de despachar eclesiásticos, não é favorável à nomeação do Rev^o Prior do Souto.”

Jornal “ECHO DO TEJO” - 16/6/1901:

“Está vaga a freguesia do Sardeal. Dizem-nos que são muitos os concorrentes e que entre eles está o Rev^o Pároco do Souto que não conhecemos senão por tradição, que é honradíssima.

Este sacerdote exemplaríssimo é aquele que o laborioso e digno povo do Sardeal quer ver à frente da sua freguesia, não só pelas muitas simpatias que ali conta, mas ainda pelos seus serviços e entranhado amor à causa da Igreja.

Pois consta-nos que um oráculo dos muitos e bons que inspiram o par do reino, Sr. Machado, anda planeando frustrar a vontade do povo que é soberana, desejando meter à cara um desconhecido que será muito bom, mas tem o grande contra de não agradar à freguesia. Parece-nos que o conselheiro vai mal...

É necessário respeitar a vontade do povo que é intransigível sempre e sobretudo quando se trata de um negócio de consciência, como no caso presente.

O conselheiro, que de mais a mais é um clérigo, devia ser o primeiro a pugnar tão sómente pela causa da Igreja com que se matrimoniou e pôr acima de tudo o futuro e lustre da instituição que lhe dá o pão de cada dia.

O povo quer um pastor à sua vontade e, portanto, respeite-se a sua vontade. Tem direito a manifestá-la e a exigir o seu cumprimento, porque é livre e directamente interessado. Se não forem cumpridas as suas indicações tem ainda maneira de fazer sentir o seu desagrado. É esta uma questão que oxalá não dê muito de si.

Pela nossa parte estamos dispostos a desmascarar o digno sacerdote e apontar ao povo do Sardeal o caminho que tem a seguir.

Será para nós motivo de grande júbilo não nos vermos na necessidade de o fazer.

*Mas o **fervet apus** pelo patrão do tal sr. clérigo bem pode arrancar mais algum retalho à religião de Cristo, transformando-a em balas que lhe façam dar com a pipa na terra.*

Está parodiando interinamente a freguesia do Sardeal o Rev^o José da Costa Tição.

Jornal "ECHO DO TEJO" -8/9/1901:

"Consta-nos que será apresentado na Igreja do Sardoal o Rev^o Silva Martins, do Souto. Enfim, o mestre de cerimónia do Sr. Par do Reino, sempre houve por bem conceder aquela graça ao seu súbdito... Melhor será que seja esta a última vontade do apaparicado Conselheiro."

"JORNAL DE ABRANTES" - 22/09/1901 - "NECROLOGIA":

"Na Vila de Sardoal, faleceu na passada segunda-feira (16/09/1901), vitimado por uma congestão pulmonar, o Sr. Padre António Silva Morais, um sacerdote de exemplares e nobres qualidades e o mais antigo na localidade. Contava 72 anos de idade e foi um distinto orador sagrado do seu tempo, sempre muito considerado e respeitado por todos os que lhe sabiam apreciar as belas qualidades de que era dotado. A sua morte é deveras sentida, especialmente pela pobreza a quem fazia muito bem. Sobre o féretro foram depositadas duas lindas coroas de flores artificiais com dedicatórias em largas fitas preto e roxo. Uma foi oferecida pelos seus irmãos Maria, Rita e Francisco e outra pelo seu cunhado Nogueira e esposa. O seu funeral foi concorridíssimo. Paz à alma do Honrado e Ilustrado Sacerdote. A todos os nossos sentimentos."

"JORNAL DE ABRANTES" - 06/10/1901:

"Temos aqui um cura que está servindo de vigário interino desta freguesia (S. Tiago e S. Mateus), assim como um sacristão efectivo, estes dois senhores que tiveram a audácia de estrangular uns sobreiros que de eras remotas têm sempre pertencido à Junta de Paróquia desta freguesia, no sítio denominado S. Domingos. Os párocos transactos nunca tiveram a delicadeza de fazer tal serviço. A Autoridade Administrativa deste Concelho, tendo conhecimento do facto mandou logo proceder ao embargo de 1 400 Kgs, pouco mais ou menos, da casca dos ditos sobreiros, a qual está depositada numa casa situada num prédio pertencente à viúva de Valentim Aires Sequeira Mora; o depositário desta casca, como rendeiro do dito prédio onde a casca está depositada, é o sr. Joaquim Chambel, assim como também nos consta que estavam 18 carradas de lenha dos ditos sobreiros, pouco mais ou menos, em casa do cura e sacristão.
Última hora! *No dia 2 do corrente pelas cinco horas da manhã, foi esta Vila surpreendida por girândolas de foguetes que estalavam nos ares, isto devido à nomeação do Reverendo Padre António Joaquim Silva Martins, que por despacho de 27 de Setembro último foi nomeado para Pároco desta freguesia. Todos os Sardoalenses rejubilam de contentes por tal nomeação ter recaído num sacerdote exemplar, ilustrado e digno, como sempre tem mostrado em todos os actos da sua vida. Bem vindo seja, pois!*

Jornal "ECHO DO TEJO" - 15/07/1902:

"Procedeu-se, hoje, à eleição da Mesa Administrativa da Irmandade do Santíssimo Sacramento desta Vila. Até à hora em que escrevemos, ainda não sabemos o resultado

da eleição. Diz-se que figurarão como gerentes alguns novos irmãos que entraram ultimamente, continuando alguns da Administração transacta. Diz-se, hoje, que na Praça andou alguém a galopinar votos a fim de poder determinar o resultado da eleição a seu sabor. Não se sabe, ao certo, o que há de verdade nesta afirmação, nem pretendemos fazer-lhe crítica. Apenas narramos o que temos ouvido. Mas sempre nos quer parecer que anda mal avisado quem, sendo estranho à Irmandade pretende nela domínio. A Irmandade foi criada para um fim que está expresso nos seus estatutos e desse fim não pode afastar-se a Mesa Administrativa. Como é que pretendem certos elementos estranhos exercer pressão na Irmandade, pretendendo admitir na sua direcção quem se preste a seguir outra linha de proceder que não seja o que estabelece o Compromisso?

Causou impressão em algumas pessoas a nota publicada no ECHO do dia 1 de Junho que dizia constar aqui certo indivíduo que queria alistar-se na Irmandade para convertê-la em instrumento político. Procurámos indagar quem seria o tal pretencioso e ouvimos várias opiniões, sendo a mais provável a que indigitava certo cavalheiro, que mais se tem mostrado com a eleição da Mesa. Falando, hoje, com um indivíduo do termo, até mostrou em saber a quem o jornal se referia. Mas nada podemos responder, por estarmos, ainda, em dúvida.

Sardoal, 08/06/1902 - THOMÉ

Jornal "ECHO DO TEJO" - 22-06-1902

"Nesta Vila têm-se dado casos que por de forma alguma se devem esquecer.

Um dos factos mais recentes foi a eleição da Irmandade do Santíssimo em que se cometeram verdadeiras tropelias. Enquanto o povo desta Vila e Concelho não conhecer bem o meio em que vive e não for prevenido contra os manejos e artimanhas de certo régulo cá do sítio e dos seus sequazes, dar-se-ão, todos os dias, destes factos, verdadeiramente ridículos e repugnantes. Mas vamos ao caso:

-Dos sete membros que formam a Mesa da Irmandade do Santíssimo, saíram dois por não poderem e não quererem continuar a fazer parte dessa Mesa.

O lugar destes, porém, tinha sido substituído por irmãos da maior competência, a quem se havia pedido para entrarem na nova lista. Assim foi feito de harmonia com os desejos dos irmãos e ninguém supunha que sobre ela pudesse haver alguma divergência. Sucede, porém, que o régulo cá da terra e seus sequazes, que não são irmãos desta Irmandade e como tal, se tivessem um pouco de bom senso, não se meteriam em coisas que não são das suas atribuições. Andaram por portas e travessas fazendo uma lista à sua maneira e imagem e semelhança, substituindo alguns nomes da lista combinada, por outros da sua feição.

Não tendo, porém, os galopins capitaneados pelo seu régulo importância, nem força para se defrontarem nesta comédia com a Mesa que tratava da eleição, começaram por iludir, à última da hora, com sofismas e artimanhas, os irmãos, enquanto se estava constituindo a mesa para a eleição - riscando os nomes, substituindo-os, etc. . - Nesta comédia entrava o andante da Irmandade e o escriturário, empregado de responsabilidade ilimitada da mesma Irmandade.

Convém notar que aquele célebre sacrista tinha razão para não aceitar na lista o nome de certo vogal que não se presta a servir nas suas tramóias na Mesa da Irmandade!... O escriturário, como é sabido, muda como o vento. Ainda há pouco combatia a entrada do régulo para a Irmandade, por entender que esse facto representaria, em breve, a morte dessa Irmandade, agora, lança-se-lhe aos braços, como um cordeiro.

Devem, pois, estar satisfeitos com o procedimento do seu criado os mesários eleitos.

Resta ver se continuarão a consentir na Irmandade aqueles zelosos empregados que amanhã praticarão maiores aventuras. Mas... e o régulo?

Não me lembrava que este papão tiraria desforra daqueles que tivessem a ousadia de desmanchar-lhe a igrinha. E já que se trata do régulo, é conveniente que a honrada classe comercial desta vila se vá prevenindo contra os seus manejos, porque ele fará a partida, quando veja para isso ocasião propícia. E quando for encontrado a fazer polícia clandestina, deve aplicar-se-lhe o correctivo que se aplica aos rapazes endiabrados.”

Jornal “ECHO DO TEJO” - 29 de Junho de 1902:

Sr. Redactor do ECHO DO TEJO.

Desde o falecimento do muito Reverendo Padre António da Silva Morais, o que é deveras significativo, vem o ECHO DO TEJO, publicando umas correspondências do Sardeal, firmadas por X - Thomé, etc.

A bem da verdade e para esclarecer os mal intencionados, queira V.Ex^a declarar com a máxima franqueza e lealdade se sou ou tenho sido colaborador do seu Jornal.

Sardeal, 25 de Junho de 1902 Padre José da Costa Tição

Sem entrar na apreciação das considerações que se fazem nesta carta, declaro, por ser verdade, que o Rev^o José da Costa Tição nunca foi colaborador deste jornal.

A Redacção.”

Acabam aqui as referências que foi possível localizar relativas a estes incidentes(?) com a Irmandade do Santíssimo, tendo o Padre José da Costa Tição sido nomeado para parouquiar a Igreja do Rossio ao Sul do Tejo, em Junho de 1902.

Em 1904 desenvolve-se nova polémica, desta vez, em torno da Irmandade dos Passos, cuja primeira referência aparece no Jornal “ECHO DO TEJO”, de Abril de 1904, na forma seguinte:

SARDOAL

“Acaba de nos chegar às mãos uma correspondência desta Vila, inserta no “JORNAL DE ABRANTES”, de 17 do corrente. É deveras curiosa e até parece que em parte foi escrita a rir.

Duvidamos bastante em gastar tempo com ela. Parece-nos que seria necessário depois tomar um banho; mas por fim resolvemos vir à arena, em desfazer da verdade e de uma corporação aleivosamente insultada.

Tem por fim a aludida correspondência, firmada por um Fá-Sustenido, ferir a Irmandade dos Passos, desta Vila, malquistando-a com a opinião pública. Explicam-nos que o móbil de tudo isto é o ódio pessoal de certa gentalha contra o reitor da dita Irmandade, por ser ele o mais visado. Precisamos de declarar o que aqui dissemos não o encomendamos dos

lados de Santarém. Conhecemos bem todos os membros da Irmandade, não temos ressentimentos contra alguns e com o reitor as nossas relações limitam-se a meros cumprimentos de ocasião. Diremos, portanto, a verdade, sem atendermos às pessoas. A correspondência que referimos pretende ter a sua parte séria, mas o resto é demasiado picaresco. Analisemos: -Vêem-se, últimamente, passando nesta Vila uns factos vergonhosíssimos, que ao menos para edificação dos seus actores convém aqui registar: Desde a memorável reunião da Irmandade dos Passos que produziu a revoltosa rejeição dos Srs. Abílio Matos Silva, António Esteves, Francisco Dionísio e Jayme Leal, por irmãos, até aqui estamos perfeitamente de acordo, não há dúvida. Tem sido deveras vergonhoso o que se tem passado com a Irmandade dos Passos. Apresentam-se os factos: A Mesa Administrativa desta Irmandade empenhou-se em promover as festas da sua instituição. Costuma todos os anos pedir algumas esmolas pela Vila para ajudar às despesas. Cada qual dá o que pode ou quer, porque não há lei que obrigue ninguém a dar. O que todos porém têm obrigação de ser, num meio civilizado, é bem educados e quem não quer dar não dá!

Este ano, dirigindo-se a Mesa a casa de certo indivíduo a pedir esmola, recebeu de uma janela um grave insulto. Achando-se o reitor na impossibilidade de acompanhar os sócios, o tal senhor respondeu que a sua esmola seria bofetadas no reitor, se ele estivesse presente e aos mesários disse: Vocês vão à m... Note-se que este pedido foi feito numa casa onde sempre se deu esmola, cujos antepassados tomariam com muita desconsideração não lha solicitarem. Quando isto nos contaram, não sei que indignação experimentámos: Um criado de cavalaria, um arreeiro acostumado a tratar com bestas teria mais educação em ocasião igual. Isto é deveras vergonhoso e tem razão o Fásustenido. O facto é aqui público e notório, escusado será nomear o herói da façanha. Indagados os motivos, soubemos que tudo isto é porque não se convida a tocar a música antipática que para aí há. Como não se chama a música para tocar por conta das Irmandades, entendem os Srs. Abílio, Esteves, Leal e Dionísio, que deviam entrar para a Irmandade dos Passos, para disporem à sua vontade da administração da Irmandade a fim de levar a música a tocar. Ora, segundo o artº 3º dos Estatutos da Irmandade para qualquer pessoa ser admitida para Irmão é necessário petição do pretendente ou proposta de outro Irmão, resolvendo a Mesa, por escrutínio secreto a conveniência ou não da admissão!

Diz o artº 1º dos Estatutos que é para venerar os mistérios da Redenção, etc...

Correu para aí que os tais pretendentes a Irmãos queriam entrar para a Irmandade a fim de promoverem a desordem, quais lobos que entram no rebanho para devorarem as tristes ovelhas.

A Mesa, dizem, foi informada dos fins sinistros à sua admissão. Nisto, dizendo com toda a satisfação e imparcialidade, é uma Mesa digna dos maiores elogios.

Viram-se corridos os homens e, dizem-nos que daqui nasceram as fúrias que determinaram tal correspondência. Segundo nos informaram, não é a primeira vez que as Irmandades do Sardoal estão para ser assaltadas por indivíduos que pretendem introduzir-se à força com fins alheios ao Compromisso. Consta que ainda, há pouco tempo certo personagem quis entrar para o Santíssimo, igualmente para fazer guerra e que os restantes Irmãos perceberam a tempo o jogo e repeliram a ovelha ranhosa.

Já vai longa esta exposição vergonhosíssima. A parte picaresca fica para o próximo número.”

Em 1 de Maio de 1904, ainda no “ECHO DO TEJO”, aparece uma poesia satírica, que nos parece relacionada com o assunto que estamos a desenvolver:

*SARDOAL EM FOCO
ARTE NOVA
Não entrando na Irmandade
Visto a querer surripiar
Vêem zombar da piedade
Com que estamos a administrar
Piedade muito avessa
Que só ela sabe contemplar
É bom que nunca esmoreça
E a outro não deixe entrar*

*Escrutinar com decência
Esteves, Leal, Abílio
É força de conveniência
Que não perca por idílio*

*Dionísio, grande pintor
Não convém à sociedade
Por do godet tirar a côr
Até à hilariedade*

*A outros membros da Irmandade
Escrutínio fazer não quis
Desculparia a sua maldade
Mande assim o senhor juiz*

*Excluí-los como a um mal
De propósito, firme ocasião
É um feito raro, burrical
Que à mente nos traz o papão*

*Não convivam com tal gentalha
De vis e nefastos intentos
Fazendo da ralé igualha
São, em contraverso, patentes
Esculápio*

Sobre o mesmo assunto: “ECHO DO TEJO” - 5 de Junho de 1904:

“VIOLÊNCIAS: UM GOVERNADOR CIVIL SEM SENSO E UM ADMINISTRADOR INCAPAZ

Não são asserções gratuitas o que aqui avançamos. Vamos demonstrar com factos que o que acima afirmamos é uma verdade real e que ao Governador Civil do Distrito e ao Administrador deste Concelho falta competência para o bom e legal desempenho das

suas funções e manutenção da ordem. O que últimamente se tem dado nesta Vila com a Irmandade dos Passos e com o que aquelas duas Autoridades andaram envolvidas prova-o cabalmente. Está ainda, decerto, na memória dos leitores o que se relatou há dois meses sobre a pretensão de quatro indivíduos para entrarem como Irmãos para a Irmandade dos Passos. Não ficaria mal que o recordemos mais uma vez, mesmo para que o saiba o Sr. Governador Civil do Distrito. Esses indivíduos são os Srs. Abílio de Matos Silva, Jayme Leal, António Esteves e Francisco Dionísio, sobrinhos, amigos e afilhados ou coisa que valha, do Sr. Dr. Felicíssimo. À porta do primeiro destes indivíduos tinha ido a Irmandade dos Passos pedir esmola para a sua festa, como é costume, em igual dia, todos os anos e a todas as casas. Mas a esmola do Sr. Abílio foi um insulto soez lançado às faces de toda a Irmandade. Este acto pouco correcto foi reprovado por todas as pessoas de carácter sério. Pois é este homem que assim insultou a Irmandade por uma forma tão baixa, oferecendo-lhe duas bofetadas, que se atreve a vir pedir, dias depois, para ser admitido como Irmão, com mais seus três apaniguados.

Vil seria o procedimento da Irmandade se admitisse tais Irmãos, cujo alvo não era o bem servir a Confraria nos fins em que fora instituída, mas estabelecer no seio da Irmandade a desordem e a guerra. Rejeitando os quatro bobos que queriam entrar no rebanho, a Irmandade dos Passos mereceu os aplausos de todas as pessoas de bem e praticou um acto legal nos termos do artº 3º do seu Compromisso. Se os reprovados fossem respeitadores da lei deviam acatar a resolução da Mesa e poupar-se-iam a censuras e a fazerem do Sardoal teatro de cenas vergonhosas, remetendo-se ao silêncio; mas não.

À última hora apareceu o Sr. Governador Civil intrometido na questão e pretendendo violentar a Irmandade a admitir os indivíduos que ela julgou incapazes de serem Irmãos. Querendo levar a violência até ao último extremo, o Sr. Governador Civil manda convocar uma Assembleia Geral dos Irmãos dos Passos, determinando dia, hora e local para a reunião, atribuição que nos dizem a Lei não lhe faculta. Mão oculta, diz-se por aqui, manejou toda esta intriga, pedindo ao Sr. Governador Civil a tal reunião da Assembleia Geral, esperando que o resultado fosse favorável aos revoltosos. Mas os cálculos saíram-lhe errados.

Vendo perdida a causa, um dos vencidos, consta que foi a Santarém pedir ao Sr. Governador Civil outra violência. Seja como for, o certo é que a violência apareceu, pois o Sr. Governador Civil manda declarar que à sessão não podia presidir o actual Reitor da Irmandade e que os Irmãos, de há pouco admitidos, podiam votar.

Onde está, Sr. Governador Civil, a lei que lhe confere tais atribuições?

V.Exª. é um representante da autoridade e o ofício da autoridade é cumprir a lei, porque a lei está acima de tudo, mas V.Exª. procedeu arbitrariamente e não invocou artº algum da lei que fundamentasse o seu procedimento.

Um funcionário que não observa a lei não é digno do lugar e quem procede arbitrariamente mostra que está divorciado do bom senso. Nós, que isto escrevemos, também não somos entendidos em Leis, pois não é essa a nossa especialidade. Consultamos, porém, alguns amigos entendidos em negócios de Irmandades porque nelas têm figurado e eles nos orientaram. Temos à vista o Compromisso da Irmandade em questão e com ele e com o que nos dita a razão e com o pouco que podemos ver da lei, podemos dizer ao Sr. Governador Civil que deu a ordem e ao Sr. Administrador do nosso concelho que a cumpriu, que se mostraram incompetentes para o lugar que ocupam. O Sr. Governador Civil porque se prestou a favorecer ódios e intrigas dos revoltosos reprovados em desprezo da lei e o Sr. Administrador, porque conscientemente

ou inconscientemente se prestou a executar a ilegalidade. A sessão da Assembleia Geral não se realizou, mas se se realizasse seria muito nulo tudo quanto nela se deliberasse, não só porque sendo uma sessão extraordinária, na convocação não se dizia o motivo porque se reunia a Assembleia de Irmãos, mas porque à última hora, por exigências do Sr. Administrador do Concelho, se mudou o lugar da reunião da Casa da Irmandade para a Igreja, onde houve tumultos provocados pelo Administrador do Concelho que não queria que à Assembleia presidisse o actual Reitor, nem que votassem os Irmãos há pouco admitidos. Talvez que dali aparecesse na ocasião, como esperavam os seus amigos, um físico-mór que reside ali para as bandas do Alentejo e o Sr. Administrador do Concelho quisesse exigir que ele votasse, embora esteja a exercer a sua física lá para as bandas dos porcos gordos.

Por fim o Administrador do Concelho, arvorando-se em ditador, embora não tivesse a força precisa para manter a ordem, declarou encerrada a sessão!!! Pasmem, oh! gente do mundo inteiro!!! Quem constituiu o Sr. Administrador do Concelho, Presidente da Assembleia Geral para fechar a sessão?

Isto é cómico e serve apenas para rir. Mas a culpa teve-a também o Sr. Reitor da Irmandade, em consentir que o Sr. Administrador se permitisse ali dar ordens.

As funções da autoridade em tais actos são manter a ordem quando esta seja alterada e nada mais. A direcção dos trabalhos, a presidência de todas as sessões da corporações administrativas pertence ao presidente de qualquer daquelas corporações e, no caso presente, pertencia ao Reitor da Irmandade presidir à sessão da Assembleia Geral. Se eu pudesse falar lembraria ao Sr. Reitor que não consentisse na violência, embora o Sr. Reitor se não prestasse seguir o meu conselho. Mas não resta dúvida alguma é sobre a ilegalidade de tudo quanto se fez. O Compromisso é claro e não deixa dúvidas ao menos entendido. Os pretendentes a Irmãos foram legalmente e justamente reprovados. Contra eles depõe o artº 2º dos Estatutos e só quem for rombo é que não entende. Das decisões da Mesa não pode haver recurso para a Assembleia Geral porque são cumulativas as funções de ambas e quando houvesse de exigir reunião da Assembleia era ao Reitor que deveria ser requerida e não à autoridade. Mas o que se pretendia era introduzir os pretendentes fosse porque meio fosse. A justiça, porém, triunfou porque a maioria dos Irmãos presentes reprovou por completo a comédia a que os queriam sujeitar.

Não largaremos o assunto de mão; defenderemos os interesses da Irmandade até ao último extremo, embora não sejamos nisso interessados, mas tão sómente, porque nos repugna o sucedido. Terminamos com um conselho de amigo ao Sr. Administrador e porque somos seu amigo custa-nos ver o papel que sua Ex^a. está a fazer, procurando agradar a gregos e a troianos, mas desagrada a todos. Se é por causa do ordenado, olhe que nem sempre há-se ser Governador Civil, o tio do sobrinho do físico-mór.

Fique-se sabendo que não respeitamos amizades, nem pouparemos censuras a quem quer que seja.

Um amigo da verdade

SARDOAL: Outra correspondência:

Fá Sustenido afirmou aqui há tempos no final de uma correspondência no “JORNAL DE ABRANTES” que a caravana que levava sobre o dorso os Srs. Abílio & C^a., para os introduzir na Irmandade dos Passos havia de passar e nós respondemos que a caravana ia muito mal guiada. E não nos enganámos. Os camelos ainda não entendem bem as

ordens do almocreve-guia e deram com a carga em terra. Nós percebemos logo as depravadas intenções dos olímpicos habitantes e falámos pouco, mas acertado. Os ciganos tiveram que ferrar os dentes nos beiços. Parabéns ao Fá Sustenido por ter saído um saragoçano de olhos largos e grandes orelhas. Os inimigos da Irmandade do Senhor dos Passos sofreram uma derrota monumental no último domingo. Antes da reunião da Irmandade tudo quanto pertencia à companhia dos rebeldes inchados, pareciam senhores desta terra, mas depois que viram o exército aguerrido pronto a dar batalha, meteram-se na concha e ficaram como caracol em tempo de gelo. Nem o físico-mór lhes pode valer, apesar de supôr que tinha todo o Sardoal fechado na mão, como ele dizia. Não há alma benfazeja que lembre à Câmara da Ponte de Sôr os deveres que tem de cumprir para este físico? Em vez de estar no concelho da Ponte de Sôr a cumprir as obrigações que se obrigou e para o que embolsa um bom ordenado anda no Sardoal a fomentar a revolta. Já não é segredo para ninguém aqui no Sardoal que o Sr. Felicíssimo é o fomentador da pertinácia dos quatro devotos que querem ser irmãos dos Passos. E uma prova bem clara é que o Sr. Felicíssimo veio aqui de propósito para caçar votos para os seus devotos, mas a sua física não deu resultado.

Desde que soube que o Dr. Móra se interessava pelo resultado da sessão da Irmandade, o físico-mór do reino unido de Portugal e Algarves, da Guiné e da Índia, não mais apareceu. Apanhou uma lição como ele não esperava! As bazófras de importância foram por água abaixo.

O Sr. Felicíssimo deve agora abrir os olhos para ver o seu valor político que aqui foi sempre o de um João Ninguém, como podia ser o do Manuelzinho. A prova está na derrota formidável que lhe pode tirar toda a dúvida. O Sr. Felicíssimo já devia ter tomado o pulso a si próprio e conhecer o seu estado. Quando foi a eleição da Irmandade do Santíssimo também o Sr. Felicíssimo quis intervir e disse que também queria ficar na Irmandade para levar a Música à sua vontade para a Semana Santa, diziam os seus apaniguados. Pelo que se vê a paixão deste homem é a música. É como aquele personagem da Antiguidade que nos seus acessos sossegava com o som dos instrumentos? Se a Câmara da Ponte de Sôr não tem força de vontade para fazer sossegar o Sr. Felicíssimo nos limites do concelho, lembremos-lhe que um meio fácil é levar para lá esta música por quem o Sr. Felicíssimo mostra tanto valor. Mas deixemos os à partes e voltemos ao caso da Irmandade: Os Irmãos do Santíssimo perceberam a tempo os desejos do Sr. Felicíssimo e trataram de o afastar. O homem da física já devia ver por aqui que o Sardoal não estava na sua razão e para desfazer os seus planos bastava um homem. Aprenda agora Sr. Felicíssimo e conheça os da caravana que nada conseguem porque o melhor ainda está para vir.

Jornal "ECHO DO TEJO" - 3 de Julho de 1904:

Com este título vinha no "ECHO DO TEJO" de 12 do mês de Junho, uma local que apesar de vir com uma nota de redacção percebe-se bem que não era, mas sim escrita por algum cigano desta Vila.

Aqueles ciganos têm a garganta muito apertada; ainda não puderam engolir a derrota apanhada na célebre sessão da Irmandade dos Passos. De tempos a tempos vêm atirar com um pouco de bílias para a rua que apenas causa nojo(sic). Talvez o escrevinhador não saiba o significado desta palavra e se o sabe não soube empregá-lo. A tal caranguejola não deve ser puxada à sirga. Vai naturalmente seguindo o seu destino e vai muito bem,

nem que pese aos vermelhos. Os 44 Irmãos de uma assentada são realmente o pesadelo dos rebeldes. Estes não dormem por verem os 44 Irmãos no seu posto. E note o escrevedor que os 44 Irmãos estão muito bem e têm todo o direito ao lugar, como o farmacêutico, o médico e o padre. Não tenha susto o mestre escrevedor porque a barcação meta água. O barco está bem construído e vai bem guiado e também está perto da praia. Também não é impelido pelos ventos que sopram do mar do capricho; só a justiça e a verdade dirigem a tripulação que governa a Irmandade dos Passos. A seu tempo se verá tudo bem. O escrevinhador parece versejar, bem o sabemos. Olhe, guarde lá os exorcismos do padre para os endiabrados que querem passar. O padre que lhes deite água benta em barda e leve-os aos banhos do mar que são bons para acalmar temperamentos irrequietos e cabeças esturradas. O médico e o farmacêutico estão no seu lugar e o Felicíssimo se lá estivesse então é que seria esfregar as mãos de contente. O médico e o farmacêutico estão bem porque a Corporação, casa ou sequela de honesta, não se envergonham dela, nem a envergonham. Por fim concordamos com o primeiro do local, os ventos não correm propícios para esta zona e o senado abre-valas, faz muros de vedação. Pudera! Tudo isto lhe é preciso... Mas de quem é a culpa? Os filhos saem aos pais. O senado é filho de felicíssimos e salgados e de todos os que pensavam como ciganos exaltados e por isso havia de ter por presidente um menino tresloucado. Diga, diga, diga muito do senado, diga do mal estar desta terra, porque tem muito que dizer, mas fale no nome dos culpados, dos verdadeiros autores deste estado de coisas. Assim é que deve ser e cá esperamos outra epístola a tratar da nossa terra.

SOL-BEMOL

Transcreve-se, também, o texto publicado no “ECHO DO TEJO” de 12 de Julho de 1904 e que provocou a nota anterior:

“FACTOS E BOATOS: Coisas do Sardoal

Não correm propícios os ventos para esta zona. É uma região filoxerada na alma e coração e só tem vida artificial. Assim irá passando à história pelo tino dos seus dirigentes. Esteve em festa na quinta-feira do Corpo de Deus. O elemento oficial não apareceu, pois que o Sardoal só tem elementos orçamentológicos e o senado abre valas e faz muros de vedação. A caranguejola dos Passos lá vai sirgando o mar do capricho; 44 Irmãos de uma Assembleia é parto que só um farmacêutico podia expelir, após horríveis convulsões uterinas. Ainda bem que foi assistido do médico e do padre... Tão grande barcação é natural fazer água em curto tempo, mas sobrevivendo o enjôo ou naufrágio, não faltará quem recrute e abençoe tão santa tripulação. Deus é providente com tudo o que faz e aqui ou dedo de Deus ou... espírito de Satanás!... Parece-nos antes que tanto os que passaram como os que querem passar, precisam mais dos exorcismos do padre que lhes será companheiro em arriscada viagem. O médico e farmacêutico estão bem nos seus lugares.”

“JORNAL DE ABRANTES” - 4 de Setembro de 1904:

“Vamos falar da Irmandade dos Passos, dessa já muito célebre colectividade que, ora, tem por reitor o Chico Baptista, mais conhecido pela significativa alcunha do ‘Menina Maria’.

Parece que por um capricho do munícipe Pedro Apita, foi o alvo escolhido para pegar na reitoria. Quis e o 'Menina Maria' viu-se de repente feito alguém...

*Agora o mais grave no meio de tudo isto, que vem a ser o artº 14º do Compromisso da mesma Irmandade: **O reitor deve ser pessoa distinta nas suas qualidades e virtudes.** Ora, se a moral se não valorizasse com a apresentação, aqui, do enorme rosário de óptimas qualidades e virtudes, feitas em termos que toda a gente entendesse, que exornam o actual reitor, eu tenho todas as probabilidades de fazer afastar do 'Chico das Uvas', com uma vibrante repulsão de nojo, todos os Irmãos dignos que não quiseram prestar-se ao vilíssimo papel de estar às ordens de um homem(?) que quase toda a Vila sabe que aberrou o seu sexo; mas como se faz mister ter todo o respeito pelo público, não se pode expôr a verdade em toda a sua nudez, sem o subsídio das reticências, justificando-se mais uma vez, o dito em português, que não há nada sujo que se possa lavar por palavras limpas.*

No entanto, como mais tarde a história se há-de ocupar do Chico, aí vão dois traços para os especialistas: É, infelizmente, natural cá da terra e ainda solteirinho da costa, sendo natural que cá por coisas, oh! Rosa, venha a ficar um solteirão encravado. Enquanto a instrução, sabe fazer mal o seu nome, mas sabe de cór o antigo livro dos bichos e a história de João Calais. Porém, na boca de algum sebastianista exótico e espirituoso é possível que passe por um sabão da primeira grandeza, pois já Catão, pela boca de Plutarco, era apregoado o mais sábio dos romanos, parece que, como espirituosamente conjecturava o nosso Camilo, por se embebedar todas as tardes...

É sócio da filarmónica do Carapau e se ainda não viscondizou, é talvez porque não tem dinheiro. E quanto a conquistas, um número delas, como referem os Franciscos, Miguéis e Andrés, lá das suas perdições.

É tipo alto e bem parecido, um dandi... Visto de frente é de uma impecabilidade de formas que está mesmo a desafiar o cinzel de um Miguel Ângelo. Por detrás, não desafia cinzéis, mas também não é tão desastrado que não chuche os elogios do Bento das Uvas. E aqui está o actual reitor da Irmandade dos Passos, feito por obra e graça do Pedro Apita.

Eu creio, piamente na castidade do Senhor dos Passos e inclino-me mesmo a acreditar que na Irmandade não haverá ninguém que ante o seu esbelto reitor, ouse exclamar como Aquiles, ao deplorar a morte de Patrocho:

Femour luorum santo e consuetudinis quid pulchrim!

*O motivo porque nos insurgimos contra a entrada do 'Menina Maria' na reitoria da Irmandade dos Passos, está em que consideramos e connosco muita gente sensata, uma vergonha e uma baixeza para esta terra, ter na Irmandade dos Passos, como reitor, um fulano cujas qualidades e virtudes exigidas pelo citado artº 14º ficam nas entrelinhas e reticências na correspondência. E se cada Irmão tomasse a sério o seu papel, nenhum, evidentemente, se prestaria a reconhecer como reitor o **Chico das Uvas**, antes se retiraria indignado do contacto de semelhante homúnculo, obrigando, assim, o truanesco Pedro Apita a ficar a apitar de Irmãos e a reagir por um de dois caminhos: ou pôr de parte e tratar dos lombos do **Uvas**, ou a arranjar então uma Irmandade de Torrecas. Mas a Irmandade dos Passos é composta, ao que parece, por gente de bom estômago e, por isso, podemos exclamar como na lagartixa:*

Deixem andar e corra o marfim. E até breve. X

Ainda no “JORNAL DE ABRANTES” - 11 de Setembro de 1904:

Surtiu, como estava previsto, o melhor dos efeitos, a nossa correspondência de domingo último.

O Chico das Uvas barafustou como um possesso e, abrindo as válvulas das expansões solenes, praguejou, praguejou, mordeu o jornal com a impetuosidade de um gato bravo e, se fez mais alguma coisa, o Leitão, o Galamba ou o Bento, é quem o sabe...

Como ainda não se descobriram desinfectantes suficientemente enérgicos para nós, sem perigo e com aplauso ou sequer consentimento da lágrima podemos continuar nestes dias de calor a bulir como fazia mister no Chico, ficará reitor o Uvas, por alguns dias livre das nossas escarpelizações e, bem assim, ficarão privados do reclamozinho aquela sua coisa que nada tem a ver com as calças, em que pese, castíssimo reitor que não serão injustiças pôr-lhe na boca os versos do poeta:

*Tu não vês como sigo
Teus passos, não vês?
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono, talvez!!!*

Mas se o Chico vai ficar, por algum tempo em paz, às moscas, etc. e tal o mesmo não acontecerá a uns parvajolas que tanto lustre estão dando, desde que o Sr. Salgado deixou a presidência da Câmara...

Muitos sacerdotes marcaram a história do Sardeal de diversas formas.

No jornal “O ABRANTES”, de 16 de Fevereiro de 1908, encontra-se uma referência interessante, quiçá, humorística a um desses sacerdotes que aqui desempenhou as suas funções, talvez nos meados do século XIX, com o título **“Casos e Tipos -Sardoalenses Ilustres: O Padre Francisco do Vale”**:

“Era o verdadeiro protótipo do padre de aldeia.

Gordo, corado, barrigudo, cachaço de três rodelas, muito risonho e sempre disposto à bela e hilariante chalaça, recheada de ditos abrejeirados e picantes!

Dos actuais habitantes da vila poucos se hão-de lembrar dele, pois isto já lá vai há uns bons quarenta anos.

Eu, infelizmente, lembro-me, mas com saudade, por saber que naquele tempo tinha apenas 7 para 8 anos e brincando à minha porta, com o filho da Cavaca, o Luís da Bica, o Manuelzinho e o irmão Domingos, quando todas as tardes o víamos aparecer ao fundo da rua, vestido no seu casacão de briche, muito coçado e avinhão, exalando um cheiro a humanidade descuidada!...

Era certo todas as tardes a visitar o Dr. José Maria com quem conversava e bebericava, que eles não sabiam fazer uma coisa sem a outra.

Era relativamente inteligente e pregava uns sermões recheados de latim bárbaro, que deixavam alarmados os próprios colegas que não o entendiam.

Um dia foi procurado pelo João Galinha, dos Valhascos, que era Juiz das Festas da Senhora da Graça e que vinha pedir para ele lá ir pregar; mas observando-lhe que a irmandade e os festeiros não tinham dinheiro, pois como sua reverendíssima muito bem

sabia, o ano tinha sido mau e, portanto, que fizesse um preço baratinho, para eles poderem cotizar-se em dinheiro ou em géneros.

O Padre fixou o sermão em três quartinhos (3\$600 réis), preço que o Galinha achou demasiado, atento à falta de dinheiro, mas se sua reverendíssima pudesse com géneros, alguma coisa se arranjaria... Mas o valor de três quartinhos é que era muito!

Depois de caturrarem por muito tempo ficou assente que pregaria o sermão em troca de esterco que haviam de pôr-lhe em casa, antes da festa!...

E assim se fez...

O nosso homem lá foi, mas muito contrariado, pois que a carrada foi pequena, pouco acalcada e de má qualidade!...

Quando chegou a Valhascos esteve em casa do Coelho, queixando-se dos mordomos e, ao mesmo tempo, molhando a palavra e como almoços da vila cabem três numa barriga, foi almoçando também... mas da comida dos criados pois que os donos da casa já tinham acabado...

Abarrotado como um tonel, lá foi para a igreja dormir a sua soneca até chegar a hora de impingir o seu latinório.

Quando assumou ao púlpito sentia-se incomodado. Por mais que quisesse não havia meio de se fazer ouvir. Com um esforço heróico lá se persignou e com a língua a tremelicar-lhe, principiou por uma Avé, Avé Maria!... Mas não, pode mais.

Os almoços começaram a sair-lhe da boca às golfadas, inundando e borrifando os que estavam debaixo do púlpito a avinhada e inspirada palavra do pregador. Foi um burburinho em todo o mulherio, que fugia sacudindo os xailes e saias domingueiras.

O Reverendo, ao ver a debandada e para acalmar o sussurro, gritava do púlpito a plenos pulmões:

“Não se apoquentem, que não faz nódoa. As migas não tinham azeite!...”

Os mordomos ficaram sempre persuadidos que a indisposição de sua reverendíssima tinha sido pela má qualidade do esterco que lhe mandaram.

IGNOTUS

Ainda sobre o Padre Francisco do Vale, o mesmo jornal publicava no dia 1 de Março de 1908, o seguinte episódio, desta vez passado na aldeia de Andreus:

“São inesgotáveis as peripécias e ratices deste patusco e original Padre, que tinha a presunção e veleidade de julgar-se um émulo do grande MALHÃO (quasi meu conterrâneo) cujos versos e sermões soçobrava todo envaidecido como obra sua. No tempo do nosso herói, o foyer aristocrático da vila do Sardeal era a farmácia do Agostinho, o “LARÉ” que ele também frequentava, sendo sempre o primeiro a chegar e o último a sair, para não dar ensejo a que falassem dele.

Isso não impedia que o nervoso braço esquerdo do “LARÉ” se manifestasse isoladamente, acompanhando o gesto com um adeus demorado que traduzia o desejo de o ver pelas costas!

O nosso Padre Pedro era um dos habitués do foyer, assim como o alegre Dr. Anacleto, o Emídio, o Padre António, o simpático esmoler Tenente-Coronel David e outros. O Padre Pedro era o fornecedor do rapé que todos elogiavam pela excelente qualidade, frescura e sabor especial e devido a isso o nosso Padre Francisco abusava escandalosamente, atulhando as largas e sujas narinas com tal quantidade que deixava a perder de vista a carrada de esterco recebida em troca do sermão prégado nos Valhascos.

Uma noite cometeu a indiscreta curiosidade de saber como sua reverendíssima conseguia ter sempre rapé tão fresco e aromatizado que fazia as delícias de todos. E aproveitando ia enchendo os dedos na caixa grande de tartaruga. O Padre Pedro esclareceu que deitava no pote do rapé, uma porção de pêlos torrados de rabo de porco, o que muito surpreendeu o nosso homem, fazendo sorrir os outros assistentes.

O Padre Pedro no dia seguinte mudou de caixa e em vez de juntar-lhe os tais pelos do rabo de porco, juntou-lhe o que pelo dito lhe sai... Quando o nosso querido Padre Francisco, ao sorver a primeira pitada, notou a diferença, disse-lhe:

-Parece-me que Vossa Reverendíssima cortou demais os pêlos do porco...

No dia seguinte eram as festas dos Andreus, aldeia pitoresca, cujos alegres e divertidos habitantes são todos devotos do deus Baco.

Nesse ano havia festa rija em acção de graças das melhores obtidas pelo moral devoto da aldeia: Padre Falcão.

O Prégador era o “BOUSSUET” lagarteiro, o nosso Padre Francisco e os festeiros não se pouparam a despesas com foguetório, música e gaita de foles. Vieram à Vila alugar os melhores paramentos para adornar a Igreja, o que lhes foi concedido, com a condição expressa de cobrirem a cobertura do púlpito, para o paramento do prégador, mas FR... de combinação com o Silvério Mendes, dois refinadíssimos borrachões, aproveitaram a oportunidade para fazer partida ao Padre.

Colocaram debaixo do pano uma almofada com alfinetes, postos de forma que sua reverendíssima sentisse logo os efeitos da sua distração.

Estava escrito que aquela festa seria causa de grandes dissabores e enormes bebedeiras e assim sucedeu...

Ao subir ao púlpito colocado no adro, o João Bruto, dono da taberna fronteira à igreja e um dos festeiros, disse para o Padre, com certa ironia:

-Estimo que seja mais feliz do que foi nos Valhascos...

O epigrama enfureceu o padre que objectou com um pontapé, acompanhado do seu habitual estribilho:

-Chiça!...

Depois da oração o nosso prégador sacou do bolso um côvado de chita encarnada, elevado à categoria de lenço de assoar e sacudindo sobre os devotos os secos resíduos do porco, servidos e expectorados na véspera, tomou o trapo pela ponta menos suja e assoando-se em estrondoso ronco de trombone desafinado, tossiu e arrotou gravemente.

Depois de levantar a espalmada dextra mão, em voz pousada e grave, disse:

-Irmãos, os padroeiros desta Igreja, Santo Amaro e S. Guilherme, foram...

Não pôde acabar, porque depois do baixar a sapuda mão sobre o púlpito, picou-se nos alfinetes e com a dor e desespero, reacrescentou ao exórdio:

-Os grandes malandros!...

Neste momento chega ao adro uma jericada, o que produz um burburinho medonho, aumentando a confusão latente entre ouvintes e orador.

Este muito exaltado exclama:

-Enquanto aqui estiverem burros e bestas, não prégo!...

Os ouvintes começaram a rarear e iam-se aglomerando junto dos odres da bela pinga, que vendia o João Bruto e José Camelo, das Mouriscas.

O Padre enfureceu-se.

Tomou ar carrancudo e em voz trovão principiou a invectivar o procedimento daqueles herejes e dirigindo-se às mulheres, disse-lhes:

-Ide, boas mulheres, ide dizer aos vossos maridos e filhos que eles caminham a passos largos para o inferno, onde as suas almas estão já, porque preferem estar ali a embebedar-se, a ouvirem a palavra do Senhor!...

-Não se lembram que os verdadeiros João Bruto e José Camelo são aqueles que ali estão vexados de tanta heresia!...

E, limpando a baba, ia apontando para Santo Amaro e S. Guilherme..."

IGNOTUS

Ainda que não tenha como personagem um clérigo, não resisto à tentação de transcrever um episódio humorístico, publicado no jornal "O ABRANTES", de 23 de Fevereiro de 1908, com o título "**O DR. BOBELA DO SARDOAL**":

"Já não o conheci e não admira, pois que o liquidou o dever, há-de haver, neste vale de lágrimas, de dissabores e ilusões, há uns bons cinquenta anos.

No entanto lembra-me muito bem, a consideração, respeito e gratidão com que os meus falecidos pais falavam dele, contando um ou outro facto da sua vida e actos de filantropia que praticava com os desgraçados dos que precisavam de recorrer à sua inesgotável bondade e paciência, com que atendia tudo e todos.

Era um grande discípulo e grande admirador do sábio Raspaial, cujo tratado o acompanhava sempre debaixo do braço e quando ia ver algum doente metia-o no bolso da sua ampla sobrecasaca, sentando-se em cima dele como num pedestal.

Nas conversas com os amigos, sobre diversos assuntos que abordava com facilidade, concluía sempre com um envaidecido orgulho:

-Pois sim, sim, vocês têm razão!... Mas para mim e para a família basta-me o que tenho aqui!...

E batia com a ampla mão no fundo das costas, onde tinha o seu querido tratado Raspalhista!...

Um dia, estando no seu gabinete de trabalho, aguardando algum doente, viu entrar um antigo amigo e condiscípulo, grande ricaço abrantino, cujo nome omito para não ferir susceptibilidades, visto existirem filhos do nosso homem, que ocupam lugares proeminentes na sociedade abrantina.

Depois dos abraços e apertos de mão do estilo, o nosso homem tomou um ar sério e todo apumado, disse:

-Oh! Meu caro Bobela, como velho amigo e condiscípulo, venho pedir-te um grande favor e, como sei que és razoavelmente reservado, dir-me-ás se o que peço pode ou não ser atendido - e sorrindo com certa amargura, continua: - Há um tempo a esta parte que sofro de uma doença original e conquanto esteja em princípio, já me tem causado desagradáveis dissabores!...

O Bobela ouvia-o muito atento e aguardava a descrição do amigo, para lhe minorar os sofrimentos, quando lhe diz à queima-roupa:

-Tenho a doença da mentira!

-Da mentira?...

-Da mentira, sim, pois o que é isto que tenho, senão uma doença?...

-Eu não falo a pessoa alguma que não pregue logo uma mentira. Não faço uma visita que não diga mentiras, desde que entro, até que saio. Se encontro um amigo, zás, uma mentira e algumas chegam a ser comprometedoras!... Quero evitar e não posso.

Têm-me causado grandes dissabores!...Portanto, isto é uma doença que cumpre evitar quanto antes. Por isso, vim hoje visitar-te e pedir-te que me resolvas o problema, ou sou forçado a desaparecer da sociedade!...

O Bobela, acalmado-o, disse-lhe:

-Não estejas triste, nem desesperes...Isso é uma doença de que muita gente sofre, mas de que em geral, ninguém se queixa, pois ela só faz danos aos outros a quem se refere. Há realmente remédio para essa doença, mas não tenho presente a fórmula, pois que é o primeiro caso que trato. Portanto passa por cá amanhã, que eu vou consultar os meus alfarrábios, para ver o que é que hei-de receitar.

O nosso hóspede ficou radiante de alegria e prometeu este mundo e o outro, ficando de voltar no dia seguinte.

O Bobela, muito sisudo e circunspecto, ficou murmurando da ousadia do amigo, tomando o pedido como gracejo e amesquinramento à sua proficiência de médico halíssimo, que era. Mas, sem se desconsertar, foi ao berço do filho, um pequeno que tinha apenas alguns meses, e revistando-o, encontrou ingrediente bastante para confeccionar o remédio que o amigo precisava e com tanto afã lhe pedira.

Trouxe uma espátula cheia que estendeu num vidro, juntando-lhe certa porção de farinha de trigo. Mandou o criado à Farmácia do Laré buscar um vintém de Lycopodium e fazendo seis grossas pílulas que meteu numa caixa, aguardou a visita do amigo, que realmente não se fez esperar, na manhã seguinte.

O nosso homem, logo ao entrar, perguntou: -E então?...

-Está pronto - disse o doutor - Tu és um felizardo. Encontrei a fórmula que é de um médico italiano. E mais, fiz o remédio, pois receei que não soubesses fazê-lo, visto não vir na farmacopeia. Portanto, aqui o tens!... Já almoçaste?

-Ainda não. - Respondeu o nosso homem...

-Pois é ótima ocasião para tomar a pílula, visto que são para tomar antes das refeições. O doutor mandou vir um copo com água e o nosso homem tomou a pílula. Mas como estava ainda fresca e era grande, desmanchou-se na boca, fazendo com que ele, tomando o paladar, dissesse:

-Homem, sabes bem o que me dás? Isto sabe a trampa...

-Ótimo! Ótimo! - disse o Doutor Bobela, esfregando muito as mãos. Começas a falar a verdade logo à primeira!... Continua! Continua! Que isto é remédio radical!!!

IGNOTUS

FESTAS DO ESPÍRITO SANTO OU FESTAS DO BODO

As festividades religiosas ou de inspiração religiosa tiveram sempre uma grande tradição no Sardoal, sendo uma das mais importantes, senão a mais importante, a FESTA DO ESPÍRITO SANTO, sobre a qual desenvolverei, a seguir, algumas notas.

A Festa do Espírito Santo, também chamada do Pentecostes, celebra-se cinquenta dias depois da Páscoa da Ressurreição. Cerca de 50 dias depois da saída do Egipto, os Judeus chegaram ao Sinai e receberam a Lei por intermédio de Moisés; todavia não se exprime claramente na Bíblia que o dia de *Pentecostes* se refira a esse acontecimento.

Chamavam-lhe, também Festa das Primícias, porque nela se ofereciam as primícias da messe do trigo. Abrangia esta solenidade um só dia, no qual era obrigatória a abstenção dos trabalhos servis. Ofereciam-se a Deus dois pães fermentados, feitos com farinha das primícias e imolavam-se diversas vítimas. Na Igreja Cristã, a festa tomou novo sentido: comemora a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, no 50º dia depois da Ressurreição de Jesus e a promulgação solene do Evangelho feita por S. Pedro. Foi então que a Igreja ficou publicamente constituída e se lhe agregaram, pelo baptismo cerca de 3 000 fiéis. A festa do *Pentecostes* não é tão antiga na Igreja como a da Páscoa, mas já se encontrava estabelecida pelo fim do Século III. A partir do Século IV, o *Pentecostes* era um dos dias em que se conferia, solenemente, o baptismo na Igreja do Ocidente.

Alexandre Herculano, refere-se-lhe na sua História de Portugal na forma seguinte:

“Próximo do célebre Santuário de Compostela, tão frequentado de peregrinos de toda a Europa, os Cruzados dirigiam-se para ali celebrarem a festa de Pentecostes no templo do Apóstolo.”

Escritores antigos dizem que a Festa do Espírito Santo foi instituída em Portugal pela Rainha Santa Isabel, em Alenquer, dizendo outros que foi instituída em Sintra, onde se celebrava na sala dos infantes, nos paços daquela Vila.

No Sardoal e porque a Rainha Santa Isabel foi donatária deste lugar a sua instituição pode ter acontecido no mesmo período, por sua iniciativa ou pode ter resultado da influência da Ordem dos Templários, cuja influência nesta zona foi notória (Tomar e Almourol) e que impunham a comemoração do Espírito Santo, na sua área de acção.

Seja como for, perdem-se nas brumas do tempo, as origens da Festa do Espírito Santo, no Sardoal.

Acerca do Bodo do Espírito Santo, citarei o “ESBOÇO COROGRÁFICO DO SARDOAL” do Dr. Giraldo Costa: *“...Até 1860 havia nesta Vila um bodo em domingo do Espírito Santo, dado por mordomos e outras pessoas, que por devoção contribuía para ele e para a respectiva festividade, uma das mais solenes que se realizava nesta terra. Deixou de se dar pelo seu grande dispêndio (isto é escrito por volta de 1880); há poucos anos, porém mais limitado, se iniciou dar naquele domingo um bodo aos inocentes, fazendo-se também festividade.*

A instituição deste bodo é tão antiga que se ignora quando e porque motivo teve o seu princípio. Os que concorriam com os seus donativos para esta solenidade tinham uma porção de carne proporcional à esmola dada e cada um deles armava de véspera em sua

casa uma espécie de altar, que à porfia todos ornavam do melhor modo e segundo as suas posses, pois que à noite, grande parte das famílias da vila com os seus hóspedes e convidados, tinham por costume ir visitar os denominados altares. No domingo, eram o pão e carne conduzidos para a Capela do Espírito Santo, no centro da vila e aí também repartidos pelos pobres, no que intervinham as bençãos da Igreja.”

No jornal “O RIOMOINHENSE”, de 1 de Julho de 1897, com o título “CARTAS DA VILA”, vem uma interessante nota que transcrevo:

“SARDOAL, 29 de Junho: O BODO DO ESPÍRITO SANTO!

Quantas recordações dos tempos idos nos trazem as festas que actualmente se realizam nesta Vila, do dia de PENTECOSTES.

Perde-se na noite dos tempos, a instituição do bodo do Espírito Santo neste aprazível povoação. Não o bodo como hoje se faz, sem pompas, modesto e ignorado.

Outrora, os Sardoalenses em peso, cheios de fé uns, doidos de vaidade, os outros, organizaram a Festa do Espírito Santo, por forma tal que era conhecida e falada numas quinze léguas em redor.

Os contribuintes da solenidade recebiam uma porção da carne e do pão, proporcional à sua esmola dada e cada um deles armava em casa uma espécie de altar, que à porfia diligenciavam apresentar do melhor modo.

No domingo o pão e a carne eram conduzidos a uma capela denominada ‘ESPÍRITO SANTO’, recebiam as bençãos da Igreja e depois de distribuídas as rações pelos mordomos e pelas outras pessoas que contribuía para a festa, principiava a distribuição para todos os pobres que apareciam.

As moças, elegantes e originalmente vestidas de branco, faixas azuis a tiracolo, pendentes do pescoço cordões de fino ouro, no cabelo mimosas flores, percorriam as ruas com os seus tabuleiros de pão à cabeça, muito bem dispostos, muito enfeitados de rendas e de rosas. Era um acto festivo e alegre, como ainda se efectua anualmente em Tomar. O bodo, porém, como o que descrevemos, desapareceu em consequência do seu grande dispêndio.

Por isso mesmo, no domingo de ‘PENTECOSTES’, quando avistamos a Capela do Espírito Santo, no centro da vila, saudosas recordações nos trazem tempos que já lá vão. O movimento desusado da terra, as raparigas todas janotas, a romaria nocturna aos altares caseiros, a animação do ménage, tudo nos ocorre naquele memorável...

A Capela do Espírito Santo é uma das mais antigas que o Sardoal possui.

Reza o nosso Testamento que, após a morte de Jesus, achando-se os Apóstolos reunidos em conferência com outras pessoas, rápido um estampido enorme se ouviu em toda a sala; línguas de fogo brilhante se cruzavam no espaço indo bater sobre cada um dos Apóstolos que começaram a falar várias línguas.

Estabeleceu-se a ciência da linguagem e realizou-se a profecia de Jesus.

Foi, pois, erecta a referida ermida do Espírito Santo, no local onde hoje existe (1602), por dizer a lenda que no quinquagésimo dia depois da festa dos “ÁZIMOS”, foram ali vistas línguas de fogo, facto que se atribui a milagre.

ZI ZI”

Em trabalho da autoria do Dr: Manuel José de Oliveira Baptista, publicado no Boletim Cultural **“ATRIUM”** do GETAS-Centro Cultural de Sardoal, de Abril de 1987, que com a devida vénia se transcreve, referem-se as Festas do Espírito Santo no Sardoal, da forma seguinte:

“Num dos anteriores números do ‘ATRIUM’ fazia-se referência com certo desenvolvimento, às Festas do Espírito Santo em Sardoal - que eram, normalmente complementadas, de forma original, por um grande Bodo à população da Vila.

Interrompidas cerca dos anos 30 (em que se realizaram pela última vez, depois de certo interregno) a sua recordação perdura ainda nos sardoalenses de mais idade, pelo alto brilhantismo e imponência que atingiam nos velhos tempos e lhes deram, por isso, grande fama e projecção extra-muros, de tal modo que largo número de forasteiros e curiosos aqui se deslocavam sempre, para assistirem às suas fases de maior espectacularidade.

Essas festividades são as mais antigas de que há conhecimento na terra, remontando pelo menos à alta Idade Média. Atravessaram os séculos (quicá tendo algumas interrupções acidentais ou esporádicas) mas resistiram aos tempos e respeitaram a tradição perto de 500 anos!

*Com efeito, tem-se notícia de que se realizariam anteriormente a 1470. E com bastante importância, como se pode inferir de uma carta provisão do Rei D.Afonso V, datada de 18 de Janeiro de 1472, onde se estatuem algumas disposições para regimentar a sua organização, ao mesmo tempo que se facultam poderes e abrem concessões aos respectivos mordomos que na terminologia da época se chamavam **“imperadores das festas”**.*

Segue-se a transcrição desse curioso documento, em extracto integral, onde se procurou respeitar, tanto quanto possível, a configuração sintáctica e expressional da época, apenas se descendo a ligeiras acomodações ortográficas, tendentes e uma maior inteligibilidade do texto:

“D. Afonso V, Rei: a quantos esta minha carta virem fazemos saber que Nós, querendo fazer graça e mercê aos mancebos solteiros do Sardoal, termo da Vila de Abrantes, por honra e louvor das festas do Senhor Santo Espírito que costumam fazer no dito lugar, temos por bem e queremos que daqui em diante, nos dias em que a dita festa se fizer e enquanto durar, os imperadores e oficiais que para ela forem nomeados, segundo o costume, possam constranger(=obrigar) quaisquer mancebos da dita vila e seu termo que não quizerem cumprir os ofícios e encargos da dita festa, a fazerem (em troca) outras cousas que lhes forem determinadas pelos ditos imperadores.

E, em consequência, aos que não quizerem cumprir esses seus mandados e forem desobedientes, se lhes possa aplicar penas, a todos ou a cada um deles, até à quantia de cem reais brancos e possam, ainda, por isso serem demandados e penhorados até à dita quantia - a qual seja apropriada (destinada) à despesa da confraria da dita festa, mas não para qualquer outra cousa ou fim.

E, quer acerca disto como aos jogos da dita festa, que os ditos imperadores tiverem ordenado por honra dela, mandamos que o nosso corregedor da comarca e juizes e oficiais e homens bons da dita vila não mandem o contrário e fazem, desde que eles não cometam nenhuns excessos ou males pelos quais sejam cativos da nossa justiça.

Outrossim, queremos que o meirinho e os ditos imperadores designados para com ele andarem na dita festa possam usar suas armas quais e quantas lhes aprouver e enquanto ela durar.

E que o alcaide da dita vila lhas deixe trazer sem embargo de qualquer nossa defesa e obrigação feita em contrário, contanto que eles não façam com tais armas o que não devem. E, se o fizerem, que as nossas justiças procedam a tal propósito como for de direito.

E mandamos, também, que aos ditos imperadores ou ao juiz que estiverem à frente da referida festa não se lhes leve, nem mande levar, imposto de raçoragem algum.

E, ainda, queremos (=determinamos) que se algum homem ousado, seja qual for a sua condição social, se intrometer nos ditos jogos e festa com os mancebos solteiros, e se não mostrar obediente e bem mandado àquilo que pelos ditos imperadores e seus oficiais for mandado por honra da dita festa, possa, também, ser apremado, com os ditos solteiros.

E do mesmo modo mandamos a todos os nossos corregedores, juízes e justiças e a outros quaaaisquer a que do conhecimento disto disser respeito e esta carta for mostrada, que a cumpram e façam cumprir e guardar em tudo, assim pelo modo que nela está contido, sem que nenhum embargo lhe seja posto de alguma maneira que seja, porque assim é nossa mercê.

Dada em a nossa Vila de Santarém, aos 18 dias do mês de Janeiro. João Godinho a fez, no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1472.”

Por alguns dos pormenores e detalhes que implicitamente se recolhem da sua leitura, esta carta de D. Afonso V dá aos “festeiros” e mordomos da Festa do Espírito Santo certas faculdades, regalias e direitos que parecem ultrapassar o comum e habitual, nas autorizações e “franquezas” dos monarcas - as quais se caracterizam, regra geral, por critérios de limitação e não de liberalidade!

Isso nos autoriza a supôr que o Rei conheceu bem estas festividades, a que teria, mesmo, assistido. Com efeito, D.Afonso V, estanciou com a Corte em Sardeal, durante largas temporadas e daqui lavrou e fez expedir grande número de diplomas régios.”

Mesmo sem a imponência de outros tempos a Festa do Bodo continuou a realizar-se durante muitos anos.

No Jornal “ECHO DO TEJO” de 19 de Maio de 1901, noticiava-se o seguinte:
“A GRANDE FESTA DO BODO

Reina grande entusiasmo pelas Festas do Bodo que este ano são imponentíssimas. Projectam-se muitos e variados divertimentos de que não podemos dar notícia, porque até agora a Comissão só nos apresentou um resumo do programa, que é o seguinte:

DIA 23: À tarde percorrerá as ruas principais da Vila o gado que há-de ser abatido.

DIA 24: Alvorada anunciada por uma girândola de foguetes. Em seguida marcha em cortejo a Comissão com todos os populares que se juntem e a tradicional gaita de foles à frente para o local onde é abatido o gado. À tarde, distribuição das rações aos mordomos: pão, carne e vinho.

DIA 25: De manhã, bodo geral de pão, assistindo a este acto imponente e magestoso, a Filarmónica desta Vila. Arraial à tarde, fogo do ar e iluminação à noite.

DIA 26: Alvorada pela Filarmónica. Festa solene de manhã e procissão. À tarde, arraial. É para este dia que se projectam grandes divertimentos. À festa do Sardoa!"

Também sobre as Festas do Bodo, no "ECHO DO TEJO", de 26 de Maio de 1901:~

"O povo desta Vila que continuamente vive num labor insano sai nestes dias da monotonia em que jaz adormecido. É a grande festa do Bodo que nos convida a passar uns belos três dias. Tudo é entusiasmo, alegria e loucura!...

Todos nestes dias se esquecem das suas tristezas e infortúnios, procurando cada um alegrar-se de qualquer maneira para diante dos demais não aparecer triste.

Hoje é o dia em que mais divertimentos nos deleitam: sabemos que há cavalhadas, corridas de rapazes em sacos, etc., etc., . À noite fogo e iluminação à veneziana e sobretudo não será encantador mirar e admirar o bando de frescas e guapas moçoilas, quais pombinhas brancas, que garridamente vestidas, nos despertam a vontade de as devorar com os olhos?!?!...

Por isso, às festas do Sardoa, se quereis passar uns bons três dias.

Ainda no "ECHO DO TEJO", de 2 de Junho de 1901:

"Terminaram as festas que tantas saudades nos deixaram. É impossível descrever minuciosamente a imponência destas festas porque tinhamos de ocupar muito espaço. A Comissão que desejava imenso que o festejo fosse superior ao do ano passado, viu coroados de êxito feliz os seus esforços.

Domingo 26 e segunda-feira 27, foram para nós os dias mais alegres porque mais divertimentos nos deleitaram. No domingo à tarde, cavalhadas por simpáticos rapazes desta Vila, distinguindo-se o nosso amigo Bento Felicíssimo, porque tirou maior número de prémios, sendo alvo de uma grande manifestação por ter oferecido a seu sobrinho, o menino João, filho estremecido do Sr. Dr. José Felicíssimo, o primeiro prémio que lhe coube.

À noite houve iluminação e arraial, abrihantado pela nossa Filarmónica, que executou regularmente, algumas peças de música do seu vasto reportório.

Segunda-Feira 27, de manhã, festa de igreja a grande instrumental cantando brilhantemente o solo de "Laudamus" da grande missa de Araújo, o nosso amigo Luís António, que na nossa fraca opinião a cantou melhor que os "celebrados cantores" cá do sítio. À tarde, corrida de burros, que conservou em hilariedade geral todos os assistentes. À noite o nosso amigo Sr. Manuel Matos Valério, para ser agradável a um grupo de alegres rapazes desta Vila que desejavam imenso que esta festa acabasse com uma nota bem alegre, ofereceu o seu vasto salão para que ali se realizasse uma "soiré, dançando-se animadamente até às 3 horas da manhã.

Foi uma noite cheia de encantos e especialmente cá para o "Zero" que há muito tempo não se divertia com tanta satisfação e... por outros motivos que aqui não se ralatam por causa de "coisas ó Rosa"...

Nesta noite, cheia de entusiasmo e loucura, tiveram as honras da noite as Exm^{as} Senhoras D. Antónia de Matos Valério, desta Vila e D. Eufrazia Rosa Alves, de Alvega.

Todos os convidados se retiraram penhoradíssimos para com os donos da casa, pela maneira assaz delicada como foram recebidos, bem como todos levaram bem gravadas na memória aquelas horas tão alegres e divertidas. O pobre “Zero”, à despedida, chegaram-lhe as lágrimas aos olhos por uma célebre “paixãozita” que dele se apossou, mas, coitado, é provável que tenha que chuchar no dedo.

(...) Aos dignos festeiros, os nossos amigos Abílio Mattos Silva, Anacleto Bexiga, Bento Felicíssimo e Máximo Serras, os nossos sinceros parabéns pelo bom resultado que tiraram do seu muito trabalho.

Em relação às Festas do Bodo de 1902, o Jornal “ECHO DO TEJO”, noticia o seguinte na sua edição de 11 de Maio de 1902:

“SARDOAL -CORRESPONDÊNCIA

Realiza-se nesta Vila nos dias 15 a 20 do corrente, o grande bodo geral com luzidas festas, arraial, fogo, iluminações e muitos mais atractivos, superiores ao que se costuma fazer nesta ocasião nos festejos do Divino Espírito Santo.

Tomou conta da bandeira, à última hora, uma comissão de 3 ou 4 homens que, cheios de coragem e boa vontade, têm conseguido os aplausos de todo o povo e têm feito renascer a simpatia que esta festa sempre teve, pois que estava condenada a não se fazer, como à última hora foi anunciado pelos festeiros transactos.

Bem hajam, pois, os que trazem a alegria de não se aniquilarem de todo os progressos do nosso concelho.

Segundo o programa vão ser vistosas e lindamente embandeiradas todas as ruas desta Vila, para o que muito concorreu o incansável trabalhador e nosso amigo, Sr. Francisco Augusto Simões.

Este cavalheiro, pela sua modéstia e energia, sempre pronto a coadjuvar os que trabalham, confortando os pobres e enriquecendo a Vila com os seus melhoramentos, está causando a admiração geral dos povos do concelho, que muito o estimam e respeitam.

No dia 15 serão inspeccionados e apresentados ao povo três corpulentos e lindos bois, percorrendo enfeitados as ruas da Vila.

No dia 16, de madrugada, proceder-se-á à matança dos ditos bois e em seguida à divisão das rações, havendo nesta ocasião um beberete com todos os convivas.

Em seguida um grupo de formosas raparigas, caprichosamente vestidas, acompanhadas pelos festeiros, acarretarão o pão para o local da distribuição, dando o Rev^o Pároco desta Vila, a benção sobre as rações do pão, carne e vinho, que começarão a ser distribuídas por todos os mordomos que se dignaram contribuir com o seu óbulo.

No dia 17, finda a distribuição, começará o grande arraial. À noite, vistosa iluminação e mais atractivos.

No dia 18, o grupo vistoso das raparigas, começará de manhã a conduzir o pão que está nas diversas capelas desta Vila para a Igreja do Divino Espírito Santo, para no dia seguinte ser repartido pelo povo.

De tarde vai a Procissão do Divino Espírito Santo para a Matriz, continuando o arraial, iluminação e mais distrações.

No dia 19, de manhã, terá lugar o bodo geral aos pobrezinhos que apareçam. Em seguida Festa de Igreja do Divino Espírito Santo, regressando esta Imagem em grande procissão

para a sua capela, depois de dar a volta à Vila. Continuará o grande arraial, iluminação à veneziana, terminando a festa com bonito e variado fogo de artifício.

Toda esta festa será acompanhada pela Filarmónica desta Vila - Sociedade Fraternidade Sardoalense, que executará o seu vasto repertório, muito apreciado pelas pessoas autorizadas que a têm chamado para abrihantar os seus festejos em diversas terras.

No dia 8 já teve lugar a colocação do grande mastro com a bandeira. A direcção dos trabalhos coube ao nosso amigo Sr. Simões, que sem o mais leve incidente desagradável a concluiu.

Levantou-se o pau do bodo, assistindo muita gente. Tocou a velha e popular Filarmónica Sardoalense nas varandas da Câmara Municipal. Há grande entusiasmo com a festa do bodo, que promete ser esplêndida, para a qual a Comissão tem muitos donativos.

Logo que o pau foi levantado, certa personagem pertencente à família dos pavões, deu mostras de grande satisfação. Parece que tinha visto no ar alguma nuvem indicadora de desastre para o marco fontenário situado no meio da Praça, com o que não podia estar tranquilo, mas logo sossegou, porque nada ocorreu de maior.

Ainda bem!

Em 25 de Maio de 1902, ainda no Jornal "ECHO DO TEJO":

"SARDOAL - CORRESPONDÊNCIA

Terminaram as Festas do Bodo com geral aplauso, deixando em todo o povo uma inolvidável recordação. Há muitos anos que nesta Vila não se realizava uma festa assim tão concorrida. A Comissão que tomou a seu cargo a realização dos festejos cumpriu à risca o programa anunciado, com tanto zelo e dedicação que todos aqui são unânimes em lhe tecer elogios.

No dia 15 percorreram as ruas 3 corpulentos bois que foram abatidos para rações destinadas aos mordomos. Em seguida um grupo de galantes raparigas conduzia o pão das rações para o local onde devia ser benzido.

No dia 17 a distribuição. Houve arraial, não podendo à noite haver iluminação, para a qual havia 200 balões venezianos, porque forte ventania não o permitiu.

No dia 18 houve de tarde cavalhadas, procurando cada cavaleiro desempenhar o seu papel o melhor que podia, para merecer os aplausos e palmas do público. Nesta diversão apareceu, porém uma nota destoante. Um cavaleiro merecia as atenções de certas figuras espectadoras que se desfaziam em aplausos, acompanhados de cómicos esgares quando o dito cavaleiro apanhava a argola. Embezerravam quando os restantes cavaleiros recebiam as competentes salvas do público.

Isto não mereceria reparo se o mencionado cavaleiro se não proporcionasse meio fácil de melhor apanhar a argola, como nos quis parecer e outras mais a quem o caso não passou despercebido, salvo erro...Mas adiante.

No dia 19 houve a missa do Divino Espírito Santo, na Igreja Matriz para onde foi a imagem e a distribuição de pão para todas as pessoas que compareceram. Tinha a Comissão 5 000 pães, que distribuiu, tanta era a quantidade de povo.

Todos se retiraram satisfeitos para as suas casas, elogiando a distinta Comissão que empreendeu e levou a efeito uma festa e bodo, como de há anos aqui não se via.

De tarde houve arraial na Praça, num elegante coreto móvel, construído sob a direcção do nosso amigo Sr. Francisco Augusto Simões, a popular Filarmónica "Sociedade

Fraternidade Sardoalense”, que todos os dias abrilhantou os festejos com muitas e variadas peças do seu vasto reportório, merecendo o elogio de muitas pessoas estranhas que assistiram à execução de algumas peças. Muito bem!

À noite houve iluminação à veneziana para a qual o Sr. Simões tinha 600 velas de estearina, que forneceu à sua conta.

Todas as ruas da Vila se achavam embandeiradas com muito gosto, com bandeiras de todas as nações fornecidas pelo Sr. F.A. Simões, que possui delas um bastante número considerável.

Assim terminaram as festas que deixaram, não só na Vila, mas em todos os povos do concelho e muitas pessoas estranhas que estiveram entre nós, a mais agradável impressão. Bem haja a Comissão que tão bem soube desempenhar-se do cargo que tomou e que lhe custou bastante trabalho.

A todos os nossos parabéns, especialmente ao Sr. F.A. Simões, que para dar o maior lustre aos festejos, não se poupou a trabalho e despesas.

Para o ano ficou eleita a mesma Comissão.

Dis-se que houve quem aconselhasse as raparigas para que não quisessem conduzir o pão, o que provocou a indignação de todas as pessoas que tiveram conhecimento do facto. Se assim é, simplesmente, lastimamos.

*Esquecia-me ainda uma referência: No coreto em que tocava a Filarmónica pendiam dois quadros colocados ali pelo Sr. F.A. Simões, num dos quais se lia **“O IDEAL NÃO MORRE”** e noutro **“AVANTE LEAIS COMPANHEIROS”**.*

Escusado será dizer que produziam um efeito surpreendente.”

Na primeira década deste século são diversas as referências que se encontram à realização, na Vila de Sardoal, da Festa do Bodo do Divino Espírito Santo, mais ou menos idênticas às que antecedem, sendo por vezes bem nítida a guerrilha política que se viveu nessa época.

Para terminar a transcrição de algumas notícias publicadas na Imprensa Regional de então, transcrevo uma correspondência do “JORNAL DE ABRANTES”, de 1 de Maio de 1910, a poucos meses da implantação da República:

“SARDOAL - FESTAS DO ESPÍRITO SANTO: DIAS 12, 13, 14 e 15 de MAIO

Segundo informações vamos ter festa rija este ano.

A Comissão dos festejos tem à sua frente um rapaz patriota, amigo da sua terra, Abílio da Fonseca Matos Silva, que não se poupa a sacrifícios de toda a espécie que esta festa acarreta e de resto toda a Comissão que é composta de homens trabalhadores que capricham em imprimir à festa o maior esplendor e brilho.

A festa constará, um pouco mais ou menos, do seguinte:

DIA 12: Chegada das rezas pelas 5 horas da tarde.

DIA 13: Matança de 6 ou 7 rezas pelas 5 horas da manhã, seguindo-se a distribuição das rações. Do meio-dia até à noite, distribuição das rações aos mordomos que concorrem com a sua esmola para a festa, segundo o tradicional uso e costume. Durante o dia, condução do pão por duas grandes alas de raparigas vestidas de branco, para a capela do Espírito Santo, acompanhadas da tradicional gaita de foles.

DIA 14: Bodo geral pelas 9 horas da manhã, música e arraial e abertura de uma kermesse caprichosamente levada a efeito por uma distinta comissão de senhoras composta de D.Maria Judite Leal Matos e Silva, D.Maria Clementina Caldeira Serrão Leal e D.Maria Inês Pequito Caldeira Serrão.

DIA 15: Arraial, música, kermesse e diversas diversões, tais como cavalhadas, corridas de resistência de bicicleta (se houver inscrições de corredores), sendo-lhes oferecidos dois prémios, corridas de saco, etc.. À noite iluminação e talvez fogo de artifício.

DIA 16: Festa de Igreja a grande instrumental pela Orquestra Sardoalense, procissão, na qual se faz a apresentação da nova comissão para o futuro ano, arraial, música, kermesse e à noite iluminação.

São estes os detalhes que à última hora nos informaram, do que constarão os festejos pois que o programa definitivo da festa não está organizado, devendo por estes dias ser publicado nos jornais.

Lembramos o quanto seria agradável, porque sabemos também ser em grande número, que a Junta de Paróquia tenha aberto ao público a famosa Igreja Matriz, que conceda licença a qualquer pessoa que queira ir à varanda da torre para ver o soberbo panorama que dali se desfruta.

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia, o Hospital e suas dependências, abertas ao público, assim como a antiquíssima Igreja da Misericórdia.

A Câmara Municipal, o depósito das águas e o cemitério.

Da mesma forma que ela fizesse aformosear as ruas da Vila, mandando desobstruir todas as pedras, ervas, etc., que nelas se encontram.

Aplicar, desde já, os artigos do Código de Posturas: nº 6, para a prática do qual, mas só para os pobres, como tal reconhecidos, um anónimo oferece à sua parte 30 arrobas de cal branca, cuja oferta será administrada por pessoa por esse anónimo encarregada.

Aplicação dos artºs 33-45 e 48.

O 45 proibindo mais a proibição de certas vendas se fazerem dentro de carroças.

O 48, abrangendo mais o dia 15, dia talvez de maior concorrência dos festejos, não devendo, por isso, dentro das artérias da Vila, no local dos festejos, admitir-se o trânsito constante de carros e cavalgadas.

Mais lembramos a aplicação de melhor água, sabão e pano, nos vidros dos candieiros da iluminação pública.

Ao Sr. Administrador lembramos o policiamento, ordeiro e rigoroso, durante os 4 dias de festa.

O Sardoal pode e deve fazer uma festa à altura, proporcionando aos seus visitantes a passagem de algumas horas aprazíveis, especialmente este ano, em que conta com bons recursos.

A Empresa Gualter, de Abrantes, faz carreiras. Quem queira pode também tomar o ramal dos Beirins, pois que já liga com a estrada 122 e por conseguinte, com o Sardoal.

Nesta Vila encontrarão também os Srs. forasteiros duas casas de hóspedes, com bom serviço.”

As Festas do Bodo do Espírito Santo, realizaram-se, ainda, alguns anos. A última referência que encontrei refere-se a 1935.

No Boletim Cultural “ATRIUM”, nº 3 - Agosto/Setembro de 1986, consta um depoimento da Sr^a Miquelina Santos, na altura com 74 anos, entretanto falecida, que se deve referir às Festas desse ano:

“A festa durava 5 ou 6 dias. Começava a uma terça-feira e nesse dia ia-se, para os eucaliptos e para a Ponte do Ramal, esperar os bois. Onde hoje são as casas de banho eram os talhos, faziam barracas com eucaliptos e punham tonéis de vinho onde se podia beber vinho à descrição. Os bois vinham direitos ao mercado e aí se juntavam as pessoas para os ver.

Na sexta-feira matavam os bois. Desde terça-feira que todos os dias se juntava um grupo de raparigas que acompanhadas de uma gaita de foles, ia recolher o pão. Este vinha enfeitado com toalhas feitas em rendas de bilros e quem os enfeitava eram as Senhoras Tavares. Cada um enfeitava o tabuleiro o melhor possível, para ver qual era o mais bonito.

O cortejo para recolher o pão era composto de duas filas de raparigas com tabuleiros à cabeça. Todas elas iam vestidas de branco, com faixas de várias cores. Traçavam-nas e as pontas caíam. Os gaiteiros eram dois e iam um à frente e o outro atrás. O pão ia para a Capela do Divino Espírito Santo. No sábado era o bodo: dava-se a quem se apresentasse um pão, que depois era bento. Também havia danças. Terminava na segunda-feira. No sítio do Pelourinho armava-se um eucalipto muito alto que era todo descascado e untado com sebo. No cimo tinha um farnel e dinheiro. Só o Benjamim Carrasco foi capaz de o subir nesse ano.

No domingo do Divino Espírito Santo havia cavalhadas. Os rapazes iam montados em cavalos e burros. Em frente da casa da D. Alzira havia uma corda de um lado ao outro da rua que tinha uma argola pendurada. Mais adiante havia outra corda que tinha panelas de barro penduradas. Uma com lagartos, salamandras, lagartixas, água, farinha e outras coisas. Só quem acertava na argola é que participava na paulada ao cântaro.

FESTAS DE SANTA MARIA DA CARIDADE

INTRODUÇÃO

A publicação de algumas memórias das tradicionais Festas de Santa Maria da Caridade, que durante muitos anos animaram o mês de Setembro, na Vila de Sardeal, organizadas pela Santa Casa da Misericórdia tem como objectivos, por um lado, registar para a história momentos lúdicos e culturais importantes que, decerto, estão ainda presentes no espírito de quem os viveu directamente e divulgá-los junto dos mais novos que apenas os conhecem pelo que deles ouviram contar aos mais velhos e, por outro lado, homenagear as pessoas que de forma altruísta e desinteressada colaboraram na sua organização ao longo dos anos, proporcionando aos Sardealenses e povos vizinhos, momentos de salutar convivência e enriquecimento cultural, garantindo ao mesmo tempo a arrecadação de meios financeiros indispensáveis para o funcionamento do antigo Hospital da Misericórdia, que durante muitos anos foi o último refúgio para os Sardealenses e em especial para os mais carenciados, quando atingidos por situações graves de doença.

Temos consciência de que se trata de um trabalho muito incompleto, que publicamos mesmo assim na convicção de que pode ser um primeiro passo para um trabalho mais desenvolvido se, como já vem sendo felizmente hábito, o mesmo despertar o interesse dos Sardealenses, que poderão dar um importante contributo se nos facultarem alguns elementos documentais que muitos guardam carinhosamente nos seus “baús de memórias (programas, cartazes, fotografias, objectos diversos) por forma a que este trabalho, revisto e aumentado, possa constituir um interessante elemento de consulta para quem se interessa pela história da vida cultural da nossa Terra.

AS MEMÓRIAS

A Festa do Espírito Santo (Festa do Bodo) foi durante séculos a festa mais importante que se realizou na Vila de Sardeal, seguindo-se-lhe, em importância, a Festa do Senhor dos Remédios e a celebração do Dia do Corpo de Deus.

Só em 1924 tiveram início as Festas de Santa Maria da Caridade, por iniciativa da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Sardeal, conforme relata o “Jornal de Abrantes”, de 3 de Agosto de 1924:

SARDOAL – GRANDES FESTEJOS NOS DIAS 23, 24 E 25 DE AGOSTO

Sardeal, nos dias 23, 24 e 25 está em festa, feita a Santa Maria da Caridade, padroeira do Hospital desta Vila. É a primeira vez que se realiza esta festividade, por isso a Mesa da Misericórdia não se poupa a trabalho para que ela tenha um brilhantismo invulgar. Foi esta Santa que deu o nome ao Hospital desta Vila, por isso, tratando-se de um festejo

cujo fim é arranjar receita para sacudir a situação precária em que esta instituição de caridade se encontra, não podia ser mais acertada a escolha do título. Em todo o concelho se trabalha com afinco e persistência para que a receita seja avultada, estando constituídas comissões em todas as aldeias do concelho para esse fim. O programa ainda não está definitivamente organizado, no entanto já sabemos que haverá uma exposição de produtos agrícolas, a que concorrem todas as povoações do concelho, produtos que serão vendidos, revertendo o seu valor a favor do Hospital, fogos de artifício nos dias 23, 24 e 25 e diversos divertimentos. No próximo número falaremos mais detalhadamente sobre a festa e daremos o programa. No entanto, o que podemos asseverar é que os atractivos e comodidades, tê-las-ão os visitantes em larga escala, de modo a poderem passar três dias de alegre convívio. Às festas do SARDOAL!!!

Em 17 de Agosto de 1924, no mesmo Jornal e com o título:

IMPONENTES FESTEJOS A FAVOR DO HOSPITAL DE SARDOAL

Dia a dia vai aumentando o entusiasmo pela festa que se realiza nesta Vila, nos dias 23, 24 e 25 a favor do Hospital desta Vila. As ornamentações já começaram, esperando-se que a festa se revista de uma grande imponência, não só pela variedade de atractivos, mas também pelo esmero que os seus organizadores empregam na sua preparação. O serviço de bufete está sendo montado nos claustros do hospital, com farta iluminação à moda do Minho. Os produtos agrícolas serão expostos em barracas ao longo do adro, onde depois serão vendidos, revertendo o seu produto a favor do Hospital. Haverá também outras rifas. No domingo venda da flor por gentis meninas desta Vila. No domingo à noite fogo de artifício confeccionado pelo hábil pirotécnico Sr. Galinha e na segunda-feira, pelo não menos hábil Sr. Ameixoeira. Na terça-feira haverá tiro aos pombos e à noite récita ao ar livre na cerca do Hospital, apresentando-se pela 1ª vez em público o Grupo Dramático Sardoalense, que inicia as suas récitas oferecendo o produto do primeiro espectáculo a favor do Hospital. Belo gesto que bastante os nobilita. As festas de Igreja serão acompanhadas pela Orquestra Sardoalense e as festas civis pela Filarmónica desta Vila. No dia 25 espera-se a vinda da Banda de Infantaria 2, dependendo apenas de autorização superior, pois os músicos e o chefe, da melhor vontade acederam ao pedido que lhe foi feito, vindo, assim, uma vez mais prestar o seu desinteressado concurso a favor do Hospital. Que os organizadores da festa não esmoreçam, demais quando de todos os pontos do Concelho afluem boas vontades e incentivos. Sardoal vai, pois, ter quatro dias de festa que a todos vai deixar satisfeitos.

Em 2 de Agosto de 1925, noticiava o “Jornal de Abrantes”:

FESTAS DE SANTA MARIA DA CARIDADE – 22, 23 E 24 DE AGOSTO

A Comissão organizadora destes festejos, cujo produto reverte a favor do Hospital, já tem delineado o programa que este ano promete ser grandioso pela qualidade de atractivos que a todos deixarão satisfeitos. Vamos ter três dias de festa que em tudo excederá o não passado, apesar destas terem tido um brilho invulgar. Iremos informando os leitores dos detalhes do programa que está entregue à Santa Casa da Misericórdia, que se esmerará na sua confecção.

Em 16 de Agosto de 1925, no mesmo Jornal:

FESTAS NO SARDOAL

Por conveniência da Comissão que devia promover nos próximos dias 22, 23 e 24 do corrente a festa de Santa Maria da Caridade, na Vila de Sardeal, ficam as mesmas transferidas para os dias 12, 13 e 14 de Setembro próximo.

Ainda no mesmo Jornal, do dia 13 de Setembro de 1925:

GRANDES E IMPONENTES FESTEJOS NO SARDOAL

À hora a que este jornal começar a circular nesta Vila de Sardeal, inicia-se a grande festa anual à Santa Maria da Caridade, cujo produto é para o Hospital. Sardeal está animadíssimo, havendo grande profusão de bandeiras e muitos forasteiros. Hoje, domingo, dia 13, o programa é o seguinte: Venda da flor, venda dos produtos agrícolas, das ofertas resultantes do cortejo agrícola. À tarde, torneio de tiro aos pombos e à noite récita por amadores. Amanhã, 14: quermesse, festa de Igreja no Convento, continuação da venda dos produtos agrícolas. À tarde exercício de acrobacia por aeroplanos de Tancos que generosamente se prontificaram ir ali. À noite, fogo de artifício. Pelos preparativos que vimos, a festa reveste-se de um brilhantismo invulgar, havendo no local da festa um excelente bufete e vários jogos desportivos. Todos à festa do Sardeal!!!

Ainda nos anos 20, aparecem outras referências às Festas de Santa Maria da Caridade, como por exemplo no “JORNAL DE ABRANTES” de 19 de Agosto de 1928:

FESTAS NO SARDOAL – PROGRAMA

Como prometemos vimos hoje anunciar o programa da festa que constará de missa, arraial, quermesse e fogo de artifício e diferentes divertimentos desportivos, nos dias 26 e 27. Em todos os dias haverá um esmerado serviço de bufete, cinema e uma aparatosa iluminação eléctrica. A afluência de prendas é enorme, pois os filhos do Sardeal e outras pessoas a quem têm sido dirigidas circulares, têm a verdadeira noção que a vida do Hospital é difícil e de quantos sacrifícios é necessário para o manter. Abrilhanta a festa de igreja a Orquestra desta Vila, o arraial a Filarmónica Sardealense. O fogo de artifício é dos pirotécnicos de Valhascos, Ameixoeira e Galinha. Os nossos amigos Barroso e Florêncio estabelecem carreiras entre Alferrarede e esta Vila.

Sobre as Festas de Santa Maria da Caridade, noticiava o mesmo Jornal, em 20 de Agosto de 1933, o seguinte:

FESTAS NO SARDOAL:

Estiveram muito concorridas e produziram apreciável receita as festas que se realizaram nos dias 10 e 11 deste mês, em honra de Santa Maria da Caridade. Estas festas tiveram a colaboração da Banda de Vila Nova de Ourém, cujo reportório bem escolhido e executado sob a hábil regência do Maestro Valente. A referida Filarmónica que abrilhantou as ditas festas na segunda-feira, deixou a melhor impressão e agradou ao público do Sardeal, conhecedor de boa música. O produto das festas foi destinado ao Hospital da Misericórdia.

Em 1938 e ainda no “JORNAL DE ABRANTES”, era a seguinte a notícia sobre as Festas de Santa Maria da Caridade:

NOTÍCIAS DE SARDOAL: GRANDES FESTEJOS ANUAIS

Começaram ontem e prosseguem hoje e amanhã importantes festivais em benefício da Santa Casa da Misericórdia, que são abrilhantados por duas bandas e pelos Ranchos Folclóricos de Ponte de Sôr e Sardoaal, este exibindo-se pela primeira vez, o que está despertando grande interesse. A florescente Vila de Sardoaal vai regorgitar de forasteiros, pois são bastante apreciáveis as belezas naturais dos seus arredores e deveras atraente o programa dos festejos em realização. Hoje, dia 18, às 7 horas alvorada pela Filarmónica Sardoaalense, que percorrerá as principais ruas da Vila, queimando-se numerosas girândolas de foguetes e muitos morteiros. 12H30M: Chegada da excelente Banda do Tramagal. 13 Horas: Aparatoso cortejo folclórico, que será organizado junto da antiga Igreja da Misericórdia e dispersará no largo do Hospital. 15 Horas: Abertura da quermesse, bufete, barraca de chá, tãmbola, barraca de tiro, etc., etc., seguindo-se o arraial de tarde com música, danças características e regionais. 17 Horas: Venda das ofertas na barraca agrícola. Chegada do Rancho da Ponte de Sôr, acompanhado da sua orquestra. 20 Horas: Exibição do Rancho da Ponte de Sôr. 23 Horas: Será queimado um lindo fogo de artifício, confeccionado pelos hábeis pirotécnicos de Valhascos, Srs. Galinha e Filhos e Ameixoeira e Filhos. Segunda-Feira, 19, às 7 hora alvorada pela Filarmónica Sardoaalense. 10 Horas: Missa rezada na Capela da Misericórdia por intenção dos beneméritos do Hospital. 15 Horas: Reabertura das diferentes barracas. Concerto pela Banda do Sardoaal. Danças e descantes populares. 16 Horas: Corridas de Sacos, pratos e pedestres, com prémios. 20 Horas: Exibição do Rancho do Sardoaal. 23 Horas: Queima de um lindo fogo de artifício. A seguir, hino cantado pelo Rancho Sardoaalense, no coreto da música, com o que terminarão as festas.

7 de Setembro de 1941 – “JORNAL DE ABRANTES”

FESTEJOS NO SARDOAL

Têm lugar nos dias 14 a 21 deste mês os grandes festejos na Vila do Sardoaal que constam dos programas profusamente espalhados, estando os números principais distribuídos pelos dias 14, 15 e 21. Entre les consta uma Exposição Agrícola, Artística e Industrial. Será uma boa ocasião para os que não conhecem, admirarem as Tábuas do Sardoaal, que figuraram na Exposição dos Primitivos. Pena é que as providências relativas ao trânsito de automóveis impeçam os que têm de vir aqui nos dias principais. Do Sr. Vice-Presidente da Misericórdia recebemos um ofício enviando os programas. A eles nos referiremos no próximo número.

14 de Setembro de 1941 – “JORNAL DE ABRANTES”:

FESTAS NO SARDOAL

Começam hoje as festas que constam do programa e que se estendem pelos dias 15 a 21 de Setembro. Hoje terá lugar o cortejo agrícola, abertura da Exposição Agrícola, Arte e Flores, arraial, récitas e fogo de artifício. Nos outros dias abrem-se as barracas e as exposições e continuará o arraial. No dia 21, além dos números dos outros dias há uma sessão de cinema, distribuindo-se diplomas e fogo de artifício. No dia 15: arraial e fogo

de artifício. A exposição abrange os ramos agrícola, artístico, industrial e ainda uma secção de flores. Além de dois programas que foram enviados pelo Vice-Provedor da Misericórdia, não nos foram fornecidos outros elementos, nem facultados outros meios, para podermos dizer mais alguma coisa, mormente no que diz respeito às exposições que interessam não só ao Sardoal, mas a toda a região.

28 de Setembro de 1941: "JORNAL DE ABRANTES"

AS FESTAS A FAVOR DA MISERICÓRDIA

Missão difícil e ingrata escrever para a Imprensa quando o temos de fazer em tom discordante, com pessoas que nos merecem a maior consideração e que algumas vezes temos elogiado e defendido e a quem reconhecemos qualidades de inteligência e trabalho fora do vulgar. Mas esta circunstância dá-nos mais autoridade para tratar do assunto em questão. Realizou-se nos dias 14 e 15 do corrente, a festa a favor do Hospital desta Vila, festa que nasceu com um programa cheio de fantasias e exageros, que só servem para prejudicar em anos futuros, o fim que visam. Raro é o programa que não tem algum exagero. No entanto tudo tem os seus limites, mas tanto que as censuras se têm acentuado cada vez mais. Num dos dias da festa o que houve foi arraial, quermesse e exposição. Na exposição que se dividia em quatro secções, temos a destacar a arte antiga, representada pelos nossos quadros Primitivos que figuraram na Exposição do Mundo Português, onde obtiveram o 2º prémio e que são o nosso maior orgulho e a nossa maior glória artística. A par deles estavam paramentos religiosos de grande valor artístico e real. Na Exposição Industrial viam-se meia dúzia de coisas que bastante honram a serralharia manual deste Concelho. Exposição Agrícola bastante pobre porque o Sardoal não pode sair da vulgaridade, porque o seu solo é bastante fértil, mas a densidade arborizada é grande e traz o solo esgotado. Exposição florícola: flores bem tratadas, com o carinho que os sardoalenses lhes emprestam. No entanto nada digno de menção especial ali se denota. Enfim, o Sardoal é um Concelho pequeno e sem condições para organizar uma exposição que possa atrair visitantes, prendendo a sua atenção e bom será que no futuro nos restrinjamos, fazendo aquilo que as nossas possibilidades nos permitem. Teatro: no primeiro dia agradou imenso e teve a casa à cunha. No segundo dia foi bastante prejudicado por um incidente desagradável ao máximo e que podia ter desagradáveis consequências, se não fora o critério, ponderação e prudência de muitos que acalmaram os ânimos, fazendo com que o espectáculo prosseguisse até final, quando inesperadamente queriam dá-lo por findo às 0 horas. O espectador que compra o seu bilhete não tem a responsabilidade do espectáculo começar tarde e tem o direito, salvo caso de força maior, de ver o programa cumprido. Por isso os organizadores têm o dever de organizar programas compatíveis com o tempo que dispõem. Assim é que está certo. Além disso organizar festas com teatro, arraial, música, etc. etc. e querer regulamentá-los com horas certas, locais para divertimentos por conta gotas, como se administra qualquer medicamento a um doente é, não só um erro de visão, mas também o desconhecimento dos direitos que todos nós usufruímos e que podem dar origem a factos lamentáveis. O povo precisa e tem direito de se divertir, esquecendo um pouco as agruras da vida, direito este que tem sempre e o próprio Estado, organizando os cortejos folclóricos, criando o Teatro do Povo que anda por este País fora, criando Casas do Povo, quando a par da assistência há divertimentos de várias modalidades, reconhece-lhes esse direito, já citando-lhe o mesmo. Como carácter impeditivo, revela uma autoridade

que nós não toleramos. É uma ilusão que se há-de desprezar com o tempo. Sobre o resto do programa, a pedra tumular do silêncio, porque quem não cala, nunca pode viver, glória ou ingloriamente. Palavras simples, ditas sem azedume nem paixões, mas ditas contristadamente e que todos, de futuro, pensem calmamente no que vão fazer para evitar desgostos e dissabores de maior.

Sobre as Festas de 1946, traz, também, o “JORNAL DE ABRANTES” de 15 de Setembro de 1946, uma pequena nota:

FESTAS

Hoje dia 15 e amanhã 16, grandiosos festejos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Sardoal, abrilhantados pela Filarmónica Sardoalense, devendo exhibir-se na noite do dia 15 o Rancho Folclórico da Chainça.

Sem novidades é a seguinte a notícia publicada no “JORNAL DE ABRANTES”, de 22 de Agosto de 1950:

FESTAS DA MISERICÓRDIA:

A Mesa da Misericórdia do Sardoal promove festas em benefício do seu Hospital, nos dias 16 a 19 de Setembro próximo. No dia 16, no Teatro Gil Vicente será exibido um filme português. No dia 17 haverá alvorada, missa cantada e sermão, recepção do cortejo de oferendas ao Hospital, arraial com barracas de bazar, chá e outras, concerto e bailes regionais e fogo de artifício, preso e do ar. Dia 18: Alvorada, missa, lançamento de foguetes chineses, abertura das barracas, fogo preso e do ar. Dia 19: Alvorada e de tarde reabertura das barracas, à tarde e à noite arraial, fogo preso e do ar.

18 de Setembro de 1960 – “JORNAL DE ABRANTES”:

FESTEJOS NO SARDOAL:

Em benefício do seu Hospital, começaram nos dias 11 e 12 do corrente e continuam hoje e amanhã as tradicionais festas de Verão em benefício do hospital concelhio. No local mais aprazível desta pitoresca terra, lindamente ornamentado e com os mais variados atractivos constantes dos prospectos já distribuídos e a distribuir ainda, figurarão, também, ranchos folclóricos, bandas de música, etc. etc. Um dos números que despertou grande entusiasmo foi a realização de um “Serão Para Trabalhadores”, um conjunto dos melhores artistas da F.N.A.T. que expressamente se deslocou de Lisboa a esta Vila e se fez aplaudir na noite de dia 11. Alguns bairristas da colónia sardoalense em Lisboa, trabalham afanosamente em conjunto com a mesa da Santa Casa da Misericórdia para que estas festas tenham a maior projecção sob o ponto de vista de muita alegria, caridade e espiritualismo.

Programa das festas em 1954

3 de Setembro de 1961- “JORNAL DE ABRANTES”:

FESTEJOS:

Iniciam-se hoje, nesta Vila os tradicionais festejos em benefício da Santa Casa da Misericórdia, que continuam amanhã e nos próximos dias 9 e 10 do corrente. O programa de hoje é o seguinte: Alvorada pela Filarmónica Sardoalense. Às 9 horas peditório aos habitantes da Vila por alguns membros da Mesa Administrativa, acompanhados pela Filarmónica. Às 20 horas, abertura da barraca de chá, a qual será animada pela Filarmónica Sardoalense e orquestra Figueira Padeiro, de Alpiarça. Amanhã, além da alvorada o programa inclui pelas 15 horas, no Cine Teatro Gil Vicente, a exibição do excelente filme português “A LUZ VEM DO ALTO” e a abertura às 20 horas das barracas de chá e comes e bebes, igualmente abrilhantado pela Filarmónica Sardoalense e Orquestra “FIGUEIRA PADEIRO”.

10 de Setembro de 1961 – “JORNAL DE ABRANTES”:

FESTEJOS

Realizou-se no passado domingo e segunda-feira, como foi anunciado, a 1ª parte dos festejos da Santa Casa da Misericórdia, que tiveram, conforme se supunha, grande afluência de forasteiros, especialmente no domingo. Na segunda-feira, com a noite bastante fria, pouco público se juntou no Largo do Convento, pois em noites ventosas aquele local torna-se bastante desagradável. Tanto no domingo como na segunda-feira, fez-se ouvir a Filarmónica União Sardoalense e a Orquestra “FIGUEIRA PADEIRO”. Hoje, domingo, terão as festas o seu final, ou seja a 2.ª parte, havendo uma matiné com o filme português “RAPSÓDIA PORTUGUESA” e a presença da Orquestra “TULIPA NEGRA”, de Abrantes.

17 de Setembro de 1961 – “JORNAL DE ABRANTES”:

FESTEJOS

Realizou-se conforme estava anunciado, nos passados dias 10 e 11, as Festas da Misericórdia, que como se calculava tiveram bastante afluência de forasteiros. A Mesa da Misericórdia resolveu prolongar as festas. Assim temos hoje a abrilhantá-las a orquestra “TEATRO TRAMAGALENSE”, em mais uma noite de festas que se prevê animada. O grande movimento que tivemos nos 4 dias é talvez devido a não ter havido outra qualquer no nosso Concelho este Verão, em virtude da hora grave que a Nação atravessa, mas estamos plenamente de acordo com as ideias da Mesa da Misericórdia em executar estes dias de festa previstas, aproveitando o facto de não haver outras, pois que os lucros como se sabe são destinados à manutenção do nosso Hospital e por isso nunca é demais para tão edificante obra a favor dos doentes pobres e desprotegidos da sorte. Apesar de serem muitos os soldados do nosso Concelho e só da Vila são 13, que estão no Ultramar em missão de soberania, todos vieram com a sua presença em auxílio do nosso Hospital.

24 de Setembro de 1961 – “JORNAL DE ABRANTES”:

FESTAS

Terminaram no passado domingo as festas em benefício do Hospital da Misericórdia, com a actuação da Orquestra “TEATRO TRAMAGALENSE”. Devido à noite bastante fria, não teve a festa o brilho dos outros dias, mas mesmo assim grande multidão se juntou no Adro do Convento. Vão-se ausentando dia a dia os sardoalenses que anualmente vêm passar as suas férias nesta ocasião, ao Sardeal, o que se vai notando no movimento que nos trazem neste mês de Setembro.

Nota: A Mesa da Misericórdia era nesta altura constituída pelo Sr. Manuel Lopes Alpalhão, como Provedor, Sr. Manuel Pires, Vice-Provedor, Sr. Armando Navalho, Secretário, Sr. José Alves, Tesoureiro e os Srs. Joaquim da Silva Lopes e Manuel Pires de Oliveira, como vogais.

26 de Agosto de 1962 – “JORNAL DE ABRANTES”:

FESTAS DA MISERICÓRDIA

Foram já distribuídos os programas a anunciar os tradicionais festejos da Santa Casa da Misericórdia, em benefício do seu Hospital, que se realizam nos dias 2, 9 e 10 de Setembro. Do programa constam variadíssimas atracções. Destacamos a colaboração da orquestra “FIGUEIRA PADEIRO”, de Alpiarça, além da Filarmónica União Sardealense e uma excelente aparelhagem sonora, dancing, bufete e um óptimo serviço de barraca de chá e vistosa iluminação. Portanto, sardoalenses, preparem-se para visitar a vossa terra natal, naqueles dias.

2 de Setembro de 1962 – “JORNAL DE ABRANTES”

FESTAS DA MISERICÓRDIA

Conforme foi anunciado no último número, realizam-se hoje e nos dias 9 e 10 do corrente, as Festas da Misericórdia com aliciante programa, aos quais temos de acrescentar novas atracções anunciadas para hoje, por programas de última hora. Assim temos, hoje dia 2, a categorizada orquestra “TEATRO TRAMAGALENSE”, que abrilhantará o dancing até de madrugada. No dia 9 teremos a apresentação da pequenina artista Victória Maria, uma promessa no futuro da canção nacional e disco. Dia 10 continuará a actuar a graciosa artista de palmo e meio, que tem vindo a encantar todos quanto a escutam. Abrilhantará o dancing a orquestra “FIGUEIRA PADEIRO”. Está reservado largo êxito às nossas festas e assim o desejamos, pois como sabe são em benefício do Hospital da Misericórdia.

16 de Setembro de 1962 – “JORNAL DE ABRANTES”

FESTAS DA MISERICÓRDIA

Decorreram com brilho as Festas da Misericórdia, que no passado domingo e segunda tiveram o seu epílogo. Especialmente no domingo muita gente acorreu ao local da festa, o que encheu por completo a barraca de chá que aplaudiu com calor a pequena Victória Maria, que se exibiu naquelas duas noites, a quem a orquestra “FIGUEIRA PADEIRO” deliciou com o seu reportório de música de dança, que tanto animou o dancing.

27 de Agosto de 1967 – JORNAL DE ABRANTES

FESTAS DA MISERICÓRDIA

Como é tradicional, mais uma vez, a Santa Casa da Misericórdia da nossa Vila organiza as imponentes festas de caridade em benefício do Hospital e assim nos dias 9, 10, 11, 16 e 17 de Setembro, o Sardoal será cartaz com um extraordinário programa que resumidamente apresentamos: artistas da Rádio e T.V.: João Maria Tudela, Cecília Cardoso, Isabel Fontes, Carlos Areias com o seu acordeão electrónico e Victor Teixeira. Agrupamentos musicais: “CONJUNTO MÓNACO”, “CONJUNTO MELODIA AZUL”, “CONJUNTO ZURITA DE OLIVEIRA”, todos de Lisboa e ainda a Filarmónica União Sardoalense. Sorteios, fogo de artifício, barraca de chá, quermesse, bufete, e música constante para dançar.

31 de Agosto de 1968 – “JORNAL DE ABRANTES”

FESTAS DA MISERICÓRDIA

Conforme já anunciámos vão realizar-se os tradicionais festejos em benefício da Santa Casa da Misericórdia, nos dias 14, 15, 16, 21 e 22 de Setembro. Este ano com um programa sensacional e uma organização esmerada, teremos, além da colaboração da Filarmónica União Sardoalense, três categorizadas orquestras: “NOVA ONDA”, “OS MARIALVAS”, ambas de Bucelas “WHITE STAR”, de Lisboa e sete consagradas estrelas da nossa Rádio e T.V.: MARIA JOSÉ VALÉRIO, FERNANDO LITO, IDÁLIA MARIA, MARIA DA CONCEIÇÃO, MARIA GASCON E PEPE CARDINALE, além de valiosos sorteios entre o público, fogo de artifício, quermesse, bufete e barraca de chá e ainda uma gincana de perícia automóvel. No próximo número do nosso jornal daremos novas e mais pormenorizadas informações sobre este extraordinário programa de festas e bem assim a distribuição, por dias, das várias atracções. Para já, em perspectiva, uns festejos que, como é tradicional, são, de longe, os melhores da região. Visitem, pois, o Sardoal nos dias das festas da Santa Casa da Misericórdia e não darão por mal-empregue esse tempo.

7 de Setembro de 1968 – “JORNAL DE ABRANTES”

FESTAS DA MISERICÓRDIA

É já no próximo sábado que terão início as tradicionais Festas da Misericórdia na nossa Vila, para as quais podemos anunciar as seguintes atracções: Dia 14: Conjunto “NOVA ONDA” e MARIA JOSÉ VALÉRIO. Dia 15: Conjunto “NOVA ONDA” e FERNANDO LITO, IDÁLIA MARIA e ISABEL AMORA. Dia 16: Conjunto “MARIALVAS” e outras surpresas. Dia 21: Conjunto “WHITE STAR”, MARIA DA CONCEIÇÃO e PEPE CARDINALE. Dia 22: Conjunto “WHITE STAR” e uma extraordinária sessão de fogo de artifício. Em todas as noites das festas haverá, além do tradicional bufete, dancing e barraca de chá, onde se servem os mais variados e gulosos petiscos.

5 de Outubro de 1968 – “JORNAL DE ABRANTES”

Findou Setembro, última etapa das férias, chamadas grandes. O Verão com os seus dias grandes e quentes, a solicitar férias, vai quase no ocaso. Mas para os Sardoalenses e muito especialmente para os ausentes, este é o grande mês, pois as suas festas anuais, realizadas por e em benefício da Santa Casa da Misericórdia, é neste mês que se realizam e é nesta altura que os sardoalenses se deslocam à sua terra para matarem saudades dos seus locais queridos, a escola, o local do nascimento e das brincadeiras e muitos o local onde dormem o sono eterno os seus antepassados. Mas é, sem sombra de dúvida a festa, o grande local e a razão da confraternização dos sardoalenses. Os ausentes ou em férias, ou com um fim-de-semana, aqui vêm nesses dias e, assim a nossa terra viu a sua fisionomia tão pacata, transformada, com a presença de imensos sardoalenses e suas famílias. É o Setembro, as Festas da Misericórdia e o Bairrismo dos Sardoalenses, a trilogia responsável por este fenómeno anual, que tanto movimenta alegre e dignifica a família sardoalense e esta nobre Vila do Sardoal.

Ao invés deste texto que elogia as Festas da Misericórdia, num artigo publicado no jornal “NOVIDADES” em Outubro de 1968, escrevia-se o seguinte:

As Festas da Santa Casa da Misericórdia:

Todos os anos a Mesa da Santa Casa da Misericórdia desta Vila promove festas com o fim de angariar fundos para a instituição. Discorda-se, no entanto, do local das festas, o Largo do Hospital, por se perturbar o natural repouso e necessário descanso dos doentes, dias e noites consecutivos, até alta madrugada. Quando noutras localidades se tomam todas as precauções para evitar os barulhos junto dos hospitais, no Sardoal tudo se processa de modo diferente. E mais uma vez isto acontece este ano. Aqui os pobres doentes ou têm de suportar com paciência de Job os incomodativos barulhos da música e cantório que potentes altifalantes avolumam, ou optam por ir para suas casas e não juntar aos seus males mais estes tormentos. Isto não pode estar certo.

E mais adiante.

Este ano a coisa deu brado na noite de 16 para 17. Em fila quase indiana, uns após outros, os do grupo convidam uma jovem para dançar. Esta resiste até final, permanecendo sentada à sua mesa. Ainda há gente digna. Terminou a façanha num ensaio de pancadaria de que foi alvo um rapaz por verberar a atitude menos delicada de quantos quiseram obrigar a referida jovem a condescender com a sua vontade.

E terminando:

Pelo que fica exposto e não é tudo, não haja dúvida de que tal programação extra, é, sem dúvida um belo cartaz para o Sardoal... É o diabo à solta.

NOTA: O ano de 1968 é, na minha modesta opinião, o ano de referência dos míticos anos 60. Em termos internacionais, a Guerra do Vietname estava no auge e nos Estados Unidos alastrava um movimento de contestação à participação dos americanos naquele conflito. O movimento hippie continuava a implantar-se em força e em Paris, o famoso mês de Maio, gerou um movimento de luta e contestação que ganhou dimensão mundial.

Em Portugal a cena política foi, em 1968, dominada pela doença do Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, que em princípio de Outubro foi substituído nas suas funções pelo Professor Marcelo Caetano. Continuava a situação de guerra nas então chamadas Províncias Ultramarinas, que levavam à mobilização para “missões de soberania”, da maior parte dos jovens do sexo masculino de todo o País.

Na música pontuavam por cá alguns êxitos internacionais de 1966 e 1967, de que são exemplos inesquecíveis, “Michelle”, dos Beatles, “Black is black”, de Los Bravos, “Puppet on a String”, de Sandie Shaw, “A Whiter Shade of Pale”, Procul Harum, “S. Francisco (Be Sure To Wear Some Flowers in Your Hair)”, Scott MacKensie, “Massachusetts”, Bee Gees e “Hey Joe”, de Jimi Hendrix, entre outros. Não possuo muitas referências sobre a música portuguesa daquele ano. Tanto quanto me lembro, o Festival da Canção da Canção da RTP de 1968 foi ganho pelo Eduardo Nascimento, com a canção “Ouçam”, depois de ter sido ganho em anos anteriores pelo António Calvário, pela Simone de Oliveira e pela Madalena Iglésias. Nas festas de Verão era ainda muito tocado uma música chamada “Juntos outra vez”, cantada pelo Victor Gomes, vocalista dos “Gatos Negros”.

Na televisão pontificavam algumas séries famosas como, por exemplo, “Dr. Kildaire”, “O Santo”, “Os Vingadores”, “Bonanza”, e programas com “Melodias de Sempre”, “Riso e Ritmo” e as famosas crónicas do Professor Vitorino Nemésio “Se bem me lembro...”

Os carros da moda eram os minis Austin e Morris, o FIAT 600 e 850, o MG e sempre os “carochas” Volkswagen 1200 e 1300. Alguns anúncios publicados na imprensa regional, anunciavam camisas a 30\$00, que antes custavam 60\$00 e os andares e apartamentos construídos por J. Pimenta, SARL, com preços na ordem dos 150 contos. Um litro de gasolina andava pelos 5\$00, uma cerveja Sagres (média, porque então ainda não existiam as minis), andava pelos 3\$50 e um maço de cigarros com filtro, pelos 4\$20.

São apenas algumas referências de uma época que foi vivida intensamente, apesar das muitas dificuldades impostas por razões de natureza económica e social, em que, por exemplo, nas escolas os pátios de recreio ainda eram separados por sexos e em que nas festas, as raparigas eram atentamente vigiadas pelas mães, que não permitiam qualquer veledade ou aproximação física dos rapazes.

No Sardoal era Presidente da Câmara Municipal o Dr. Júlio Rodrigues Garcia, tendo em Março de 1969, tomado posse naquele cargo o Dr. Álvaro Andrade e Silva Passarinho.

As Festas de 1969, não tiveram a presença de artistas da Rádio e TV. Apenas os conjuntos e o Rancho Folclórico da Quinta da Alorna, Almeirim e a Filarmónica União Sardoalense.

Para ilustrar o espírito das Festas de 1970, 1971 e 1972, socorremo-nos de um trabalho elaborado pelo Mário Jorge de Sousa, publicado no Boletim Cultural “ATRIUM”, n.º 8, de Abril de 1987, do GETAS – Centro Cultural de Sardoal, com o título: “Breves Memórias dos Anos de Ouro da Música Rock no Sardoal”:

“Boa noite! Somos os “CHINCHILAS” e estamos muito contentes por estar aqui!” – Foi com exactamente com estas palavras que Filipe Mendes, líder daquele grupo de música rock começou a sua actuação no Sardoal, já passava das 10 horas da noite.

QUE FRUSTRAÇÃO!

A nossa Vila não estava habituada a uma coisa daquelas. Uma hora depois, já dezenas de pessoas “menos jovens” tinham abandonado o Cimo do Convento, protestando contra aquela “música de malucos e guedelhudos”.

E à medida que as “mãezinhas” iam debandando para casa, levavam as filhas consigo, porque, sem a sua atenta vigilância, não havia bailação para ninguém.

Os jovens e os pares de namorados, frequentadores dos arraiais por via dos slows, tangos e marchinhas, repartidos por séries de três músicas, olhavam atónitos, porquanto aqueles sons agressivos não davam para dançar agarradinhos. Que frustração! Um dos elementos da organização chegou a ir ao palco pedir ao conjunto para “tocar mais baixo”.

No “dancing” foram ficando alguns resistentes. Uns porque vieram da capital e estavam acostumados àquela confusão; outros porque se consideravam “modernos” e não tinham coragem de “dizer mal”; ainda outros, indiferentes à potência dos decibéis, dançavam aos pares, como se ouvissem a “TULIPA NEGRA”, “OS 6 LATINOS”, a “FIGUEIRA PADEIRO”, a “LUA AZUL” ou a “ORQUESTRA BRASIL”, conjuntos de baile que, naquela altura, visitavam com frequência, as festas do Sardoal.

1970

SENTIDO DE HOMENAGEM

Esta é uma possível caricatura daquilo que se passou no Sardoal, naquela sexta-feira, dia 12 de Setembro de 1970. Foi nesse ano que as tradicionais festas em honra de Santa Maria da Caridade, organizadas pela Misericórdia local, tomaram um rumo original, apostando em atracções musicais para a juventude, uma acção de muita ousadia para aquela época. Era então Provedor da Instituição promotora, Jorge Alves Paulino.

Apesar dos festejos sempre terem dado lucro, não se pode dizer que aquela iniciativa, em termos culturais, tivesse sido eficaz para o nosso meio.

Se hoje existe uma maior abertura sociológica, naquele tempo não era assim.

Os valores sociais eram conservadores e estagnados e a comunicação como “exterior” era menor, razão pela qual, a música rock e os seus executantes, de cabelos compridos e vestes bizarras, eram conotados como “coisas esquisitas”, que transcendiam o quotidiano dos nossos hábitos regionais.

Assim, o esforço de inovação tentado pela Mesa da Santa Casa, nem sempre foi compreendido pelo senso comum e grandes actuações dos melhores grupos e músicos portugueses, da altura, passaram despercebidos e sem o devido destaque.

A publicação destas “memórias” no “ATRIUM”, têm – por assim dizer – um sentido de homenagem, aos homens que, naquela data, tiveram a coragem de avançar com um projecto desta dimensão.

OS GRUPOS

Pelas suas constantes mutações, não se pode afirmar com segurança os elementos dos “CHINCHILAS” que actuaram durante dois dias no Sardeal, mas não andamos longe da verdade se avançarmos com os nomes (agora sobejamente conhecidos) de Guilherme Inês, Luís Pedro Fonseca, João Ribeiro e, claro, Filipe Mendes, tido como o melhor solista português daqueles tempos.

Os “CHINCHILAS”, formados em Junho de 1970, vieram ao Sardeal, após gravarem o seu single “Barbarela”, tema distinguido no concurso de música moderna “Barbarela-70”, realizado em Palma de Maiorca, Espanha.

No ano seguinte (1971), a Misericórdia brindou o Sardeal com mais dois grupos de grande qualidade : “OBJECTIVO”(dia 11 de Setembro) e “BEATNIKS” (dias 18 e 19).

“OBJECTIVO”, ainda hoje considerado como um dos melhores conjuntos portugueses de sempre, no género, era liderado por um escocês de nome Kevin. Fazia equipa com Mike Sergeant, Terry, Zé Nabo e Zé da Cadela (mais tarde Guilherme Inês). Gravaram um single denominado “Dance of Death”.

Quanto aos “BEATNIKS”, que em Maio desse ano venceram o “Festival Pop” de Coimbra, eram provavelmente formados por João Ribeiro, Mário Ceia, José Diogo e Rui Silva, “O Pipas”. Foram os representantes portugueses no Festival Internacional de Vigo, Espanha.

Mas, talvez, o concerto mais importante desse ciclo, se tenha realizado em 1972, com os “HEAVY BAND”, cuja PRIMEIRA actuação em Portugal foi feita precisamente na nossa Vila, em Setembro, depois de uma digressão por Moçambique e Brasil. Gravaram dois discos (um no Brasil), outro (em Portugal) e sobre a sua actuação no Sardeal existem documentos seguros que comprovam a identidade dos músicos que aqui actuaram. Foram eles: Filipe Mendes (sempre ele), João Heitor, Basílio e Xico.

E pronto, no tocante à música Rock nada mais se passou no Sardeal que mereça relevo, se exceptuarmos a experiência (infelizmente pouco conseguida) de um concerto de rock organizado pelo clube “Os Lagartos”, em 1981, com o grupo “T.I.R.”, de Coruche.

Por isso, só nos vai restando a lembrança saudosa desses “Anos de Ouro”.

Até quando?”

Em 1973 as Festas de Santa Maria da Caridade voltaram a ter a presença de artistas da Rádio e T.V. (Artur Garcia, Gabriel Cardoso, José Freixo, entre outros).

Depois de 1974 ainda se realizaram algumas vezes, mas já sem o brilho e a adesão de outros tempos.

DA SEMANA CULTURAL ÀS FESTAS DO CONCELHO

18 de Setembro de 1921 – “JORNAL DE ABRANTES”

FESTEJOS NO SARDOAL

Na próxima terça-feira está o Sardoaal em festa: Aniversário da sua elevação a vila. Em 22 de Setembro de 1531, el-rei D. João III fazia o Sardoaal vila e concedia-lhe diferentes regalias. Já esse tempo o Sardoaal tinha foros de concelho e jurisdição própria, Juízo, Procurador e Alcaide. Foi esse dia escolhido pela câmara para feriado do concelho, que este ano vai ser festejado de um modo especial. Está criada uma feira franca que se inaugura nesse dia, e foi convidada a Agricultura, Comércio e Indústria a fazerem-se representar condignamente. Alvorada às 6 horas pela Filarmónica Sardoaalense. Às 10 horas solene Te Deum na Igreja paroquial, seguindo-se a inauguração da feira. Às 12 horas sessão solene nos Paços do Concelho com a assistência de todas as classes sociais e conferências, comemorativas do Sardoaal e assuntos sociais feitos por filhos do Sardoaal e que na sociedade ocupam lugares de destaque. Descerramento de uma lápide comemorativa da grande Guerra, quermesse, arraial, cavalhadas e à noite fogo de artifício. Tal o programa dos festejos a realizar e parece que vão ser convidados os povos dos concelhos vizinhos. Ao Sardoaal, pois, no dia 22 de Setembro.

Oisilon

2 de Outubro de 1921 – “JORNAL DE ABRANTES”

A COMEMORAÇÃO DA ELEVAÇÃO DO SARDOAL A CONCELHO

O dia 22 de Setembro, aniversário da elevação do Sardoaal à categoria de concelho, foi festejado este ano com grande brilho, o que trouxe farta concorrência de forasteiros a esta vila, e mais viriam, se não fora a grande trovoadas que houve nesta tarde. A festa começou às 6 horas da manhã, por alvorada da Filarmónica desta vila com salvas de morteiros. Às 10 horas Te-Deum a que presidiu D. António Alves Ferreira, bispo de Viseu. Às 11 horas, cortejo cívico onde se incorporam vários carros, merecendo menção o carro da Quinta de Arcêz, que se apresentou ornamentado com bastante gosto e arte, transportando mostras de todos os produtos agrícolas da quinta, e animais de todas as espécies que ali há: Todos devidamente separados em compartimentos apropriados, e o carro dos artistas que transporta ferramentas de todas as artes, sendo este carro ladeado pelos artistas desta vila. Depois do cortejo percorrer as ruas da vila dirigiu-se ao mercado, onde foi inaugurada a feira anual, tendo o presidente da Comissão Executiva da Câmara, Padre Silva Martins, discursado incitando a agricultura, comércio e indústria a reunirem-se para o engrandecimento do concelho e da vila. Pena foi que a comissão

dos festejos não tivesse organizado delegações nas aldeias, para que cada uma trouxesse o seu carro, o que traria estímulo entre eles e daria mais brilho à festa. Às 13 horas, sessão solene comemorativa da elevação do Sardeal a concelho a que presidiu D. António Alves Ferreira, secretariado pelo Sr. Cónego Mora e Dr. David Serras Pereira. Pelo Sr. Presidente foi explicado o fim da sessão, a que lhe era grato presidir, não só por ser filho do Sardeal, mas também já ter sido nesta vila que passou a sua infância, dando em seguida a palavra ao Sr. Dr. Anacleto Matos Silva que começou por descrever a epopeia de glória que revestiu sempre o Sardeal e o concelho em que era tido pelos Reis e Governos desse tempo, como o demonstraram os litígios havidos entre o Sardeal e Abrantes, em que o Sardeal sempre triunfou, e as regalias que lhe eram dadas, que davam sempre supremacia ao Sardeal. Dessas concessões e regalias destacavam-se aquelas em que Abrantes não podia fazer a procissão “Corpus Christis”, sem lá chegarem os fidalgos do Sardeal a moradores do concelho de Abrantes serem obrigados a vir concertar os caminhos e calçadas do Sardeal, não sendo estes obrigados a ir lá prestar idênticos serviços, os passageiros da Beira que iam para Constância serem obrigados a passar por aqui, e nessa altura pôs em contraste o proceder dos fidalgos desse tempo obrigando esses passageiros à passagem por aqui os do tempo em que foi feita a estrada de Castelo Branco em que os dirigentes do Sardeal a desviaram desta vila, e nós citaremos também o caso por nós aqui debatido da estrada de Sardeal a Carvalhal. Citou, que Sardeal em 1531 quando foi elevado à categoria de concelho, já era terra importantíssima, pois já tinha Juizes, Alcaldes e demais autoridades, descreveu as fases porque têm passado a delimitação entre Sardeal e Abrantes, tendo o Sardeal da última vez ficado prejudicado, sendo o nosso concelho reduzida quase a metade do que era, pois ele ia desde o Tejo até ao Zêzere, começando aí a nossa decadência, a que é necessário pôr um dique e num rasgo de oratória terminou apelando para que todos se reunissem em prol dos interesses do concelho. Falou depois o Sr. Dr. Anacleto Fernandes Agudo, Director e proprietário do Colégio Caliponense, que fez um discurso que mais se pode chamar um hino ao concelho onde nasceu, discurso de sentimento e brilho, que pôs em realce as suas qualidades de orador. Sendo dada a palavra ao Sr. Dr. Manuel Serras Pereira, este leu um bem elaborado trabalho sobre o Sardeal antigo, donde se pode concluir que em 1313 data da primeira carta existente no arquivo da câmara, já Sardeal tinha Alcaide e outras autoridades, sendo sua opinião que esse Alcaide era ao mesmo tempo comandante de um Castelo existente na Lapa que denominava a Ribeira D’ Arcês e desenvolvendo o seu estudo agudo com grande profusão de argumentos demonstra que nesse tempo o Sardeal era terra tida d importante, ou se desenvolveu rapidamente, mas que esta última hipótese não é credível, por causa da falta de gente que andavam nos exércitos de “Musa e Insufa” e pelos “Algoeses” que os Reis de Leão e seus adiantados dirigiam anualmente contra o poder dos “Walis e Ruicxs”, enviados pelo Emir a castigar as ousadias dos descendentes de “Favila e Pelagio”. Pelos vestígios do Castelo da Lapa e pelas moedas encontradas no concelho, chega à conclusão que ele data do começo da era cristã. Tanto este trabalho como o discurso do Sr. Dr. Matos Silva são cheios de datas que o espaço deste jornal não permite desenvolver e citar, mas bom seria que os seus resumos ficassem arquivados na câmara, porque são elementos de valor para os que se interessam pela história do Sardeal antigo. Falou depois o Sr. Padre Silva Martins, que iniciou o operariado a ter por base da sua vida a economia e a desenvolver o cooperativismo como está sucedendo na Bélgica. Procedeu-se depois ao descerramento da lápide comemorativa da homenagem aos dois filhos do Sardeal que

morreram em França, a música tocou a Portuguesa, os contingentes de Artilharia, Infantaria e a Guarda nacional Republicana que se fizeram representar no acto, apresentaram armas, e da varanda falaram: Em primeiro lugar o nosso conterrâneo, Sr. Júlio Serras Pereira, Alferes de Infantaria 2, que esteve em França onde recebeu várias condecorações pelos seus feitos heróicos, incitando todos que seguissem os caminhos do Dever e da Honra, para engrandecimento da Pátria, e o Sr. Dr. David Serras Pereira, que num rasgo de eloquência exortou as mães que educassem os filhos na história daqueles dois nomes que são a honra e a glória do Sardoal. Mas que para nada faltasse, no da sessão o hábil violinista e ilustre mestre de Lisboa, Sr. Luis Soares Barbosa, deliciou-nos com alguns trechos de musica que maior realce e brilho deram a esta festa, sendo acompanhado ao piano por sua Exm^a Esposa Sr.^a D. Ema Coimbra. Tocaram: “Spanisch-dança-granada-la ronda des luhins-Bazzine-Chanson e Pavane Luis XVI-Confucia. Não sabemos que mais apreciar se a maviosidade do som se o primor da execução e não é demais dizer-se que o entusiasmo da assistência atingiu o auge e logo ali surgiu a ideia para melhor poderem ouvir e apreciar, de lhe pedirem para no dia 25 cooperar num Sarau dramático musical, que se projectava levar a efeito, que sua Ex^a acedeu. À tarde houve canadas, depois música, quermesse e fogo de artifício, divertimentos estes que foram bastantes prejudicados pelas intensas chuvas.

Oisilon

SEMANA CULTURAL

Este tipo de realizações culturais teve início em 1986, com a realização da 1.^a SEMANA CULTURAL, nesse ano com exclusiva organização do GETAS – CENTRO CULTURAL DE SARDOAL, passando a partir de 1987 e até 1992, a ser organizadas conjuntamente pela Câmara Municipal e pelo GETAS, ganhando, de ano para ano, maior relevância cultural e recreativa, que lhes veio a conferir grande importância no calendário cultural concelhio e regional.

Em 1995 não se realizaram as FESTAS DO CONCELHO, em resultado das dramáticas consequências que decorreram dos incêndios florestais que devastaram grande parte da mancha florestal do nosso Concelho e de Concelhos vizinhos, agravadas pela perda de três vidas humanas de Cidadãos Sardoalenses.

A partir de 1988 as FESTAS DO CONCELHO/SEMANA CULTURAL, passaram a integrar uma MOSTRA INTERCONCELHIA DE ARTESANATO, sendo em 1994 formalmente constituída a COMISSÃO PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO DE SARDOAL, já com actividade em anos anteriores, que tem participado na organização das Festas e, de forma especial, na Mostra Interconcelhia de Artesanato.

Importa, também, destacar o facto de as edições deste certame terem obtido maior êxito quando foi possível reunir na sua organização, para além da Câmara Municipal, um leque alargado de Associações e obter uma boa adesão dos habitantes da Vila do Sardoal e de outras localidades do Concelho, particularmente em termos da decoração das ruas da Zona Histórica da Vila de Sardoal.

NOSSA SENHORA DA LAPA

No dia 3 de Julho de 1926, publicava o Jornal “As Novidades” a seguinte notícia:

“Sardoal – Festa da Lapa

Teve lugar no dia de S. João, a Peregrinação Eucarística ao vizinho lugar da Lapa, na aldeia de Cabeça das Mós, a qual se vem realizando já há bastantes anos.

Diz uma prática que neste local, onde se encontra um santuário dedicado à Mãe de Deus, apareceu outrora a Virgem Santíssima e que ali estivera desterrado pelas perseguições do seu tempo um Bispo Católico (1), cujos restos mortais se encontram na Igreja do Convento, desta Vila. Fosse como fosse e o certo é que estas peregrinações que o zelo apostólico do nosso bondosíssimo Vigário (2) vem promovendo, são já grandiosas manifestações de Fé, pois a elas ocorrem os fiéis das freguesias vizinhas, os quais, em extrema união, louvam a Deus e honram a sua Mãe Maria Santíssima.

Assim vimos ali um numeroso grupo de peregrinos, não só desta Vila, aos quais presidia o nosso venerando pároco, indo à frente os estandartes das associações das Juventudes Católicas, mas também de Alcaravela, os quais guiados pelos seus vistosos estandartes e dirigidos pela sua ordem, pelo seu zeloso prior, todos edificavam pela sua ordem e compostura e devoção!...

De Aboborerira que conduzidos pelo seu digno Prior, vieram de muito longe. De Santiago de Montalegre, de Valhascos, de Cabeça das Mós, de Sentieiras, da Queixoperra, todas com os seus estandartes à frente. Todos os peregrinos vieram das suas terras, entoando cânticos ao Senhor, dando uma nota impressionante por onde passavam.

De manhã houve missa campal cantada, comunhão geral e sermão, retirando-se no final todos muito bem impressionados, havendo sempre a mais alegre confraternização entre todos.

À despedida foram impressionadas quentes palavras de fé e união pelos Reverendos Párocos, tendo sido salientada a nota de estreitamento de fiéis com os nossos venerandos prelados, para eficaz reivindicação das liberdades católicas.

Foram levantados entusiásticos vivas a Jesus Cristo, a Maria Santíssima, à Santa Igreja Católica e ao nosso prestigioso Vigário – Arcipreste desta Vila, a quem Deus conserve por muitos e dilatados anos.

Devem ter assistido 2 500 pessoas.”

(1) O Bispo Católico a que o correspondente se refere é D. Gaspar Barata de Mendonça, que foi o 1º Arcebispo da Baía e Primaz do Brasil, natural da Vila de Sardoal onde nasceu em 3 de Agosto de 1627, vindo a falecer em 11 de Dezembro de 1686, vítima de doença grave, provavelmente tuberculose.

Entre outros cargos elevados que exerceu, foi nomeado 1º Arcebispo da Baía em 16 de Novembro de 1676, pela Bula “Divina Disponente Clementis”, emanada do Papa Inocêncio XI, não tendo chegado a ir para o Brasil, por força da doença que o acometeu. São dessa altura os seus longos períodos de vilegiatura e convalescença na zona de Arcez e Lapa, pertencente a seus familiares directos, onde em contacto pleno com a natureza dessa paisagem idílica e, ao mesmo tempo, sedativa e repousante, procurava haurir a saúde perdida.

(2) Era Pároco do Sardoal nesta época o Padre António Joaquim Silva Martins, natural de Entrevinhas, onde nasceu em 15 de Março de 1868, tendo falecido no Sardoal em 25 de Dezembro de 1943. Foi Pároco da freguesia de S. Tiago e S. Mateus do Sardoal, entre 2 de Janeiro de 1901 e 22 de Fevereiro de 1927, data em que foi transferido para a Paróquia de S. Vicente de Abrantes. Foi, por diversas vezes, Presidente da Câmara Municipal de Sardoal.

D. GASPAR BARATA DE MENDONÇA – 1.º ARCEBISPO DA BAÍA E PRIMAZ DO BRASIL

Trabalho publicado no Boletim Cultural “ATRIUM” n.º 12 - Março a Setembro de 1988 - Edição do GETAS - Centro Cultural de Sardeal, elaborado pelo Exmo. Sr. Dr. Manuel José de Oliveira Baptista.

BOSQUEJO HISTÓRICO

Logo após o descobrimento do Brasil, em 3 de Maio de 1500, o Rei D. Manuel empenhou-se grandemente na sua colonização, não descurando o aspecto religioso - que tinha sido, aliás, uma das grandes traves-mestras da nossa expansão Além-Mar.

Um largo número de sacerdotes e Irmãos-leigos (catequistas, evangelizadores, cooperantes) seguiu rumo às terras de Santa Cruz - passando a ser coadjuvados, tempos depois, pelos missionários da Companhia de Jesus.

Tornou-se necessário, então, montar uma estrutura religiosa, ainda que incipiente e reduzida, para tão extenso território e, assim, no ano de 1551, o Papa Júlio III criava, na cidade da Baía, a primeira diocese do Brasil, com autonomia própria, desmembrando-a da Sé e metrópole do Funchal (à qual, até então, o Brasil estava sujeito) e incorporando-a na Igreja metropolítica de Lisboa.

Estabeleceu-se-lhe a sede na Baía de Todos-os-Santos e a catedral na Igreja de S. Salvador, da mesma cidade. Os seus limites futuros abrangeriam uma faixa de território com 50 léguas, medidas na linha da costa, e 20 para o interior. No entanto, e até que outras dioceses não viessem a ser criadas futuramente, a ela pertenceria a jurisdição plena sobre todo o território brasileiro.

A fundação da referida diocese resultava de um pedido formal de El-Rei D. João III ao referido Papa - o qual - acedendo pronta e gostosamente ao desejo do monarca português, logo deferiu a pretensão, através da bula “Super Specula”, de 28 de Fevereiro de 1551. Mas, o rei português estava tão certo de vir a ser atendido pela Santa Sé que, ainda não terminado o ano de 1550, logo mandara seguir a caminho do Brasil a D. Pedro Fernandes Sardinha, clérigo eborense de grande fama e nomeada, alto luminar em Teologia e Sagrada Escritura, figura de excepcional prestígio e notoriedade, que já havia estado na Índia como Vigário-Geral do Padroado Português do Oriente.

Seria, assim, o 1º Bispo daquela nova possessão portuguesa, uma vez que quási havia a certeza antecipada de o Papado dar completo assentimento à nomeação. Assim aconteceu, na verdade.

Dez Bispos vieram a preencher, entretanto, o s3lio diocesano da mais importante cidade brasileira de ent3o, at3 que em 1676, o Rei D. Pedro II, querendo dar, ainda maior impon3ncia 3quele centro apost3lico, fez uma peti3o de car3cter estritamente pessoal ao Papa Inoc3ncio XI, no sentido de elevar a mitra 3 dignidade de arquidiocese - o que, na escala hier3rquica da Igreja, esplendia com maior alarde, fausto e impon3ncia. E de seu moto-pr3prio, igualmente rogava ao Pont3fice que, ao converter a catedral da Ba3ia na distin3o de metr3pole-primaz do Brasil, nomeasse, tamb3m, como seu primeiro arcebispo, a Dom Gaspar Barata de Mendon3a, "por saber" (sublinhava, ainda, o rei) "que nele concorriam e se exercitavam todas as virtudes e qualidades que era mister para tamanha dignidade" !

O Pont3fice n3o teve que duvidar da palavra do monarca portugu3s - e, a breve trecho, fazia expedir a Bula "Inter Pastoralis Officii", de 16 de Novembro de 1676, al3ando a diocese da Ba3ia 3 categoria de metr3pole e primaz de todo o Brasil, dando-lhe por sufrag3neas as dioceses do Rio de Janeiro e de Olinda (criadas na mesma data), bem como as de Angola e Congo. Paralelamente, Sua Santidade mandava expedir, tamb3m, outra Bula, a "Divina Disponente Clementia". com a nomea3o oficial daquele Prelado, para seu primeiro Arcebispo.

RESENHA BIOGR3FICA

Mas quem era, afinal, Dom Gaspar Barata de Mendon3a, de quem o Rei D. Pedro II tomava garantia e responsabilidade, perante o Papa, de representar uma escolha acertada, para t3o elevado cargo?

Era um filho do Sardoal, nosso conterr3neo de pleno direito, nado e criado nesta mesma Vila - que, ali3s, muito amou, para onde vinha sempre que lhe era poss3vel e aonde se recolheu, depois, no dealbar da vida (n3o muito longa), e veio a dormir o sono eterno entre os seus familiares e amigos.

Nascera de uma fam3lia nobre e titular; pertencia, com efeito aos Mouras e Mendon3as, fidalgos de alta estirpe, e senhores, al3m disso, de grandes dom3nios, em todo o concelho e seu termo.

Filho de Pedro Lopes Barata, tamb3m de Sardoal, e que havia de ocupar altos cargos na magistratura, Dom Gaspar nasceu em 3 de Agosto de 1627, vindo a falecer em 1686.

Talvez sugestionado pelo exemplo de seu Pai, resolveu seguir, igualmente, a carreira de Direito. Em Coimbra, onde estudou, deixaria marcada uma posi3o not3vel, pelas suas brilhantes classifica3es.

Enveredou, concretamente, pelo ramo da Magistratura - e, concluido o est3gio preliminar, logo era nomeado Juiz de Comarca. Por3m, de tal modo se havia de destacar no exerc3cio das suas fun3es que, pouco tempo decorrido, se via nomeado "Juiz-de-Fora". Talvez por aquiesc3ncia das competentes autoridades judiciais, ficou

pertencendo à Correição de Tomar - o que o mantinha relativamente próximo da família e mais ligado aos seus domínios pessoais.

Parecia ir abrir-se-lhe, deste modo, uma carreira de grande relevo e projecção - quer pela família em que nascera, como pelas funções que desempenhava e, também, pela própria irradiação pessoal. Com efeito, uma referência esporádica, colhida acidentalmente em pequena nota biográfica de um seu contemporâneo, refere-o como “rodeado da consideração de todas as aristocracias, desde a do talento à do sangue, respeitado como uma pessoa de talento invulgar (...)” onde floriam com exuberância as qualidades de presença e insinuação, a delicada sensibilidade, o fino trato, os subtis atributos de elegância mental e de sagacidade psicológica que determinara superioridade na convivência e a mais perfeita e harmónica e equilibrada elegância moral”. Por outro lado, a característica ancestral da sua ascendência fidalga, “a costela de ouro”, manifestava-se, ainda nele, curiosamente, por uma extrema religiosidade - grave, um pouco taciturna, solene, especial, “como de quem, pelo sangue, tivesse, até, o privilégio de ajoelhar mais perto de Deus”(!). Mas, no fundo, tudo aponta, no seu aspecto geral para que o possamos considerar, apesar de tudo, uma natureza simples, sem imodéstias nem petulâncias, desprendido de mundanidades e de ostentações.

Não obstante, algumas filhas-família de ramos aristocráticos da zona e de outras paragens começaram, desde logo, a fazer-lhe um cerco discreto, mas notório, candidatando-se à sua mão, por o considerarem um “bom partido”, como se diria na gíria popular de hoje...

Não serão de estranhar tais movimentações, até mesmo porque já nesse tempo, os censos da população mostravam um largo “superavit” de mulheres sobre os homens, em Portugal. E, se o fenómeno teria fácil explicação séculos antes, quer nas épocas da Reconquista como, mais tarde, durante os Descobrimentos e subsequente colonização portuguesa nos novos territórios incorporados, nessa segunda metade do século XVII, com o País a viver em clima mais ou menos tranquilo e calmo, tal disparidade não encontra, pelo menos à vista, grandes fundamentos de plausibilidade. Mas o facto é que assim acontecia. E, curiosamente se anotar que nos tempos de hoje, voltámos ao mesmo “status quo”...

Não obstante, porém, a grande projecção do seu nome, grandes susceptibilidades e preocupações começaram, nesta altura, a envenenar-lhe a consciência. Na verdade, cada vez mais se ia sentindo oprimido e aflito com certas decisões penais que tinha de tomar - embora procedesse sempre com o mais rigoroso escrupulo. Sobretudo, o que o torturava de modo mais pungente era a pena de morte (ainda em plena voga, para os crimes tidos por mais graves) e que, por isso, tinha de sancionar, em muitos casos tipificados na Lei vigente.

Com efeito, a sua grande preocupação residia na eventualidade (mesmo remota, que fosse) de poder vir a condenar à pena capital um qualquer inocente, em que provas falseadas ou incompletas pudessem conduzir a um erro judiciário irreparável.

E esta ideia, avolumando-se no seu espírito, começou a trazê-lo agitado, convulso, apreensivo. Decerto que já se teria apercebido, algumas vezes, de depoimentos falsos e mal-intencionados, testemunhos perjuros, provas forjadas, indicações estorcidas, de gente sem honra nem pejo, falha de todos os escrúpulos.

Para além disso, a pressão ambiental dos jurados, frequentemente boçais e sem o mínimo de preparação, não raras vezes manobrados habilmente por influências externas e, quantas vezes, acicatados pelo medo de represálias!

Sem fazer grandes extrapolações, ainda hoje, nestes nossos tempos que se julgariam mais limpos e honestos, as mesmas taras e aleijões embaraçam, obstruem e confundem, tantas vezes, os magistrados íntegros e rectos, que têm a missão dura, ingrata e espinhosa de julgar e de condenar, em nome da Lei.

Ora, aquele tão honrado e impoluto juiz, nosso conterrâneo, não conseguia, por todos esses motivos, um mínimo de tranquilidade para o seu espírito. E de tal modo se ia sentindo aterrado por poder vir a lavrar uma sentença injusta, susceptível de prejudicar gravemente um acusado que, certo dia, tomou uma resolução drástica: - pôs de lado toda a pompa e relevância das suas altas funções sociais e entrou num seminário! Quis ser padre - e, mais ainda, um sacerdote humilde e apagado, de tal modo que, logo após a ordenação, insistiu por que lhe dessem uma paróquia em aldeia distante “e fora do mapa”. Foi por seu pedido expresso que veio a tomar à sua conta o pastoreio de S. João de Gestaçô, do padroado de Unhão, na diocese do Porto.

Esse lugarejo, ainda que sede de freguesia civil e eclesiástica, era na altura um pequeno e simples povoado. Encravado no Douro, a dois passos de Amares, pertencia ao concelho de Unhão - posteriormente extinto.

Por meados do século XVII, toda a zona constituía um feudo dos Condes de Unhão, considerados entre as famílias mais poderosas e ricas de todo o Portugal.

Quando da nomeação do Rev. Gaspar Barata de Mendonça, como abade de Gestaçô, o titular em exercício era o 3º Conde e 11º Senhor da Casa de Unhão, Fernão Telles de Moura e Castro - o qual, além de deter imensos senhorios por quási todo o território nacional, desempenhava as funções de Coronel de um regimento de Ordenanças da Corte, era membro do Conselho de Guerra e Vedor da Fazenda da Repartição do Reino, acumulando com a dignidade de gentil homem da Câmara do Rei, deputado da Junta dos Três Estados (em que serviu mais de 40 anos!) e Governador e Capitão-General do Algarve.

Dizem as crónicas que este fidalgo, da primeira linhagem do País, possuía larguíssima cultura, a que aliava, por outro lado, uma grande formação moral e religiosa.

Ao saber das práticas dominicais do novo abade, que tinha vindo pastorear Gestação, a dois passos do seu palácio, quis, também, ir escutar o sacerdote de quem começara a ouvir os mais rasgados e fundos elogios.

E, de tal modo, também ele ficou preso da eloquência arrebatadora e persuasiva de Gaspar Barata de Mendonça que logo achou deslocada, para meio tão simples e rural, a capacidade oratória desse espírito que se lhe mostrava tão invulgarmente culto e erudito, que moveria todos os seus empenhos no sentido de o trazer para a capital, onde tais rasgos de eloquência poderiam ser bem mais reconhecidos e apreciados.

Decerto que terá deparado com forte relutância do visado - que aspirava inteiramente à vida desprendida e bucólica de aldeia, onde pudesse obter a recuperação psíquica de que necessitava. Não há, porém, elementos que o pormenorizem em detalhe, - embora sem dificuldades se possa intuir esse juízo.

Mas o certo é que, dentro de pouco, aquele sacerdote, nosso ilustre conterrâneo, vinha a caminho de Lisboa, para tomar o priorado de Santa Engrácia - que na época, se cotava como a freguesia mais importante de Lisboa, depois da Sé, onde os principais áulicos e dignatários da Corte, assim como grandes massas de fiéis, de outras categorias sociais, iam cumprir os deveres religiosos.

Mas a sua fama de sacerdote invulgar, que cada vez se tornava mais espalhada, iria levá-lo, também, ao desempenho de outros cargos importantes da Cúria Episcopal: - Desembargador da Relação Eclesiástica de Lisboa, Juiz dos Casamentos, Relator de Direito Canónico. Posteriormente, seria nomeado Governador do Bispado de Miranda, pelo impedimento do titular, Bisbo D. André Furtado de Mendonça.

Aí se encontrava quando a Bula “Divina Disponente Clementia”, de 16 de Novembro de 1676, emanada do Papa Inocêncio XI, o veio nomear para 1º Arcebispo da Baía, no Brasil, cuja arquidiocese era criada, na mesma data, por outra Bula especial, “Inter Pastoralis Officii” - como anteriormente se deixou referido.

Entregue a diocese de Miranda a outro Vigário-Geral, dispôs-se Dom Gaspar Barata de Mendonça a tomar o rumo das terras de Santa Cruz.

Uma doença grave acometeu-o, porém - e, de tal modo, que durante dez anos não mais recobrou a saúde, capazmente.

São dessa altura os seus longos períodos de vilegiatura e convalescença na zona de Arcez e Lapa, pertencente a seus familiares directos, onde em contacto pleno com a natureza dessa paisagem idílica e, ao mesmo tempo, sedativa e repousante, procurava aurir a saúde perdida.

Quanto à arquidiocese, para onde ansiava partir, ia-a governando, entretanto, por delegados de livre escolha e confiança pessoal, nunca deixando de estar ao corrente de tudo o que de mais importante se ia passando.

Mas a doença caminhava progressivamente e não o deixou vir a realizar a missão para que fora escolhido. E, assim, decerto a muito contragosto, mas por dever de lealdade e rectidão de consciência, pediu a renúncia à Santa Sé.

Faleceu em Sardoal, a 11 de Dezembro de 1686, e jaz sepultado num rico mausoléu, do lado da Epístola, e junto à Capela-Mór da Igreja de Santa Maria da Caridade - que, na altura, pertencia ao Convento Franciscano de Santo António, de cujos frades o venerando Antístite fora sempre grande amigo e desvelado protector

1336 - UMA ALBERGARIA NO SARDOAL

Para melhor perceber as origens da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, transcreve-se com a devida vénia, um trabalho publicado no “ATRIUM” n.º 11, Boletim Cultural do GETAS – Centro Cultural de Sardoal, Outubro de 1987 a Fevereiro de 1988, da autoria do Exm.º Senhor Dr. Manuel José de Oliveira Baptista, com o título em epígrafe.

Toda a gente reconhece a Santa Casa da Misericórdia de Sardoal como a Instituição de Assistência mais antiga e creditada do nosso Concelho.

Com efeito, a data da fundação remonta ao longínquo ano de 1509 – o que lhe dá a invejável idade de 478 anos (em 1987).

A sua acção assistencial foi-se sempre desenvolvendo e ampliando cada vez mais ao longo destes quasi cinco séculos, voltada única e exclusivamente para o bem do próximo necessitado e, por isso, não é de admirar que se nos apresente como o mais significativo documento vivo do património social da terra.

Mas não se deverá julgar, porém, que os sardoalenses apenas nessa altura da História acordaram para as tarefas do bem-fazer. Na verdade, outras formas de caridade para com os que precisavam de auxílio e valimento haviam já florescido nesta nossa Vila, largos tempos antes.

E umas tantas mais, igualmente, vieram a aparecer depois, com o rolar dos séculos, sob a forma de confrarias, irmandades, caixas de auxílio, associações de socorros, abarcando diversas modalidades específicas, geralmente não paralelas entre si, mas complementando-se sempre, na sua acção em prol do bem comum.

CONFERÊNCIAS DE S. VICENTE

De entre as mais recentes, é mister citar as Conferências de S. Vicente de Paulo (que todos recordam, aliás, com viva e respeitosa admiração), aqui implantadas no ano de 1932 e que muito antes do “Socorro de Inverno”, do “Socorro Social”, da “Sopa dos Pobres”, da 1ª fase da “Previdência” e de outras formas posteriores ou subsequentes de amparo aos desprotegidos ou aos que viviam com graves dificuldades de subsistência (somente anos depois começadas a ensaiar pelo estado) tiveram neste nosso meio uma importantíssima acção de benemerência e caridade. Os vicentinos do Arciprestado do Sardoal foram mesmo, durante muito tempo, reconhecidos como os mais dinâmicos e actuantes de toda a Diocese.

Essas Conferências de S. Vicente de Paulo, que se mantiveram com grande entusiasmo e vitalidade durante mais de quatro décadas, apenas viriam a decair e a dissolver-se

pouco tempo antes do 25 de Abril, quando os horizontes começaram a estar turvos e embaciados, prenunciando grandes alterações na estrutura política e social do País. E se, como é óbvio, nada tinham a ver com a política, a verdade é que a partir de certa altura, começaram a ser olhadas com notável displicência por alguns elementos estranhos, de mais avançado radicalismo, que pretenderam fazer generalizar publicamente a ideia de que estas e outras instituições de caridade estavam a colmatar o que deveria ser uma obrigação estrita e absoluta do Estado – e que este, por isso, de forma acomodaticia, se ia escusando em assumir.

Em resultado daquela propaganda contestatária, também habilmente expendida no nosso meio por certos arrivistas de maior impulsividade, as Conferências de S. Vicente de Paulo começaram, então, a sentir bastantes dificuldades na sua acção de assistência aos pobres e necessitados, ao mesmo tempo que notavam grande desmotivação em sectores que, desde sempre, lhes haviam dado ânimo e apoio na sua cruzada.

E, forçadas a terem de interromper, também aqui, a sua actividade, por motivo desse conjunto de circunstâncias adversas, bem depressa se notou que faziam muita e grande falta – e que a sua acção, embora feita sempre de modo discreto e “apagado” (a verdadeira Caridade é avessa a narcisismos e exhibições!), deixavam, afinal, grandes necessidades em aberto.

Contudo, pelo menos entre nós, não mais puderam vir a ser reactivadas.

ALBERGARIA

Encerrado, porém, este parêntese evocativo, entrosado no contexto em jeito, apenas, de simples comentário apendicular, retorna-se ao tema base.

Como se ia referindo, entretanto, já de há muitos séculos que no Sardoal vêm existindo instituições de assistência pública. A mais antiga, no campo dessas obras de solidariedade social, de que há documentação histórica, é a Albergaria de Lourenço Annes da Vide e sua mulher, Clara Pires, já existente, pelo menos, no ano de 1336, reinado de D. Afonso IV.

Ocupava uma casa que pertencera a um tal Afonso Vicente, localizada no Vale de Sardoal (refira-se a propósito, a existência, ainda, da RUA DO VALE, que permanece com esta designação fixa no linguajar corrente do povo, apesar de lhe terem mudado, oficialmente, o nome por diversas vezes...).

Aquela albergaria tinha por missão e encargo prestar assistência e apoio aos viandantes, nas suas caminhadas. Dispensava-lhes gratuitamente casa, com roupa lavada, lume, sal e água potável – e “o mais que fosse mister”, de primeira necessidade. Desde cedo, começou a fornecer, também, uma refeição quente, para retempero das forças, quasi sempre debilitadas pelas dificuldades e trabalhos que esses viandantes encontravam nas suas deambulações forçadas.

Aos que chegavam doentes, procurava tratá-los até que se restabelecessem e pudessem seguir caminho. Para os mendigos (às vezes, em grande número) que faziam

a sua cruzada de terra em terra e, normalmente se demoravam alguns dias na mesma localidade, dispunha de alojamento adequado em outro local.

Com efeito, para quem jornadeava, quer por precisão económica como, igualmente, por necessidade de vida, estas “pousadas” (se bem modestas e simples), constituíam um tecto seguro e acolhedor.

Na verdade, o simples acto de viajar, tão banal e corrente nos dias de hoje, era uma autêntica aventura nesses tempos mais recuados.

TRANSPORTES RUDIMENTARES

As estradas (se é que tal nome se pode dar aos caminhos mais largos de então) eram poucas e más, tornando bastante difíceis e penosas as deslocações. Os meios de transporte, igualmente também, muito rudimentares e com pouca segurança. Por norma, jornadeava-se a pé ou a cavalo – e menos vezes em carros tirados por muares. Abundavam os salteadores, porque as instituições de polícia e defesa dos cidadãos eram inexistentes ou, em outros casos, se reduziam a um primarismo elementar. Acontecia, também, que por vezes os viandantes se perdiam nas montanhas e nos atalhos tortuosos e, então, a fome e a sede, bem como o calor e a poeira do verão ou as frias tempestades da quadra invernosa os fustigavam desapiedadamente. E, quantas vezes, nas épocas mais frias, lobos, ursos e javalis, aossados pela fome, deixavam as suas tocas nas florestas e, pelas encostas dos montes, desciam até à planície, atacando sem reboço gados e pessoas.

Apenas os Reis e os grandes senhores podiam viajar mais afoitamente, guardados pelas suas escoltas e homens de armas. Mas, os pobres, ou até os simples burgueses, calcurriavam os longos caminhos do reino absolutamente desprotegidos, sujeitos aos contratempos e surpresas mais desagradáveis.

Daí que, em certas terras do país, sobretudo junto das vias de passagem obrigatória para os viandantes ou nos cruzamentos dos principais caminhos daquelas épocas, tivessem começado a aparecer, desde cedo, pequenas instituições de assistência e apoio aos caminhantes, a que se chamou “albergarias”. Alguns erguiam-se, mesmo, junto de mosteiros e abadias, de que constituíam um anexo; outras foram criadas pela própria Coroa, de quem recebiam subvenção periodicamente, mas a maioria resultou dos sentimentos generosos e altruístas de particulares, mais compassivos e humanitários, almas caridosas que colaboravam, assim, generosamente com a realeza e a clerezia na obra benemerente de socorrer o próximo.

A albergaria do Sardeal, de que se vem fazendo referência, era uma destas instituições particulares, nascidas do espírito compassivo e filantrópico de um casal da nossa terra que “desejando servir o próximo por amor de Deus(...)” nos legou esse piedoso testemunho humanitarista – o qual, durante largas dezenas de anos, ampliado e reestruturado que ia sendo gradualmente, serviu como albergue protector e seguro a tantos peregrinos e viandantes!

PONTO-CHAVE

O Sardoal era, na altura, um ponto-chave na confluência da estrada de Abrantes a Idanha-a-Nova (mandada construir por D. Sancho I) com a que daqui flectia, então, para Vila de Rei, – além de constituir, igualmente, um entroncamento de certa importância na rede viária da época, pois servia de ponte de ligação entre o Alto Alentejo e o Ribatejo (na altura parte integrante da Estremadura), com a zona central do país, através de toda a Beira-Centro.

Depois, com o andar dos tempos, e tal como quasi sempre sucede, infelizmente, a muitas das obras de carácter pio ou caritativo, transmitidas por doações, os herdeiros-descendentes daqueles beneméritos fundadores da albergaria de Sardoal foram esquecendo, pouco a pouco, as obrigações testamentadas pelos seus antecessores e acabaram também por vir a deixar no olvido os sentimentos de generoso altruísmo que haviam feito nascer tão prestimosa obra de misericórdia.

Nessas circunstâncias, o Rei D. Duarte, inteirado do facto, resolveu por bem cancelar a fruição indevida dos rendimentos legados para aquele fim tão piedoso, e que não estavam a ter a devida contrapartida, e deles fez mercê a Martim Vaz, seu escrivão da câmara, com a obrigação estrita de este respeitar, ao menos, os sufrágios pelos beneméritos-fundadores.

A albergaria veio a terminar, deste modo, a sua tão meritória assistência que, mesmo assim, se processara durante um século!

Contudo, não muito tempo depois, era fundado em sardoal um hospital de inspiração religiosa, se bem que de carácter particular, sob a égide dos “Confrades de Santa Maria”. Algumas décadas mais tarde (exactamente em 1509) esta humanitária associação de benemerência haveria de inserir-se na Santa Casa da Misericórdia, então acabada de fundar.

Como curiosidade documental junto se extracta, em cópia directa, o diploma da chancelaria real em que D. Duarte sanciona o encerramento daquela albergaria e a transferência dos respectivos bens – depois de historiar, embora de maneira muito sucinta e abreviada, a sua criação, 101 anos antes.

Transcrição na íntegra, mas em Português actual:

Administração de uma albergaria, instituída por Lourenço Annes da Vide e Clara Pires, sua mulher, no lugar de SARDOAL, onde se chama o VALE.

Dom Duarte pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta, a vós, juizes da nossa Vila de Abrantes e outros quaisquer juizes e justiças a que isto pertencer, por qualquer guisa que seja, a que esta carta for mostrada, saúde.

Sabede que houvemos informação como há muito tempo que se morreram Lourenço Annes da Vide e Clara Pires, sua mulher, e que certos bens que deixaram para que se mantivessem umas camas de roupa em uma casa que haviam no Sardoal, termo dessa Vila (de Abrantes), em maneira de albergaria estão agora vagos por aí não haver

nenhum indivíduo chegado dos ditos finados, e que são distintos e por isso pertencem a nós, pela qual razão mandamos pôr em sequestro os ditos bens assim como ora estão e fizemos trazer perante nós as escrituras que a eles respeitam.

E mostrou-se pelas cláusulas do testamento dos ditos finados que fora feito no Sardeal aos 4 dias de Março da era de 1374 (=ou seja, ano de 1336 da Era de Cristo) e entre outras cláusulas e condições do dito testamento que assim fizeram deixaram por suas almas uma sua casa que haviam no dito lugar do Sardeal, onde se chama o VALE, a qual fora de Afonso Vicente, dito das Saias, e que fizessem dela albergaria. E deixaram para ela almocelas (=mantas) e feltros e outra roupa e corregimento para pobres, e deixaram mais, para se manter a dita albergaria, a herdade do Telhado, que teve Domingos Vaqueiro e deixaram mais a vinha que foi de Tomé Esteves com todas as suas pertenças.

E isto para se manter a dita albergaria e que houvessem o cargo e administração dela seus filhos e netos, logo nomeados, e depois os indivíduos mais chegados e houvessem cousa certa pelo seu trabalho segundo o que nas cláusulas do dito testamento mais compridamente se fazia menção.

E outrossim por uma carta de Afonso Martins, cónego de Coimbra e vigário geral de D. Gonçalo Lopo, Bispo da Guarda, que foi dada em Abrantes aos onze dias de Janeiro da era de César de 1439 anos (=ou seja, ano de 1401 da era de Cristo) se mostrou, entre outras coisas, que havendo perante ela demanda João Esteves Acena, morador em a dita Vila de Abrantes e Martim Vaz Raçoeiro, da Igreja de S. Tiago da dita vila sobre os ditos bens e administração, que o dito vigário a prazimento de ambos, que se concordaram, julgou que o dito João Esteves houvesse os ditos bens e administração e o dito Martim Vaz da sua mão houvesse a dita albergaria em que morasse e a corregesse e reparasse.

E que dissesse em cada ano pelas almas dos ditos finados cinco missas rezadas, segundo na dita carta mais compridamente era contido.

Os quais já todos são finados e sobre isso fizeram-nos certo que há quarenta anos que nunca tal albergaria vem sendo mantida, nem se fez nela a vontade dos finados que a deixaram nem se vêem aí camas para pobres e que sempre (=desde então) vem sendo casa de morada. Que, outrossim, as ditas missas nunca se disseram (desde então), salvo duas e que não sabem de nenhum indivíduo que seja chegado dos ditos finados e que os ditos bens andam, assim, distintos.

E, pois que isto assim é, se por alguma maneira os ditos bens assim a nós pertencem e os podemos dar, nós, com o dito cargo de se por eles dizerem as ditas cinco missas cada um ano pelas almas dos finados que os deixaram, segundo por o dito vigário foi ordenado, fazemos mercê dos ditos bens a Afonso Pires Cotrim, nosso escrivão da câmara, deste dia para todo o sempre e para todos os seus herdeiros e sucessores, ascendentes e descendentes que depois dele vierem.

E, porém (=igualmente) mandamos que façais logo apregoar se há aí algum indivíduo chegado dos ditos finados e, se achardes que não vem algum, que vos logo faça certo, sem outra dúvida, como é indivíduo chegado dos finados que os ditos bens deixaram, metei e fazei logo meter em posse dos ditos bens o dito Afonso Pires e daí em diante lhe deixai haver e lograr e possuir ele e seus herdeiros, ascendentes e descendentes que depois dele vierem, sem outra contradição, porquanto deles lhe fazemos mercê e livre e pura doação, deste dia para todo o sempre, como dito é, o mais firmemente que o fazer podemos, sem lhe porem mais sobre elo (=isso) embargo algum.

Contanto que, em cada ano, o dito Afonso Pires e os que depois dele houverem os ditos bens digam as ditas cinco missas pelas almas dos ditos finados.

E que os ditos bens se não possam partir se não andarem todos sempre juntos em mão do dito Afonso Pires ou pessoas sobreditas que os depois dele herdarem ou houverem, como dito é.

E em testemunho disto lhe mandamos dar esta nossa carta, que tenha por sua guarda, assinada por nós e asselada do nosso selo pendente.

Dada em Santarém, sete dias de Janeiro. Rui Pires Dinho a fez (na) era de 1437 anos.

RESUMINDO:

Do que facilmente se deduz, a partir deste diploma emanado da chancelaria de D. Duarte, a albergaria de Sardeal terá estado em funcionamento durante cerca de 60 anos e só, depois, entraria em declínio quando começaram a rarear e, mesmo, a desaparecer por completo os descendentes do casal de beneméritos que a haviam fundado.

É bem natural, com efeito, que os laços de família tornando-se pouco a pouco mais frouxos com o perpassar das gerações, não teriam já, a certa altura, a consistência suficiente para vincular os sucessores do casal-fundador a uma obrigação estatutária, além de que, também poderá ter acontecido que a geração em grau directo se houvesse interrompido a certa altura. Não se deverá deixar de ter em conta que estávamos em época de grandes vocações conventuais e fradescas...

E na verdade, o documento de D. Duarte é assaz explícito nestes pontos que se vêm focando, quando refere não haver já, “nenhum indivíduo chegado dos ditos familiares”.

Referir-se-á, entretanto, que durante os sessenta anos em que a albergaria funcionou pôde prestar grandes e assinalados serviços de recolha, guarida e assistência aos viandantes e caminheiros, pois restam ainda documentos escritos em que esse facto vem assinalado, se bem que marginalmente – mas permitindo, mesmo assim, inferências seguras sobre a actividade e projecção que tomou tão prestimosa obra de solidariedade social.

Isso nos permite sublinhar que, já, nessas épocas remotas, era bem concreto o pendor natural e inato deste povo sardealense para as obras de caridade e filantropia – a qual

veio sempre continuando a manifestar-se, depois, através dos séculos, sem esmorecimento nem descontinuidades.

VISITA AO SARDOAL DE SUA MAGESTADE O REI D. CARLOS - 22 DE JUNHO DE 1907

Reflexos na Imprensa Regional da época

Jornal "ECHO DO TEJO" - 9 de Junho de 1907

CÂMARA DO SARDOAL

A Câmara Municipal deste Concelho deliberou na sessão de segunda-feira última representar a Sua Majestade El-Rei, contra a sua actual ditadura, pedindo respeitosa mas energicamente o restabelecimento das regalias constitucionais absolutamente necessárias ao engrandecimento da Pátria e sossego dos cidadãos.

Resolveu que fosse extraída cópia autêntica desta deliberação e que fosse enviada ao nosso amigo ilustre Sr. Conselheiro Manuel António Moreira Júnior, Ministro de Estado Honorário e Deputado por este Círculo, afim de Sua Ex.^a representar a Câmara, na audiência que vai ser pedida a El-Rei, juntamente com outras câmaras, para entrega de representações.

O procedimento da Câmara tem sido muito elogiado por todos os munícipes.

JORNAL "ECHO DO TEJO" -21 DE JUNHO DE 1907

Uma filarmónica do Sardoaal abrilhantou em Abrantes, no Largo da Ferraria, a visita de El-Rei.

Jornal "ECHO DO TEJO" - 30 de Junho de 1907

CORRESPONDÊNCIA DO SARDOAL

A VISITA DE EL-REI AO SARDOAL - Sardoaal, 22 de Junho de 1907

É impossível poder descrever-se a recepção que hoje nesta Vila foi feita a Sua Majestade El-Rei na visita que aqui se dignou fazer, acompanhado dos seus Ajudantes de Campo, Governador Civil do Distrito, Conde e Condessa de Alferrarede.

Só houve conhecimento da visita de El-Rei a esta Vila hoje de manhã, não havendo tempo das ruas por onde passava Sua Majestade serem melhor ornamentadas, o que não influiu para que El-Rei tivesse nesta pitoresca Vila uma manifestação imponentíssima, sendo muito aclamado pelo povo deste Concelho, não nos lembrando que aqui se tenha feito tão extraordinária recepção.

Se tivesse havido conhecimento desta visita régia dias antes, com certeza que a esta Vila atrairia não só povo do Concelho, como o das povoações circunvizinhas.

El-Rei e a sua comitiva chegaram aqui pelas 11 horas da manhã e foi recebido à entrada da Vila pela Câmara Municipal, Autoridades Eclesiásticas, diversos funcionários públicos e muito povo.

Logo que se avistou o seu automóvel, rompe a velha Filarmónica (a dos Ciganos) com o Hino da Carta, subindo ao ar muitas girândolas de foguetes e El-Rei então desceu do seu automóvel e recebeu diversos cumprimentos.

Segue depois para a Praça desta Vila, aonde foi esperado pela nova Filarmónica (a do Carapau). Em todo o percurso Sua Majestade foi muito aclamado com vivas a El-Rei, à Família Real e à Carta Constitucional.

Algumas crianças entre as quais Maria Carlota Matos Silva e Jacinto Neto Milheiriço, ofereceram a El-Rei lindos ramos de flores naturais e um pombo enfeitado com fitas de seda azul e branca, achando El-Rei muito simpáticas estas ofertas, agradecendo afectuosamente e beijando as crianças.

Sua Majestade é depois convidado a visitar os Paços do Concelho onde lhe é feita nova recepção, pelo que se lavrou no livro das actas da Câmara deste Município uma acta extraordinária, concluída nos seguintes termos:

SARDOAL, 22 DE JUNHO DE 1907

Recepção de Sua Majestade El-Rei D. Carlos, que hoje pelas 11 horas da manhã se dignou fazer uma rápida visita a esta Vila e Concelho de Sardoal.

O povo deste Concelho representado pelos vereadores do Município, pelos elementos civis e eclesiásticos, saúda o seu Rei que se dignou como prova de deferência e estima pelo seu povo, visitar-nos.

Em memória deste notável acontecimento se lavrou esta acta de recepção que Sua Majestade assinou e mais pessoas presentes.

Esta acta é lida pelo digno Presidente da Câmara Municipal, Sr. Padre António Joaquim da Silva Martins, que proferiu em seguida um pequeno discurso, cujo resumo é, mais ou menos, o seguinte:

Senhor! O povo deste Concelho surpreendido pela inesperada visita de Vossa Majestade, ufana-se deste acto memorável que não se acha registado em documento algum deste Concelho.

Por ter sido inesperada esta visita, não pode Vossa Majestade ser recebida mais condignamente, mas por esta expressiva e franca manifestação se mostra que o recebemos do fundo do coração com franca sinceridade.

Deus conserve Vossa Majestade por muitos anos para bem da Pátria e Povo Português, que se orgulha de empresas arriscadíssimas e gloriosas a que se tem abalanzado para bem da Constituição.

Este discurso conciso e brilhante foi por vezes interrompido com muitos aplausos e o seu final foi coroado com palmas e repetidos vivas a Sua Majestade, Família Real e Carta Constitucional.

Em seguida retirou-se El-Rei da Sala dos Paços do Concelho, depois de ter assinado a acta e subiu para o seu automóvel, estando nesta ocasião as duas Filarmónicas, tocando o Hino Nacional.

El-Rei fez então as suas despedidas no meio de um entusiasmo delirante que este povo lhe manifestava, repetindo-se numerosos vivas, por milhares de pessoas.

Na manifestação a El-Rei na Praça do Comércio e na Sala das Sessões da Câmara estiveram representadas as escolas oficiais dos dois sexos com os seus alunos e pelos seus dignos Professores Srs. António Rodrigues e Maria Antónia Cardigos e Professora particular D. Maria Fortunata, assim como a Mesa da Santa Casa da Misericórdia e Irmandade do Santíssimo.

A ornamentação das ruas por onde passou El-Rei estava simples, visto não ter havido tempo para mais. No entanto viam-se muitas e lindas colchas pelas paredes e Paços do Concelho e bandeiras espalhadas pela Praça onde se viam pintadas num grande quadro as seguintes palavras: “O POVO DO SARDOAL SAÚDA EL-REI”

Em todo o trajecto foi lançada das janelas grande quantidade de flores.

A Câmara Municipal de Sardoal, à data da visita do Rei D. Carlos, tinha a seguinte constituição:

Presidente: António Joaquim Silva Martins (Padre)

Vice-Presidente: António Carvalho Tramela (Comerciante)

Vogais: Jacinto Dias Milheiriço (Farmacêutico)

Francisco da Silva (Comerciante)

Francisco Alves Ferreira (Padre)

Muito curiosas são, também, as referências à visita do Rei D. Carlos, que foram publicadas no jornal “O ABRANTES”, que se intitulava um «Jornal Democrático Independente», mas cuja linha editorial era, visivelmente republicana:

“O ABRANTES” - 30 de Junho de 1907

“ECOS” - UM DISCURSO DE TRUZ

Foi proferido no Sardoal, no dia 22 do corrente, pelo Sr. José Alexandre, que teceu à monarquia o mais rasgado elogio, dizendo delas coisas tão brilhantes e tão espantosas, que deixaram o próprio Monarca, como que estupefacto diante de tanta maravilha. Sem embargo do respeito que é devido às crenças de quem quer que seja, quando sinceras, afigura-se-nos que tal discurso terá concorrido para consolidar de vez os abalados alicerces do regime, cabendo ao Sardoal, na pessoa de um dos seus filhos mais dilectos, ilustres e inteligentes, a glória de semelhante feito.

Que assim seja. A História lá está para o registar.

A CÂMARA MUNICIPAL

Se não existisse seria preciso inventá-la, para glória do regime e das lusas gentes.

Vejamos os factos:

A Câmara Municipal, por intermédio de um seu Conselheiro Moreira Júnior, fez sentir ao Senhor D. Carlos, em termos de uma energia pouco vulgar em boca de monárquicos, dois dias antes de o Monarca visitar Abrantes, o seu protesto contra a actual ditadura.

Nos documentos entregues ao Monarca, sentia-se, embora vagamente, uma certa vermelhidão demagógica, saltitante aqui e ali de tropos mais ou menos revolucionários, que deram, momentaneamente, aos ilustres vereadores do Senado Sardoalense foros de «Robespierres» em camisa de cor.

Até aqui nada de extraordinário. Acompanhemos agora, em espírito, o Rei ao Sardoal.

O que vemos nós?

Esses mesmos vereadores esqueceram-se do seu protesto, ultrapassando em actos de subserviência monárquica, o que se podia ter feito num simples e respeitoso cumprimento, sem exageradas curvaturas de espinha e sem exteriorizações ridículas. O que vemos mais?... Um protesto em pancas-morto às mãos dos próprios que geram num momento de bom humor e de sisuda ponderação sobre a marcha de negócios públicos.

Já que o mataram, enterram-no agora.

É uma obra de misericórdia.

«O ABRANTES» - 7 de Julho de 1907

«UM DISCURSO DE TRUZ»

Subordinado a esta mesma epígrafe, publicámos nesta secção no último número de «O ABRANTES», um inofensivo suelto, acerca de um discurso proferido no Sardoal, por ocasião da visita do Monarca àquela Vila, discurso esse que atribuímos ao Sr. José Alexandre, quando é certo ter sido proferido, de viva voz, por outro cavalheiro da mesma localidade.

Desfazendo esse erro, recebemos do Sr. José Alexandre a carta que segue e cuja publicidade nos é pedida.

Sr. A. Netto

Meu Amigo

As praxes parece que estabeleceram um princípio de cada um vir à imprensa esclarecer ou destruir boatos e notícias que lhe digam respeito.

Por motivo de um gracioso suelto de «O ABRANTES» de domingo último, aqui estou, importunando-o, curvado à pragmática das praxes.

Se os anos e a experiência da já cansada vida me não permitem a minha pieguice de encoloroar com a fina chalaça, antes a aprecio, o meu ânimo, quiçá o feitio, também não consentem engalanar-me com louros que não me pertencem.

Assim, venho agradecer-lhe a boa intenção economística, escrita no seu jornal sob a epígrafe «Um discurso de truz», discurso que me atribui, sendo de estranhar o erro de informação cometido por vizinho próximo da porta, quando por mais de longe não o praticaram...Equívoco de reportagem, sem dúvida.

Na notícia referida, escrita com pilhéria, em estilo ligeiro, facêto, há brilho e música no dizer do Eça...

Tem graça e não ofende, antes considera e enaltece... quem deve considerar e enaltecer. Não me cabem, porém, os louvores.

De facto saudei, respeitoso, o Chefe do Estado, como entendo ser dever de todo o cidadão, seja qual for o credo das suas opiniões políticas, porque o Chefe do Estado representa acima de tudo, das nossas crenças, do nosso ideal político, o supremo funcionamento da nação dessa Pátria que todos nós temos o dever patriótico de amar, respeitar e servir.

Saudando-o, prestando-lhe as nossas homenagens, saudámos e respeitámos a Pátria.

Assim fiz, assim pratiquei, convicto de que cumpria um dever, sem me preocupar, naquele momento, com a ditadura do Sr. João Franco e com as possíveis consequências.

*Pela publicação destas linhas, que agradeço, me assino com consideração.
Seu Amigo Att. Agrdº
José Alexandre*

«O ABRANTES» - 7 de Julho de 1907

«ECOS» - *Um discurso de truz (continuação) - Resposta do Sr. Aurélio Netto ao Sr. José Alexandre.*

Agora diremos de nossa justiça.

Houve efectivamente um equívoco de reportagem que não lamentamos, visto ele não envolver desconsideração pessoal para quem quer que seja, nem ameaçar, sob qualquer aspecto porque o encaremos, a paz da Europa ou a estabilidade das constituições monárquicas.

Posto isto, que é proclamado sem modéstia, permitam-nos esta vealidade!!

Vamos dar, por dever de lealdade e ainda pela muita estima que nos merece o signatário da carta acima transcrita, ligeira justificação a este equívoco, esperançados que o nosso estilo, apesar do seu brilho e música(?) não incorrerá nas penas do inferno, nem no desgosto dos lusos mortais.

A nossa reportagem sobre a visita do Monarca ao Sardoal, coincidiu com uma outra:

A da passagem do ditador no Entroncamento. Havia da nossa parte o propósito deliberado de estabelecermos uma certa correlação entre um facto e outro. A razão a que a tal nos movia pertence ao foro íntimo da nossa consciência e isso nos dispensa de maiores desenvolvimentos sobre o assunto.

Ora no desempenho de tal tarefa, segundo os factos demonstram, trocámos apenas os nomes e nada mais.

Por pessoa fidedigna foi-nos comunicado que o nosso amigo, Sr. José Alexandre, aplaudiu entusiasticamente o franquista do VALE DA URRRA (Aldeia da Beira-Baixa), no Entroncamento e que ao toast, depois de muito rogado, aquiescera a comer um pratinho de morangos em legítimo Madeira.

Por essa mesma pessoa que é um diplomata de truz e ilustre, foi-nos dito, também, que o Revº Padre Silva, dando largas à retórica economiástica do Município a que preside, pronunciara um discurso em honra do Rei, prestando à secular monarquia os protestos da sua vassalagem, ainda maior que o Colosso de Rodes.

Depois de obtermos esta informação o que fizemos nós?

Botámos asneira.

Pusemos o discurso do Sr. José Alexandre e os morangos, com açúcar e tudo, nos lábios do Revº Padre Silva.

Foi quasi uma heresia, bem sabemos, mas quem há aí, neste mundo de Cristo, que as calce e as não limpe?...

Perante a imunidade do delicto, apresentamos as nossas desculpas.

Aurélio Netto

Ainda no mesmo jornal e no mesmo dia, sob o título “Estilo Sardoalense”:

O povo do Concelho do Sardoal, representado por vereadores do Município, pelos elementos civis e eclesiásticos, saúda o seu Rei, que se dignou como prova de deferência, estima que tem pelo seu povo, visitar-nos...

Deferência? Estima pelo seu povo?...

Vá Senhor Conselheiro, derrame duas lágrimas, que os homens borram-lhe a pintura...

Ele sempre há cada ingrato!...

No mesmo jornal, do dia 14 de Julho de 1907, vem descrito de forma humorística um episódio, com o título “O MONARQUISMO DE UM BARBEIRO”, cujo teor é o seguinte:

O episódio que vamos contar tem foros de autenticidade.

Passou-se no Sardoal, por ocasião da visita do Monarca àquela Vila.

Um barbeiro da terra, sentindo crepitar dentro de si o sagrado fogo de um monarquismo ainda isento de sombra do pecado, ergue um viva à Majestade e abeirando-se um pouco mais do automóvel real, brada como um possesso: Saiba, El-Rei, que já fiz a barba ao senhor seu mano! Se Vossa Magestade precisar, cá o Luiz também lha faz!

O Senhor D. Carlos, medindo o mestre esfola de alto a baixo, esboçou um sorriso prazenteiro, mas ele prosseguiu impávido no mesmo tom de voz:

-Se Vossa Majestade me arranjasse um emprego, eu, mais a minha mulher e os meus filhos, ficamos muito obrigados e reconhecidos!

El-Rei, sorrindo, sempre acrescentou:

-Vá ao Paço!..

Da Imprensa Nacional apenas conhecemos uma notícia publicada no Jornal “O SÉCULO” de 23 de Junho de 1907 que a seguir se transcreve:

SARDOAL - C. -Às onze horas da manhã chegaram em automóveis a esta Vila, El-Rei, O Senhor D. Carlos, o seu ajudante Sr. Figueiredo da Câmara, o Governador Civil do Distrito Dr. Cardoso de Meneses, os Senhores Condes de Alferrarede e Condes de Argos.

A visita para que muito concorreu o Sr. Conde de Alferrarede, que a esta Vila vota muita simpatia e consideração deu causa a uma imponentes entusiástica manifestação ao régio visitante.

Só hoje de manhã houve notícia oficial, confirmando a visita de El-Rei.

As escolas dos dois sexos, a Câmara Municipal, a autoridade administrativa, todos os funcionários públicos, os principais homens desta Vila, comerciantes, artistas, jornaleiros, todos, enfim, aclamaram, na praça fronteira ao edifício municipal, El-Rei e a Família Real.

Duas bandas de música executaram o Hino da Carta.

El-Rei subiu aos Paços do Concelho e na Sala das Sessões recebeu as apresentações e os cumprimentos. O Sr. Presidente da Câmara Rev^o Silva Martins, numa breve mas eloquente alocução, deu a El-Rei as boas-vindas, exprimindo de uma forma elevada quanto o povo deste Concelho se sentia ufano e grato pela honra que lhe foi conferida. Para comemorar a visita de El-Rei lavrou-se a acta, que Sua Majestade assinou, bem como todos os presentes. Tanto na Sala das sessões, como na Praça, as aclamações a El-

Rei e à Família Real, revestiram uma imponência extraordinária, continuando até que os automóveis se perderam de vista.

BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Em 1901 dá-se uma cisão interna no Partido Regenerador, com a saída de João Franco e de cerca de 30 deputados, os quais em 1903 formaram o Centro Regenerador Liberal, novo partido liderado por João Franco. Também no Partido Progressista aconteceu em 1905 uma dissidência liderada por José Alpoim, Ministro da Justiça no governo presidido por José Luciano.

Em Maio de 1906 deu-se a demissão do último Ministério regenerador, presidido por Hintze Ribeiro, «O Ministério dos 58 dias», tantos quanto durou.

João Franco foi incumbido de formar governo, com um projecto anunciado como «tolerante e liberal» e em que se prometia a revogação da Lei de 13 de Fevereiro.

Acreditando que podia ultrapassar pela esquerda o movimento republicano, procede a uma profunda transformação do Estado e realizando reformas sociais de interesse operário que lhe atraíam o voto das camadas trabalhadoras. Anunciando que queria “caçar no mesmo terreno dos republicanos” levou a que estes percebessem que o Franquismo representava um perigo para o seu partido, mobilizando todos os esforços para derrubar o Ministério, com a acção enérgica e notável dos deputados republicanos António José de Almeida e Afonso Costa e grandes manifestações de rua, como o funeral de Heliodoro Salgado e uma greve académica que começou em Coimbra e rapidamente se estendeu a todo o País, incluindo os alunos das escolas secundárias. O governo mandou encerrar as Câmaras, dissolvendo o Parlamento. Iniciava-se a ditadura de João Franco, que provocou um enérgico movimento de repúdio e contestação, com violentas manifestações de rua, em que a Carbonária teve um papel relevante, severamente reprimido pelas forças policiais. A revolução republicana tomava corpo e os seus dirigentes foram presos (Afonso Costa, Egas Moniz, António José de Almeida, João Chagas, França Borges, etc.) e o governo preparou um decreto que autorizava a sua expulsão do País ou o seu degredo para as Colónias, que D. Carlos assinou, em Vila Viçosa, em 31 de Janeiro de 1908.

No dia seguinte, ao desembarcar em Lisboa com a Família Real, no momento em que ia a entrar na Rua do Arsenal, um popular aproximou-se e desfechou dois tiros que o mataram instantaneamente. Outro atirador alvejou o Príncipe D. Luís Filipe, atingindo-o, também, mortalmente. O Infante D. Manuel recebeu ferimento ligeiro. Consumava-se o Regicídio, que ocorreu num momento estratégico importante. Com o fracasso da tentativa de 28 de Janeiro, a fuga de José Alpoim e a prisão de todos os chefes republicanos, parecia que aquilo que se chamou “o Franquismo” e que traduzia o pensamento político de D. Carlos, iria triunfar. No entanto, morto D. Carlos, João Franco desapareceu da cena política. Formou-se então um governo de coligação entre o Partido Regenerador e o Partido Progressista, presidido por uma personalidade independente. Para presidir a este Ministério foi escolhido o Almirante Ferreira do Amaral, com grande

folha de serviços, que tinha abertas as portas do Paço, mas que dispunha de amigos entre os Republicanos.

Entre o sector republicano, também se fizeram sentir e muito as consequências do Regicídio. O acto partira da Carbonária, sociedade secreta republicana, não aceite pelo Directório do Partido, que no entanto, ficou claro, prestou um serviço à causa republicana, ao decidir a morte do Rei. Logo após o Regicídio, a Carbonária deixa de ser um pequeno movimento clandestino e terrorista e torna-se o grande motor popular da revolução e segundo o seu chefe, Luz de Almeida, no Outono de 1909, atingia 3 400 membros, disseminados por todo o País, tendo conseguido a adesão de figuras importantes como o Engenheiro António Maria da Silva e o Comissário Naval Machado dos Santos, contando com o apoio do Contra-Almirante Cândido dos Reis.

Em Abril de 1908, realizaram-se eleições de que resultou a quase completa desagregação do bloco franquista. Os antigos partidos recuperavam, no conjunto a posição maioritária, mas nenhum deles tinha a maioria absoluta. Ainda em 1908 os Regeneradores retiram a confiança política ao gabinete de Ferreira do Amaral, provocando a queda desse Ministério. Sucedem-se vários Ministérios: Campos Henriques (25 de Dezembro de 1908), Sousa Teles (1 de Abril de 1909), Venceslau Lima (14 de Maio de 1909), Veiga Beirão (22 de Dezembro de 1909) e Teixeira de Sousa (26 de Junho de 1910), indicando as datas referidas o início das suas funções.

A linha geral destes governos foi a prática de uma política liberal, anticlerical, condescendente perante as oposições.

A 5 de Outubro de 1910, caía a Monarquia e nascia a República.

GALERIA DOS PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE SARDOAL

Portugal é talvez o país onde a ideia da codificação administrativa tem sido mais realizada, embora tenha havido grandes tendências para não respeitar o codificado.

Com a designação de Código Administrativo, vários têm sido os diplomas publicados entre nós. Depois de algumas leis e decretos sobre organização administrativa, designadamente o dec. nº 23, de 16-V-1832, a lei de 15-IV-1835, o dec. de 18 de Julho de 1835 e o dec. de 6-XI-1836, foi publicado por Passos Manuel o primeiro Código Administrativo, com data de 31-XII-1836, que dividiu o território em distritos, concelhos e freguesias, estabelecendo no distrito um governador civil e uma Junta Geral; no concelho, um administrador e uma Câmara Municipal; e, na freguesia um regedor e uma Junta de Paróquia.

Depois deste Código, veio o de 1842, chamado de Costa Cabral, pelo qual as Juntas de Paróquia deixaram de fazer parte da organização administrativa, ficando as suas atribuições limitadas à administração da fábrica da Igreja, administração dos bens da paróquia e desempenho de actos de beneficência. No distrito havia um governador civil, um Tribunal Administrativo, com a designação de Conselho de Distrito e, no concelho, uma Câmara Municipal, de eleição directa e um administrador do concelho de nomeação régia. Seguiu-se o Código de 1870, que fixou a divisão territorial em distritos, concelhos e freguesias. Veio depois o Código de 1878, publicado por Rodrigues Sampaio, que dividiu o território em distritos, concelhos e paróquias. Quanto a corpos administrativos, estabeleceu a Junta Geral, para o distrito; a Câmara Municipal, para o concelho; e a Junta de Paróquia para a freguesia. Os magistrados eram, no distrito, o governador civil; no concelho, o administrador do concelho; e, na freguesia, o regedor. Os tribunais administrativos eram os conselhos de distrito, na capital de cada distrito. Este Código tem sido objecto de viva discussão, pois era largamente descentralizador, dando às Câmaras grandes atribuições fiscais e concedendo-lhes o direito de contraírem empréstimos. É um monumento interessante da nossa história administrativa.

Em 17-VI-1886 foi aprovado um novo Código Administrativo, que manteve a divisão territorial do anterior mas restringiu as largas concessões feitas pelo de 78. Seguem-se as reformas de 1892, conhecidas pelo nome de Reformas de Dias Ferreira, que extinguiram as juntas gerais e os tribunais distritais, apertando ainda mais a tutela do governo sobre as câmaras. Por dec. de 2-III-1895 foi aprovado um novo Código, que depois de várias alterações foi transformado no de 4-V-1896, estando no governo João Franco, que estabeleceu a mesma divisão territorial que os antecedentes. Pela sua acção centralizadora, o Código de 96 foi muito combatido e, assim, logo que se implantou a República, o Governo Provisório, por dec. de 13-X-1910, afirmando os seus propósitos de descentralizar a administração, mandou pôr em vigor, com alterações, o Código de Rodrigues Sampaio, de 1878, que era muito querido das Câmaras, pelas liberdades que lhes dava em matéria financeira.

Dos códigos administrativos publicados entre nós, os principais, além dos Códigos de 1936 e de 1940, foram: o Código de 1842, que vigorou durante 36 anos, o Código de 1878, que esteve em vigor durante oito anos e ainda em segunda vida, embora só nalgumas das suas disposições, de 1910 até à publicação do Código de 1936 e o Código de 1896 que durou 14 anos. Com a Revolução do 25 de Abril de 1974 foi instituído um novo regime para o poder local, cujo suporte legal está definido no Dec-Lei nº 100/84, com as alterações que lhe foram introduzidas posteriormente.

Creio que o cargo de Presidente da Câmara aparece com o Código Administrativo de 1836, já que as referências anteriores que conheço são as de Vereador Mais Velho e de Juiz-Presidente. Não consegui localizar alguns dos livros de actas da Câmara Municipal do período de 1836 a 1849, pelo que começarei esta lista em 10 de Outubro de 1849, data em que era Presidente da Câmara Emídio António Mora, cargo que desempenhou até 21/01/1852.

A sequência no cargo é, a partir daquela data e com indicação do dia de início de funções, a seguinte:

21/01/1852 – António Duarte Pires
02/01/1860 – Máximo Maria Serrão
02/01/1864 – José de Albuquerque do Amaral Cardoso
02/01/1870 – Máximo Maria Serrão
02/01/1872 – António Duarte Pires
02/01/1874 – Agostinho Francisco Moreira Cardoso
02/01/1876 – Máximo Maria Serrão
02/01/1882 – José Alexandre David Pinto Serrão
02/01/1886 – António Joaquim Pinto Cerqueira
02/01/1890 – Júlio Bivar d’Azevedo Salgado
02/01/1891 – Miguel Serrão Burguete
02/01/1899 – Júlio Bivar d’Azevedo Salgado
02/01/1901 – José Alexandre David Pinto Serrão
02/01/1902 – João Baptista de Saldanha Fonseca Serra
02/01/1905 – Padre António Joaquim da Silva Martins
23/11/1908 – António Carvalho Tramela
12/10/1910 – Pedro Barneto Nogueira
01/11/1911 – Abílio da Fonseca Mattos e Silva
19/07/1913 – António Carvalho Tramela
05/02/1918 – Padre António Joaquim da Silva Martins
15/04/1919 – António Carvalho Tramela
20/11/1919 – Francisco Dionísio
20/01/1921 – Padre António Joaquim da Silva Martins
13/09/1926 – José Paulino de Oliveira
01/11/1926 – António Lopes Inez
01/03/1928 – Lúcio Serras Pereira
02/05/1959 – Dr. Júlio Rodrigues Garcia
04/04/1969 – Dr. Álvaro Andrade e Silva Passarinho
16/10/1974 – António Pombo a)

03/01/1977 – Maria Francelina dos Santos Chambel

03/01/1994 – Fernando Constantino Moleirinho

a) O Sr. Dr. Álvaro Andrade e Silva Passarinho exerceu funções até 3 de Junho de 1974. Dessa data até a posse da Comissão Administrativa presidida pelo Sr. António Pombo, em 16 de Outubro de 1974, a gestão municipal foi assegurada pelos Vereadores Sr. Arnaldo da Silva Cardoso e Sr. Armando Navalho.

Esta listagem é apenas um ponto de partida para um trabalho que pode ser muito mais desenvolvido, quer na expectativa de se virem a localizar os livros de actas do período de 1836 a 1849, quer ainda através da elaboração da constituição das diversas Câmaras Municipais que ao longo dos últimos 150 anos serviram o Concelho de Sardoal, da identificação dos diversos Administradores do Concelho e dos Chefes de Secretaria da Câmara Municipal, pela importância que as suas funções tinha na administração municipal. Importa, também, estudar com mais profundidade o período da 1ª República, principalmente o período que medeia entre 1914 e 1919, uma vez que foi um período de grande agitação política, com sucessivos golpes militares e governos, o que implicava alterações no sistema administrativo e na composição das Câmaras Municipais e nos restantes órgãos autárquicos.

MEMÓRIA SOBRE A MINA DE CHUMBO DO CASTELO DA RIBEIRA DAS CALDEIRAS DO CONCELHO DO SARDOAL

Autor: General Carlos Ribeiro - 1857

A mina de chumbo do Castelo das Caldeiras está situada a 3 quilómetros da margem direita do Tejo, 4 quilómetros a SE da Vila do Sardoal e 5 a NE da Vila de Abrantes.

Todo o terreno adjacente à margem do Tejo entre Abrantes e as Mouriscas, ainda que desigual, é pouco elevado sobre o leito do mesmo rio; porém, a uns 2 quilómetros da referida margem, já o relevo se pronuncia por colinas de altura considerável, as quais elevando-se sucessivamente e estendendo-se de maneira mais ou menos contínua para N e NNO vão formar de entre outras montanhas as serras de Alcaravela e de S. Domingos. Estas serras alongadas e quasi paralelas, separam entre si dois vales ou linhas de água que correm de Norte para Sul, o mais importante dos quais é o vale da ribeira das Caldeiras que vai entrar no Tejo entre Abrantes e Mouriscas.

Diversas formações entram na constituição do solo desta localidade e concorrem para as formas variadas que afectam o seu relevo; é assim que os xistos argilosos, os xistos subluzentes e os grauwwakes dos períodos cambrianos dão formas alongadas e recortadas às lombas que guarnecem a margem direita do Tejo até acima do Sardoal; e as quartzites e os xistos silurianos formam os dorsos sensivelmente alinhados das serras de Alcaravela e S. Domingos até à ribeira do Codes, vendo-se, por outro lado, atenuarem-se as desigualdades do solo com restos de arenatas e dos calcários do terciário lacustre e dos depósitos aluviais quaternários que revestem algumas das lombas dos xistos cambrianos, assim como partes dos vales que se encontram, desde Rio de Moinhos, até Norte e Noroeste do Sardoal. As rochas vulcânicas, enfim, manifestadas no profundo metamorfismo exercido sobre os xistos exercido sobre os xistos azóicos e fósfiliferos, concorreram pela sua parte para dar uma forma mais desigual às lombas que orlam a ribeira das Caldeiras até à Alcaravela e para determinar a disposição alcantilada das margens desta mesma ribeira a montante da localidade denominada, mais propriamente, as Caldeiras.

É nesta parte do solo, onde se manifesta o metamorfismo anormal que vimos de falar, que se encontra o filão de chumbo do Castelo das Caldeiras, cortando transversalmente o leito da ribeira, correndo na direcção geral E 40 N e com a inclinação de 67º para N 40 O. Este filão é denunciado à superfície do solo por afloramentos de quartzo cavernoso e fendido, com as paredes das cavernas e das fendas revestidas de abundantes cristais da mesma rocha e ocupadas, também, pelo óxido de ferro hidratado e ocráceo e

formando pela concorrência destas duas substâncias o bem conhecido gosan dos ingleses.

Junto ao alveo da ribeira de Caldeiras tem o afloramento deste filão perto de dois metros de grossura, mas subindo a margem direita diminui sucessivamente a sua possança aparente, tornando-se já incertos os indícios do veeiro na continuidade do talude do Castelo, para desaparecerem totalmente mais para SO debaixo do terreno vegetal, sendo aliás muito provável que o filão tenha continuidade real nesse sentido e vá cortar o vale da ribeira numa segunda vez, na inflexão que se nota próximo ao lugar da Raposeira. Na margem esquerda da referida ribeira diminui, também, a possança do afloramento do mesmo filão e as uns 40 m acima do alveo da ribeira encobre-se, semelhantemente, por baixo do solo vegetal, para de novo aflorar a 200 m ao NE do mesmo alveo, apresentando-se com caracteres de um gosan de mui bela aparência. Deste ponto prossegue por mais uns 500 m até à vizinhança do povo denominado Vale do Esteio, onde parece ter seu termo.

A ganga quartzosa que se manifesta nos afloramentos deste filão desaparece em alguns lugares e estes afloramentos reduzidos aos outros contentos, num estado, aliás terroso e inconberente, a custo se fazem denunciar, ocasionando-se por este modo a supressão aparente dos mesmos afloramentos. Nas vizinhanças do ponto onde está praticada a pesquisa que se fez para o reconhecimento deste jazigo, na margem direita da ribeira de Caldeiras, não existe afloramento visível do veeiro e, no entanto a pesquisa confirmou que neste ponto havia uma quase ausência total de ganga quartzosa. Com efeito, encostado à rocha do tecto e funcionando de salbanda, aparece uma placa de argila ocrácea, passando a cinzenta e contendo tenuíssimos cristais de galena disseminados para o lado interior do filão e tendo 0,10 m de possança: esta salbanda confunde-se com uma rocha terrosa ocrácea com abundantes concreções e geodes de ferro hidratado e serve de matriz à galena numa largura ou possança de 0,40 m. O minério plumbífero apresenta-se neste núcleo em ninhos de diferentes grandezas e formas, uns maços, com a superfície e algumas cáries revestidas de carbonato de chumbo cristalizado, outros muito cavernosos acompanhados também do mesmo carbonato, mas com as cavernas cheias de ferro ocráceo, de modo que nesta pesquisa o minério apresentava no desmonte um volume sensivelmente igual à terça parte do volume da matriz. Uma parte desta ganga argilo-ferruginosa, mais pobre ou mesmo estéril e na largura de 0,05 m a 0,15 m vai formar a salbanda do muro, vindo, portanto, o filão a ter neste ponto 0,6 a 0,7 m de possança.

Além do filão do Castelo observam-se outros para o lado do Poente, entre 300 e 600 m de distância, com afloramentos paralelos de quartzo ferrugíneo, sendo muito provável que encerrem contentos iguais aos do filão do Castelo, o que, todavia, não foi ainda averiguado.

A rocha continente de todos estes filões tem o aspecto de gneisse muito duro de cor escura amarelada. Encerra grãos quartzosos e mica negra dispostos em planos paralelos e abundante feldspato granular (predominando sobre os outros elementos) distribuído regularmente pela massa. A estrutura desta rocha resulta de lascado xistoso, bem definido, posto que a aderência e a solidariedade das lâminas converta este falso gneisse

numa rocha maciça de difícil ou quase impossível separação. Este lascado dirige-se como todo o mais lascado das rochas cambrianas da localidade de SE para NO. Esta estrutura é, porém, modificada por numerosos planos de resfriamento que cortam a rocha em diversos sentidos, o que contribuirá para facilitar o desmonte da rocha, sem que contudo deixem de ser dispendiosas todas as obras de lavra que houverem de abrir-se fora dos planos do tecto e do muro dos filões. O carácter gnéssico desta rocha e mesmo o de algumas outras faixas que se encontram na localidade com aspecto da micacite é o resultado do metamorfismo ocasionado pela injeção das rochas dioríticas que afloram em Abrantes, Mouriscas, Caldeiras, Sardeal, etc., e exercido sobre xistos argilosos e grawaques de que acima falei, evidenciado na concordância do lascado xistoso de todas estas rochas de carácter mineralógico tão diferente e nas passagens sensíveis e claras desses mesmos caracteres de umas para as outras. Além do aspecto especial destas rochas manifesta-se o metamorfismo anormal com caracteres mais pronunciados ainda e diversos, em Cabeça das Mós, dois quilómetros a Poente do Castelo das Caldeiras e, bem assim, no caminho que deste ponto conduz ao Sardeal, encontram-se os grawaques e os xistos argilosos com o aspecto e formas do granito, mas um melhor exame deixa reconhecer que é uma eurite com cristais de albite e algumas palhetas de mica. Em partes oferece esta rocha o quartzo mui visível e o feldspato em grãos ou lâminas. Para mais longe dos pontos onde estes caracteres se dão, toma a mesma rocha a estrutura xistosa, passando por graduações ao xisto cinzento subluzente e ao grawake, encerrando frequentes lâminas de leptinite. No Sardeal os xistos argilosos e os grawaques carregam-se de mica, o quartzo torna-se visível em pequenos grãos, as rochas tomam a cor amarela escura, em partes averdengoadas, deixando ver furtivos afloramentos de uma diorite podre e terrosa. É entre aquele povo e as Sentieiras, que as rochas arenáceas da bacia lacustre terciária do Tejo, juntamente com o xisto cambriano se carregam de grãos de feldspato e de amfibole e que o calcário lacustre dos pequenos retalhos, também terciários, que ali se vêem, torna-se magnésiano, finamente granular, mui duro e cavernoso, em consequência da intensa acção metamórfica das rochas eruptivas que afloram nos lugares indicados, provando-se por estes factos que semelhantes rochas são posteriores à época da formação miocéne.

Não é somente nos afloramentos que aparecem nas vizinhanças do Castelo das Caldeiras que se resumem os indícios do campo metalífero do Concelho de Sardeal. Os afloramentos de filões repetem-se em toda a zona que corre para o N daquele sítio, desde Cabeço das Mós, até ao terreno siluriano de Alcaravela. No sítio da Portela dos Louros e no Currião, sobre o caminho que vai do Castelo para o Sardeal, observam-se repetidos afloramentos de gosan e de uma brecha ocrácea, muito característicos. No caminho do Sardeal para Alcaravela encontram-se outros semelhantes afloramentos que vão passar na estrada de Vila de Rei. Em Entrevinhas, 3 quilómetros ao nascente do Sardeal e mais adiante ainda, seguindo a estrada do Penascoso, encontram-se diversos afloramentos, com caracteres análogos e todos sensivelmente paralelos ao filão do Castelo das Caldeiras, isto é, dirigindo-se de E 40 N a O 40 S aproximadamente, devendo notar-se que com todos estes afloramentos concorre sempre uma alteração metamórfica mais ou menos profunda nos xistos continentes. Enfim no sítio do Vale Longo, a 2,5 quilómetros a Nordeste do Sardeal, aparecem outros veeiros, representados por uma brecha quartzo-ferruginosa dirigindo-se no sentido do lascado xistoso (S 30 E a N 30 O) mas cortando os planos do mesmo lascado sob ângulos diversos

em consequência das plicaturas das lâminas xistosas. São os únicos filões que encontrei nestas paragens com direcção diferente da dos precedentes e os quais pertencem, provavelmente a outro sistema.

Desta resumida indicação conclui-se que em todo o tracto ao SE Nascente e Norte do Sardoal e numa área de 40 a 60 quilómetros quadrados, há um campo cortado por numerosos veeiros e repetidas zonas de rochas alteradas por um segundo metamorfismo, atestando todos estes fenómenos um trabalho intenso das acções interiores do globo exercido em parte pelas emissões metalíferas, no número das quais entra o jazigo plumbífero do Castelo das Caldeiras. E estou bem seguro que logo que haja mais movimento no nosso País e que se tornem mais bem conhecidos os recursos materiais depositados no seio do nosso solo e que ao mesmo tempo penetre no gabinete do economista e do capitalista uma mais sólida ilustração, teremos naquele e em outros mais pontos da margem direita do Tejo outros tantos centros da actividade industrial determinados pela lavra das minas que ali se manifestam desde o Zêzere até ao Erges.

Examinaremos agora, ainda que de um modo geral, quais são as condições económicas em que se acha a mina que nos ocupa.

A situação do jazigo de chumbo do Castelo das Caldeiras é uma das mais favorecidas pela natureza para se empreender sobre ele uma lavra vantajosa. Os filões deste local cortando transversalmente a ribeira das Caldeiras, deixam acima do leito desta mesma ribeira um vasto campo de lavra, com especialidade sobre a margem esquerda onde o filão do castelo tem um quilómetro de extensão linear com alturas de 60 a 100 m e sobre o leito da indicada ribeira, havendo nos campos de lavra de ambas as margens um esgoto natural a um serviço por meio de galerias abertas sobre o mesmo filão e um pouco acima das máximas cheias. Para o enxugo dos trabalhos de lavra dos campos inferiores ao leito da ribeira e para a extracção dos respectivos produtos, pode dispôr-se das águas desta mesma ribeira, as quais, represadas à distância de um a dois quilómetros fornecerão uma excelente força motriz com a queda de 12 e 20 m e em razão do grande declive do correjo da ribeira desde as Caldeiras até acima do Pisão de Bruche. Não pude, é verdade, medir o volume destas águas por carecer de um trabalho prévio e demorado que não era possível fazer e mesmo porque a estação invernososa não era a mais apropriada para este género de apreciações. No entanto, pelas informações idóneas a que recorri, soube que desde Novembro a Maio as azenhas estabelecidas nesta ribeira usam somente uma pequena parte do volume das águas da ribeira em razão da sua abundância e que só no estio é que as aproveitam todas, mas sem deixarem de trabalhar todas as máquinas. Em todo o caso, a curta distância de 3 quilómetros que vão desta mina até ao Tejo, aquela que a separará da linha de ferro que de Santarém deve caminhar para Leste ea facilidade de construir um bom caminho que comunique com qualquer daquelas duas vias, resolverão muito favoravelmente a questão mais remota do estabelecimento de uma máquina a vapor para suprir as faltas de água, quando for mister um aumento de força motriz para o serviço dos campos mais profundos.

Portanto esta mina pode ser atacada na sua região superior com proveito imediato sem o emprego de grandes capitais, porque não tem despesas de esgoto e o serviço de extracção deve ser muito económico por se fazer pelas galerias de avanço que devem vir à flor do solo e sobre o alveo da ribeira, sendo indispensável, desde logo, preparar o ataque futuro das regiões inferiores por meio da abertura de um grande poço mestre, cujo trabalho se pode ir fazendo com mais morosidade e custeado com parte dos lucros que der a lavra da região superior.

Outra vantagem que afecta as boas condições económicas desta mina é a abundância de madeiras, com especialidade as de pinho que tem as vizinhanças do Sardeal e a distâncias de 2 a 8 quilómetros do local onde devem estabelecer-se os trabalhos. Porém, como as construções públicas e sobre todas os caminhos de ferro estão em vias de grande aumento, acontecerá que dentro em pouco tempo não teremos naqueles lugares a abundância de madeiras que hoje ali se vê e, por isso, conveniente e necessário será que o governo conceder esta mina lhe imponha a condição de semear e entreter uma floresta ou mata, que possa no futuro suprir todas as necessidades da lavra e dos estabelecimentos seus dependentes.

Pelo que respeita ao estabelecimento do tratamento mecânico do minério, há um grande espaço e muito azado no sítio do Lagar da Raposeira, uns 500m a jusante do filão do Castelo. Aqui o alveo da ribeira alarga-se bastante e o local podemui vantajosamente acomodar todas as oficinas de tratamento, permitindo que se estabeleçam nas condições que se desejar, para o que haverá sempre a água necessária ao seu entretenimento. E quando o prolongamento de uma galeria de avanço atravesse a montanha do Castelo, poderá o minério ir imediatamente para as oficinas sem percorrer a parte exterior do solo, aliás difícil por causa das ladeiras que guarnecem as margens da ribeira e por onde deverão, também, sair os desentulhos, por ser ali onde há bastante largura para serem depositados.

Quanto ao tratamento metalúrgico, parece ser mais conveniente transportar o schelick para Lisboa e fazer ali a sua redução, do que receber o carvão de pedra de Lisboa para depois enviar o produto fabricado para este mercado.

Este alvitre, na presença de uma tão pronta comunicação com o Tejo, é tão simples intuição que não carece demonstrar as suas vantagens.

Para a aquisição das águas necessárias à força motriz, quer da que no futuro tem de pôr em movimento as bombas de esgoto, quer da que se torna necessária para as oficinas de lavagem, há forçosamente a expropriar alguns moinhos de azeite e de cereais, cujo valor máximo de cada um, dizem que orçará por 400\$000 rs.

No que toca aos terrenos que devem ser expropriados para o uso e serventia da mina e das oficinas anexas, são eles de valor variável. Nas encostas da ribeira sendo todo o solo coberto de mato não tem muita importância, mas em compensação tem de construir-se socalcos para sustentar as terras provenientes da escavação, a fim de não obstruírem a ribeira e isto enquanto o desenvolvimento da lavra não facilitar o transporte para outros pontos.

Pelo que respeita aos braços para os trabalhos da mineração e das oficinas, não há excesso na população do Concelho do Sardoal e limítrofes, em razão do muito emprego que têm na agricultura, onde se paga a 200 réis o jornal. Há porém muitas mulheres e rapazes que buscam trabalho e que podem ser utilmente empregados nos trabalhos exteriores e nas oficinas de tratamento a preço de 80 a 100 réis o jornal.

Enfim, qualquer das margens da ribeira, desde as Caldeiras até ao Tejo, presta-se a uma fácil comunicação entre a mina e aquele rio, cuja distância pouco poderá exceder a 3 quilómetros, sendo esta uma das condições que a todos os respeitos maior valor dá a esta mina.

Lisboa, 15 de Abril de 1857